

2017 2019 2021

CONGRESSO

ABRE

ASSOCIAÇÃO
DE BRASILEANISTAS
NA EUROPA

20-24/9/2021

PRACA
CONFERÊNCIA VIRTUAL

PROGRAMAÇÃO DETALHADA



III CONGRESSO ABRE

PRAGA – ONLINE

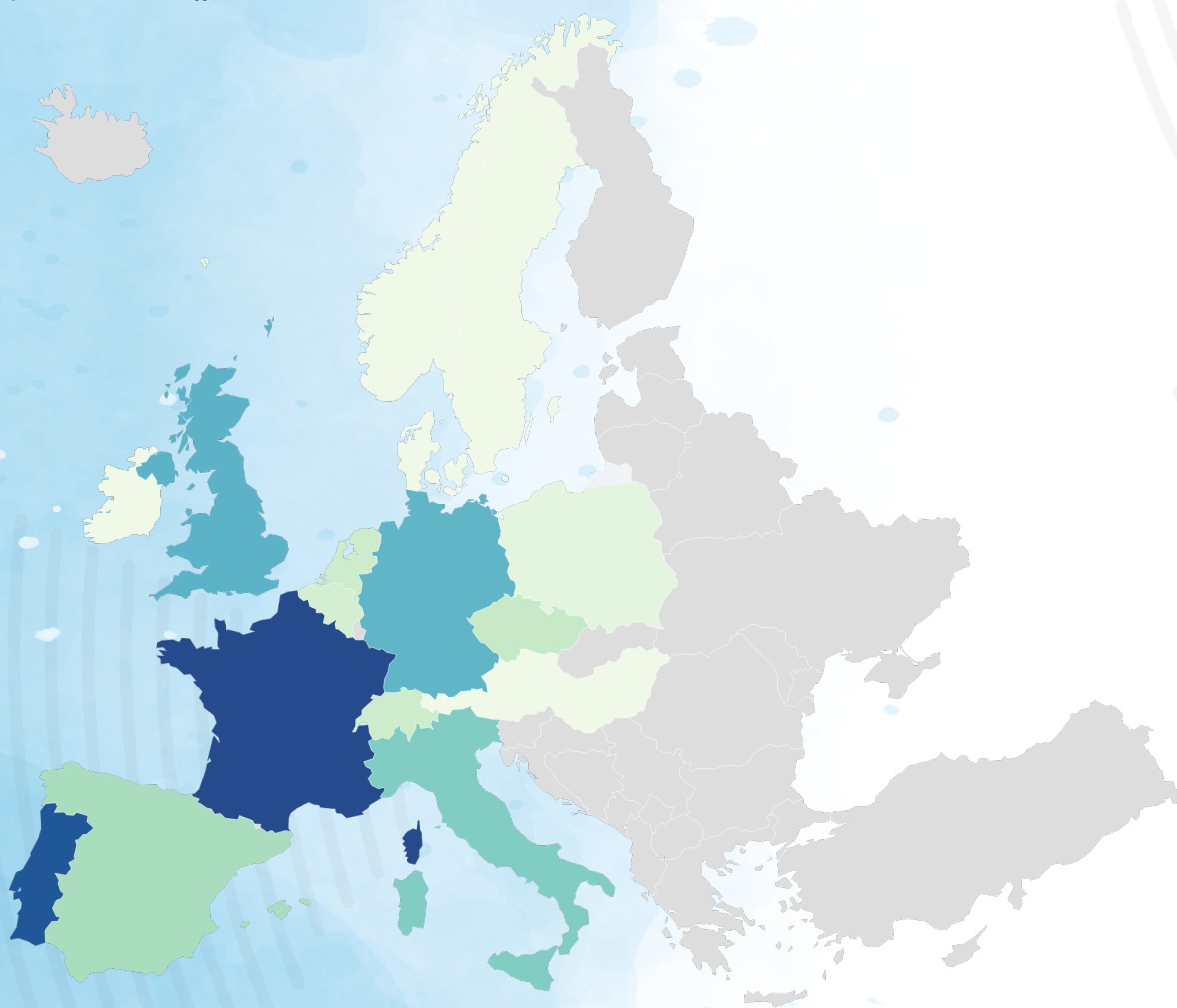
20-24 DE SETEMBRO DE 2021

SOBRE A ABRE



ABRE (Associação de Brazilianistas na Europa) foi fundada em Leiden, na Holanda, em junho de 2017, visando promover o desenvolvimento dos Estudos Brasileiros na Europa e o diálogo entre brasilianistas europeus – e destes com outros parceiros, no Brasil e nas demais partes do mundo.

Através de seus congressos bienais e de outras iniciativas, a ABRE coloca-se como uma estrutura facilitadora, buscando favorecer pesquisas conjuntas de pesquisadores brasileiros e europeus, seu financiamento por bolsas e programas e sua comunicação. Nosso desafio maior é nossa aposta em um melhor conhecimento do Brasil na Europa e do brasilianismo europeu no mundo.



PREMIO ANUAL ABRE DA MELHOR TESE EUROPEIA SOBRE O BRASIL

CANDIDATOS

DO BRASIL PARA A ÁFRICA: O CAFÉ NA VIRAGEM DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

ALAN SOUZA - U. DE LISBOA/ISCTE-IUL/CATOLICA PORT/U. DE ÉVORA

ÊTRE CARICATURISTE: LE MÉTIER DE DESSINATEUR DE PRESSE À RIO DE JANEIRO (1844 - 1888)

ALINE DELL ORTO - EHESS. PARIS

LA CIVILISATION DU SAMBA. SOCIOLOGIE DES RITMISTAS D ECOLE DE SAMBA A RIO DE JANEIRO

ANTOINETTE KULJAARS - UNIVERSITÉ LYON 2

RUPTURAS OU CONTINUIDADES NA ADMINISTRAÇÃO DO CONFLITO PENAL

CRISTINA OLIVEIRA - U. DE COIMBRA

ENCARNANDO A EUROPEIA: BIOGRAFIAS CORPORAIS, (I)MOBILIDADES E SUBJETIVIDADES DE TRABALHADORAS DO SEXO TRANS E TRAVESTIS EM LISBOA

EMERSON PESSOA - U. DE LISBOA/NOVA DE LISBOA/U. DE EVORA/U. DO ALGARVE

GAGNER LES CORPS, LES CŒURS ET LES ESPRITS : COMPRENDRE L ENGAGEMENT DANS LE MOUVEMENT BRÉSILIEN PRO-DESTITUTION

FANNY VRYDAGH - U. LIVRE DE BRUXELAS

OS IMPASSES DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO BRASILEIRO: O PROFESSOR E A PERVERSÃO DO LAÇO FORMATIVO

ISRAEL SENA - UFMG/U. PARIS 8

HISTOIRE DE L'AGENCE DE PHOTOGRAPHIE F4 AU BRÉSIL (1979-1991)

JESSICA BLANC - PARIS 1 PANTHÉON SORBONNE

A MEMÓRIA DA DESTRUIÇÃO NA ESCRITA JUDAICO-BRASILEIRA DEPOIS DE 1985: POR UMA LITERATURA PÓS-HOLOCAUSTO EMERGENTE NO BRASIL

JOANNA MOSZCZYNSKA - U. LIVRE DE BERLIM

TESSELLES TECHNIQUES D'UNE MOSAÏQUE CULTURELLE: L'APPORT DE LA TECHNOLOGIE LITHIQUE ET CÉRAMIQUE À L'HISTOIRE PRÉCOLONIALE DE LA CIDADE DE PEDRA (BRÉSIL)

JULIANA MACHADO - PARIS X NANTERRE

PRAIA PARA QUEM? SEGURANÇA E USOS DO ESPAÇO PÚBLICO NA OPERAÇÃO VERÃO NO RIO DE JANEIRO.

LAURA SQUILLACE - UERJ

CONTESTER MALGRÉ SOI, EN SOI ET POUR SOI: L HABITER FACE À LA "REVITALISATION" DES QUARTIERS CENTRO--PORTUAIRES

LAURINE SEZERAT - UFRJ/U. PARIS 8

MODERNISMO ECLIPSADO: ARTE E ARQUITETURA ALEMÃ NO RIO DE JANEIRO DA ERA VARGAS (1930-1945)

LISZT VIANNA - UNIVERSIDADE DE LEIDEN

QUAND LA PESTE CONNECTAIT LE MONDE : PRODUCTION ET CIRCULATION DE SAVOIRS MICROBIOLOGIQUES ENTRE BRÉSIL, INDE ET FRANCE (1894-1922)

MATHEUS DUARTE - EHESS. PARIS

MANGER (AVEC) L'ENNEMI : MYTHE, SUBSISTANCE ET ALIMENTATION CHEZ LES BANIWA ET LES KORIPAKO (AMAZONIE, BRÉSIL)

MILENA ESTORNILO - EHESS. PARIS

LES INÉGALITÉS URBAINES D'ACCÈS AUX SOINS, UNE ÉTUDE CROISÉE DES LOGIQUES D'ORGANISATION DE L'OFFRE ET DES TRAJECTOIRES INDIVIDUELLES DE RECOURS AUX SOINS DANS LA MÉTROPOLE DE SÃO PAULO

PAULINE IOSTI - UNIVERSITÉ LYON 2

DAS BRUMAS DE ALÉM-MAR: A INFLUÊNCIA DO MITO IDENTITÁRIO PORTUGUÊS NA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO SERTÃO NORDESTINO

PRISCILLA QUIRINO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LA TRANSNATIONALISATION DES RELIGIONS AFRO-BRÉSILIENNES ET LA NOUVELLE GÉOGRAPHIE RELIGIEUSE EUROPÉENNE

SARA CLAMOR - EHESS. PARIS

JUSTIÇA E PODER NA AMÉRICA PORTUGUESA: OUVIDORES E A ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA NA COMARCA DA PARÁIBA (C. 1687-C. 1799)

YAMÉ PAIVA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

JÚRI EXTERNO

ANTOINE LOURDEAU (MUSÉE NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE)

ANTONIO HERCULANO LOPES (CASA DE RUI BARBOSA)

GUIA BRIN DEBERT (UNICAMP)

HELENA SAMPAIO (UNICAMP)

JEAN HÉBRARD (EHESS. PARIS, JOHNS HOPKINS)

JOSÉ SZWAKO (IESP-UERJ)

PAULO CÉSAR GARCEZ MARINS (MUSEU PAULISTA/USP)

SYLVAIN SOUCHAUD (IRD/URMIS/UNIVERSITÉ PARIS DIDEROT)

SIMONE FRANGELLA (ICS, UNIVERSIDADE DE LISBOA)

VÉRONIQUE BOYER (CNRS/EHESS. PARIS)

ÍNDICE

SOBRE A ABRE	3
PREMIO ANUAL ABRE DA MELHOR TESE EUROPEIA SOBRE O BRASIL	4
<i>Candidatos</i>	4
<i>Júri externo</i>	5
ÍNDICE	6
SEGUNDA-FEIRA 20. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A	11
CONFERÊNCIA DE ABERTURA	11
<i>O viajante tcheco Alberto Vojtěch Frič e os esforços para proteger os indígenas brasileiros no início do século XX</i>	11
SEGUNDA-FEIRA 20. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B	11
B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	11
<i>Feminino nas Ciências Sociais</i>	11
B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	13
<i>Artes e Ofícios em Contexto</i>	13
B3 PAINEL	14
<i>Cultura(s) em Trânsitos Atlânticos</i>	14
B4 PAINEL	16
<i>Direitos Humanos e Movimentos Sociais: trajetórias, tensões e (des)institucionalização</i>	16
B5 PAINEL	17
<i>Conexões Históricas entre o Brasil e Portugal, do Descobrimento ao Império: Formulações Comparadas de Identidades Socioculturais e Políticas</i>	17
B6 PAINEL	19
<i>Circulações Intelectuais entre Centro e Periferia: América Latina, África e Europa</i>	19
B7 PAINEL	20
<i>Migrantes e Cidades: Apropriações e (Re)Configurações dos Espaços Urbanos I</i>	20
B8 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	22
<i>Representações Sociais</i>	22
SEGUNDA-FEIRA 20. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C	23
C1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	23
<i>Direitos Humanos</i>	23
C2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	25
<i>Ditadura na Literatura e nas Artes</i>	25
C3 PAINEL	26
<i>Sobre Artistas, Instituições e Coleções: o Brasil no Campo da Arte Contemporânea</i>	26
C4 PAINEL	28
<i>As Religiosidades “Brasileiras” e Suas Comunidades: Práticas de Bem-Estar e Cura no Contexto Transnacional</i>	28
C5 PAINEL	30
<i>Memória, Territorialidades e Identidade na Literatura Brasileira do Século XX</i>	30
C6 PAINEL	32
<i>“Ocupa Tudo”: Da Palavra de Ordem às Experiências de Luta</i>	32
C7 PAINEL	33
<i>Retratos do Patrimônio Cultural no Brasil: Aspectos Históricos e Estudos de Caso</i>	33
C8 BRASA	36
<i>The Specter of Modernity</i>	36
TERÇA-FEIRA 21. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A	36
A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	36
<i>Migrantes Brasileiros</i>	36
A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	38
<i>Literatura em Contexto</i>	38

A3 PAINEL	40
<i>Dimensões e Aporias do Estereótipo no Campo das Artes Visuais II: Representações e Autorrepresentações de Povos Indígenas</i>	40
A4 PAINEL	41
<i>Patrimônio Cultural Brasileiro: Debates Contemporâneos</i>	41
A5 PAINEL	43
<i>Configurações do Público e do Privado no Contexto Contemporâneo</i>	43
A6 PAINEL	44
<i>“Pela minha Família, por Deus e pelo Mercado” – A Aliança “Neo-Neo” e a Escalada da Ultradireita no Brasil</i>	44
A7 PAINEL	46
<i>Brasil: Desafios Econômicos, Sociais e Políticos na Época de Covid-19</i>	46
A8 PAINEL	48
<i>Economia do Livro: Diálogos Políticos e Relações Culturais no Brasil (I)</i>	48
TERÇA-FEIRA 21. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B	50
B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	50
<i>Desigualdades Sociais</i>	50
B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	52
<i>Literatura Moderna</i>	52
B3 PAINEL	53
<i>O Brasil e Seus Projetos de Modernidade: Arte, Crítica e Arquitetura em Questão (1940-1970)</i>	53
B4 PAINEL	55
<i>Vanguarda Concreta no Mundo: Encruzilhadas Hermenêuticas</i>	55
B5 PAINEL	57
<i>Migrantes e Cidades: Apropriações e (Re)Configurações dos Espaços Urbanos (II)</i>	57
B6 PAINEL	58
<i>Corruption, Tax Evasion, Electoral Violence, and Integrity in Brazil: Challenges, Opportunities, and Developments</i>	58
B7 PAINEL	59
<i>Sob a Régua Imperial: Sobre Recursos Energéticos, Viagens Feministas, Impérios Militares e Diretrizes Ambientais</i>	59
B8 BRASA	61
<i>Contemporary Brazilian Literature: Migration, Memory, and Mobilization</i>	61
TERÇA-FEIRA 21. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C	61
C1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	61
<i>Brasil do Século XX</i>	61
C2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	63
<i>Crítica, Identidade, Imagens do Brasil na Literatura</i>	63
C3 PAINEL	64
<i>Olhares sobre a Arte Brasileira na Contemporaneidade</i>	64
C4 PAINEL	66
<i>Histórias de Transgressão, Transgressão na História: Pensar o Brasil Contemporâneo desde a Contra-hegemonia Política e Acadêmica</i>	66
C5 BRASA	67
<i>Subjectivities of the Far Right in Brazil</i>	67
C6 PAINEL	69
<i>Os Anos 1970 No Brasil: Manifestações Culturais em Tempos de Repressão</i>	69
C7 PAINEL	70
<i>Igrejas e Política em Tempos de Pandemia</i>	70
C8 BRASA	72
<i>Bolsonaro's Brazil in Global Context</i>	72
QUARTA-FEIRA 22. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A	72
A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	72
<i>Educação</i>	72
A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	74
<i>Língua e Ensino</i>	74

A3 PAINEL	76
<i>O Português Brasileiro como Língua (Não-)Materna: Variedades e Representações em Espaços Continentais (Brasil, França, Itália)</i>	76
A4 PAINEL	78
<i>As Diferentes Faces do Bolsonarismo</i>	78
A5 PAINEL	80
<i>Outros Brasis: Hegemonia e Subversão (Mesa 1)</i>	80
A6 PAINEL	81
<i>Desafios Democráticos e Perspectivas Transdisciplinares das Ciências Sociais no Brasil Contemporâneo</i>	81
A7 PAINEL	83
<i>Etnografias da Política</i>	83
A8 BRASA	86
<i>Culture and Insurgent Politics in Contemporary Brazil</i>	86
QUARTA-FEIRA 22. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B	86
B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	86
<i>Brasil Atual</i>	86
B2 BRASA	88
<i>Political Subjectivities after The Pink Tide in Brazil</i>	88
B3 PAINEL	88
<i>Ditadura e Memória Histórica no cinema brasileiro</i>	88
B4 PAINEL	89
<i>Mecanismos de Devoração e Metabolismos Históricos: Traduções da Cultura Antropofágica</i>	89
B5 PAINEL	90
<i>Outros Brasis: Hegemonia e Subversão - mesa 2</i>	90
B6 PAINEL	92
<i>Ecologias Políticas para Novos Horizontes de Existências</i>	92
B7 PAINEL	94
<i>Migrantes e Cidades: Apropriações e (Re)configurações dos Espaços Urbanos III</i>	94
B8 PAINEL	95
<i>As Formas Do Cuidar e Do Cuidado. Quem o Oferece, Quem o Recebe e De Que Modo?</i>	95
QUARTA-FEIRA 22. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C	97
ASSEMBLEIA GERAL	97
QUINTA-FEIRA 23. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A	97
A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	97
<i>Mulher e Violência</i>	97
A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	99
<i>Teatro, Música</i>	99
A3 PAINEL	100
<i>A Tradução, Ponte entre Culturas – Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	100
A4 PAINEL	102
<i>"Imago", o "ver" em Múltiplas Representações e Abordagens</i>	102
A5 PAINEL	104
<i>Estado e Beneficência nos Sistemas Públicos de Saúde: Brasil, Portugal e Espanha em Diálogo (Século XIX)</i>	104
A6 PAINEL	105
<i>Práticas Sociais, Negócios e Circulação de Saberes nos Impérios Ibéricos (séculos XVII-XIX)</i>	105
A7 PAINEL	107
<i>Futuros Sustentáveis para a Mineração em Pequena Escala de Ouro no Brasil: Alternativas e Dificuldades</i>	107
A8 PAINEL	109
<i>Dimensões da Justiça Nos Conflitos Sociais Contemporâneos – os Limites e Potencialidades de Práticas, Instituições e Atores Nas Esferas de Justiça do Brasil</i>	109
QUINTA-FEIRA 23. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B	110
B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	110

<i>Ensino e Educação</i>	110
B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	112
<i>São Paulo</i>	112
B3 PAINEL	114
<i>Vozes Negras na Literatura e no Canto (I)</i>	114
B4 PAINEL	115
<i>Estudantes Indígenas no Ensino Superior Brasileiro</i>	115
B5 PAINEL	116
<i>Saberes e Políticas de Relações Concernentes à Saúde</i>	116
B6 PAINEL	118
<i>Experiências de Modernidade em Três Escalas: Bairros, Ruas e Casas</i>	118
B7 PAINEL	120
<i>Festejos de Cultura Popular e Memória de Histórias de Vida</i>	120
B8 PAINEL	122
<i>Religiões e Religiosidades: Cultura, Sociedade e Poder no Brasil (Séculos XIX a XXI)</i>	122
QUINTA-FEIRA 23. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C	125
C1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	125
<i>Feminino na Literatura</i>	125
C2 PAINEL	126
<i>As Doenças, as Epidemias e as Sociedades: a Resposta da História (séculos XVI-XX)</i>	126
C3 PAINEL	127
<i>Imagens e Visualidades no Brasil (séculos XVIII-XX)</i>	127
C4 PAINEL	129
<i>Vozes Negras na Literatura e no Canto (II)</i>	129
C5 PAINEL	130
<i>Desmanches e Dissoluções: Percursos Brasileiros</i>	130
C6 PAINEL	132
<i>Economia do Livro: Diálogos Políticos e Relações Culturais no Brasil (II)</i>	132
C7 PAINEL	133
<i>Novas Questões de Segurança e Defesa no Brasil</i>	133
C8 BRASA	135
<i>Mid-Twentieth Century Urban Brazil: Social and Cultural Formations</i>	135
SEXTA-FEIRA 24. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A	135
A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	135
<i>Negritude</i>	135
A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	137
<i>Literatura Moderna_2</i>	137
A3 PAINEL	138
<i>Região Amazônica: Retratos de Mulheres em Luta, Ontem e Hoje</i>	138
A4 PAINEL	140
<i>Os Feminismos Descoloniais no Brasil: Capturas, Resistências, Alianças</i>	140
A5 PAINEL	142
<i>Um Estado Intermitente? Modos de Governo, Incertezas, Expectativas</i>	142
A6 PAINEL	144
<i>Dinâmicas Migratórias Contemporâneas entre Brasil e Europa: Processos Identitários, Inclusão e Reconhecimento</i>	144
A7 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	146
<i>História e Antropologia</i>	146
A8 PAINEL	147
<i>Lasar Segall - Novas Perspectivas (II)</i>	147
SEXTA-FEIRA 24. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B	149
B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS	149
<i>Cinema</i>	149
B3 PAINEL	150
<i>As Mulheres e os Modernismos no Brasil</i>	150
B4 PAINEL	152
<i>Representações do Autoritarismo na Narrativa Brasileira Contemporânea</i>	152

B5 PAINEL	154
<i>Disseminação da Cultura Científica e Práticas Científicas entre Brasil e Europa nos Séculos XIX e XX</i>	154
B6 PAINEL	156
<i>Shaping Security and Defence Strategies in Brazil</i>	156
B7 PAINEL	158
<i>(In) Disciplinar as Ciências Sociais: Olhares Cruzados entre Sociologia, Antropologia e Outros Campos do Conhecimento</i>	158
B8 BRASA	159
<i>Estudos Históricos LGBTQIA+ Sobre os Anos 60, 70 E 80</i>	159
SEXTA-FEIRA 24. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C	160
CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO	160
<i>Vilém Flusser: Em Louvor do Diálogo</i>	160
COMITÊ EXECUTIVO DA ABRE 2019-2021	161
COMITÊ CIENTÍFICO DO CONGRESSO ABRE III	161
COMISSÃO ORGANIZADORA	162

SEGUNDA-FEIRA 20. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

O VIAJANTE TCHECO ALBERTO VOJTĚCH FRIČ E OS ESFORÇOS PARA PROTEGER OS INDÍGENAS BRASILEIROS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

MARKĚTA KŘÍŽOVÁ:

(conferencia em inglês, com legenda em português)

Markéta Křížová (*1974), Universidade Carolina de Praga, República Tcheca

Professora titular do Centro de Estudos Ibero-Americanos na Faculdade de Letras, Universidade Carolina (CUNI), e desde 2018 também é Vice-Diretora de Relações Internacionais e Chefe do Centro de Estudos Africanos na CUNI. Como Pesquisadora, foi agraciada com uma bolsa para estada de estudos na Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos (2002). Realizou doutorado no México (2002). Foi-lhe cedido um posto de pesquisa no Instituto Ibero-Americano em Berlin, Alemanha (2017). Foi Professora Visitante no âmbito da Cátedra Jan de Vos no Centro de Investigações e Estudos Superiores em Antropologia Social do Colégio da Fronteira Sul, Unidade Cristóbal de Las Casas, México (2018). Como Professora, leciona sobre culturas nativas da América Latina, história colonial, história de transferências culturais, história de relações atlânticas assim como métodos e técnicas de historiografia. Academicamente, seu foco de interesse reside na história da expansão ultramarina, em migrações e transferências culturais bem como na história intelectual, incluindo a história de museus e do pensamento racial.

The presentation will focus on brief, but intense period at the turn of the 19th and 20th century when the paths of Czech and Brazilian societies crossed – not only due to the fact of substantial migration from the Czech Lands to Brazil, but also because of the Czech travellers and scientists who informed their fellow countrymen about the South American country and its inhabitants. Specifically, the presentation will focus on the initiatives of Vojtěch Frič, Czech adventurer and traveler, botanist and anthropologist, who during his stays in southern Brazil enthusiastically engaged in the efforts to protect the native inhabitants from the encroachments of white settlers. While he did not succeed in his efforts, not only did Frič's rhetoric leave traces that can be detected in the subsequent activities of Cândido Mariano da Silva Rondon and his supporters, but also he was able to bring the plight of native Brazilians to the attention of European intellectuals.

SEGUNDA-FEIRA 20. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B

B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

FEMININO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

ESPERANÇAS POLÍTICAS: EMOÇÕES E GÊNERO NAS RESISTÊNCIAS À DITADURA NO BRASIL

CRISTINA SCHEIBE WOLFF - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, BRASIL

Esperança é um sentimento sempre presente nos movimentos políticos, tanto naqueles que procuram a criação de um mundo melhor, quanto aqueles que, ao resistir a regimes autoritários, buscam a superação de momentos difíceis. A esperança foi chave no engajamento político de jovens nos anos 1960,70 e 80 nos países do Cone Sul, que viviam ditaduras militares baseadas na doutrina de segurança nacional. Ela estava em todos os discursos e símbolos das organizações de esquerda que visavam a revolução socialista e a resistência à ditadura, mas também nos movimentos sociais de camponeses, operários, indígenas, negros, mulheres. O feminismo, como movimento político e cultural, parte da esperança de que é possível uma sociedade em que mulheres e homens tenham direitos iguais. A partir de entrevistas orais e outros documentos das organizações de resistência à ditadura instaurada em 1964 no Brasil, discuto sobre como a esperança se relacionava com as questões de gênero em três dimensões: a sua importância para o engajamento na luta contra a ditadura e pela revolução; a conexão entre esperança e maternidade naquele contexto e a esperança feminista. A história das emoções é assim mobilizada, por uma perspectiva de gênero, para a compreensão do uso político da esperança nesse contexto. A esperança sempre foi equilibrada, sempre numa corda bamba, sustentando-se apesar dos percalços, das mortes, das torturas, das perdas, entre o passado, o presente e o futuro.

O RESTAURANTE DA LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS, UM LUGAR PARA A MULHER DECENTE NO CENTRO DE SÃO PAULO

RENATO CYMBLSTA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A Liga das Senhoras Católicas operou entre as décadas de 1920 e 1980 no centro de São Paulo o chamado "Restaurante Feminino". O texto aborda esse restaurante, como equipamento complexo e multifuncional, apontando suas funções como lugar de economia; de decência; de sociabilidade e de política.

GÊNESE E MATERIALIDADE DO FEMINISMO MATERIALISTA FRANCÊS E APROXIMAÇÃO DO DEBATE FEMINISTA NO BRASIL

MARIA CECÍLIA OLÍVIO – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, BRASIL, MARIA REGINA DE ÁVILA MOREIRA – DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, BRASIL

Esta comunicação é parte do processo de pesquisa para a tese de doutorado da autora, que busca analisar as categorias do Feminismo Materialista Francês à luz da produção e reprodução social da existência na forma Capital. O feminismo, como um conjunto de ideias organizadas, aparece como uma abordagem na disputa política de ideias, vinculado inicialmente à burguesia e somente posteriormente é que se constitui como um movimento organizado. Podemos situar o começo das articulações políticas denominadas feministas em fins do século XIX, começo do século XX. Na França, especialmente, mas também nos Estados Unidos, a década de 1960 é atravessada por uma entrada massiva de mulheres nas universidades e início da composição de um campo de estudos das mulheres, estudos femininos, que darão corpo ao que atualmente entendemos como feminismo. Tanto na Europa, quanto no Brasil, os anos de 1960-1970 foi um período de intensificação das discussões e reivindicações feministas, expressando algo bastante interessante que atravessa a história recente do movimento feminista e sua relação com a esquerda: é um tema progressista por excelência pois atinge e questiona dimensões bastante tradicionais da sociedade. É nesse processo que se insere a gênese e desdolvimento do feminismo materialista francês. Com a aprovação da Lei da Anistia, em 1979, brasileiras exiladas, especialmente na Europa/Paris começam a retornar ao Brasil. As experiências e o contato com o movimento e discussões feministas no exterior vão influenciar muito o movimento feminista no Brasil nos anos subsequentes. As problemáticas que já estavam no interior dos grupos no país são enriquecidas com as experiências externas, ao mesmo tempo em que vemos o movimento contrário de intercâmbio de experiências e produção intelectual no país. Processo este que vai se intensificando ao longo dos anos e décadas.

A SOCIOLOGIA DO TRABALHO DE HELENA HIRATA: PROVOCAÇÕES METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO COMO PRODUÇÃO DO VIVER

RAQUEL OLIVEIRA LINDOSO, FABIANA SANCHES GRECCO – AMBAS UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP), BRASIL

O presente resumo parte das primeiras reflexões sobre o dossiê "Aventura Coletiva: a influência de Danièle Kergoat e Helena Hirata nos estudos do trabalho e na luta feminista no Brasil", aprovado pela Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho, número 53, 2020. O dossiê, como evoca seu título, objetiva visibilizar a trajetória coletiva de pesquisa da socióloga francesa, Danièle Kergoat, e da socióloga brasileira, Helena Hirata, por meio da comprovação da relevância e atualidade da perspectiva do feminismo materialista. Sociólogas, cientistas políticas e militantes feministas discutem várias temáticas, a partir de análises contemporâneas focalizadas à luz das chaves de leituras materialistas: a divisão sexual do trabalho, a consubstancialidade e coextensividade, a/o sujeita/o sexual do trabalho e o trabalho de cuidados e localiza as obras das autoras na passagem dos "estudos da mulher" para os "estudos das relações de gênero" no Brasil.

Como desdobramento dessa publicação, e objetivo maior deste resumo, é focalizar na trajetória de Helena Hirata, que se traduz no compromisso de teorização situado na articulação da sociologia do trabalho e teoria feminista, e, portanto, na articulação entre produção e reprodução. Essa trajetória se realiza através de pesquisas comparativas e empíricas no Brasil, França e Japão, há mais de quarenta anos, e é exemplo da práxis feminista. Essas pesquisas de instrumental metodológico criativo, contribuem para alargar a compressão sobre os trabalhos (no plural), por meio da centralidade nas práticas sociais diversas. A chave de leitura da divisão sexual do trabalho, à luz da comparação, traz uma provocação metodológica bastante interessante. A sua forma plástica revela que há mudanças importantes nas fronteiras da divisão do trabalho entre homens e mulheres, e, dessa forma, abre novos caminhos de análise e agendas de pesquisa que tratem do trabalho como produção do viver.

PAUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES NO PERÍODO DE DEMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL (1985-2016)

JOANA MARIA PEDRO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, BRASIL

O final da ditadura militar no Brasil, vigente entre 1964 e 1985, foi conquistado pela luta de vários grupos de resistência, dentre esses, o movimento das mulheres e feministas que atuaram em diferentes épocas e situações, principalmente a partir de meados dos anos setenta. O movimento feminista repercutiu o que em países do Norte Global enchia as ruas com manifestações e pautas definidas. As pautas do movimento de mulheres e feministas, além do final da ditadura, acompanharam, com adaptações, o que o feminismo internacional reivindicava. Com a instalação dos governos pós-ditadura, quais destas pautas foram alcançadas? As mulheres participaram das decisões? Quais espaços de poder foram ocupados por mulheres, nos governos que se instalaram a partir de então? Os resultados da pesquisa demonstram que é possível apresentar uma síntese das pautas apresentadas

pelo movimento de mulheres e feministas, e verificar o que foi de fato concretizado. É possível, também, apresentar quais espaços de poder foram ocupados por mulheres e os esforços feitos para isso. Este levantamento pretende ser um inventário das frágeis conquistas do período de 1985 a 2016 e ainda levantar questões sobre o que está sendo perdido com a onda conservadora.

B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

ARTES E OFÍCIOS EM CONTEXTO

NO EXTRACAMPO DA CENA FOTOGRÁFICA BRASILEIRA: PRÁTICAS DE FOTÓGRAFOS SERTANEJOS EM MATO GROSSO, BAHIA E PARANÁ (1900-1970)

MARIA EDUARDA FERRO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Na linguagem fotográfica o conceito de campo define aquilo que é visto pelo espectador, corresponde a um recorte do espaço registrado pela câmera, também chamado de enquadramento. O que está fora do campo, mas que também pertence à cena, é o extracampo, desprezado pelo fotógrafo no momento do registro ou, ainda, na etapa de pós-produção. A presente comunicação lança um olhar para o extracampo da cena fotográfica brasileira do século XX, comumente focada no desenvolvimento de uma cultura fotográfica então em ascensão nos grandes centros urbanos. Coloca em primeiro plano uma geografia e personagens pouco visitados pela história da fotografia brasileira. Alcança como foco de observação os saberes e fazeres de fotógrafos sertanejos de Mato Grosso, Bahia e Paraná, cujos registros dependeram do enfrentamento de adversidades e limitações materiais comuns a lugares diminutos ou que encontravam-se em processo de ordenamento urbano. Dentre os achados, é colocada luz sob a inventividade no desenvolvimento ou na adaptação de técnicas e equipamentos para a produção fotográfica. São evidenciadas, ainda, condutas peculiares de gestão dos negócios em um mercado pouco afeito ao consumo da arte fotográfica: como estratégias de diversificação dos produtos, artifícios publicitários e promocionais que permitiram, em alguns casos, a aquisição de serviços fotográficos mesmo por parte daqueles segmentos menos afortunados da sociedade de então. Servimos-nos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental imagética e textual e de depoimentos colhidos junto a protagonistas históricos que permitiram acessar rastros de práticas relacionadas à produção, circulação e consumo da fotografia neste extracampo da cena fotográfica nacional no decorrer dos três primeiros quartos do século XX.

DO NAUFRÁGIO DA ESCULTURA LA FEMME BATEAU AO DESFILE DE MODA LA FEMME: INTERAÇÕES ENTRE BENS CULTURAIS NAS RUÍNAS DA PRAIA DE IRACEMA EM FORTALEZA-CEARÁ

CLEIDE MARIA AMORIM DOS SANTOS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, BRASIL

Analisa-se as interações entre arte e moda a partir do desaparecimento da escultura nas águas do mar e do “aparecimento”, nas areias, do desfile de moda em 2018. A análise relaciona a vigência da associação criação artística-criação de moda à emergência transgressiva nos conflitos sociais da Praia.

PRÁTICAS NAS FRONTEIRAS ENTRE ARTE E DESIGN: GERALDO DE BARROS E DOMINGOS TÓTORA

FERNANDA DE SOUZA QUINTÃO, LEONARDO DE SOUZA RAMOS - UFJF, BRASIL

O objetivo da nossa reflexão é explicitar o diálogo e as interações entre as esferas da arte e do design no mundo da arte brasileira, considerando ocorrências desde o movimento concretista, e que se tornam efetivas contemporaneamente, a partir de sua inserção no circuito global dos mercados de design e de arte. Desde a década de 1950, a prática do design em segmentos específicos, nos quais a autoria do projeto legitima o produto final, como no mobiliário, muitas vezes está atrelada ao campo da arte, de que é exemplo também a obra dos irmãos Campana. Tal hibridismo é um dos principais traços das produções do design brasileiro reconhecido em segmentos de maior prestígio, visíveis em eventos como exposições em espaços consagrados. O mobiliário moderno brasileiro, por exemplo, se destacou na exposição Moderno - Design for living in Brazil, Mexico and Venezuela, 1940-1978, promovida pela Americas Society em 2015.

Para abordar tal questão, são apresentados dois casos em que ocorre esse processo de hibridização: nas obras dos brasileiros Geraldo de Barros (1923- 1998) e Domingos Tótora (1962). Geraldo de Barros, artista concreto, se envolveu com o projeto de mobiliário na Unilabor, experiência que envolvia uma fábrica autogestionada de móveis modernos em São Paulo, e na Hobjeto, uma das precursoras da produção industrial de mobiliário moderno no Brasil. Domingos Tótora é formado em artes plásticas pela FAAP e desde 2005, na pequena cidade de Maria da Fé, região sul do estado de Minas Gerais, desenvolve peças de mobiliário a partir de papelão reciclado. Uma proposta autêntica embasada em princípios sustentáveis: amenizando o caráter industrial do design, mesclando-o à arte por meio do emprego de técnicas artesanais. Aspecto que fez os trabalhos do mesmo integrarem a primeira parte da série Made In: Brazil (Plataforma Stir), com curadoria dos irmãos Fernando e Humberto Campana.

RACIALIZAÇÃO SOCIAL COMO CHAVE INTERPRETATIVA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA: GILBERTO FREYRE, LUCIO COSTA E JOSÉ MARIANO

THOMAZ SIMÕES - EHESS, PARIS, FRANÇA; BRASIL

Para compreender a importância da apologia da mestiçagem de Gilberto Freyre para a famosa geração de arquitetos modernos brasileiros é necessário historicizar a autoridade das fontes por ele invocadas, e prestar atenção especialmente ao uso criativo que ele faz de antigas autoridades "anti-racistas". Para tanto, vamos comparar a visão de Freyre de estilo arquitetônico com a de José Mariano Filho – diretor da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro na década de 1920 – diretamente criticada em Casa-Grande & Senzala (1933).

B3 PAINEL

CULTURA(S) EM TRÂNSITOS ATLÂNTICOS

Diversas foram as formas para a difusão da cultura brasileira pelo mundo. Desde tempos recuados os sinais de assídua presença de interlocução e interesse por assuntos e temas ligados ao Brasil, numa Europa que se fazia cada vez mais o centro de irradiação cultural, se impôs pela imprensa escrita. De forma análoga, também os europeus marcaram presença, na imprensa brasileira. De que modo se registam e se perpetuam essas linhas de leitura ao longo dos séculos? Haverá lugar à manutenção desses modos de circulação de ideias no «novo normal»? Perfilam-se outros? Os periódicos vieram assegurar uma linha que seria contínua até ao século XX e que no século XXI começa a impor outros meios, sobretudo, desde a pandemia, em 2019. Saiba mais através dos casos que neste painel escrutinamos, abrangendo os séculos XIX- XX e XXI, na análise efectuada em diferentes espécies como gazetas, anuários, almanaques, na imprensa «séria» e satírica, colaboradores e correspondentes.

O JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS E OS SEUS CORRESPONDENTES EM PARIS NA DÉCADA DE 1880.

TANIA DE LUCA - UNESP, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA / PESQUISADORA DO CNPQ CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA

O jornal Gazeta de Notícias foi fundado no Rio de Janeiro em agosto de 1875. A data nada tem de aleatória, pois a nova folha veio a público logo após a inauguração do cabo submarino, que em 1874, ligou o Brasil a Europa a partir da antiga freguesia portuguesa de Caravelos, com passagem pelas ilhas da Madeira e de São Vicente, e seguia até Recife, uma das cidades costeiras integradas à rede que conectava as províncias do norte à capital do Império. Do Rio de Janeiro, o cabo estendia-se até Montevideo e Buenos Aires. É inegável o impacto das ágeis notas telegráficas que, com pequena decalagem de tempo, informavam, de maneira precisa, data, hora e local dos eventos, impondo um novo compromisso com o ideal da notícia e da informação e contribuindo para tornar cada vez mais rara a velha fórmula “soube-se, pelo último paquete...”, que trazia notícias de dois meses atrás. Eventos ocorridos em regiões recônditas poderiam ser, de imediato, difundidos nos jornais e compartilhados por milhares de indivíduos, o que também contribuía para compor um imaginário em relação à descrição do diferente e do exótico, num contexto em que as principais potências europeias travavam acirrada disputa pela Ásia e África.

A despeito dos altos custos da transmissão, o que deu origem a códigos telegráficos que visavam encurtar as mensagens, e dos constantes cuidados de manutenção requeridos, tornou-se possível transmitir conteúdos de forma autônoma, o que fez da notícia um negócio muito lucrativo, monopolizado por agências especializadas, que partilharam entre si os continentes e estabeleceram áreas específicas de influência. Na América do Sul, o serviço estava a cargo do consórcio franco-britânico Havas-Reuters, que se instalou no Brasil em no momento da inauguração do cabo submarino. A comunicação pretende destacar a importância assumida pela figura do correspondente no novo contexto, tomando como exemplo a Gazeta de Notícias e os correspondentes em Paris na década de 1880. Ocuparam o cargo Guilherme de Azevedo (1839-1882), Mariano Pina (1860-1889), ambos portugueses, e o francês, que viveu vários anos no Brasil, Émile Deleau (? – 1888). Importa destacar o novo sentido da função, que tendeu a se profissionalizar ao longo da década.

TRAÇOS (DOS) BRASILEIROS. A PRESENÇA DE CARICATURISTAS ESTRANGEIROS NA IMPRENSA SATÍRICA ILUSTRADA – RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX

ALINE DELL'ORTO - EHESS, PARIS / PUC-RIO

A imprensa satírica ilustrada fluminense do século XIX repousou amplamente sobre mão-de-obra vinda do exterior. Artistas, gerentes e diretores eram em grande parte originários de diferentes países do mundo e contribuíam para a formação de uma “arte da caricatura” brasileira. Mentes e mãos trabalhadoras muitas vezes importadas expressamente para a contribuição na imprensa local. Tal presença encontrou respaldo, especialmente nos anos 1870 e 1880, em uma sociedade onde a imigração vinha sendo apresentada como resposta eficaz à questão da escravidão, cujo debate ganhou força nessas duas décadas. Portanto, mentes europeias – é importante frisar que o trabalho do pensamento aliado ao trabalho manual era o que proporcionava à caricatura o status de arte – se viam atribuir um caráter civilizador da parte dos empresários que iam buscá-las na Europa. Queria a publicidade que a contribuição dos artistas europeus contribuiria ainda à inserção do Brasil na rede de cidades que o historiador

Christophe Charle chamou de “capitais culturais”. E essa presunção se mostrou bem fundada, como nós veremos. No entanto, a recepção desses personagens na imprensa fluminense não esteve necessariamente de acordo com a publicidade feita pelas revistas. Se revistas como O Mosquito, Ba-ta-clan e mesmo A Vida Fluminense pretendiam que a destreza e a sensibilidade artística faziam deles elementos fundamentais à construção política e moral da sociedade e da nação brasileiras, seus opositores conservadores estimavam que a crítica política e social deveria ser reservada aos filhos do Brasil. Adotando uma postura nacionalista e mesmo xenófoba, periódicos conservadores como O Apóstolo unificavam sob uma única apelação o grupo de caricaturistas estrangeiros e deslegitimavam suas críticas e reivindicações. As numerosas polêmicas giraram tanto em torno da Guerra do Paraguai, quanto da religião ou de disputas entre diferentes nacionalidades. Ainda que tenham atizado a produção de caricaturas, essas polêmicas foram também fonte de tensão e mesmo da partida de Raphael Bordallo Pinheiro, eminente desenhista português instalado no Brasil entre 1875 e 1879. Na comunicação que propomos, nós analisaremos tanto o perfil desses artistas estrangeiros, o seu lugar de partida, as suas motivações para migrar; quanto os meios financeiros, práticos, emocionais que envolveram suas viagens; e ainda a recepção que encontraram ao desembarcarem no Brasil, um país de muitas promessas segundo o imaginário europeu.

A CARICATURA BRASILEIRA VISTA PELO ANUÁRIO DA IMPRENSA BRASILEIRA DO ESTADO NOVO

ANA LUIZA MARTINS - CONDEPHAAT, SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, BRASIL

O Anuário da Imprensa Brasileira, gênero periódico vindo a público em 1942, editado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ainda sob direção de Lourival Fontes, é documento raro, encontrado em raríssimos acervos. Concebido em formato tabloide, com 192 páginas, três colunas e ilustrado, anunciava de acordo com a tendência de balanços estatísticos da época, que vinha “(..) mostrar pela primeira vez numa visão de conjunto quantos órgãos de imprensa existem”, entre outras normas e balanços. Em razão de sua importância, a historiadora Tania Regina de Luca já procedeu à rica análise sobre o mesmo, voltada para aspectos essenciais de sua organização, abrangência, conteúdo e imagens.

Todavia, nos pareceu conveniente deter-se em longo texto de seu interior, sob o título “Introdução à História da Caricatura Brasileira”, onde se analisa um dos mais tradicionais gêneros de comunicação na imprensa periódica brasileira, que valendo-se do humor dá sentido ao dístico Ridendo Castigat Mores. Quais seriam os aspectos e caricaturistas festejados da época, considerando-se a forte censura do período? Que liberdades eram concedidas aos críticos por excelência, face ao controle exacerbado destilado pelo Governo e, portanto, pelo Anuário, em relação à imprensa escrita e falada?

O ensaio em questão, o único assinado em todo o volume, é de autoria de Octavio Sgarbi (1914 – 1944), que assinava Octa, caricaturista de Fru -Fru e Vida Doméstica. Pode ser visto como um dos primeiros historiadores da caricatura ao publicar na mesma revista Fru - Fru (maio de 1934), um ensaio de nove páginas sob o título “A caricatura no Brasil”. Seu texto sobre caricatura no Anuário, num total de 12 páginas, se divide em duas partes.

Uma primeira, sobre as origens da Caricatura no Mundo, seguida de outra, sobre a Caricatura no Brasil, iniciando com Henrique Fleiuss e Angelo Agostini e chegando até Di Cavalcanti.

Ao observarmos que é nítida, por parte do autor, a redução da crítica política exercida pelos artistas analisados, reconhecidamente contrários ao regime, nosso propósito será o de cotejar a visão do autor sobre os caricaturistas da época às demais percepções daquela produção, exaradas pela historiografia fora do contexto censor do Estado Novo.

O “ALMANAQUE ILUSTRADO” (1900-1903), PUBLICAÇÃO COMPLEMENTAR DO BRASIL - PORTUGAL

JÚLIO SILVA - CHAM E DF, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

As revistas ilustradas portuguesas e brasileiras do século XIX eram frequentemente acompanhadas, por publicações diversas, centradas em temas mais específicos e abrangendo públicos mais vastos. Os almanaques de cariz mais popular correspondiam a estas preocupações, combinando a divulgação dos principais textos das revistas de cariz literário e artístico com rúbricas essencialmente lúdicas. O Brasil-Portugal não foi uma exceção neste panorama, tendo dado origem entre 1900 e 1903 a um Almanaque Ilustrado. A presente comunicação analisará a continuidade entre estas duas publicações e as diferentes formas utilizadas para divulgar junto de um público mais vasto, os autores, escritores e artistas mais relevantes da primeira.

CULTURA DE ALMANAQUE. DO ANALÓGICO AO DIGITAL (1850-2021)

ISABEL LOESTADOS UNIDOSA - NOVAFCSH, CICSNOVA, CLEPUL

Pretendemos, em tempos de pandemia, e em traços largos, dar conta do processo de afirmação dos recursos digitais ao serviço da cultura, em trânsitos atlânticos, tendo por base o caso do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.

DIREITOS HUMANOS E MOVIMENTOS SOCIAIS: TRAJETÓRIAS, TENSÕES E (DES)INSTITUCIONALIZAÇÃO

Desde o final da década de 1970, a trajetória dos grupos e organizações de direitos humanos segue caminho análogo ao de outros movimentos sociais no Brasil, tais como os feministas e ambientalistas. Sua emergência pública acompanha as mudanças sociopolíticas que desaguaram no final da ditadura e na Constituição de 1988, mas encontra nos governos da nova democracia dinâmicas muito particulares de definição, elaboração e implementação de direitos e políticas públicas. Organizados em torno de demandas de esclarecimento sobre as violências da ditadura, os primeiros movimentos de direitos humanos no país levaram para a pauta pública um ponto sensível da negociação política que marcou a transição para a democracia: o tratamento dispensado aos crimes militares.

Neste painel, deixamos de lado as abordagens tradicionais dos movimentos sociais, que tendem a enxergá-los como atores inerentemente democráticos e contrapostos ao Estado. No lugar disso, optamos por investigar as relações mutuamente constitutivas entre ativistas sociais e autoridades políticas. Interessa-nos as condições nas quais tais interações se dão, bem como os efeitos daí advindos sobre a estruturação de políticas públicas de direitos humanos – em especial, mas não apenas – vinculadas ao tema da memória. Observaremos, sobretudo ao longo dos anos 1990, 2000 e 2010, os caminhos e tensões em torno da institucionalização dos direitos humanos no Brasil.

Na cena contemporânea, trataremos do revés desta trajetória, também calcado em articulações entre Estado e sociedade civil – desta vez pautadas em inspiração abertamente contrária a discursos e práticas humanitárias. Quer dizer, investigaremos o movimento de desinstitucionalização dos direitos humanos no país, seus alcances e limites.

Interessam-nos, portanto, as dinâmicas de interação socioestatal que nos governos PSDB e PT foram prolíficas em seus efeitos institucionais e, também, as contramobilizações que, no Brasil e pelo mundo, vêm tentando e, não raro, conseguindo impor suas agendas de restrição e diminuição do alcance dos direitos humanos.

COORDENADORA: MARIE HELÈNE SÁ VILLAS BÔAS - UNIVERSITÉ CÔTE D'AZUR, FRANÇA

A LEI DE ANISTIA NO BRASIL: AS ALTERNATIVAS PARA A VERDADE E A JUSTIÇA

PAULO ABRÃO - UNIVERSIDAD PABLO DE OLAVIDE, ESPANHA; WATSON INSTITUTE, BROWN UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

Esta apresentação abordará a experiência da Lei de Anistia e as dimensões do processo de Justiça de transição no Brasil. Mais especificamente, investigará as ações de reparação por meio da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos e da Comissão de Anistia, além das iniciativas de responsabilização judicial dos violadores de direitos humanos durante a ditadura militar (1964-1985). Com vistas a compreender a trajetória brasileira de busca do “direito à verdade e à memória”, observará a interface entre mobilização social e caminhos institucionais.

SENTIDOS DOS DDHH NO BRASIL

JOSÉ SZWAKO - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

O paper discute o desenvolvimento institucional de grupos e agendas de direitos humanos no Brasil. Analiticamente, o texto se orienta pelas críticas à polarização entre atores políticos e civis que marcou parte expressiva tanto da produção de analistas como dos repertórios de movimentos sociais, para, no seu lugar, enfatizar a mútua determinação entre Estado e sociedade. O texto parte da gênese da agenda de DDHH no país, centrada nas (disputas ao redor das) noções de reconciliação e esquecimento, características do período da abertura política, pós-1975. Em seu desenvolvimento, ao longo dos anos 1980 e 1990, agendas e grupos de direitos humanos permearam - não sem conflitos - o Estado brasileiro utilizando-se de encaixes institucionais facilitados por políticos e partidos aliados. Dentre as continuidades relevantes nesses processos, além da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, cabe destacar a chamada “virada hermenêutica” encarnada da Comissão de Anistia e, particularmente, seus efeitos tanto sobre a mobilização da sociedade civil, como, posteriormente, na Comissão Nacional da Verdade. Mais recentemente, no entanto, os sentidos da institucionalização dos direitos humanos no Estado brasileiro foram virados de ponta-cabeça. Afinado a um reacionarismo que parece transcender religiões e classes específicas, o atual governo (seja na figura do presidente ou a partir do atual ‘Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos’) tem forjado um contraenquadramento no qual pesam alianças socioestatais neoconservadoras segundo as quais os DDHH são coextensivos apenas a supostos “humanos direitos”, de modo a estigmatizar e/ou excluir ativamente parcelas expressivas da sociedade brasileira.

AS "VERDADES" DO COMISSIONISMO: AUTOJUSTIFICAÇÃO, IMPARCIALIDADE E PROXIMIDADE NA DIFUSÃO DE COMISSÕES DA VERDADE NO BRASIL

CRISTINA BUARQUE DE HOLLANDA - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL; NEW YORK UNIVERSITY ABU DHABI

Nesta apresentação, abordarei o último ato do ciclo de construção dos direitos humanos no Brasil: o fenômeno do comissionismo. Isto é, a proliferação *sui generis* de comissões subnacionais da verdade em relação com setores da sociedade civil, de governos e legislativos municipais e estaduais em seguida à criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Além de descrever o fenômeno, eu me dedicarei a examinar e contrastar os diferentes repertórios de auto-justificação das comissões.

Sustento que, diferentemente de comissões da verdade no mundo e da própria CNV, o principal mecanismo difusor das comissões subnacionais da verdade no Brasil foi a normalização de vítimas como atores de representação legítima, habilitadas pela autoridade moral da experiência.

Na ausência de mecanismos de autorização e accountability das comissões da verdade, seus vários operadores acordaram e divergiram sobre seus fundamentos legítimos. Se, por um lado, eles concordam sobre o objetivo moral dos direitos humanos e sobre a expectativa de que o esclarecimento da "verdade" sobre violências passadas seja um meio de efetivá-los, por outro lado, existe substancial desacordo sobre os valores-motores das comissões. Estes podem ser descritos, com modulações, por analogia com as noções de imparcialidade ativa e proximidade, tal como articuladas por Pierre Rosanvalón, e também de perspectiva, tal como mobilizada por Iris Young. A análise baseia-se em dados coletados sistematicamente por minha equipe de pesquisa e por mim nos relatórios finais das comissões, em redes sociais, jornais nacionais e locais e entrevistas semi-estruturadas com comissionários.

DIREITOS HUMANOS CONTRA DIREITOS HUMANOS: FEMINISMO VERSUS FAMILISMO NA MOBILIZAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES

CECÍLIA MACDOWELL SANTOS - UNIVERSIDADE DE SAN FRANCISCO, ESTADOS UNIDOS; UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

Esta apresentação examina como discursos de direitos humanos e de gênero são mobilizados no campo da violência doméstica contra mulheres no Brasil. Desde os anos 1990, movimentos feministas têm mobilizado 'direitos humanos das mulheres' e políticas contra a 'violência de gênero'. A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) é resultado dessa mobilização. O movimento Escola Sem Partido, que surge em 2003, também mobiliza direitos humanos, porém contra a chamada 'ideologia de gênero' e a perspectiva feminista sobre direitos humanos. O governo Bolsonaro traduz as demandas desse movimento e promove uma política familista no campo da violência doméstica, entre outras políticas voltadas para as mulheres e os direitos humanos, procurando manter papéis tradicionais de (cis)gênero e um modelo de família patriarcal, heteronormativo e colonial. Nesta comunicação, argumento que a mobilização familista dos direitos das mulheres não se trata de mera contramobilização e contra gênero, senão de mobilização reacionária dos direitos humanos e do gênero, colocando direitos humanos contra direitos humanos.

B5 PAINEL

CONEXÕES HISTÓRICAS ENTRE O BRASIL E PORTUGAL, DO DESCOBRIMENTO AO IMPÉRIO: FORMULAÇÕES COMPARADAS DE IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS E POLÍTICAS

Desde a descoberta das terras de Vera Cruz até à sua independência de Portugal e resistências que a acompanharam, muitos fenômenos de duração variável se podem comparar nas duas entidades. Na verdade, territorialidade e incrementos de povoamento e de exploração econômica acompanham adjuvamente a sua história no âmbito do Império português, como também se entrecruzam vicissitudes de domínio e de conflito, de resistência e de adaptação, no entendimento e mestiçagem cultural entre os povos, mediante tensões internas e externas.

Europeus, ameríndios e africanos e sua descendência, numa miríade de diferenças e de encontros, prosseguem fenômenos residuais assim como despertam para mesclagens que se introduzem na afirmação de Portugal e do Brasil contemporâneos.

Atendemos, assim, à construção de fenômenos e de identidades prévias a conexões temporais determinadas, acompanhando-as na sua própria evolução histórica e nas reações e adaptações a tensões externas que as alteram diacronicamente.

Embora as perspectivas socioculturais e políticas sejam as privilegiadas nas abordagens deste painel, não poderemos descurar as condicionantes econômicas, demográficas, antropológicas e jurídicas, nem a literatura e a religião, com as necessárias conexões interdisciplinares para o aprofundamento do tema.

As linhas de investigação deverão ter em conta o estado da arte e contributos originais para o conhecimento histórico. Apelamos pois à participação de investigadores de diferentes especialidades e ao diálogo internacional

e interinstitucional. As comunicações podem abordar temas pontuais, dentro dessa estratégia, ou partirem de uma perspectiva comparada e diacrônica.

NOBREZA DA TERRA VERSUS MASCATES: A CIDADE ENQUANTO CAMPO DE PODER SOCIOPOLÍTICO, O CASO DA GUERRA DOS MASCATES - 1666 A 1715

PRISCILLA PINHEIRO QUIRINO - UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL

Ao longo do devir histórico, as cidades destacaram-se como campo de disputas políticas, sociais e econômicas. No Brasil colonial não seria diferente. Cidades como Salvador e Olinda, disputaram durante muitos anos o papel de protagonistas da colônia, sendo a primeira o epicentro da governação portuguesa e o segundo seu mais importante pólo econômico, devido a produção açucareira. Contudo, no início do século XVIII, depois de já libertos da dominação holandesa que perdurou em Pernambuco de 1630 a 1654, haveria um novo 'inimigo' à hegemonia da cidade de Olinda como centro político-econômico da capitania pernambucana – Recife surgia como nova força econômica, política e social através de denominados mascates, comerciantes portugueses que queriam elevar o Recife à categoria de vila, deixando de ser apenas o porto de onde escoava a produção açucareira para Portugal. Com os investimentos feitos na cidade, pelos referidos comerciantes portugueses, com a construção de igrejas, edifícios e novos comércios, a Câmara de Olinda sentiu-se ameaçada e, claro está, a nobreza da terra representada pelos senhores de engenho olindenses. Estava montado o palco do conflito entre ambas as cidades e o que estava em jogo, naquele momento, era o futuro administrativo da Capitania de Pernambuco, a tentativa de manutenção do, nas palavras de Pierre Bourdieu, mercado de bens simbólicos pela elite de Olinda e a possibilidade de verem esse status ser perdido para àquela que era conhecida como a “cidade dos holandeses” no caso de Recife conseguir concretizar seus objetivos de tornar-se vila completamente autônoma em relação a Olinda. E é sobre essa rusga que deu as bases para o que viria a ser a Guerra dos Mascates que trataremos neste Congresso.

FRONTEIRAS E FORMAS DE INCLUSÃO SOCIAL NO PROCESSO DE EXPLORAÇÃO TERRITORIAL E DE POVOAMENTO DA BAÍA NOS SÉCULOS XVI-XVII

MARIA LEONOR GARCÍA DA CRUZ - UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL

Em consequência do processo de povoamento e de exploração territorial e econômica do litoral brasileiro, processo esse faseado e com maior dinâmica em 1534-35 com a criação de capitanias hereditárias e em 1548 com a fundação da capitania régia da Baía e do governo geral do Brasil, alteram-se os contactos e as relações com os povos indígenas. Tais alterações decorrem de circunstâncias prévias datadas, fruto de tensões internas e externas, e serão preocupação constante na evolução histórica.

Para uma melhor conexão entre os objectivos políticos e os propósitos económicos por parte da Coroa portuguesa e de entidades particulares ou semiprivadas, há que analisar formas importadas do Reino ou meios adaptados ou que se criam, de supervisão disciplinar de entidades definidas ou em formação e de corpos sociais, nas suas dinâmicas regionais, sejam europeus ou naturais. Daí que o estudo precise de se concentrar em mecanismos de fixação de recursos humanos e de benefício das terras, nomeadamente em disposições como as concessões de sesmarias.

Estas serão o maior enfoque da comunicação, trazendo a debate, na longa duração, desde adaptações de legislação de há muito aplicada não apenas no Reino, qual experiência residual de reforma agrícola, até meios de captação e inclusão indígena, com particularidades a evidenciar, isto é, migração de povos e política económica, estratégias catequéticas, formalizações sociojurídicas, no grande processo de colonização.

A problemática a esclarecer implica o estudo de legislação mas simultaneamente uma observação da prática quotidiana e dos desvios à norma, propositados ou circunstanciais, contidos ou não, estudada em regimentos, epistolário, literatura e fontes inquisitoriais. O inquérito, embora de natureza histórica, utiliza conceitos e utensílios multidisciplinares, permitindo uma interpretação mais aprofundada.

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA HISTORIOGRAFIA ESCOLAR PORTUGUESA (1880-1960)

SARAH LUNA DE OLIVEIRA - UNIVERSIDADE COMPLUTENSE DE MADRID, ESPANHA

Apesar dos desafios impostos pela temática, a historiografia escolar portuguesa buscou gerar certos consensos acerca da separação entre Brasil e Portugal. A fim de revelá-los, consultaremos um universo de 61 livros didáticos dirigidos a distintas etapas educativas e que correspondem a sucessivos momentos políticos de sua própria produção: monarquia, república e Estado Novo. O exame deste material nos permitirá identificar a sutileza das manobras analíticas em torno do melindroso tema que, via de regra, pretendia minimizar o foco na ruptura histórica e em suas nefastas consequências para o Império português. Em vez disso, forjava-se um espírito de continuidade com o denominado “país irmão”, a partir do argumento da conservação de laços culturais, linguísticos, históricos e até políticos, a depender do contexto do manual didático analisado.

Não obstante, constataremos que o assunto também inspirou silêncios estratégicos quando não a formulação de resumos superficiais, fato que também se justificava no sentido de evitar que o episódio brasileiro se tornasse um paradigma de inspiração independentista em mãos de estudantes das escolas ultramarinas, onde também se

adotavam manuais elaborados na metrópole. Ademais, veremos que o tratamento do tópico da emancipação política brasileira esteve intrinsecamente relacionado com a questão colonial portuguesa transversal a todo o recorte cronológico proposto. Finalmente, discutiremos as transformações nas abordagens sobre o assunto conforme o momento político e as tendências historiográficas condicionantes da própria criação historiográfica escolar.

O CONTROLE DO CORPO "SUICIDA" POR AUTORIDADES EM MOMENTOS DE TENSÃO: ENTERRAMENTOS DE "SUICIDAS" NO BRASIL, DO IMPÉRIO À DITADURA MILITAR

PEDRO FREDERICO FALK - UNIVERSIDADE DE CALGARY, CANADÁ

Com a ocupação Portuguesa no Brasil, desde o século XVI, a Igreja católica e o Estado lusitano mantinham uma estreita relação, cabendo a Igreja o registro de mortes e, posteriormente, o controle jurídico, administrativo e disciplinar dos cemitérios públicos construídos durante o Império. Cabia a Igreja o poder de autorizar ou negar o sepultamento. As autoridades eclesiais chegaram a negar o enterro daqueles que cometeram o suicídio, visto que era proibido o enterro do suicida em terreno sagrado. Esta negação causou momentos de tensão, no entanto, a secularização dos cemitérios só foi realmente efetivada após a Proclamação da República, em 1890.

Dentre este contexto histórico, observamos que o enterramento dos "suicidas" (ou aqueles tidos como suicidas na época) sofreu o controle ora eclesial ora por autoridades governamentais. Este controle seguia os interesses daqueles com autoridade na época. Mesmo sofrendo com críticas na época, este controle aos enterramentos dos "suicidas" pelas autoridades se manteve. Isto foi observado, por exemplo, no caso do escravo Jorge, que se suicidou em 1863. A negação ao seu sepultamento sofreu críticas por parte do chefe de polícia do Recife. Observamos que estes momentos de controle e críticas continuaram ao longo do século XX, no entanto, o controle passando da Igreja para as autoridades governamentais. Isto foi verificado em casos de bastante comoção local/nacional, em que houve dúvida se foi homicídio ou suicídio. Isto foi observado no caso do Acadêmico Novaes em 1920, de João Dantas e Augusto Caldas em 1930, e de Vladimir Herzog em 1975. As autoridades buscaram controlar o sepultamento nesses casos, que em certos momentos foram considerados como suicídio. Logo, observamos uma continuidade no controle do corpo "suicida" por autoridades, que de certa forma remete à ocupação portuguesa, dado a estreita relação entre a Igreja católica e o Estado no controle da morte.

ABJEÇÃO PELA TERRA INCÓGNITA: O IMPACTO DA NARRATIVA DE HORROR EUROPEIA NA CONSOLIDAÇÃO DO IDEÁRIO CULTURAL BRASILEIRO

JULIANA PORTO CHACON HUMPHREYS - UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, BRASIL

Durante um longo período do século XVI o termo Terra Incógnita denominou o imenso território, posteriormente, chamado Brasil. Era uma terra ainda misteriosa cheia de belezas naturais que fugiam à compreensão dos aventureiros europeus que, em incessantes viagens à colônia de Portugal, produziam narrativas, alimentando a curiosidade dos leitores do velho continente sobre aquela terra e sobre os nativos ameríndios. As narrativas de viagem possuíam natureza catalográfica, de exaltação da coragem e de prestação de conta às autoridades europeias, mas, acima de tudo, os textos produzidos por estrangeiros sobre o Brasil, desde o Quinhentismo, consolidavam a visão dominante em relação às organizações sociais, aplicada à uma realidade totalmente dispare e inusitada. Por essa razão, o viés fantástico permeou uma enorme quantidade dessas narrativas, de maneira que a percepção monstruosa sobre o que se testemunhava acabou por gerar o discurso da abjeção, resultando em uma narrativa de horror violenta e fantástica retratando o Brasil. O objetivo desta comunicação é discutir o impacto dessa visão estrangeira na formação do ideário cultural brasileiro, partindo da compreensão de que aquela sociedade em formação absorveu a abjeção sentida pelo estrangeiro, replicando preconceitos e horrores que norteavam aquele discurso europeu. Trata-se de uma abordagem interartes que entende as manifestações artísticas como um veículo de intenções que atravessam todo o tecido cultural de um povo, sobretudo quando padrões discursivos são incessantemente replicados por aqueles que detêm o poder. Apesar de esparsos, o corpus de análise composto pelas narrativas e imagens dessas viagens, ocorridas entre os séculos XVI e XIX, representam esse enfoque lapidado em meio à operação Europeia no Brasil. A análise será feita a partir da visão da semiótica, da análise discursiva e da história da arte para suscitar uma abordagem artística sobre os dilemas que transpassam a estrutura cultural brasileira.

B6 PAINEL

CIRCULAÇÕES INTELLECTUAIS ENTRE CENTRO E PERIFERIA: AMÉRICA LATINA, ÁFRICA E EUROPA

Sob uma abordagem multidisciplinar, buscar-se-á analisar o importante fluxo de ideias e de intelectuais ocorrido entre países da Europa, da América Latina e da África nos últimos séculos, ressaltando tanto a articulação acadêmica entre autores quanto a circulação de bens materiais e imateriais.

LES PARCOURS CROISÉS ET LES EXPÉRIENCES FRANÇAISE ET LATINO-AMÉRICAINES DE LA SOCIOLOGIE DU TRAVAIL PENDANT LES ANNÉES 1950 ET 1960

RICARDO COLTURATO FESTI - UNIVERSITÉ DE BRASÍLIA, BRÉSIL

Esta exposição buscará analisar e problematizar os intercâmbios de ideias e de pessoas ocorridos entre a França, o Brasil e o Chile, ao longo dos anos 1950 e 1960, em busca de construir o campo da sociologia do trabalho por meio de uma agenda de pesquisas.

CLARICE LISPECTOR E A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA: DESAFIOS PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL DA LITERATURA E DA EDIÇÃO

NATÁLIA GUERELLUS - UNIVERSITÉ JEAN MOULIN

O trabalho pretende pensar o processo de feminização da cultura escrita na Europa através do estudo da obra de Clarice Lispector (1920-1977). Para isto, serão problematizados aqueles projetos editoriais expressamente feministas que marcaram a circulação da obra da autora brasileira em francês, inglês, alemão e espanhol.

INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE COMO UM EVENTO GLOBAL: O FILME "25" E OS ARQUIVOS COLONIAIS E PÓS-COLONIAIS (MOÇAMBIQUE, BRASIL E EUROPA, 1974-2019)

MATHEUS SERVA PEREIRA - UNIVERSIDADE DE LISBOA

A comunicação analisará a produção e o acervo documental do filme "25". Realizado por José Celso e Celso Lucças, ambos do Teatro Oficina, com apoio português, inglês, francês e moçambicano, o filme é um registro da independência de Moçambique, uma imaginação visual anticolonial para o país e uma proposta de construção de um futuro pós-colonial global.

AS CIRCULAÇÕES DA "TEORIA DA DEPENDÊNCIA" ENTRE AMÉRICAS, ÁFRICA E EUROPA OCIDENTAL

FLÓRES GIORGINI - CENTRE DE RECHERCHE ET DOCUMENTATION SUR LES AMÉRIQUES (CREDA - UMR7227), UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE (IHEAL) - FFLCH, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A "Teoria da dependência" é considerada como uma das principais contribuições do pensamento latino-americano para a reflexão em ciências sociais. O objetivo da apresentação é traçar um primeiro panorama das circulações atlânticas desta "teoria" - entre Américas, África e Europa ocidental.

FRANCISCO IGLÉSIAS E A REESCRITA DA "HISTÓRIA DA HUMANIDADE" DA UNESCO (1970-2000)

RAPHAEL GUILHERME DE CARVALHO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Com base em arquivos pessoais e institucionais, historicizamos a contribuição de Francisco Iglésias (1923-1999) para a coleção "História da Humanidade" da Unesco (2000-2008), procurando situá-la na trajetória do historiador e em relação a algumas questões históricas e historiográficas de seu tempo.

B7 PAINEL

MIGRANTES E CIDADES: APROPRIAÇÕES E (RE)CONFIGURAÇÕES DOS ESPAÇOS URBANOS I

Este painel temático reúne pesquisadores que trabalham sobre experiências migratórias nos espaços urbanos, permitindo o cruzamento de olhares transversais e etnográfica e historicamente diversos. Apresentaremos estudos de caso que incidem sobre temáticas tão diversas como o trabalho doméstico, a cultura material ou a construção da etnicidade mas também sobre o papel dos migrantes enquanto agentes ativos de transformação do espaço urbano através de práticas individuais ou coletivas de apropriação, transformação e (re)semantização do mesmo. Discutiremos ainda políticas públicas e estratégias de visibilização, seja através do associativismo, do empreendedorismo étnico ou da prática da cidadania. Ou seja, os migrantes enquanto agentes sociais, políticos, econômicos e culturais e a sua inscrição no espaço público e privado da urbe.

INTERMITTENTS DU SPECTACLE: TRABALHO, MIGRAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO

LILIANA PETRILLI SEGNIANI - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O objetivo desta comunicação é analisar as experiências vividas por homens e mulheres, artistas brasileiros, inscritos no estatuto do intermitente do espetáculo, na França. Compreender as experiências dos músicos brasileiros, atualmente imigrantes na França, implica na análise do estatuto dos Intermittents du spectacle e das

polêmicas que o cerca, sobretudo em tempos de pandemia. Em relação à exceção que este estatuto representa (MENGER, 2005), será analisado a articulação entre o processo de expansão dos direitos vinculados ao trabalho na sociedade salarial, que expressa “participação na subordinação”, condição fundamental para o desenvolvimento do capitalismo (CASTEL, 1999). Documentos institucionais, estatísticas e entrevistas informam esta comunicação. A nacionalidade francesa é condição necessária para a obtenção do direito de pleitear o estatuto do intermittents du spectacle. O grupo entrevistado, apesar de ser composto por brasileiros natos, a obteve, por meio de dois caminhos: o primeiro, mais frequente, refere-se ao casamento civil com francês ou francesa; o segundo, ao fato de já terem conquistado em outros países da União Europeia, o que lhes garante o direito de trabalhar na França, tal como previsto no Acordo de Schengen, firmado em 1997 e reelaborado em 2007. Dessa forma, é observado que imigrações vividas há décadas, possibilitaram o direito a cidadania francesa.

CULTURA SONORA E EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS NA SÃO PAULO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

VIRGÍNIA DE ALMEIDA BESSA - USP

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo foi destino de migrantes nacionais e internacionais cujas práticas, ideias e gostos tiveram profundo impacto no espaço urbano. Em que medida essas experiências migratórias moldaram as escutas e as práticas sonoras (musicais e extramusicais) dos habitantes da cidade? Inversamente, de que modo a cultura sonora da cidade determinou as experiências desses migrantes? Tomando como ponto de partida o teatro e a fonografia, esta comunicação pretende explorar a via de mão dupla entre cultura sonora e experiência migratória no espaço urbano paulistano.

ENTRE TRÂNSITOS E LACUNAS, A TRAJETÓRIA DE TRABALHO DA DESIGNER KLARA HARTOCH

ANA JULIA MELO ALMEIDA - USP

O intuito desta comunicação é apresentar a trajetória de Klara Hartoch (1901-?), professora da oficina de tecelagem do Instituto de Arte Contemporânea do MASP na década de 1950, por meio dos espaços de formação e de trabalho por onde circulou, das migrações e dos trânsitos vivenciados por ela (Ucrânia-França-Brasil-Espanha), e as relações sociais estabelecidas pela designer nas cidades por onde passou.

AS PRÁTICAS MUSICAIS MIGRANTES E A CIDADE: A MÚSICA BRASILEIRA EM LISBOA

AMANDA GUERREIRO - PESQUISADORA INDEPENDENTE, PORTUGAL

A partir da realização de uma etnografia sobre músicos brasileiros na cidade de Lisboa, proponho refletir sobre o modo como a ocupação dos espaços urbanos através da prática musical de imigrantes brasileiros revela estratégias múltiplas de governação da diversidade cultural e da condição migratória numa cidade que está a passar por um importante processo de transformação. Neste contexto, os músicos brasileiros buscam simultaneamente desenvolver suas carreiras num contexto migratório e estabelecer um circuito musical próprio numa cidade que se projeta internacionalmente através de políticas públicas que salientam seu caráter multicultural.

PROMOTORES E REVELADORES DE SOCIABILIDADE

MÔNICA RAISA SCHPUN - MONDES AMÉRICAINS/CRBC - EHESS. PARIS

Fotógrafos lambe-lambe e a frequentação do Jardim da Luz na Belle époque paulistana

O Jardim da Luz foi, no início do século XX, um espaço chave da vida paulistana. Espaço civilizacional, funcionou como laboratório da cidade que crescia de modo descontrolado, espelho das novas dinâmicas sociais e referencial multiétnico de sociabilidade urbana. Nessa comunicação, concentro-me em um personagem incontornável da vida do Jardim, atrativo considerável à sua frequentação: o fotógrafo ambulante. Os chamados lambe-lambe, quase exclusivamente imigrantes, registraram visualmente os numerosos e anônimos cidadãos – eles também, naqueles anos, em grande parte forasteiros –, que por ali passavam.

RAÇA E INFÂNCIA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO IMPÉRIO E INÍCIO DA REPÚBLICA

MARÍLIA B A ARIZA – USP, BRASIL

REPRESENTAÇÕES FRANCESAS NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DAS MARCHINHAS CARNAVALESCAS

LEONARDO BOY – UNIVERSITÉ PARIS-SACLAY, FRANÇA

A história do carnaval brasileiro está mais frequentemente associada à grande narrativa nacional, quer para a celebrar, ou ao contrário, para a desconstruir. Do seu repertório musical, este evento forja representações do imaginário coletivo popular sobre uma coisa, um grupo ou mesmo um país. Este estudo procurou as marchinhas carnavalescas que evocam a cultura francesa a fim de analisar a influência da França na cultura popular brasileira. Um dos aspectos deste estudo foi analisar a evolução do carnaval, a fim de examinar como a França estava representada, bem como identificar o lugar da cultura francesa nas marchinhas, tendo em conta a sua recepção nas classes populares, nas representações nacionais e nas transferências culturais. Para a elaboração deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, para além de um estudo de caso. A investigação bibliográfica foi baseada em publicações científicas no campo da história cultural, antropologia e relações internacionais. A análise dos dados permitiu compreender que o repertório de imagens da França faz parte de um contexto de encontros entre o Brasil e a França em vários campos como a história, a política, a cultura e os assuntos sociais. A maioria destas representações procura formas de estereotipar as mulheres francesas, bem como referências literárias ou de sondar acontecimentos inusitados na diplomacia brasileira. O carnaval mostra que a França sempre esteve presente nos círculos menos instruídos e na população em geral, o que confirma a nossa hipótese de que a francofilia na história cultural do Brasil não é apenas de interesse das elites.

THE ORGANIC HARMONY AMONG NATIONAL IDENTITY, SOCIETY AND STATE ACCORDING TO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA IN RAÍZES DO BRASIL

MARIA CRISTINA DE SOUZA – COLUMBIA UNIVERSITY

In this paper, I revisit Raízes do Brasil by Sérgio Buarque de Holanda with the goal of demonstrating his organicist sociological-historical approach to Brazilian society. I argue that Raízes' organicist view is expressed in Holanda's premise of a parallel and mutual implication of national identity, society and the state. For him, the colonial past exemplified an organic harmony among Portuguese identity, the social environment, and the political order, as parts mutually dependent and causative of one another. After Brazil's independence, and mostly from the advent of the Republic and the abolition of slavery on, although a new social environment emerged, Brazilian identity, inherited from the Portuguese colonizer's temperament, continued active in social patterns feeding political solutions alienated from social reality. According to Holanda, such inconsistency between society and an old social temperament as well as political alienation from society perpetuated socio-political instability and fragmentation. In addition, I also challenge the prevalent interpretation of Raízes do Brasil, which is set forth by Antonio Candido, a Brazilian literary critic and one of the most important commentators of Holanda. Candido asserts that Holanda projects Brasil as a democracy. I claim that Holanda discards any doctrinaire, foreign and modern solution for Brazil, including democratic or autocratic forms of government, which were in vogue during his time, while envisioning the rise of an inclusive aristocracy committed to definitively breaking with old social patterns in accordance with Brazilians' potentialities.

VERÍSSIMO, CRÍTICO DO SIMBOLISMO

ALVARO SANTOS SIMOES JUNIOR – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BRASIL

De 1899 a 1901, José Veríssimo atuou como crítico literário titular dos periódicos Jornal do Comércio e Correio da Manhã, ambos do Rio de Janeiro. Escrevendo resenhas alentadas sobre os lançamentos literários da virada de século, Veríssimo teve oportunidade de apreciar livros de poesia simbolista publicados por discípulos ou admiradores de Cruz e Sousa, falecido em 1898 na cidade de Sítio (MG), para onde fora em busca de tratamento contra a tuberculose. A análise das resenhas escritas sobre Setenário das Dores de Nossa Senhora (1899), de Alphonsus de Guimaraens, Ave Maria (1901), de Luís Guimarães Filho, e O cavaleiro do luar (1901), de Gustavo Santiago, entre outras obras, pretende demonstrar sumariamente que o crítico paraense aproveitava essas oportunidades para avaliar direta ou indiretamente a obra do poeta negro, de quem, no período, se publicaram as obras póstumas Evocações (1898) e Faróis (1900) e que fora alçado à condição de maior poeta brasileiro em 400 anos de história em texto escrito por Sílvio Romero, desafeto de Veríssimo, para o Livro do Centenário (1900). Essas apreciações críticas circunstanciais podem ser entendidas como discretas intervenções de Veríssimo em uma longa e por vezes violenta polêmica mantida com Romero. O consagrado autor de História

da literatura brasileira (1888) publicara em 1897 o livro Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira, verdadeira catilinária contra o presidente da recém-fundada Academia Brasileira de Letras e amigo próximo de Veríssimo. Após conversas mantidas com Nestor Vitor, seu vizinho, Romero colocou a favor de Cruz e Sousa energia semelhante à que, no livro sobre Machado, empregara na defesa da memória de Tobias Barreto, que julgava vítima de uma conspiração.

A CULTURA POPULAR EM JOSÉ DE ALENCAR

RAFAELA SANCHES - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), BRASIL

Este estudo propõe analisar os modos de inscrição da cultura popular no texto *Alfarrábios*: crônicas dos tempos coloniais (1873), de José de Alencar, atentando-se aos procedimentos estéticos com que a obra ficcionaliza as manifestações do povo no período seiscentista – época abordada pelas crônicas constituintes do livro. O gênero adotado por Alencar em *Alfarrábios* suscita reflexões sobre as zonas de contato entre história e ficção; nomeados de “crônicas”, os textos são construídos à maneira das crônicas coloniais, mas permeáveis à inventividade literária que se sintoniza com o repertório popular a fim de preencher as lacunas da história deixadas pelos registros oficiais. A crônica surge em *Alfarrábios* como um gênero particular de ficção breve, que permite articular a reconstituição de fatos históricos do Brasil Colonial com as tradições do povo, entrevistas em fábulas, superstições e lendas, que se configuram como materiais transmitidos oralmente e tradutores da cosmovisão da “gente comum” e dos conflitos sociais nos seiscentos. Tais características nos possibilita ler os textos de *Alfarrábios* à luz do contexto da discussão sobre a cultura popular e as fronteiras entre os gêneros e os limites entre ficção e história que ocuparam os letrados durante o século XIX. Desse modo, o objetivo deste trabalho é investigar como a obra convoca as tradições populares ao espaço central da trama e abre expediente para operar com tensões entre o cotidiano, o componente histórico, e os elementos do maravilhoso, comuns às narrativas populares, o que coloca em relevo a exploração da imaginação artística, aproximando a linguagem literária dos aspectos do imaginário popular.

SEGUNDA-FEIRA 20. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C

C1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

DIREITOS HUMANOS

O ATIVISMO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS CONTRA A REPRESSÃO AOS PROTESTOS NO BRASIL (2013 – 2016)

MAURA COSTA CIMINI - UNICAMP, BRASIL

Esta comunicação irá apresentar os resultados da minha pesquisa de mestrado sobre ativismo internacional contra a repressão aos protestos no Brasil, que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), entre os anos de 2018 e 2020. A minha pesquisa de mestrado também esteve inserida na pesquisa “Controle do protesto e processo político em São Paulo (2013 – 2016)”, desenvolvida pelo grupo de pesquisa “Repertórios de Confronto e Ciclo de Protesto”, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), financiada pela Fapesp e coordenada pela Profa. Dra. Débora Alves Maciel (Unifesp/CEBRAP).

Nesta comunicação, iremos expor como e por que ativistas de direitos humanos utilizaram instituições internacionais para denunciar a repressão policial às manifestações que ocorreram no Brasil de junho de 2013 a dezembro de 2016, notadamente a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Comissão interamericana de direitos humanos (CIDH). Mostraremos que ativistas de direitos humanos utilizaram as oportunidades proporcionadas por instituições internacionais para cumprir um duplo objetivo: pressionar o Estado brasileiro a interromper violações e incitar autoridades internacionais a desenvolver parâmetros em torno do direito de protesto. Os resultados desta pesquisa foram obtidos a partir da análise de um banco de dados, criado pelo referido grupo de pesquisa do Cebap, e a partir da análise de entrevistas com ativistas de direitos humanos que participaram das ações internacionais que analisei na minha pesquisa.

Como principal referencial teórico, foram utilizados os estudos de Sidney Tarrow, que expandiu a Teoria do Confronto Político para abarcar a ação coletiva fora das fronteiras do Estado.

REAFIRMANDO IDENTIDADES: DEMANDA POR RECONHECIMENTO E “RESPEITO” NA GUARDA CIVIL MUNICIPAL

CARLOS EDUARDO VIANA - ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EM SCIENCES SOCIALES, FRANÇA, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL

Na presente proposta, descrevo e analiso o debate sobre a posse de armas letais por agentes da Guarda Civil Municipal de Niterói. A partir do material construído com base na etnografia realizada, decidi por estabelecer uma análise da experiência em Niterói tomando como caso de contraste o processo de debate no Rio de Janeiro. A linha de indagação que guia este trabalho pode ser entendida como um olhar que tangencia as questões sobre o

processo de militarização da instituição com a busca concomitante pelo “respeito” da população. Transformando o debate sobre o uso de armas letais pela Guarda como um fator determinante para, de um lado, fortalecer a identidade da Guarda como uma instituição civil, rompendo com os simbolismos e práticas militarizadas, e para, do outro lado, (re)construir-se o imaginário da população, desligando-se de uma identidade percebida e vivida pelos guardas como inferiorizada, ou, nas palavras deles, da imagem de “guardinhas”. Identificando neste processo, a mobilização dos camelôs, em ambas as cidades, como principais interessados na negativa da proposta, de um lado da baía via consulta pública a população, e do outro, via votação na Câmara de Vereadores.

A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL DE 1988, O PODER JUDICIÁRIO E O CONTROLE EXTERNO

CHARLES PESSANHA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ, BRASIL

A Constituição Brasileira de 1988 assegurou ao Poder Judiciário um alto grau de independência e prescreveu prerrogativas comuns às democracias consolidadas. O Supremo Tribunal Federal-STF, seu órgão de cúpula, dispõe, principalmente, das atribuições de corte de justiça, com poder de judicial review, e de corte constitucional, como guardião da Constituição. Indiretamente, foi beneficiário da chamada “revolução processual” que ampliou de forma considerável o acesso à justiça dos titulares da Ação Direta de Constitucionalidade (ADI) e Ação Declaratória de Preceito Constitucional (ADPC), entre outros institutos, além da criação do Ministério Público Federal com poderes ampliados. O desempenho da Suprema Corte nessas três décadas vem sendo controverso. Registrou decisões em temas importantes para a sociedade ao preencher lacunas legislativas como: reconhecimento de união estável entre pessoas do mesmo sexo; liberação para pesquisas com células-tronco; cotas raciais no ensino superior; constitucionalidade de terras quilombolas. Entretanto, exacerbou o poder individual dos seus membros mediante o uso abusivo das chamadas decisões monocráticas - como pedidos de vista e concessão de liminares- com sensível enfraquecimento do poder colegial e até contra suas regras. A atuação individual teve como consequência o exagerado protagonismo político dos seus membros, que pôde ser notado em julgamentos de processos contra políticos e decisões contraditórias de suas Câmaras causando, em vários momentos, insegurança jurídica e influenciando o comportamento de magistrados de instâncias inferiores. O presente trabalho tem por objetivo analisar o controle externo exercido pelo Senado Federal, sobre Ministros da Suprema Corte, e do Conselho Nacional de Justiça, criado em 2004, sobre os magistrados de instâncias inferiores.

JOVENS NA POLÍTICA BRASILEIRA E A RECONFIGURAÇÃO DAS FORMAS DE ASSOCIATIVISMO

MARIA DA GLORIA GOHN - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

O paper é parte de pesquisa sobre os jovens e a política no Brasil e tem o seguinte suposto: temos de ampliar o escopo analítico para entendermos ações coletivas a partir da década de 2010. O leque de formas associativas civis, tanto no campo progressista como no conservador ampliou -se com a proliferação de coletivos. O Temos como hipótese que eles representam uma reconfiguração do ativismo urbano no cenário do associativismo civil brasileiro, com formas novas de engajamento nas ações coletivas; expressam um novo ciclo geracional de protestos e uma nova cultura política no campo da participação social. Eles são distintos dos novos movimentos sociais culturais, identitários, assim como dos movimentos clássicos de luta por trabalho, moradia, terra e equipamentos públicos. Analisam-se coletivos criados no Brasil, de 2010 a 2020, originários de: manifestações de 2013; protestos entre 2015-2016, época do impeachment; movimento das ocupações de escolas públicas, entre 2015-2016. Analisa-se também coletivos criados ao redor de questões identitárias, que lançaram e elegeram, candidatos a cargos públicos, em “mandatos coletivos” em diferentes esferas do poder legislativo; assim como coletivos com intensa participação em políticas públicas participativas, entre 2010-2016, e que tiveram descontinuidade com o esvaziamento ou o cancelamento de tais políticas.

UMA FACE OCULTA DA CULTURA BRASILEIRA: O APAGAMENTO DO DESAPARECIMENTO DE PESSOAS EM TEMPO DE DEMOCRACIA

CHRISTIAN DUTILLEUX - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

O Brasil não cumpriu seu dever de memória e justiça em relação aos desaparecidos da ditadura, como é conhecido, mas o que dizer dos desaparecidos da democracia? Desde a restauração progressiva do estado de direito a partir de 1985, o país registrou mais de um milhão de homicídios, com taxas de apurações desses crimes irrisórias (menos de 5%), um sistema de coleta de dados precário. Alguns estados, responsáveis pela produção dos dados referentes a violência, acrescentam uma coluna para pessoas desaparecidas. Somente Rio de Janeiro, são alguns milhares por ano, sem alarde nem verdadeiros meios de investigação. Um sem número de casos não são sequer registrados.

Após um breve mapeamento dos dados disponíveis sobre esse assunto, serão apresentadas reflexões sobre a continuidade de práticas históricas de “sumiço” de desafetos, da Amazônia às grandes cidades. Como conviver com essas ausências? Apresentaremos alguns exemplos de rastros de desaparecimento na literatura e na linguagem popular contemporânea e levantaremos questionamentos sobre a origem e permanência dessa face oculta da cultura brasileira ao longo da história. Porque um país capaz de ser pioneiro na apuração de centenas de milhões de votos em poucas horas na ocasião das eleições gerais, não consegue simplesmente contar o

número dos seus cidadãos desaparecidos? Algumas perguntas tornam-se urgentes em plena pandemia para questionar o descaso com a vida humana, escancarado em declarações recentes de altas autoridades do país.

C2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

DITADURA NA LITERATURA E NAS ARTES

HERANÇAS DA MEMÓRIA: A NARRATIVA DE FILIAÇÃO NA CENA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

YURI SANTOS - UNIVERSITÉ DE PARIS (UPARIS), BRASIL

As narrativas de vida encontram fértil espaço na cena contemporânea, ao que percebemos a confluência de formas tradicionais, como biografias, autobiografias e diários íntimos, até a variedades mais hibridizadas como redes sociais, vlogs e videogames. Nesse contexto sócio-histórico-cultural, chamado por alguns pensadores como era das catástrofes, se faz recorrente uma forma de narrar a vida que tematiza o trauma histórico numa intrínseca relação com a memória transmitida pelo laço intergeracional. Essa forma específica de narrativa, conceituada por Dominique Viart (2008) como *récit de filiation*, é um fenômeno do fazer literário dos dias presentes, observável em diferentes culturas no mundo globalizado. Portanto, com especificidade, o foco de nossa discussão recai sobre as obras *Ainda estou aqui* (2015) de Marcelo Rubens Paiva e *Em nome dos pais* (2017) de Matheus Leitão. Ambas as obras são desenvolvidas em um enredo no qual a história do Brasil, no período de aproximadamente 20 anos que compreende a Ditadura Militar, se interpola de maneira inextricável com a história de vida das famílias dos autores e, em um olhar transgeracional, as suas próprias. É nosso intuito destacar nessas obras traços levantados por Viart na construção dessa forma narrativa, nos permitindo melhor compreender a constituição da narrativa de filiação que circula na cena literária brasileira contemporânea. Denotamos, em linhas gerais, que a narrativa de filiação, como perceptível em *Ainda estou aqui* e *Em nome dos pais*, delinea uma forma contemporânea de fazer literário comprometido em usar a autorreferência para romper o silêncio, as interdições e, numa percepção amplamente transitiva de literatura, narrar aquilo que é da ordem do inenarrável.

HERDAR A VIOLÊNCIA: LITERATURA CONTEMPORÂNEA E DITADURA MILITAR

LUA GILL DA CRUZ - UNICAMP, BRASIL

A literatura brasileira contemporânea tem se debruçado sobre a temática da ditadura militar brasileira e a sua relação com a temporalidade própria da experiência traumática, especialmente, nos últimos anos, muitos romances foram escritos em uma segunda temporalidade, as apreensões transgeracionais de um passado violento e de um legado repressivo herdados do passado. Nesse sentido, a teoria do trauma funciona como uma das chaves para pensar a formalização estética das experiências da repressão. A literatura lida, então, com a necessidade de elaboração de um trauma – atrasado, latente – pensado na sua relação com o deslocamento temporal. Agora, a partir de outro tempo de enunciação, os romances escritos nesta segunda temporalidade, a de uma escrita transgeracional, passam pela herança do trauma do(s) outro(s). O deslocamento temporal da narração tenta entender como aqueles que não viveram o período da ditadura militar recuperam e representam este período histórico, de que formas têm transmitidos esse trauma e como lidam com o questionamento ético do contar, e das (im)possibilidades de uma pretensa verdade ao narrar algo que não pertence àquele que narra. Para esta comunicação em específico, se buscará entender como a literatura enfrenta a transmissão da herança violenta e silenciada dos perpetradores para as gerações seguintes, ou seja, de que forma a violência e o medo são transmitidos (direta e indiretamente) por aqueles que perpetraram ou colaboram com o regime ditatorial. Busca-se entender, então, a partir dos romances *O amor dos homens avulsos* (2016), de Victor Heringer, *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage, como a literatura ficcionaliza a transmissão de uma história de violência, como esta herança apagada, assombrosa, cujos restos advém de uma história não integrada de violência, ou seja, de um legado ainda mais escondido e apagado, se estende no tempo.

ARTES VISUAIS E IMPRENSA: OS CADERNOS DE CULTURA E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DA ARTE BRASILEIRA DURANTE A DITADURA MILITAR

CLECIUS CAMPOS CORRÊA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, BRASIL

Esta comunicação pretende abordar as transformações pelas quais passaram os cadernos de cultura de grandes jornais brasileiros – como espaços de debate intelectual e divulgação das artes visuais no Brasil – nas décadas de 1960, 1970 e 1980 em virtude da ditadura militar e da consolidação da indústria cultural brasileira. O foco é observar o surgimento e o fortalecimento desses espaços na grande imprensa no período anterior à ditadura e identificar como tais cadernos transformaram-se, com a tomada do poder pelos militares em 1964, com o enrijecimento do regime após a promulgação do Ato Institucional n. 5 (AI-5) em 1968 e o posterior arrefecimento por volta de 1977, na segunda metade do governo de Ernesto Geisel, considerando em paralelo o mercado de bens simbólicos instituído no Brasil naquele momento em que a cultura popular de massa – televisão, cinema, indústria fonográfica, mercado editorial e publicidade – ganhava mais espaço na imprensa. Com base na tese de que os mundos da arte

se transformam, pretende-se com esta pesquisa apontar que os cadernos de cultura brasileiros, que cobriam, debatiam, criticavam e serviam de influência intelectual no mundo das artes visuais no Brasil, passaram por transformações após o golpe militar de 1964 e durante o regime ditatorial, que o tornaram menos relevantes para as artes, diante do fortalecimento de uma cultura de massa no país. Tais mudanças refletem transformações que ocorreram nos jornais devido à ditadura, mas também no conjunto dos artistas visuais, músicos, produtores culturais e críticos que foram perseguidos e exilados, nas instituições de arte que foram desmanteladas, no surgimento de outras instituições governamentais para incentivo da arte com temas considerados permitidos e alinhados ao mercado e na aproximação entre arte e indústria cultural no Brasil.

CANÇÃO ENGAJADA NO CONE SUL: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES EM 1973

GABRIEL BARTH DA SILVA - UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

A música engajada surge na América Latina durante os anos 1950 e 1960, em conjunto com os processos de industrialização e urbanização na região. Esses procedimentos acabaram por gerar uma descaracterização e consequente perda dos costumes locais, nomeadamente pela da inserção de uma cultura de massa desterritorializada e estandardizada. É possível localizar nos movimentos de canção de protesto, então, como utilizados em forma de ferramenta política e estética para difundir a ideologia que permeava uma noção de “Novos Tempos”, a partir das manifestações políticas de esquerda no continente. Havia nesses movimentos as propostas de tornar textos e ideias complexas acessíveis, gerando espaços para expressões opositoras, denunciando o sistema dominante.

No caso brasileiro, o fenômeno que determinou a postura dos artistas-intelectuais ligados à música popular foi referente a “ida ao povo”, com a indústria cultural representando uma hegemonia, à qual aqueles artistas eram contrários. Eles buscavam a expressão de uma consciência nacional, orientada para a emancipação da Nação, identificando no “povo” — um grupo erroneamente imaginado de forma homogênea — uma carência de expressão cultural e ideológica. Houve nesse cenário, porém, uma invertida a partir do tropicalismo, que integrou estéticas estrangeiras no universo da música popular brasileira, também se manteve ligado a uma identidade nacional, à qual respondeu de modo crítico, irônico e independente, sem dela se distanciar.

C3 PAINEL

SOBRE ARTISTAS, INSTITUIÇÕES E COLEÇÕES: O BRASIL NO CAMPO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

O objetivo deste painel é estabelecer um diálogo atualizado acerca do papel exercido por grandes instituições - sobretudo pelas bienais e coleções de arte - na promoção, circulação e consagração da arte e dos artistas brasileiros. Valendo-se de uma abordagem disciplinar híbrida - com especial enfoque na história social e na sociologia da arte - pretende-se desvelar as instâncias operativas e estruturais que organizaram e fomentaram a arte brasileira em seu aspecto institucional dos anos 1970 até à atualidade. Conceitualmente, circunscrevemos esse debate àquele inicialmente postulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1981) ao palmilhar os processos ontológicos de elaboração da crença nas práticas artísticas e simbólicas. Evocando uma inquietante questão de ordem prática - mais qui a créé les créateurs?, isto é, mas quem criou os criadores? - a inquirição de Bourdieu faz-se ainda válida para refletirmos sobre a arte e seus espaços físico-simbólicos, fomentando, não obstante, respostas nada simplistas ou unidimensionais. Tendo como raiz histórica a emergência da arte contemporânea, ainda nos anos 1970, e as mudanças substanciais no espaço social da arte após os anos 1980 (a partir dos processos de globalização e financeirização da cultura, como argumentado por Wu (2006)), este painel converge trabalhos que diagnosticam a centralidade das bienais e dos colecionadores para a legitimação e estabilização dos valores simbólicos da arte brasileira em sua circulação globalizada. Se para a economista francesa Nathalie Moureau (2017) a produção/manutenção da relevância na arte está condicionada ao acúmulo e gestão de “pequenos eventos históricos”, isto é, ações necessárias (a edição de um catálogo, a entrada da obra em uma coleção importante, a participação em uma bienal ou em exposições individuais e coletivas, a representação em certas coleções privadas), interpretadas como incontornáveis manifestações da crença - de sua eficácia simbólica - no mundo prático; este painel buscará mapear as instituições e agentes que nas últimas décadas tem sido responsáveis pela projeção e construção dos ‘pequenos eventos históricos’ na arte brasileira, verificando as instâncias e alcances de suas operações sobre as narrativas históricas e sociais da arte internamente construída e aquela exportada, impactando o que se entende e como se recebe a “arte e o artista brasileiro” na cultura mundial.

MAIS QUI A CRÉE LES CRÉATEURS? COLECIONADORES E O PROCESSO DE MUNDIALIZAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

HENRIQUE GRIMALDI FIGUEREDO - ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES, FRANÇA E AMANDA MAZZONI MARCATO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, BRASIL

Como o Brasil adentra os desenhos geopolíticos da cultura? A arte contemporânea brasileira está no mapa internacional das artes? É justamente com essas indagações que Ana Leticia Fialho (2012) inicia suas reflexões referentes a inserção e visibilidade do Brasil no sistema da arte mundial. Embora a produção brasileira tenha

conquistado visibilidade internacional crescente, sobretudo a partir dos anos 1990, seu processo de reconhecimento amplo e regular encontra-se ainda em fase de consolidação. Essa incorporação internacional da arte contemporânea brasileira desperta o interesse acerca dos fatores que originam esse movimento de acesso ao restrito circuito internacional, bem como dos agentes, mercados e instituições presentes e atuantes na nova geopolítica internacional das artes, como o caso dos colecionadores a partir dos anos 1980. No final do século XX as transformações na dinâmica do mundo da arte contemporânea tornaram-se incontornáveis. Um dos atores dessa mudança foi “o crescimento do protagonismo dos colecionadores a frente de revoluções parciais realizadas no interior dessa esfera, promovendo novos artistas e tendências, e gerando reinterpretções e redirecionamentos das narrativas” (BUENO, 2020, p. 65). A discussão central deste trabalho fundamenta-se na atuação dos colecionadores brasileiros de arte e na relação dessas coleções com o processo de mundialização da arte contemporânea brasileira, isto é, como nas novas dinâmicas globais do mercado agentes e instituições - por vezes privadas - passam a assumir certa centralidade na operação de credibilidade e promoção da arte de “qualidade” internacional. Compondo esta discussão num ponto de intercruzamento entre a história social e a sociologia da arte, esta reflexão pretende um diagnóstico do papel de alguns colecionadores brasileiros sobre o ecossistema da arte global, objetivando identificar, descrever e problematizar as estratégias de “produção da crença” e a inscrição da arte brasileira atual nas narrativas legitimadas da história da arte.

COMO FALAR DE BIENAS QUE NÃO EXISTEM?

ISOBEL WHITELEGG - UNIVERSIDADE DE LEICESTER, REINO UNIDO

Durante a última década, o campo da história da exposição mudou de um terreno formativo para contextos acadêmicos, curatoriais, editoriais e de mercado de arte proeminentes. Contribuições recentes chamaram a atenção produtiva para a contingência entre uma exposição e sua infraestrutura, e entre recepção crítica pré-existente e potencial para recuperação histórica. Previsivelmente, as edições bienais que mais se prestaram à historicização são aquelas que gozaram de condições favoráveis e de substancial atenção crítica em seu tempo. Quando congeladas em um momento de maior propósito, entretanto, o que fica obscuro é o fato de que é da natureza das bienais tropeçar, gaguejar e falhar, alcançando, contudo, uma importância histórica, embora comprometida. O 'cronologismo mecanicista' da bienal também define a existência de um tipo institucional específico: aquele que se esforça para acompanhar o ritmo, por mais propícias que sejam as circunstâncias, por mais prováveis que sejam, ou não, as chances de sucesso crítico. Perder o ritmo por qualquer motivo sinaliza crise. Amarrada a esse ritmo temporal, a bienal alcança uma aparência de perpetuidade ao mesmo tempo em que exagera sua vulnerabilidade às vicissitudes da contingência histórica. Este artigo aborda bienais curatorialmente imperfeitas, subdocumentadas, 'quebradas', cuja importância histórica não reside em preocupações formais, mas sim em revelar a relação entre histórias institucionais, ação artística coletiva e condições sociopolíticas específicas. Nisso, vou referir-me à minha pesquisa recente sobre mudança organizacional e ação coletiva na Bienal de São Paulo nos anos 1970. Reunindo as associações do XII BSP com sua instituição subjacente e as preocupações do tempo dela, apresento critérios alternativos para estabelecer a importância histórica das exposições do passado

NARRATIVAS GLOBAIS: BIENAS DE SÃO PAULO (2006-2016)

RENATA MAIA ZAGO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, BRASIL

A proposta desta comunicação é discutir a posição recente que a Bienal de São Paulo ocupa em um novo sistema global de arte. Estabelecemos, então, análises partindo do pressuposto de que após décadas reproduzindo o modelo colonialista eurocêntrico, evidenciado pela internacionalização, a partir de 2006 as Bienais paulistas esforçaram-se em responder ao fenômeno da globalização e seus reflexos no campo da arte. Se ao abordar as Bienais de São Paulo realizadas até a década de 1980 deve-se considerar o processo de internacionalização e sua conexão com a era 'pré-global' – em que a linguagem artística modernista começou a ser divulgada como um valor da cultura das sociedades ocidentais, naquele instante entendida como universal –, a partir dos anos 1990, em especial na 24ª Bienal curada por Paulo Herkenhoff em 1998, o evento passa a debater sua posição proposta por um novo sistema global de arte. Durante a 27ª Bienal de São Paulo (2006) – Como viver junto – a curadora geral Lisette Lagnado movimenta esse debate de maneira efetiva, imprimindo características marcantes, como: a ruptura definitiva com as representações nacionais; sua expansão para além do pavilhão; a inauguração das residências artísticas; e a criação de seminários que ocorreram ao longo do ano de organização. Todas essas atividades foram mantidas nas Bienais posteriores e propõem uma renovação institucional, alinhada com o próprio circuito expandido da arte contemporânea, que privilegia a discussão sobre a globalização cultural. Dessa maneira, é significativo discutir a posição da Bienal de São Paulo na hierarquização proposta por um novo sistema global de arte e, nesse ínterim, elucidar o papel da curadoria como agente de mediação das relações entre as culturas periféricas e o sistema globalizado. Refletindo-se, então, a partir dos estudos em história das exposições, somados aos debates da sociologia da arte e da cultura, as Bienais realizadas entre 2006 a 2016 serão tratadas como plataformas discursivas de práticas expositivas em contexto globalizado, que potencializam os mecanismos adotados a partir da 27ª Bienal de São Paulo, em 2006, demonstrando um novo *modus operandi* para a constituição das mostras de uma década.

O PAPEL DAS BIENASIS NA GLOBALIZAÇÃO DO CAMPO DA ARTE

JULIANA CLOSEL MIRALDI - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

O fenômeno identificado como bienalização impactou o circuito artístico internacional evidenciando questões latentes como, por exemplo, a origem geográfica como condicionante da participação de agentes artísticos nos espaços mais legitimados de poder. Mesmo que segundo a Biennial Foundation tenhamos hoje mais de 250 bienais no mundo, sendo 70% delas criadas no século XXI, não é difícil perceber que este não é um espaço igualitário. Pesquisas recentes demonstraram como o mercado de arte repõe a estratificação nacional (BUENO, 2012; CRANE, 2015; QUEMIN, 2015; MOREAU & SAGOT-DUVAUROUX, 2016) de tal modo que a partir desses estudos levantamos a hipótese de que se por um lado o fenômeno da globalização conectou países, instituições e agentes, o modo de produção da arte como um campo social parece ter assegurado a sua reprodução como espaço de poder e distinção. A partir da tensão entre esses dois conceitos - globalização e campo que apontam para direções aparentemente distintas, isto é, para a expansão e a restrição do acesso respectivamente - compreendemos a sua necessária complementaridade e o papel das bienais na reprodução do poder simbólico da arte. Assim, proponho (i) apresentar o atual mapa mundi das bienais de arte; (ii) problematizar a relação entre globalização e campo da arte (ii) definir o papel do modelo bienal para a expansão controlada da arte, (iv) qualificar o fenômeno da bienalização e (v) por fim, destacar a singularidade do Brasil neste contexto tendo em vista a posição da Bienal de São Paulo na história das bienais.

A TRAJETÓRIA DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL VIDEOBRASIL PARA O ENRIQUECIMENTO DAS RELAÇÕES SUL-SUL NO BRASIL

THAMARA VENÂNCIO ALMEIDA - UNIVERSITAT DE BARCELONA, ESPANHA

A Associação Cultural Videobrasil (ACVB) foi fundada pela curadora Solange Farkas em 1991, com o intuito de acolher institucionalmente o acervo de obras e publicações geradas até então pelo Festival Videobrasil, desde 1983. Através desse projeto de organização institucional optou-se por realizar seus eventos e publicações em relação com países do Sul Geopolítico, aproximando a produção artística contemporânea brasileira de países de realidade socioeconômica afins e que também se encontravam fora do eixo europeu-norte-americano. Essa instituição é uma das primeiras no Brasil a fortalecer esse tipo de relação no universo das artes de forma direta e privilegiada, diferente de outras instituições que realizavam esse vínculo ocasionalmente ou sem ressaltar o intercâmbio cultural que compartilhavam. Pretendemos demonstrar como os projetos curatoriais realizados pela ACVB - que procuravam intensificar as cooperações sul-sul -, foram pensados e como eram apresentados, de forma a ressaltar as narrativas e estratégias utilizadas. A análise da instituição vai de encontro também a destacar o contexto artístico histórico de virada global, em que novos recortes geográficos passam a participar de forma significativa desse universo. Para tanto, apresentaremos o conjunto expositivo e de publicações que criaram, apontando de que forma contribuíram para intensificar as relações sul-sul no país no contexto da arte contemporânea.

C4 PAINEL

AS RELIGIOSIDADES “BRASILEIRAS” E SUAS COMUNIDADES: PRÁTICAS DE BEM-ESTAR E CURA NO CONTEXTO TRANSNACIONAL

Ao longo das últimas décadas, diversas expressões religiosas originadas no Brasil conheceram uma notável expansão no continente europeu. É possível observar, especialmente nos últimos anos, não somente o surgimento de novas comunidades de Umbanda, Candomblé, Vale do Amanhecer, entre outras, como também o crescimento e a renovação de comunidades preexistentes.

A análise da difusão transnacional destas práticas religiosas revela em muitos casos uma multifacetada interritualidade, fruto da integração de símbolos, códigos estéticos e valores pertencentes à espiritualidade «brasileira» e outras práticas, preexistentes ou não, no território europeu. Elas podem ser repensadas e apresentadas sob formas originais que com mais facilidade atraem o público, passando a incluir elementos esotéricos que até então não faziam parte do seu sistema simbólico religioso. Assim, é possível encontrar em determinados contextos entidades afro-brasileiras que aconselham sessões de reiki e tratamentos com homeopatia, ao mesmo tempo em que guias da umbanda e orixás do candomblé manifestam-se em sessões de xamanismo e de terapia sistêmica. Os praticantes europeus movimentam-se então entre ortodoxia e holismo, entre a defesa de uma suposta autenticidade e o fascínio cativante do «exotismo».

O presente painel procura refletir sobre a formação dessas comunidades (e, em alguns casos, a sua rápida dissolução e mudança), e investiga as necessidades sócio-psicológicas que levam os praticantes europeus a colocarem em relação práticas religiosas de origem brasileira e conceitos e elementos provenientes das mais diversas tradições. A partir da análise de casos de estudo e dos nossos dados de campo, e discutindo as trajetórias espirituais de alguns de seus protagonistas, tentaremos também entender os motivos que levam os participantes a se movimentarem entre diferentes grupos e práticas. Qual tipo de participação estas exigem? De que maneira elas respondem a uma busca pelo bem-estar psico-físico, assim como este é percebido pelo seu público? Qual relação elas estabelecem com o Brasil e com os brasileiros residentes na Europa?

UM CANDOMBLÉ EM PARIS

SARA CLAMOR – EHESS, PARIS

1986. Pela primeira vez, Geraldo, pai-de-santo de Belo Horizonte, viaja para Paris. Convidado por um amigo que mora na cidade, ele começa a oferecer suas consultas a pessoas que precisam de ajuda espiritual. Graças às suas capacidades como sacerdote, pai Geraldo fica conhecido. Incorporado por uma entidade da umbanda, o doutor Hoffmann, médico alemão morto logo após a Segunda guerra mundial, o pai de santo efetua cirurgias espirituais, além de propor uma série de rituais de limpeza e de cuidado à saúde a seus vários clientes. Como a história de pai Geraldo testemunha, as religiões afro-brasileiras estão presentes e se expandem no horizonte religioso de vários países europeus desde os anos Oitenta. É o caso, como vimos, da França: após a chegada de pai Geraldo, e a partir dos anos '90, um grupo de praticantes começa a se reunir nos espaços do teatro Aleph, em Ivry-sur-Seine, às portas de Paris, local onde o pai de santo brasileiro passa a organizar giras de umbanda a convite do diretor. Hoje é o filho dele, igualmente pai-de-santo de candomblé angola que, viajando anualmente do Brasil à França, coordena o grupo parisiense o qual, mesmo na sua ausência, se reúne uma vez por mês. Neste caso, a religião se apresenta como fator de aglutinação comunitária e permite a criação de vínculos de amizade e de solidariedade entre os praticantes que incorporam as entidades afro-brasileiras nesse pequeno teatro francês.

Minha comunicação tenta assim mostrar de que forma as religiões afro-brasileiras criam novas comunidades de praticantes e quais as suas potencialidades de modo a conseguir despertar o interesse do público europeu. Ao mesmo tempo, cada grupo de culto transnacional tem que enfrentar várias dificuldades, tanto para se estabelecer quanto para se perpetuar ao longo dos anos nos países em que, bem além das fronteiras brasileiras, essas práticas religiosas se inserem.

O SANGUE ANIMAL ENTRE EFFICACIA RITUAL E “ENERGIA PESADA” NO CONTEXTO TRANSNACIONAL

GIOVANNA CAPPONI – UNIVERSIDADE DE ROEHAMPTON, UK

A presente comunicação propõe uma reflexão, a partir tanto de dados coletados no campo quanto de referências bibliográficas recentes, sobre as diferentes interpretações e as divergências no uso de sangue animal em rituais de candomblé na Itália e no Brasil. O contexto religioso transnacional é um excelente laboratório social para se analisar como as comunidades das religiões de matriz africana se formam e mudam a própria composição ao longo dos anos. Em muitos casos, é possível observar como a trajetória espiritual das lideranças tenha, até certo ponto, o poder de definir a linha de interpretação e os interesses que levam os vários participantes a fazer parte da comunidade em questão. Porém, é frequente que os integrantes e participantes desses novos grupos religiosos passem a divergir sobre alguns temas como, por exemplo, a aderência à tradição mais ortodoxa, o respeito à hierarquia ou as várias adaptações da prática ritual no contexto europeu. Nos últimos anos, as divergências sobre o uso do sacrifício ritual, tanto na Europa quanto no Brasil, chegaram a gerar debates que vêm, de um lado, a defesa da necessidade de se modificar a prática e, do outro, de manter a aderência à ortodoxia ritual. O sangue animal, de fato, é descrito pelos afro-religiosos como uma substância poderosa e eficaz que garante o sucesso do ritual e os benefícios desse último, mas ao mesmo tempo é considerada “pesada”, forte e perigosa. Esta ambivalência, somada aos problemas de legislação sobre os maus-tratos de animais, aos problemas éticos e às escolhas alimentares, chocam-se com as expectativas de bem-estar psico-físico, cura e resolução de problemas pessoais e espirituais que os membros esperam obter através da prática ritual. É minha intenção descrever aqui algumas estratégias e algumas considerações que levaram os meus interlocutores, em um contexto transnacional, a aceitar, reconsiderar ou repudiar o uso de sangue animal chegando, em alguns casos, a buscar alternativas. Esse tema multifacetado indica não só um problema relacionado às escolhas de consumo e de alimentação dos participantes, como também revela as diferentes cosmovisões e expectativas sobre o bem-estar espiritual e a relação entre humanos e animais.

DESENVOLVIMENTO PESSOAL E MEDIÚNICO EM UMA UMBANDA ALEMÃ: NOTAS PARA UM ENTENDIMENTO DA APROXIMAÇÃO ENTRE UMBANDA E O UNIVERSO DAS TERAPIAS ALTERNATIVAS

MARCELLO MÚSCARI – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (BRASIL) / UNIVERSITÄT ZU KÖLN (ALEMANHA)

As aproximações entre religiões afro-brasileiras e práticas “new-age” constitui-se como um dos desdobramentos mais recentes do campo religioso afro-brasileiro, como solidamente documentado por pesquisadores brasileiros desde a década de noventa. Tradicionalmente entendido como um campo paradigmático para a investigação das idiosincrasias e contradições constituintes da sociedade brasileira, enquanto se observou um movimento geral de re-africanização no Candomblé, reforçando a especificidade ethno-cultural desta instituição social, a Umbanda, por outro lado, desde meados da década de 60, parece mover-se em direção a formulações mais universalistas de espiritualidade. Quando considerada a expansão transnacional das religiões afro-brasileiras, na medida em que sua nova audiência passa a ser majoritariamente composta por brancos europeus, esta formulação em termos universalistas por aproximação com práticas esotéricas parece conformar-se como regra, e não mais como um evento relativamente restrito em um campo religioso mais amplo.

Este é o caso na “Casa Saint Michael - Haus des Reinen Wassers”, grupo de Umbanda baseado em Cologne (Alemanha) composto majoritariamente por alemães e que eu tenho estudado pelos últimos quatro anos.

Organizados em torno de uma terapeuta alternativa e agora Mãe de Santo, o grupo iniciou em 2006 um processo gradativo de integração de referências e rituais da Umbanda e do Candomblé a outras modalidades terapêuticas como terapia sistêmica, constelação familiar, xamanismo e astrologia, com vistas a trabalhar o que chamam “desenvolvimento pessoal”.

Nesta apresentação eu irei introduzir suas ideias e práticas em torno da noção de “desenvolvimento pessoal”, como elas aparecem no contexto de sua “bewusstseinschule” (escola de consciência), colocadas em relação com as ideologias e práticas umbandistas relacionadas ao “desenvolvimento mediúnic”, tal como mobilizadas pelo grupo.

A partir desta apresentação irei explorar analogias estruturais suportando a aproximação entre estas distintas práticas rituais, buscando compreender as condições de possibilidade e dinâmicas internas à integração da Umbanda por grupos esotéricos e praticantes de terapias alternativas.

AXÉ É ENERGIA: A EXPANSÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NA ITÁLIA E AS TERAPIAS HOLÍSTICAS

TATIANA GOLFETTO - UNIVERSITÀ DI ROMA “LA SAPIENZA”

A análise da expansão de religiões como o candomblé e a umbanda para além das fronteiras brasileiras e a consequente circulação global de seus elementos e práticas é um campo que atrai cada vez mais estudiosos. Particularmente em relação ao contexto europeu, é possível observar como essa expansão ocorre de maneira significativa entre pessoas que frequentam terapias alternativas e práticas que promovem o bem-estar psicofísico e o autoaperfeiçoamento, assim como tradições provenientes sobretudo do Oriente e que foram englobadas no chamado universo New Age. Um exemplo significativo nesse sentido é o contexto italiano. Apesar da imigração brasileira no país ter tido papel fundamental na introdução dos cultos afro-brasileiros durante a década de noventa do século passado, atualmente essa expansão é liderada por sacerdotes italianos que são em sua maioria terapeutas holísticos ou que possuem alguma ligação com tais práticas.

A partir da análise da constituição e do crescimento de duas comunidades de candomblé na Itália, e considerando a trajetória dos seus dois sacerdotes responsáveis, esta apresentação pretende discutir as relações estabelecidas entre os elementos religiosos afro-brasileiros e alguns conceitos e práticas provenientes dessas terapias alternativas. O sacerdote/terapeuta pode operar, em determinados momentos, aproximações e reinterpretaciones colocando em relação, por exemplo, o candomblé e a bioenergética. Emerge, dessas dinâmicas, uma ideia de cuidado e de equilíbrio psicofísico que se torna cada vez mais atrativa na sociedade atual.

TRAJETÓRIAS TERAPÊUTICAS TRANSNACIONAIS: O VALE DO AMANHECER

EMILY PIERINI - SAPIENZA UNIVERSIDADE DE ROME, ITÁLIA / UFSC, BRASIL

Na última década, as práticas mediúnicas do Espiritualismo Cristão do Vale do Amanhecer se encontram em um rápido processo de transnacionalização que inclui a abertura de templos na Europa e o desenvolvimento e a iniciação de médiuns europeus. Enquanto as perspectivas sobre os processos de transnacionalização das religiões tendem a enfatizar as trajetórias diaspóricas dos migrantes que realocizam suas práticas religiosas, nessa apresentação mostrarei como as práticas mediúnicas do Vale do Amanhecer envolvem ativamente participantes locais em seu desenvolvimento em outros países além do Brasil. Os templos do Vale do Amanhecer são considerados pelos médiuns como ‘prontos socorros espirituais’ onde os médiuns incorporam seus mentores espirituais para a cura espiritual dos pacientes. Como a cura é uma preocupação primária daqueles que se aproximam dos templos do Amanhecer, abordarei as trajetórias do Vale do Amanhecer na Europa do ponto de vista das trajetórias terapêuticas. Mais especificamente, analisarei a colocação dessas práticas mediúnicas em contextos transnacionais a respeito das redes de terapias holísticas, curas energéticas, counselling e outras práticas não-biomédicas de bem-estar, bem como do turismo espiritual voltado para a cura, que marcaram as trajetórias dos médiuns e dos pacientes europeus. O desenvolvimento dos templos do Amanhecer e das suas práticas mediúnicas serão então abordados em relação às culturas terapêuticas - além daquelas religiosas - que circulam nos países europeus, examinando como essas constituem um solo fértil para a introdução dos conceitos de corpo e self, doença e cura articulados pelo Vale do Amanhecer.

C5 PAINEL

MEMÓRIA, TERRITORIALIDADES E IDENTIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Na obra *A memória: a história e o esquecimento* (2014), Paul Ricoeur esclarece a diferença entre memória e imaginação, considerando como tais conceitos são tratados por Platão e Aristóteles. Em Aristóteles, a memória seria a representação de alguma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida, que preconizaria a inclusão da problemática da imagem na lembrança. Nessa acepção, anamnésis seria volta, retomada, recobramento do que anteriormente foi visto, experimentado ou aprendido. Contudo o elo entre esses dois eventos, esquecer e lembrar, seria assegurado pela distância temporal. É esse intervalo entre a impressão original e seu

retorno que a recordação percorre. Portanto, é a percepção do movimento que permite a apreensão do tempo transcorrido. Daí a importância de se compreender a ideia de anterioridade.

Na modernidade, o conceito de “memória” configura-se como campo privilegiado para a compreensão das múltiplas temporalidades que trespassam o sujeito. A literatura vale-se da dimensão da memória para configurar um modo específico de recuperar o passado para se reinserir no presente. A forma memorialística é necessariamente mediada pela escritura de um momento que já é passado no ato de sua recuperação. Entre o esquecimento e a lembrança, o individual e o coletivo, a impossibilidade de totalizar perspectivas pretéritas configura-se como um dos elementos para a construção de identidades.

Partindo do pressuposto que a identidade é criada e recriada a partir dos espaços e considerando-se a amplitude do conceito de territorialidade no âmbito físico, mas também no simbólico, sobretudo quando estamos no campo literário, nesse painel discutir-se-á a importância da memória na constituição e reconstrução de espacialidades reais ou imaginadas. Nesse sentido, as apresentações abordarão a maneira como escritores e escritoras articulam a relação entre imaginação, recordação e resistência, documento histórico e ficção, vinculando ou não a representação da experiência individual com a História para a criação de estórias.

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS EM CAMPO GERAL E BURITI, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

MARIA SCHTINE VIANA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

Indubitavelmente o estilo tão peculiar de Guimarães Rosa está intrinsecamente ligado ao sertão, seja por retratar personagens inspiradas nos habitantes dessa região, seja pela maneira como parte do linguajar dos sertanejos para construir seu universo linguístico. Prodigioso em fundir vários pontos de vista na construção narrativa, no romance *Buriti* (1956), Rosa o faz de maneira bastante complexa. A primeira parte da narrativa é construída por meio das recordações que Miguel tem da primeira visita que fizera ao *Buriti Bom*. É durante essas lembranças que saber-se-á que Miguel é o mesmo personagem Miguilim, protagonista de *Campo geral* (1956). Toda a narrativa é construída a partir de uma superposição de camadas temporais, presentificadas pela reflexão sobre o vivido, mas também por recordações de Miguel e Lalinha, a nora cidadina de Iô Liodoro, o proprietário do *Buriti Bom*. Esse entrelaçamento de temporalidades, em que a memória tem papel preponderante, será o tema central desta apresentação. Em concordância Gérard Genette, que defende a ideia de que “Nossa linguagem é toda tecida de espaço” (1972:104), abordarei a territorialidade sertaneja rosiana como um espaço empírico, construído por meio da linguagem. Nesse sentido, merecerá atenção a análise do Mutum como lugar de origem da personagem Miguilim, mas também espaço simbólico, retomado nos delírios do Chefe Zequiel, durante a segunda visita de Miguel ao *Buriti Bom*. Neste percurso interpretativo, abordar-se-á a importância da memória e das espacialidades na construção identitária de algumas personagens dessas duas narrativas de Corpo de baile, em diálogo com o pensamento de Gérard Genette, Paul Ricoeur, Paul Zumthor e Jean-François Lyotard.

NARRATIVAS COLONIAIS, CONSTRUÇÃO SOCIAL DA RAÇA E SUAS PERSISTÊNCIAS NO IMAGINÁRIO CULTURAL: IDEIAS DE NAÇÃO EM BRASIL E NO ESPAÇO COLONIAL PORTUGUÊS NOS ANOS '60 E '70

NOEMI ALFIERI - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

Nesta comunicação, abordar-se-ão as persistências das narrações coloniais no imaginário contemporâneo, assim como o papel que a construção social da raça teve na formação de ideias de nação em Portugal e no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. A partir da propaganda oficial do regime salazarista, direcionada para a manutenção do império português, que incluía os territórios africanos, e do imaginário lusotropicalista, originado nas elaborações freyrianas, a ideia de território nacional foi construída narrativamente. Se obras como *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus, e *Sagrada esperança*, de Agostinho Neto (entre outras), representaram um marco relevante na valorização literária da negritude e da memória da cultura negra ou africana, a recusa do texto “Racial Democracy” in *Brasil*, de Abadias Nascimento no *Festac '77*, em Lagos (Nigéria), testemunha como a persistência dos mitos de nações multirraciais igualitárias foi uma herança colonial que sobreviveu a vicissitudes históricas e a processos de descolonização política. O objetivo desta comunicação é demonstrar que havia pontos em comum na narração literária deste período, nomeadamente no que diz respeito à construção social da raça, e de como ela é uma herança direta do colonialismo português.

A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE SALVADOR NO ROMANCE DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS: MAPAS CULTURAIS, TRÂNSITOS E MEMÓRIA

JULIANA MENEZES - ITÁLIA / PORTUGAL

A obra *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, apresenta elementos que possibilitam a construção de mapas culturais, sinalizando tanto os aspectos da cultura baiana quanto os lugares onde se dão as vivências e as relações sociais dos personagens. Compreendidos numa perspectiva antropológica (AUGÉ, 2008), esses lugares são carregados de significados e ajudam na configuração da identidade baiana representada na obra, contribuindo para a construção da imagem de Salvador (Bahia, Brasil), como uma cidade caracterizada pela alegria, musicalidade, religiosidade e sabores intensos. Tal imagem pode ser provocadora de trânsitos, uma vez

que o leitor-turista (SIMÕES, 2004), instigado por aquilo que a obra suscita, pode ser motivado a conhecer, na realidade, o que já foi conhecido ficcionalmente, tornando-se turista-leitor (SIMÕES, 2004). Isso pode contribuir para a valorização da identidade, preservação da memória e satisfaz o desejo do turista, que pode “descobrir a arte [literatura] através do lugar e o lugar através da arte [literatura]” (DONADIO, 2014, citado por CRESSWELL, 2015, p. 2). Desta forma, esta comunicação objetiva analisar a representação da cidade de Salvador, a partir do romance Dona Flor e seus dois maridos. Além disso, com base na ideia de que o efeito (ISER, 1996) do texto sobre o leitor transcende as questões estéticas, esta obra será compreendida como um recurso (YÚDICE, 2004) que pode ser utilizado pelas ferramentas do global, como o turismo, para preservar a memória, ressaltando elementos sinalizadores do local, como a cultura, a história e elementos identitários, bens simbólicos ensejados pela literatura.

VOLTA PARA TUA TERRA! OS DILEMAS DO REGRESSO AO TERRITÓRIO E ÀS MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE SUJEITOS DA DIÁSPORA NAS LITERATURAS BRASILEIRA E PORTUGUESA

LIZ MARIA TELES DE SÁ ALMEIDA - UNIVERSIDADE DE ÉVORA, PORTUGAL

Este trabalho pretende tratar de duas narrativas de mulheres negras, As mulheres de Tijucopapo (1982), da brasileira Marilene Felinto e Essa dama bata bué! (2018), da portuguesa de origem angolana Yara Monteiro. Embora escritas num intervalo de quase três décadas, as narrativas tocam-se em muitos aspectos, permitindo uma reflexão acerca da experiência narrativa das mulheres afrodescendentes nas suas variadas diásporas. Em ambos os textos é possível acompanhar a saga de mulheres protagonistas que, em busca de um reconhecimento identitário, regressam aos seus territórios de origem e tentam por meio do reconhecimento do espaço e da recuperação de memórias familiares revelarem-se a si mesmas nesta imersão na própria história. As narrativas, tocam-se em pontos chave da proposta deste painel, a despeito das diferenças de estilo, do espaço narrado, do espaço histórico e cultural onde se passam os enredos, e servem-nos para pensar nas sequelas da colonização e dos imperialismos por meio da colonialidade do poder (Quijano, 2005) vigente até os dias atuais, por produzirem desigualdades que impelem sujeitos a deixarem seus lugares de origem. Ademais, essa aproximação que buscamos com as duas obras revela-nos muito acerca da produção literária de mulheres afrodescendentes e africanas, que estão localizadas no campo da subalternidade nos contextos de difusão tanto no Brasil como em Portugal, mesmo quando salvaguardam relevante parte da memória nacional esquecida pelo discurso da história oficial). Para refletir sobre o regresso enquanto deslocamento inescusável para recompor as memórias do passado no processo de construção identitária, ser-nos-ão farol nesta discussão Bhabha (1998), Hall (2003), Brah (2011), Davies (2010), Walter (2011), Zumthor (1997).

LETRAS BRASILEIRAS EM PORTUGAL: OS SUPLEMENTOS DA DÉCADA DE 1950

ELIZABETH OLEGÁRIO - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

Nos suplementos literário de meados do século XX de Portugal encontra-se parte relevante do debate literário e de ideias que tiveram lugar à época. Ponto de encontro de intelectuais e espaços de afirmação de modelos culturais, os suplementos são lugares que vinculam outros lugares. Neles foi depositada parte da memória cultural e artística de escritores dos países que estabeleceram diálogos. Prometeicamente revelaram artistas, estimularam debates e anteciparam movimentos. Estes suportes juntamente com as revistas, os cafés e os salões engendraram redes de sociabilidades. Este trabalho visa cartografar a presença e o diálogo dos escritores brasileiros em dois suplementos portugueses: o “Artes e Letras”, do Jornal Diário de Notícias e o “Cultura e Arte”, do Jornal O Comércio do Porto. O corte temporal, a década de 1950, deve-se às características que neste período ganham esses suplementos, em fase de afirmação no quadro da imprensa de Portugal, o volume e a qualidade das contribuições que registram.

C6 PAINEL

“OCUPA TUDO”: DA PALAVRA DE ORDEM ÀS EXPERIÊNCIAS DE LUTA

Desde 2011, a emergência de ocupações por movimentos de contestação política e social ganha destaque na produção socioantropológica sobre ativismos contemporâneos. Na literatura, as ocupações de espaços públicos nos centros urbanos são frequentemente associadas ao legado da cultura alter-ativista. No Brasil, a herança de tal repertório tem destaque no I Fórum Social Mundial (2001), alcançando o ápice nas “Jornadas de Junho” (2013). Desde então, engajamentos pautados pela prática da “democracia direta” têm nas experiências de ocupação a sua mais expressiva realização empírica.

Embora a associação entre protestos anti/alterglobalização (1990-2000) e ativismos contemporâneos (pós-2010) apresente expressiva rentabilidade analítica, há que se recuperar o legado de movimentos, que, décadas antes, já privilegiavam esse método como forma de protesto nas cidades. Assim, vale destacar as ocupações por direito à moradia, que, desde os processos de urbanização das metrópoles, espalham-se pelas periferias. Ocupar para morar, estudar, circular, produzir a cidade. Ocupar para redistribuir, reconhecer, participar. Afinal, como tecer um fio espaço-temporal que conecte tantos anseios? Com quantas ocupações se faz uma tipologia? É possível traçar características comuns diante dessa variedade?

O presente painel pretende refletir sobre as memórias, os usos e os sentidos suscitados pelas/nas ocupações urbanas, a partir de diferentes configurações e motivações, em experiências que datam desde a metade do século XX no Brasil. Serão bem-vindas pesquisas concluídas ou em andamento que privilegiam ocupações na/da cidade como objeto de análise, estando associadas (porém não restritas) às: etnografias, análises comparativas, revisões bibliográficas, continuidades/rupturas e marcadores sociais da diferença

PAULA ALEGRIA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

FLAVIA FARIA - ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES, FRANÇA

DAVID AMALRIC - ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES, FRANÇA

LUISA SOUTO - UNIVERSIDADE DE LOUVAIN LA NEUVE, BÉLGICA

C7 PAINEL

RETRATOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTUDOS DE CASO

O painel discute inflexões no campo do patrimônio cultural brasileiro visitando casos e problemáticas diversos, porém interconectados por uma cena e tradição histórica nacional. Acompanhando tendência global, leva-se em conta a dimensão do “patrimônio”, mais do que a “tradição”, atualizando e por vezes discutindo as noções antigas do folclore. As cinco contribuições focalizam atores e contextos sociais e históricos específicos. Três trabalhos tratam de patrimonializações recentes ou em curso. Com o caso da Festa de Nossa Senhora de Nazaré, de Morro Vermelho (MG), focaliza-se o papel dos vários atores que discutem as intervenções em relação ao patrimônio local. Com o Choro (RJ), discute-se os desafios de sua patrimonialização, alguns deles conjunturais (um processo não-presencial devido à COVID-19) enquanto outros se relacionam a características do gênero. Já o caso do Forró (PE e PB) permite explorar os paradoxos da participação de “detentores” nas patrimonializações, focalizando tensões em torno do conceito de “autenticidade” vis à vis a legitimização dos “detentores”. O quarto trabalho analisa os campos das políticas culturais brasileiras e das culturas populares na primeira década dos anos 2000, permitindo contextualizar e interconectar os diversos casos particulares tratados. Finalmente, um trabalho sobre a contribuição de Mário de Andrade para o campo patrimonial, no que se configura como o início das políticas de patrimônio cultural no país, dá profundidade histórica aos eventos contemporâneos considerados. No conjunto, o painel considera continuidades (como a atenção pioneira a bens hoje denominados “imateriais”) e inovações (como a participação de detentores nos processos de patrimonialização) no campo patrimonial brasileiro. Discutindo noções e problemáticas relativas aos atores, à participação social e aos desenhos específicos das políticas da área, dá-se visibilidade a tensões e disputas que constituem o campo, bem como à voz, ao corpo e ao rosto daqueles que fazem, conhecem e divulgam o patrimônio.

MUDANÇAS NAS POLÍTICAS CULTURAIS BRASILEIRAS NOS ANOS 2000: NOVOS ATORES, TENSÕES E DISPUTAS EM TORNO DA CATEGORIA “PATRIMÔNIO CULTURAL”

LORENA AVELLAR MUNIAGURRIA - UNICAMP, BRASIL

Este trabalho discute algumas mudanças pelas quais o campo das políticas patrimoniais brasileiras passou durante a primeira década dos anos 2000, como resultado da confluência de processos nacionais (em sua maioria, ligados à chegada do Partido dos Trabalhadores ao governo federal e seu estímulo a políticas sociais e de participação) e internacionais (em especial, a consolidação de um novo repertório discursivo e de práticas de gestão, pesquisa e promoção para as culturas populares e tradicionais em torno das ideias de diversidade cultural e de patrimônio imaterial). Em pouco mais de dez anos, além da institucionalização de uma nova área de atuação (com o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial), houve a proliferação de novas vozes e a mudança das relações de força entre atores que historicamente constituíram o campo. Se em períodos anteriores o estado teve a prerrogativa de definir o que era patrimônio, agora, fazedores de cultura popular e tradicional começaram a ser reconhecidos como interlocutores e atores das políticas, juntamente a gestores, técnicos e pesquisadores que já atuavam na área. Houve também uma significativa reconfiguração das redes das culturas populares brasileiras: como resultado da sinergia entre as diversas políticas culturais e de participação social implementadas naqueles anos, fazedores de cultura puderam viajar pelo país e se encontrar com integrantes de outros grupos culturais em grandes eventos, como as Conferências de Cultura ou as Teias do famoso Programa Cultura Viva. Desses encontros, resultaram novas redes de apoio e de militância de escala nacional, até então inexistentes, bem como novos aprendizados e entendimentos do que é ou deveria ser uma política pública para a cultura - em, em particular, para as culturas populares. Inspirada por uma antropologia da política que pensa o Estado a partir de suas margens, esses amplos processos serão examinados a partir da experiência de grupos e sujeitos concretos, refletindo sobre as implicações dessas mudanças para a própria categoria do patrimônio: o que pode ser “a cultura popular brasileira” quando

seus próprios fazedores passam a ser atores das políticas e dos estudos sobre patrimônio e cultura popular no país? Quais as principais tensões e disputas que surgem nesse novo arranjo de forças e com os novos usos feitos da categoria “patrimônio”? E quais os impactos dessas novidades sobre do campo de estudo, seus conceitos e procedimentos?

O CHORO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO: DIÁLOGOS E DESAFIOS DE UM PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO EM CURSO

PEDRO ARAÇÃO - UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL

Em abril de 2020, a Associação de Amigos do Museu do Folclore Edison Carneiro (ACAMUFEC) foi selecionada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), do Ministério da Cultura do Brasil, para conduzir o processo de registro do Choro como patrimônio imaterial brasileiro. Como parte integrante do grupo de pesquisadores a cargo desta tarefa, meu objetivo nesta comunicação será o de promover uma reflexão sobre as dificuldades e desafios inerentes a este processo. Usualmente definido pela historiografia musical brasileira (Vasconcelos, 1978, Tinhorão, 1998) como gênero musical nascido no final do século XIX no Rio de Janeiro a partir das influências de danças de salão europeias aliadas às influências rítmicas africanas, o choro ganhou dimensão nacional a partir de sua incorporação à indústria fonográfica nas primeiras do século XX. Desta forma, os desafios do processo de patrimonialização do gênero incluem: a) sua grande capilaridade em território nacional e mesmo internacional, uma vez que identificam-se polos de performance e ensino do choro em todas as regiões do país do exterior; b) seu modo inédito de realização exclusivamente de forma virtual, uma vez que a crise sanitária ocasionada pela COVID-19 excluiu a possibilidade de interação presencial e, finalmente; c) sua intensa incorporação ao meio universitário e acadêmico brasileiro e o grande número de polos e movimentos organizados, social e politicamente ativos em torno do choro, o que faz com que o processo tenha um grande número de atores sociais envolvidos. A comunicação procurará refletir sobre tais desafios, colocando em foco este intenso processo de interação social em torno do registro patrimonial em curso.

“PARADOXOS DE UMA MOBILIZAÇÃO PATRIMONIAL EM CURSO: O CASO DO FORRÓ”

CARLOS SANDRONI - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, BRASIL

As novas políticas formuladas em torno do patrimônio cultural imaterial (PCI), no plano internacional e no Brasil, desde o final dos anos 1990, tiveram como característica marcante a valorização de atores sociais diretamente responsáveis por práticas culturais populares, os chamados “detentores” de bens patrimonializáveis. Tais detentores – no caso brasileiro, sambadores, jongueiros, tamboreiros e outros performers, para ficarmos nos exemplos musicais – passaram a ser vistos como protagonistas do processo patrimonial, em contraste com perspectivas mais antigas, onde a técnicos, pesquisadores e outros agentes externos se reservava tal papel. Uma ilustração quase didática desta nova perspectiva pode ser encontrada na mobilização de forrozeiros dos estados da Paraíba e de Pernambuco a favor do reconhecimento patrimonial do forró. Iniciada em 2011, esta mobilização traz a ampla participação de sanfoneiros, compositores e cantores de forró como motor principal da patrimonialização. Se tal participação corresponde às formulações programáticas do PCI, ela discrepa destas formulações em outro ponto, igualmente fundamental: a concepção de “autenticidade”. A mobilização forrozeira se dá em torno da defesa de certa concepção sobre “o que é realmente o forró”, concepção ameaçada pela inflexão sofrida pelo gênero em sua ampla expansão comercial pós-1990. Ao que tudo indica, os forrozeiros mobilizados esposam uma concepção tradicionalista do gênero, e esperam do reconhecimento patrimonial um reforço para tal concepção. As políticas do PCI, porém, tanto no Brasil como no plano internacional, descartam explicitamente o tema da autenticidade; o que exige uma negociação de expectativas entre o estado e os detentores “devidamente” mobilizados em torno de expectativas “indevidas”.

FAZEDORES, CONHECEDORES E MARQUETEIROS DO PATRIMÔNIO: REFLEXÕES SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO NUMA COMUNIDADE MINEIRA

BARBARA ALGE - GOETHE-UNIVERSITÄT, ALEMANHA

Este trabalho discute “patrimônio” como categoria de produção cultural em que o papel de “fazedores”, “conhecedores” e “marqueteiros” (Ronström 2014) do patrimônio está bem definida. Como estudo de caso, parte das observações que a autora fez em campo entre 2008 e 2013, e posterior, através de pesquisa de campo no meio virtual, na comunidade de Morro Vermelho em Minas Gerais. Nesta comunidade, a festa anual em louvor à Nossa Senhora de Nazaré viveu um processo de patrimonialização que começou nos anos sessenta com iniciativas de um padre local, seguiu com processos de inscrição em jornais, em trabalhos acadêmicos, e em redes sociais, e culminou, em 2015, na produção de um documentário sobre a festa por iniciativas do Centro de Promoção e Divulgação Cultural e Religiosa do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, com a ajuda do Secretariado da Cultura do Estado de Minas, do IPHAN e do IEPHA, e patrocinado pela Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração. O trabalho discute se a festa da Nossa Senhora de Nazaré é hoje usada para vender o lugar como marca e que aquelas pessoas que decidem sobre o que é que torna patrimônio e o que é que não, são aquelas que enfatizam uma Portugalidade do lugar apoiada por narrativas da história local que remontam ao tempo

colonial. Estas narrativas soam também através de performances musicais tais como a Missa e Novena Cantada e nas músicas que acompanham a Cavalhada local. Os “fazedores”, sobretudo os atores da Cavalhada e outras pessoas do lugar não estão todos de acordo com as intervenções em relação ao patrimônio local. O trabalho traçará então o papel destes “fazedores”, “conhecedores” e “marqueteiros” da festa de Nossa Senhora de Nazaré nesta comunidade mineira que se vende através da sua Cavalhada “mais antiga da região” e sendo uma comunidade extremamente teimosa “desde a descoberta do ouro no lugar”.

PATRIMONIALIZAÇÃO E CULTURA POPULAR EM MÁRIO DE ANDRADE

FLÁVIA CAMARGO TONI - INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, USP, BRASIL

O pensamento de Mário de Andrade, assentado em meio ao modernismo brasileiro, foi sempre impregnado pela interlocução com outros homens e instituições, e percebeu na antropologia nascente os vínculos para um trabalho de gestão cultural que colocaram o Brasil em meio às correntes mais atualizadas do pensamento científico. Seu papel protagonista nos primeiros gestos em direção à patrimonialização propõe estudar como se processou nele o conceber a música em sua imaterialidade, como se operou a rápida mudança de foco que deslocou-se do coletivo para o individual e deu corpo e voz aos cantadores, aos poetas e aos músicos.

Na cronologia das ideias mundiais a respeito do reconhecimento da importância do estudo das culturas populares sabe-se que com a configuração da Sociedade das Nações, as “démarches” políticas culminarão com a fundação do Institut Internationale de Coopération Intellectuelle e do Conseil Internationale des Arts Populaires (1928), espaços também usados para a promoção das relações diplomáticas.

Mário de Andrade colaborou pelo menos duas vezes com as campanhas do IICI, em 1928 e 1936, e pode-se adiantar que ele conhecia o pensamento de suas guias mestras através das leituras de Gennepp, Luquet, Marinus e Focillon.

Mas a partir da gênese e edição do Ensaio sobre Música Brasileira e até a eclosão da II Guerra – considerando o ano de 1939 – o pensamento de Mário de Andrade sobre a cultura popular/folclore se transformou rapidamente e em profundidade devido a pelo menos dois fatores: uma atividade extensa de pesquisas e a atualização de bibliografia contemporânea veiculada pela Sociedade de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura de São Paulo.

Entre as viagens de 1927 e a de 1928/1929 temos a edição do Ensaio, mas entre a dedicação intensa às notas da segunda viagem e a concepção da Missão de Pesquisas Folclóricas há bem mais do que a vivência da pesquisa sobre o Samba Rural Paulista. Pretendo estudar as notas etnográficas de Mário de Andrade para entender de que maneira elas alimentam sua literatura do período de 1939/1945 dando corpo e voz aos personagens que protagonizam as músicas que não são mais apenas pautadas com lápis e papel.

C8 BRASA

THE SPECTER OF MODERNITY

MÁRIO DE ANDRADE, TURISTA APRENDIZ: MUSIC AND THE POLITICS OF RACIAL IDENTITY

LIV SOVIK - UFRJ, BRASIL

GAVETA DE FICÇÕES: DESCOBRINDO O MUNDO PELAS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

DÁRIO BORIM JR. - UNIVERSIDADE DE MASSACHUSETTS DARTMOUTH

MAR MORTO, DE JORGE AMADO: UMA VISÃO DICOTÔMICA DA ESPACIALIDADE LITERÁRIA

LUCIANA COLUCCI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM

O MAU HUMOR DE WOTAN: JOÃO GUIMARÃES ROSA E CARL JUNG

LUIZ FERNANDO VALENTE - BROWN UNIVERSITY

TERÇA-FEIRA 21. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A

A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

MIGRANTES BRASILEIROS

SLEEP IN TRANSITION - SLEEP OF BRASILIAN MIGRANTS AND CHANGING LIFE TO PORTUGAL

ISABEL MARÇANO - IUL, PORTUGAL; CICSNOVA, PORTUGAL

The aim of this communication is to present a first step of a study about perceptions of living abroad and sleeping needs. Our focus is brasilian people human life perceptions, work, family and sleep. Why? Because they are in the first place of imigrants living in Portugal and we share the same Portuguese language and an historical network. How we live and how we sleep are key points dimensions for human people and for our health and well beeing. Also, brasilian people share with all of us the need to sleep and to be awake, to work and to relax. Actually, sleep is an universal fact for mamals and human beings with fisiological mecanisms, depending also of hygienic behaviours and with impact in well beeing and health. As so, "the sleep" got a lot of attention from medical sciences and has been forgotten from social and human ones for a long time. Methods: in depth interviews with 10 men and 10 women living in Portugal for 6 months, at least and no more than 4 years. Different sociological situations of interviewed were considered. Results: We found some preliminary results not always in agreement about living abroad, working and sleeping. Some key points we found in interviews: a) they all agree that sleep changes when geo-social space changes;

b) to sleep is less important than to work hard to earn money;

c) 8 of them agree that sleep matter to get a better and a productive day, even if they do not sleep enough time.

d) Most of them are not aware about the impact of sleep in their health and behavior.

We want to go further with the results of a compared inquiry that took place before and after the pandemic COVID-19.

Finally, we comment that sleep is a rich new field of sociological inquiry and anthropological qualitative research like migration and local communities. Actually, sleep is an open dimension for field work and multidisciplinary connections. As so, theoretical, conceptual and methodological thoughts are needed.

AS REPRESENTAÇÕES DE SÃO PAULO COMO CIDADE ACOLHEDORA: A CIRCULAÇÃO E A APROPRIAÇÃO DOS IMAGINÁRIOS SOBRE A MEGALÓPOLE BRASILEIRA

LAURE GUILLOT FARNETTI - UNIVERSITÉ LYON 2 E UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FRANÇA

No âmbito do meu doutorado, trabalho sobre as representações das migrações contemporâneas na cidade de São Paulo por diversos atores: mídias, ONGs, poder público, e coletivos de migrantes e/ou refugiados. Esses atores participam da produção da imagem desses territórios de imigração. Nas múltiplas representações da cidade de São Paulo, existe aquela imagem de um lugar acolhedor, cosmopolita e de hospitalidade. Diversos discursos institucionais participam da produção e da circulação dessa imagem. O objetivo da apresentação será de analisar esses imaginários da cidade de São Paulo como cidade acolhedora, através da análise de fotografias e vídeos

produzidos por várias instituições e através dos relatos de moradores da cidade de São Paulo. Pois, para meu trabalho de tese, uso dois métodos complementares: a análise semi-discursiva de conteúdos audiovisuais, e a pesquisa etnográfica (observação e entrevistas). Veremos como esses imaginários circulam, se alimentam, e como os habitantes se apropriam deles no cotidiano e na maneira de viver a cidade.

ON-LINE ACTIVISM IN THE PORTUGUESE SOCIAL NETWORK: BRAZILIAN WOMEN'S NEW SPACE OF RESISTANCE?

THAIS FRANÇA - CIES-ISCTE, PORTUGAL

Brazilian women migration to Portugal has been marked by stigmatization, stereotyping and sexualization dynamics. The intersection of multiple axes of disadvantage and discrimination based gender, race, nationality, coloniality and immigration shapes their socialization experience in the Portuguese society. The Portuguese colonial imaginary embedded on racist practices build Brazilian women as exotic colonial body always available for sex, they are portrayed as the white European women's Other, independently of their skin color. Brazilian women are racialized as "mulatas", that according to the Lusotropical imaginary are sexually available sinners, responsible for seducing the Portuguese men. Brazilian female body is associated to a sexualized racial identity and therefore constantly linked to the sexual market, creating and demonizing us as the European women's 'other'. In the last ten years, however, Brazilian women in Portugal have started to organize themselves to challenge these subalternization dynamics, performing different resistance acts. The main channel used by them to give visibility to their denunciations and to confront the Portuguese colonial imaginary has been the social networks, as we discussed in our panel in 2018, based on the case of the engagement of Brazilian female students in a campaign against racism and xenophobia orchestrated for the elections for the University of Coimbra Students' Association Council in 2013. Analysing different episodes of online collection action performed by Brazilian female migrants in Portugal, we aim to discuss how the agency and articulation of their voices in the online space contribute to decenter Otherness.

BUSCANDO SUA AGÊNCIA SOB NOMENCLATURAS - IMIGRANTES BRASILEIRAS NO JAPÃO, UM PAÍS "MAIS FÁCIL DE VOCÊ PAGAR AS COISAS"

TAMAKI WATARAI - AICHI PREFECTURAL UNIVERSITY, JAPAN

A partir da pesquisa de campo realizada no Japão, terceiro maior destino dos brasileiros no exterior, busco discutir a complexidade em que o capitalismo configura ondas migratórias, agência das imigrantes brasileiras e sua relação com o país "oriental". "Recursos estrangeiros" é uma nova categoria dada à população estrangeira no Japão, uma estratégia do governo para tentar minimizar a objeção do povo japonês contra a reforma da Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados, que entrou em vigor em abril de 2019. Com essa reforma, o governo, que sempre negou a aceitação de estrangeiros não qualificados no mercado de trabalho, pode emitir um novo tipo de visto que permite a estrangeiros trabalhar em determinadas áreas com uma grave escassez de mão de obra, como agricultura, hotelaria, construção civil, etc. Popularmente as imigrantes brasileiras têm sido chamadas dekasegi, trabalhadoras temporárias. Contudo, elas buscam suas realizações pessoais não como recursos estrangeiros e nem como dekasegi. Através da sua agencialidade, essas mulheres invertem a sua posição subordinada, criando uma nova hierarquia concernente à consciência corporal, que coloca as brasileiras em um patamar superior às japonesas, ao contrário da hierarquia econômica existente. Neste contexto, surge a ideia do Japão como um país atrasado quando é analisado pelas imigrantes brasileiras a partir da ótica estética "ocidental", inclusive a brasileira, que tem liderança na indústria da beleza no mercado global. Analisei esse processo no último congresso da ABRE. O que proponho para o painel de 2021 é refletir acerca da relação agência e capitalismo, uma vez que o empoderamento destas mulheres dá-se através do aumento do seu poder aquisitivo, conseguido pelo seu trabalho como dekasegi, condição laboral que o governo japonês lhes impõe, deixando, portanto, um dos eixos da matriz de poder e dominação a qual estão subordinadas intacta.

QUANDO A AGÊNCIA É POSSÍVEL, MAS NEGOCIADA: O CASO DE MULHERES BRASILEIRAS MIGRANTES EM SANTIAGO DO CHILE

ARIANY VILLAR - PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE, CHILE

O presente trabalho estuda o caso de mulheres brasileiras migrantes em Santiago do Chile, explorando os processos de negociação e produção identitária subjetiva que elas têm desenvolvido em suas experiências de vida e migração entre sociedades de origem e de destino. O estudo realizou relatos de vida, entrevistas em profundidade e Fotohistórias (fotografia participativa) com mulheres brasileiras residentes em Santiago durante os anos de 2018 e 2019. Os resultados mostraram que, tal como acontece nos países do norte global, as mulheres dessa nacionalidade relatam ter seus corpos sexualizados nas relações interpessoais cotidianas, principalmente no caso das mulheres afrodescendentes, as quais são, ademais, racializadas. Contudo, as participantes perceberam que estão mais bem situadas nas hierarquias das relações sociais se comparadas a outros coletivos migrantes latino-americanos que aí vivem por serem brasileiras. Neste sentido, as características relacionadas a uma brasilidade (alegria, simpatia, acolhida, disposição a celebrações, etc.) amenizam as discriminações sofridas, ao mesmo tempo que lhes impõem estereótipos específicos sobre seus corpos e comportamentos. Como

consequência, relatam uma sensação de maior capacidade de agência na sociedade de acolhida que nas cidades de origem no Brasil, destacam a possibilidade de se reinventar profissional e afetivamente, empreender e decidir quem querem ser, e utilizam das caricaturas associadas à “mulher brasileira” para conquistar seu espaço na sociedade de destino e crescer economicamente. Finalmente, discutimos que, ao menos no aspecto subjetivo da experiência, a migração pode ser condição de possibilidade para construir identidades com maior flexibilidade e agência quando na sociedade de acolhida existe minimamente o reconhecimento da alteridade migrante. E, no caso de mulheres brasileiras cuja sociedade de origem as limitavam por seu gênero, a sensação de liberdade e de ser sujeito de sua história é ampliada inclusive quando isso significa lidar continuamente com estereótipos sobre sua brasilidade.

CIVILIZING THE OTHER: AGENCY AND INTIMATE ENCOUNTERS IN BERLIN'S BRAZILIAN WAXING STUDIOS

MARIA LIDOLA - UNIVERSITÄT KONSTANZ, ALEMANHA

Nos últimos 15 anos, waxing studios (estúdios de depilação) surgiram no centro de Berlim e cresceram rapidamente em número. Especializados no “método brasileiro”, estes salões de beleza constituem desde então um setor de trabalho cada vez mais ocupado por migrantes brasileiras. Mais além de ser um mero serviço de remover pelos, o trabalho íntimo realizado nestes salões abrange um trabalho educativo e até civilizador do ponto de vista das depiladoras brasileiras: a intimidade do trabalho possibilita encontros afetivos em que as brasileiras não são contempladas como simples prestadores de serviço numa área de trabalho altamente racializada e feminizada. Elas personificam a especialista para uma beleza desejada pelas clientes alemãs e – apropriando-se desses momentos de rara intimidade com mulheres da sociedade dominante – atuam como educadoras não só para uma corporalidade mais higiênica e mais feminina, senão também para um comportamento mais humanizado com o outro. Baseado numa etnografia de longo prazo, discute-se tanto os espaços de agência nestes relacionamentos temporários e frágeis dentro do ambiente de um trabalho altamente hierarquizado e estigmatizado quanto seus limites.

A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

LITERATURA EM CONTEXTO

REALIZANDO UM MITO: A REGIONALIZAÇÃO DAS OBRAS CULTURAIS SOBRE A COLUNA PRESTES

JACOB BLANC - UNIVERSIDADE DE EDINBURGH, REINO UNIDO

Este paper propõe um análises sobre as representações culturais sobre a Coluna Prestes, a rebelião da década 20 onde um grupo de jovens militares — os “tenentes”—atravessaram 25,000 quilômetros pelo interior do Brasil. Eu argumento que a mitologia dominante da Coluna Prestes foi, e ainda é, uma construção do litoral sobre o interior: a invocação do interior era uma estratégia geopolítica: oferecia uma justificativa retrospectiva de porque a Coluna se aventurou nas regiões do interior e, no rescaldo da rebelião, se destacou como um símbolo potente destinado a projetar a aparência da inclusão nacional. Esta divergência entre o símbolo do interior e o berço da mitologia fora dos espaços do interior mesmo, são refletidos na produção cultural ao longo do século XX. Este paper vai examinar poemas e livros que mostra a regionalização da mitologia da Coluna – sobretudo, mostrando que mesmo se obras locais existem, a maioria da cultura sobre a Coluna tem sido produzido por artistas e autores do litoral, e até de países estrangeiros. Esta dinâmica reflete como artistas fora do interior podem “realizar” um mito sobre o interior.

PERNAMBUCO REVOLUCIONÁRIA: IMAGINÁRIOS POÉTICOS DE RESISTÊNCIA

GIOVANNA GOBBI ALVES ARAÚJO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Na virada do século XVIII, o violento ataque ao Quilombo de Palmares, na capitania brasileira de Pernambuco, culminou no assassinato do líder Zumbi, cuja cabeça decepada foi exposta na praça pública do Recife de maneira a deter futuras revoltas. Desde então, Pernambuco tem sido palco de embates raciais e de classe. Na década de 1830, a província abrigou diversas comunidades quilombolas, como a do Catucá, cujos habitantes organizaram rebeliões que ameaçavam o poder político institucionalizado. De 1848 a 1850, Recife e seus arredores foram palco da Revolução Praieira, que principiou como um conflito intraelite, mas logo foi absorvido por exércitos de trabalhadores subalternos rurais e urbanos em condição de pobreza. Tidos como “comunistas do Norte”, os rebeldes da Praieira eram negros escravizados, soldados, marinheiros, camponeses, mestiços, mulheres e homens livres – agentes políticos capazes de mediar os seus próprios interesses em relação aos das autoridades locais. Suas reivindicações heterogêneas trouxeram à tona a causa radical do amplo acesso às terras agrícolas, da nacionalização do comércio, das condições humanas de trabalho e, mais tarde, do republicanismo. Em início de 1860, a soberania imperial tinha sido severamente ameaçada, ainda que as demandas políticas da Revolução não tivessem sido atendidas e seu principal líder, Pedro Ivo, tivesse sido assassinado. No campo da expressão literária, Recife tornou-se o epítome da revolução, sendo muitas vezes retratado pelos escritores brasileiros como

uma alegoria republicana e abolicionista. Esta comunicação pretende examinar a figuração da província de Pernambuco em cenas selecionadas da literatura brasileira oitocentista de Álvares de Azevedo, Castro Alves e Nísia Floresta, explorando as conexões simbólicas forjadas entre a Revolução Praieira, a noção de resistência popular e o chamado político desses intelectuais para que o Brasil integrasse as nações republicanas latino-americanas e reivindicasse a autonomia política e literária que caracterizava, a seu ver, a modernidade.

OS ROMANCES DE JORGE AMADO NA CHECOSLOVÁQUIA COMUNISTA

PETRA ŠANTOROVÁ - UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA, REPÚBLICA TCHECA

Até agora, 19 livros de um dos maiores romancistas brasileiros, Jorge Amado (1935–2001), foram traduzidos do português para o checo, dos quais 17 foram publicados entre os anos 1948 e 1989, na Checoslováquia comunista. Mesmo que publicadas em todas as décadas do período comunista no país, a maioria das traduções para o checo nasceu na virada dos anos 1940 e 1950, durante a estadia do autor brasileiro na Checoslováquia.

Membro do Partido Comunista Brasileiro, Jorge Amado foi obrigado a passar uma parte da sua vida no exílio. Entre os anos 1950 e 1952, residiu com a sua família no Castelo de Dobříš, situado na Boémia Central, a menos de 50 quilómetros de Praga. Esta estadia levou ao estabelecimento de contatos e relações amigáveis entre ele e vários importantes escritores e intelectuais checoslovacos. No entanto, o conhecimento da realidade e do quotidiano comunistas levou à sua desistência da carreira política.

Os números de exemplares dos livros de Jorge Amado traduzidos para checo foram altos, por exemplo, a primeira edição checa do romance Gabriela, cravo e canela (Mulatka Gabriela, 1960) teve 121.000 exemplares (antes de 1989, a média era de 18.000 exemplares, hoje costuma corresponder a uns milhares ou centenas de cópias). Além disso, alguns dos romances foram publicados várias vezes. Houve também adaptações para a rádio e televisão.

O que esteve por detrás do sucesso destes romances brasileiros na Checoslováquia? Até que ponto foram importantes as preferências dos leitores e qual poder teve a influência política na cultura literária checoslovaca neste caso? Traremos uma apresentação da recepção da obra literária do escritor com base na análise de periódicos checoslovacos.

UMA SIMPLES FOLHA DE PAPEL: AS CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ

JOANNA MALGORZATA MOSCZYŃSKA - UNIVERSITÄT REGENSBURG, ALEMANHA

Tendo com pano de fundo a problematização da falta de uma definição e historiografia coerente do jornalismo literário no Brasil, tal como advertido por Mateus Yuri Passos (2014), e a recente revitalização da crônica brasileira através do projeto digital do Instituto Moreira Salles e da Fundação Casa de Rui Barbosa, o artigo busca jogar luz à escrita de Rachel de Queiroz, inscrevendo-a na tradição global do jornalismo literário contemporâneo. Rachel de Queiroz é uma das exímias representantes do regionalismo nordestino. Além disso, a autora contribuiu significativamente para o estabelecer da crônica no Brasil, sendo uma das pioneiras da moderna crônica brasileira. Nesta intervenção averiguo como o jornalismo literário praticado por Rachel de Queiroz mediatiza esteticamente os assuntos e os costumes da sociedade brasileira contemporânea da autora ao longo da segunda metade do século XX, com ênfase na fase mais prodigiosa da crônica no Brasil, isto é, os anos 50 e 60. Além disso, tendo em conta a tensão entre o coletivo e o individual, inscrite no gênero de crônica, analiso a estética da experiência (Vd. Hartsock 2016) e a mediada por ela crítica social assim como praticadas pela autora. Com isso, busco contribuir para uma melhor compreensão da crônica brasileira como um gênero híbrido de escrita e do papel de Rachel de Queiroz no desenvolvimento do gênero no século XX.

PARANÁ, CEARÁ: DIÁLOGOS EPISTOLARES COM MÁRIO DE ANDRADE

MARCOS ANTONIO DE MORAES - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A REPRESENTAÇÃO DO INTELLECTUAL EM ROMANCES BRASILEIROS DE TEMÁTICA SOCIAL E POLÍTICA.

BENEDITO ANTUNES - FCL - UNESP, CÂMPUS DE ASSIS, BRASIL

A comunicação aborda parte da pesquisa “O intelectual no romance brasileiro”, cujo objetivo é caracterizar a voz narrativa em romances de temática social e política. Parte-se da hipótese de que, nesses casos, o narrador tende a configurar uma personagem crítica que reflete sobre o material ficcional. Em algumas obras, essa figura comparece diretamente, enquanto que em outras pode ser percebida nas variadas formas de focalização. Propõe-se aqui a abordagem de romances escritos em diferentes momentos históricos do Brasil, começando por Memorial de Aires (1908), de Machado de Assis, passando por Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá (1919), de Lima Barreto, para chegar a K.: relato de uma busca (2011), de Bernardo Kucinski. Nesse percurso temporal, em que as condições históricas e estéticas se alteram de forma significativa, é possível perceber como a atitude dos narradores passa de uma visão mais discreta do contexto social para uma espécie de engajamento explícito diante de suas contradições. Embora o corpus contemple modalidades variadas do gênero, ou por isso mesmo, ele permite acompanhar a transformação da figura do narrador como representante intelectual de seus autores, ensejando uma reflexão sobre o potencial estético para a representação do contexto sociopolítico brasileiro e do modo de os autores apreenderem os temas de que se ocupam, incluídas aí as sugestões críticas que apresentam

no plano ficcional. Do ponto de vista teórico, a proposta parte de indicações de Edward W. Said (2005), que trata das representações do intelectual em clássicos europeus que teriam sido pioneiros na descrição dessa personagem na literatura, e contempla outros autores que se ocuparam da questão, como os clássicos Julien Benda e Antonio Gramsci, além de contemporâneos como Sérgio Micelli e outros, reunidos no livro *O silêncio dos intelectuais* (2006), organizado por Adauto Novaes.

A3 PAINEL

DIMENSÕES E APORIAS DO ESTEREÓTIPO NO CAMPO DAS ARTES VISUAIS II: REPRESENTAÇÕES E AUTORREPRESENTAÇÕES DE POVOS INDÍGENAS

O termo “estereótipo” surgiu no mundo das artes gráficas. Foi criado, em 1798, pelo gráfico francês Firmin Didot (cuja editora publicou os livros de Grandjean de Montigny sobre a Toscana e da viagem brasileira de Debret) para denominar uma placa de impressão que duplicava a tipografia e permitia a reprodução em larga escala. Em 1922, o jornalista estadunidense Walter Lippmann, em seu livro *Public Opinion*, usou pela primeira vez o termo no sentido moderno, associado à simplificação da imagem que fazemos do mundo para facilitar nossa compreensão.

Enquanto função cognitiva, nenhum povo esteve livre da criação de estereótipos, seja como meio de caracterização de sua própria identidade cultural, seja, em seu paroxismo, como justificativa de processos hostis e discriminatórios. Nos diálogos culturais modernos, a representação da alteridade foi marcada por visões estereotipadas que substituíram a realidade empírica. Isto levou a uma condenação do estereótipo em geral. Atualmente, nos tempos de “lugar de fala”, chama-se fácil e imediatamente de estereótipo quase tudo que não é autorrepresentação. Mas devemos nos perguntar: é possível renunciar à função cognitiva dos estereótipos? É possível falar do Outro sem qualquer estereotipia ou clichê? A própria autorrepresentação não incluiria o estereótipo?

Pensando nisso, em 2019, foi realizada a primeira versão deste painel, pretendendo discutir a função ambivalente do estereótipo em diferentes momentos e contextos culturais. Para o Congresso de 2021 da ABRE, pensamos em aprofundar a reflexão, selecionando a questão das representações dos povos indígenas brasileiros. No contexto da pandemia de Covid-19, a população indígena foi especialmente afetada, inclusive no que se refere à renovação de muitos dos clichês a seu respeito. Nesse sentido, consideramos que pensar sobre os estereótipos em sua representação pode auxiliar a desnaturalizar alguns desses clichês.

ENTRE NATUREZA E CULTURA: ONDE HABITA O INDÍGENA DO BRASIL?

VERA BEATRIZ SIQUEIRA - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

De modo geral, as representações e autorrepresentações de indígenas procuram criar um lugar específico para eles, muitas vezes associado ao pedaço de terra que ocupam (ecoando os tradicionais vínculos entre as tribos e a natureza e tocando na ferida física e social da colonização) ou ao seu lugar cultural, paradoxalmente definido a partir de termos opostos como nativo e exótico. Como o debate proposto pelo painel corrobora ou desafia tais visões? Há como fugir desses estereótipos? Há como tomá-los de modo positivo, fortalecendo lutas em busca de identidade? A partir da leitura das demais comunicações, a comentarista e debatedora irá propor questões para a discussão com os ouvintes. A ideia é procurar criar elos entre as reflexões propostas, de modo a pensar a função atual dos estereótipos acerca da população indígena brasileira, especialmente a partir das questões levantadas no contexto da pandemia.

“VIVEM CENTO E CINQUENTA ANOS”: O TOPOS DA LONGEVIDADE EM RELATOS E IMAGENS SOBRE HABITANTES DO ATUAL BRASIL DURANTE A PRIMEIRA ÉPOCA MODERNA

MARIA BERBARA - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Américo Vespucci e Pero Vaz de Caminha, entre outros navegantes europeus que chegaram ao atual Brasil a partir de finais do século XV, com frequência mencionavam que os habitantes das sociedades nativas raramente adoeciam e viviam bem mais que um século. Esses relatos revelam, certamente, a influência de passagens clássicas como, por exemplo, a descrição feita por Plínio dos Hiperbóreos. De acordo com essa tradição, habitantes de partes extremas do mundo desfrutavam de uma natureza tão benévola que jamais são atingidos por doenças e fruem de uma vida extremamente longeva. As gravuras que acompanham esse tipo de relatos representam os nativos, quase sempre, como pessoas jovens e atléticas. O topos da longevidade, nesses textos e imagens, afunda suas raízes tanto em uma visão paradisíaca e adâmica dessas sociedades quanto na tradição grega da era dourada, a perdida Arcádia cujos habitantes não haviam sido ainda corrompidos pela civilização. A idade avançada só parece surgir, em imagens, quando vinculada à degeneração moral: no célebre “banquete tupinambá” figurado na *America* de Theodor De Bry, por exemplo, duas mulheres idosas de seios caídos e longos cabelos despenteados lambem os próprios dedos diante de um moquém sobre o qual são assados membros humanos. Nesta comunicação o estereótipo da longevidade vinculado a habitantes do atual Brasil será analisado

em textos e imagens europeias produzidas durante os séculos XVI e XVII; especial atenção será dada às implicações morais e religiosas dessa construção.

UMA INTERPRETAÇÃO DO FRONTISPÍCIO DE HISTORIA NATURALIS BRASILIAE, DE WILLEM PISO

RENATO MENEZES - EHESS. PARIS, PARIS, FRANÇA

Entre as obras de caráter científico publicadas na Europa durante a primeira época moderna, talvez nenhuma se compare, em grandeza, profundidade e riqueza iconográfica, à *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), realizada pelo naturalista holandês Willem Piso. Trata-se de uma obra monumental, organizada em volume único dividido em quatro livros, cujo objetivo principal é a apresentação geral das “coisas da terra do Brasil” (*Rerum Naturalium Brasiliae*), a partir da experiência colonial holandesa no nordeste brasileiro, capitaneada pelo Conde Maurício de Nassau a quem a obra é dedicada. Esse objetivo está claro na forma teatral em que se estrutura o frontispício da obra, objeto sobre o qual esta comunicação pretende se debruçar. Nosso objetivo será avançar a hipótese segundo a qual o emprego de motivos iconográficos oriundos da tradição clássica, mais do que revelar um esforço de confirmação do princípio da *varietas divina* – através da adequação da diversidade natural do Novo Mundo ao repertório cultural do mundo conhecido –, formula uma ontologia do elemento natural, cuja síntese se encontra na figura da divindade fluvial, em primeiro plano. Nela convergirá, assim, não somente a reinterpretação do motivo do “homem primitivo” e a estrutura em perspectiva do espaço, mas uma profunda indagação a respeito da tensão entre o visível e o invisível, isto é, o esplendor do teatro edênico e o mistério do mundo subterrâneo que se opõe a priori ao locus das virtudes divinas. Em que medida a imagem de Brasil elaborada neste frontispício responde ao que o historiador da arte alemão Aby Warburg define em termos de “baixo naturalismo”? Inversamente, como esta definição reorienta a interpretação da obra, a partir da função limitar que o frontispício desempenha sobre ela?

REPRESENTAÇÕES DO INDÍGENA BRASILEIRO NO SÉCULO XIX: IMPÉRIO, NAÇÃO, TERRA E GÊNERO

ALBERTO MARTIN CHILLÓN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

A figura do indígena, nas suas múltiplas representações, constitui topos essencial no estudo da cultura brasileira do século XIX. O indianismo, ligado especialmente ao romantismo, se preocupou, desde diversas disciplinas, como a literatura, a arte, a história ou a antropologia, em estudar, interpretar, descrever, definir, imaginar e se apropriar da imagem do indígena de diferentes formas e com objetivos variados. Desde seu uso como símbolo da origem nacional até seus usos decorativos ou publicitários, a imagem do indígena está longe de apresentar uma unidade, como se poderia depreender do termo indianismo. Como estudo de caso, propomos, nesta comunicação, a reflexão sobre o indianismo a partir de seus usos simbólicos para a construção da imagem do império e a consecução do seu projeto político. A partir das figuras das alegorias e do Gênio do Brasil, refletiremos sobre o papel fundamental do gênero nessa construção, contrapondo as imagens masculinas e femininas, e seus diversos usos e genealogias formais, iconográficas e simbólicas, representando o império, a nação e a terra, no excepcional caso de uma monarquia nas Américas.

ARTEFATOS PLUMÁRIOS: DA CONSTRUÇÃO À APROPRIAÇÃO DO ESTEREÓTIPO SOBRE O INDÍGENA BRASILEIRO

ANNA BOTTESI - UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI TORINO, ITÁLIA

A comunicação pretende refletir sobre a importância dos artefatos plumários na construção da imagem estereotipada do indígena brasileiro, e na apropriação dos mesmos modelos nos processos de reivindicação da identidade étnica iniciado por várias comunidades. A análise de três casos nos permitirá desconstruir três momentos fundamentais do discurso ideológico, social e político produzido entorno à representação do indígena ao longo do período colonial e pós-colonial: (1) a coleta dos mantos Tupinambá no século XVI para as coleções das Wunderkammern, como elemento de reforço às informações contidas nos relatos de viagem e nas fontes iconográficas; (2) a coleção de ornamentos Mundurucu coletados entre 1824 e 1835 por Johann Natterer e expostos no Weltmuseum de Viena; (3) a reintrodução de alguns artefatos de penas na coleção do Museu Indígena “Anízia Maria”, fundado em 2016 pelos integrantes da comunidade indígena Tabajara e Tapuio de Nazaré, no Estado do Piauí (Brasil). Objetivo da apresentação é demonstrar como, mesmo em toda sua ambivalência, a apropriação de elementos estereotipados desenvolve um papel estratégico na comunicação das questões relacionadas à luta indígena, assim como na aquisição de maior visibilidade internacional.

A4 PAINEL

PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Nos últimos anos observa-se um vertiginoso interesse pelos patrimônios culturais, animado pelas novas pautas sociais e pela ampliação da categoria provocada pelo reconhecimento dos bens de natureza imaterial notadamente a partir dos anos 2000. Para além de universidades, centros de pesquisa e de agências reguladoras nacionais e internacionais, como o IPHAN e a UNESCO, o campo do patrimônio mobiliza hoje uma série de grupos,

associações, coletivos, ONGs, entre outros. Um traço recorrente é que para além de narrativas sobre passado e cultura, os patrimônios culturais, sejam de eles de natureza materiais e/ou imateriais, tornaram-se uma arena de embate sobre direitos diversos, inserção e acesso ao (e no) espaço urbano. Em meio a processos de gentrificação, aumento da intolerância religiosa, projetos de megaeventos, crise econômica e social provocada pela pandemia atual e esvaziamento do poder público, o reconhecimento patrimonial transformou-se numa estratégica ferramenta de acesso e diálogo com o Estado e outras instituições. Em paralelo, percebemos as aproximações dos patrimônios com as novas tecnologias e com disciplinas como Matemática Aplicada, Computação Gráfica e Ciências de Dados. Essa aproximação traz novas possibilidades de preservação e difusão patrimonial, mas também coloca desafios que articulam debates sobre tipos de suportes, autenticidade e democratização do acesso e produção desses bens culturais. Tendo em vista este cenário complexo, este painel se pretende a reunir pesquisas recentes no campo da História e das Ciências Sociais que se debruçam sobre os diálogos e reflexões relacionados aos potenciais usos da categoria patrimônio cultural no mundo contemporâneo. Ainda, se propõe a trazer para discussão projetos pedagógicos que enfrentem tais questões.

PATRIMÔNIO NACIONAL E PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE: UM OLHAR PARA OS REGISTROS DA CAPOEIRA NO IPHAN E NA UNESCO

VIVIAN FONSECA - FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS E UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

O presente trabalho se propõe a analisar comparativamente processos de patrimonialização em duas escalas distintas, em âmbito nacional, pelo IPHAN, e internacionalmente, pela UNESCO.

Apresentada como uma política voltada para manifestações culturais populares, a área do patrimônio imaterial está associada, muitas vezes, com um processo de acesso a direitos por segmentos sociais que durante longo período da história (brasileira) se viram (e se veem) marginalizados, não sendo, portanto, cotejados como público-alvo em um grande conjunto de políticas públicas. Para além do reconhecimento simbólico, o registro dessas manifestações possibilita a elaboração de planos de salvaguarda voltados para os grupos associados a esses bens culturais que envolvem áreas como trabalho, habitação, saúde, previdência social, direito ao território e ao uso da cidade, entre outros. Na esfera internacional, a UNESCO aparece como uma instituição de relevo nos reconhecimentos patrimoniais. Ao inserir certos bens culturais em suas listas, estes ganham status de Patrimônio Cultural da Humanidade, gerando expectativas de maior visibilidade em governos e detentores.

Para esta comunicação, é proposta a análise dos Registros nacional e internacional de um bem cultural de natureza imaterial, a Capoeira. No Brasil, seu Registro foi oficializado pelo IPHAN em 2008, quando foram titulados a “Roda de Capoeira” e o “Ofício dos Mestres de Capoeira”. Em 2014 a prática teve ainda um reconhecimento patrimonial efetivado pela UNESCO, no qual a Roda, espacialidade fundamental para compreendermos essa manifestação, foi destacada. A capoeira pode ser compreendida como manifestação cultural afro-brasileira e, não raro, as ações de salvaguarda relacionadas a ela colocam-se na esfera de políticas reparatórias em função não apenas da escravidão, mas a todo um contexto de marginalização, racismo e exclusão social aos quais seus praticantes foram e são submetidos historicamente no Brasil.

ARTES POPULARES E PATRIMÔNIO IMATERIAL: CIRCULAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

DANIEL REIS - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, BRASIL

Esta comunicação tem por objetivo propor algumas reflexões sobre o campo das artes e culturas populares e suas relações com as políticas públicas de patrimônio cultural imaterial no mundo contemporâneo.

Esta comunicação tem por objetivo propor algumas reflexões sobre o campo das artes e culturas populares e suas relações com as políticas públicas de patrimônio cultural imaterial no mundo contemporâneo. Seu ponto de partida é uma ação promovida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFP), situado no Rio de Janeiro, como parte do programa Sala do Artista Popular (SAP), voltado para a valorização e difusão dos artistas populares no Brasil através de publicações, exposições e comercialização de suas obras. A partir de 2007 a SAP começou a promover um encontro entre os artífices que participaram dos programas institucionais ao longo do ano. A proposta era a de viabilizar a interação, articulação e trocas entre os próprios. As discussões que surgiram das cinco edições realizadas são reveladoras das percepções dos artistas populares sobre questões como: a maneira como pensam a sua produção; suas redes de parceiros; a interação com ambiente e mundo de consumo; o valor simbólico e mercadológico do que produzem; as políticas culturais e os desafios para seguirem em frente. Assim, pretendemos analisar essas percepções colocadas pelos artífices enquanto discursos sobre si e sobre mundos de arte e cultura, bem como, sobre a atualidade de uma produção artesanal no contexto da arte popular e das políticas culturais voltadas para este campo e que se colocam em estreito diálogo e tensão com as políticas de patrimônio cultural. Por fim, a percepção dos mesmos sobre os impactos da pandemia causada pelo corona vírus entre estes atores sociais e os bens culturais que produzem.

POLÍTICAS DO PATRIMÔNIO IMATERIAL E RECONHECIMENTO DA LUTA DOS MOUROS E CRISTÕES

CHRISTINE DOUXAMI - UNIVERSITÉ DE FRANCHE-COMTÉ, FRANÇA

Através de uma apresentação da manifestação da luta dos Mouros e Cristões e do seu impacto tanto filosófico, antropológico e artístico, tanto na península ibérica como na América Latina, veremos a representação da alteridade. A partir da análise desses folguedos, tentaremos destacar a figura do Outro em vários contextos geográficos. Após veremos a parte mais específica deste folguedo na Bahia e seu atual e recente, 2019, reconhecimento pelo estado da Bahia.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL A PARTIR DOS TOMBAMENTOS DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA MATERIAL REALIZADOS PELO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (1938-2018)

CAMILLA GOMES - UNIVERSIDADE DE BRIGHTON E FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, REINO UNIDO

A pesquisa de doutoramento visa investigar a construção da memória nacional dada nos processos de tombamento de bens culturais de natureza material pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A partir da coleta da base de dados, a Lista dos Bens tombados e processos em andamento (1938-2018), tabela que contém cerca de 2270 processos de tombamento, incluindo a totalidade dos bens tombados (aprox. 1200) e também processos em andamento ou indeferidos, percebi que não existe um estudo que sistematize essas informações.

Para lançar um olhar sistêmico ao processo histórico de patrimonialização da herança cultural brasileira, me proponho a analisar esses dados a partir da metodologia de Visualização de Dados (InfoVis), ramo da Ciência de Dados. Desde a estruturação da informação e da utilização de softwares, é possível construir gráficos, mapas e linhas do tempo que tornam possível a visualização da informação de maneira mais elucidativa, o que torna a análise mais fluida e torna possível o entendimento de um grande recorte temporal e territorial.

A visualização da informação enquanto metodologia acaba me direcionando para a etapa qualitativa da pesquisa, onde me debruço sobre os processos de tombamento para entender o que compõe a identidade e memória nacionais, que bens culturais materiais, em suas diversas naturezas (edifícios, paisagens, conjuntos urbanos, coleções, etc.) constroem o conjunto do patrimônio cultural brasileiro, e de que forma o valor histórico e valor de antiguidade a ele atribuídos nos podem ajudar a compreender o processo de seleção e construção da memória nacional realizado pelo IPHAN.

A5 PAINEL

CONFIGURAÇÕES DO PÚBLICO E DO PRIVADO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

O objetivo do painel é repensar os nexos, as fronteiras e as formas de articulação entre o público e o privado a partir de novos enquadramentos teóricos e domínios empíricos. Com essa finalidade, serão contemplados tanto trabalhos que mobilizem novas chaves analíticas sobre o assunto, quanto etnografias de objetos específicos que impõem a revisão da relação entre o público e o privado.

EXPERIÊNCIAS LABORAIS E PERCEÇÃO SIMBÓLICA DAS CONDIÇÕES DE VIDA EM CONTEXTO MIGRATÓRIO

ANTÓNIA PEDROSO DE LIMA - INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA (CRUA / ISCTE-IUL), PORTUGAL

Com frequência os brasileiros e brasileiras que emigraram para Portugal desempenham trabalhos para os quais estão sobrequalificados e encontram-se em condições laborais mais precárias do que aquelas que tinham no Brasil. No entanto, as suas avaliações da situação em que se encontram são positivas e baseadas em percepções de que têm uma vida melhor e de uma mobilidade social ascendente. Dialogando entre as dimensões do público e do privado, esta comunicação pretende explorar esta aparente contradição entre percepção e valorização simbólica da experiência migratória e a realidade concreta das suas condições de vida e experiências laborais.

ENTRE A INTOLERÂNCIA E AS PRÁTICAS E DISCURSOS DE ÓDIO: VIOLÊNCIA, GÊNERO E OS LIMITES DA SEXUALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

MARIA FILOMENA GREGORI - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

Como já é de conhecimento público, o Brasil enfrenta hoje, além de uma pandemia em razão do Covid-19, uma situação política extremamente delicada e que tem colocado em risco direitos consagrados pela Constituição de 1988 e ameaçado a consolidação de formas e demandas que ganharam expressão institucional até meados dos anos 2010. Dentre a expansão de direitos, foram exitosas as tentativas de proteção e de expressão LGBTQIs, bem como dos feminismos e de combate à violência sexual e de gênero. Contudo, tal período de ampliação de conquistas sociais também foi sendo acompanhado por um aumento de manifestações variadas de intolerância às

minorias sexuais, tendo se revertido, nos últimos anos, em práticas e discursos de ódio. Além dos abusos homofóbicos praticados contra a expressão pública de afetos homoeróticos e da exposição não consentida de imagens íntimas de jovens mulheres via internet, estamos assistindo à intensificação de casos de ameaça e difamação contra pessoas que ganham visibilidade ao defender, publicamente, posições em nome dos direitos sexuais e de gênero. Essa apresentação visa aprofundar a discussão sobre o que venho chamando de limites da sexualidade, isto é, a fronteira onde operam a ampliação ou a restrição de normatividades sexuais; e discutir a noção de violência de gênero em suas manifestações coletivas e públicas. Já começam a ser feitos estudos no Brasil sobre essas diferentes expressões da violência marcada por gênero e sexualidade, sobretudo, sobre homofobia e pornografia de vingança, porém, ainda são exíguos os estudos, com abordagem etnográfica, que tratem do cyberbullying contra ativistas feministas, LGBTTs, incluindo casos de jornalistas e pesquisadores que circulam ideias pela internet, e que passam a ser alvo de ataques, nem todos apenas virtuais. Falta, sobretudo, uma abordagem científica mais arrojada de modo a entender melhor como operam as violências em um âmbito público, no qual o ambiente de internet se tornou paradigmático, e de modo a tentar ver o que há de comum ou o que está articulado entre violências que tradicionalmente foram estudadas de forma segmentada: violência contra mulheres, homofobia e transfobia.

AS POLÍTICAS SOCIAIS À PROVA DO TRABALHO. O BRASIL DA ERA DO LULISMO (2003-2016)

ISABEL GEORGES, IRD, UMR 201 DÉVELOPPEMENT ET SOCIÉTÉS (IRD-IEDES-PARIS I)

Essa comunicação propõe um balanço das “novas” políticas sociais brasileiras do período lulista (2003-2016). A partir de ampla pesquisa etnográfica realizada em diferentes regiões brasileiras durante este período, tratar-se-ia de mostrar que essas políticas produziram, principalmente, uma transformação das subjetividades das mulheres pobres. Em termos substanciais, o seu maior resultado são as trajetórias das próprias trabalhadoras de execução, ao mesmo tempo os seus maiores beneficiárias. Visamos estabelecer uma relação entre a criação de um horizonte de expectativas destes membros dos meios populares e a emergência de diversos movimentos, formas de mobilização e apropriações identitárias.

SEGREDO PÚBLICO, VELHICE E CUIDADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

GUITAGRIN DEBERT - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

A pandemia escancarou nossa dependência do cuidado de outros, dependência esta que nossa vida social insiste em segregar. A comunicação - com base na análise de conteúdo do material publicado na mídia, sobretudo, impressa - tem como objetivo mostrar como a metáfora da guerra é acionada na caracterização da luta contra a Covid-19. Trata-se de explorar os dilemas éticos envolvidos no tratamento médico e hospitalar e na maneira pela qual a discriminação do segmento mais velho da população ganha novas configurações. Procura-se analisar como o ideal de “envelhecimento ativo” (OMS) é substituído pela ideia de “grupo de risco”, redefinindo a relação entre a vida social e o mundo privado da família.

RECOMPOSIÇÃO DO ESPAÇO DOMÉSTICO E DESIGUALDADES SOCIAIS NA PANDEMIA.

BILA SORJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Esta comunicação procura examinar os efeitos do isolamento social decorrente da pandemia sobre a dinâmica do espaço doméstico, que passou a incorporar um conjunto de atividades normalmente realizadas em espaços públicos. O trabalho (teletrabalho) e a educação infantil passaram a ser, em grande medida, realizados no interior das casas. Procuraremos explorar os efeitos destes deslocamentos sobre as desigualdades de gênero, raça e classe.

AG PAINEL

“PELA MINHA FAMÍLIA, POR DEUS E PELO MERCADO” – A ALIANÇA “NEO-NEO” E A ESCALADA DA ULTRADIREITA NO BRASIL

A ascensão da ultradireita, apesar de ser um fenômeno global, assumiu contornos extremos no Brasil. Se a aliança entre liberais e conservadores não é qualquer novidade política, no país sul-americano ela é capitaneada nesse momento pelos setores mais radicais, com o Neoliberalismo das escolas austríaca e de Chicago de um lado, e o Neoconservadorismo de Silas Malafaia, Damares Alves e Edir Macedo, do outro. Essa concertação política entre neoliberais e neoconservadores (“Neo-Neo”), tem entre os seus grandes expoentes figuras como Olavo de Carvalho, Ernesto Araújo, Paulo Guedes, Eduardo Bolsonaro, Ricardo Salles e o próprio presidente Jair Bolsonaro, que expressam simpatia ao terraplanismo, ao criacionismo e ao negacionismo climático. A Campanha aberta do presidente brasileiro contra a vacinação, junto com a desacreditização da ciência, o descaso no combate à pandemia, o ataque generalizado aos direitos humanos e a destruição do meio-ambiente como política de Estado ilustram como o pacto neoliberal-neoconservador representa uma virada autoritária que aprofunda a crise social,

política, econômica e ambiental. Diante deste contexto, cabe analisar e problematizar o entrelaçamento entre elementos “novos” e “velhos” nos movimentos da ultradireita. Para compreender o processo de consolidação e a complexa natureza da aliança que sustenta a ultradireita no Brasil, esse painel interdisciplinar discutirá suas origens, repertórios e mobilizações, dentro da tradição do campo de estudo de movimentos sociais, assim como a dimensão político-teórica dos discursos, símbolos e narrativas que dão sentido de mundo e orientam os atores. Além das abordagens da ciências política, da sociologia política e da antropologia política, as pesquisas desse painel têm um componente etnográfico que permite entender os processos políticos de construção de hegemonia combinando analiticamente os níveis micro e macro.

A VIRADA DIGITAL NA ASCENSÃO DA DIREITA RADICAL NO BRASIL E O LUGAR SOCIAL NO NEOLIBERALISMO.

DANNIEL GOBBI - HUMBOLDT UNIVERSITÄT BERLIN, ALEMANHA

A partir de 2013, um novo tipo de sujeito começa a ocupar as ruas do Brasil, trazendo um ativismo até então restrito a grupos pouco visíveis na esfera pública, mas bem organizado em arenas digitais. Com faixas como “Mais Mises e menos Marx” e “Meu partido é o Brasil”, essa nova direita articulava ao mesmo tempo elementos do pensamento nacionalista conservador com liberalismo econômico na disputa pela hegemonia das ruas e dos palácios. Essa combinação, aparentemente contraditória, se amplia ao que Lawrence Rosenthal denomina como o oxímoro do nacionalismo internacional, que consolida uma onda globalmente articulada de movimentos nacionalistas. A combinação do liberalismo econômico com valores sociais conservadores são, entretanto, parte constitutiva do pensamento neoliberal de Friedrich Hayek desde a década de 30, que enxergava nos mercados e nas tradições mecanismos muito mais poderosos do que a razão para organizar a vida social e garantir a maximização das preferências individuais. Nessa apresentação eu busco fazer uma ponte entre o teórico e o empírico explorando em que medida é possível afirmar que a virada à direita no Brasil reproduz o projeto liberal Hayekiano e em que medida o contradiz. Para esse fim, analisarei como liberalismo econômico e valores sociais conservadores aparecem ou são contrariados a partir das postagens no Facebook das cinco principais organizações de protesto que se articularam para a derrubada da presidente Dilma Rousseff entre 2015 e agosto de 2016 (Movimento Brasil Livre, Revoltados On-Line, Movimento Endireta Brasil, Movimento Nas Ruas e Vem Pra Rua). A partir de uma amostragem das postagens dessas organizações vis-à-vis as ideias de Hayek, exploraremos de que modo o imaginário político é expressado em suas mensagens nas redes sociais e se reflete, de algum modo, as ideias de Hayek.

“COMO UM GRUPO DE DESAJUSTADOS DERRUBOU A PRESIDENTE”: A CULTURA POLÍTICA DA NOVA DIREITA E SUA LUTA CONTRA O POLITICAMENTE CORRETO

BELÉN DÍAZ - FREIE UNIVERSITÄT BERLIN, ALEMANHA

No mundo inteiro, as forças contemporâneas da direita têm declarado uma cruzada contra os atores políticos que buscam avançar pautas de redução das desigualdades e defesa dos direitos sociais. Na procura de explicações para o sucesso desses movimentos, o debate às vezes fica dicotomizado entre abordagens que ressaltam mais ou os conflitos econômicos ou as chamadas “guerras culturais”. Deste modo, velhas discussões nas ciências sociais sobre díades conceituais tais como estrutura e superestrutura ou entre as ditas esferas material versus discursiva emergem como chaves para elucidar os novos processos de radicalização das direitas. Nessa apresentação, discuto como essa separação artificial entre economia e cultura se transforma em uma divisão analítica que negligencia os entrelaçamentos entre visões de mundo neoliberais e conservadoras, tanto nas estratégias políticas dos movimentos da “nova direita” quanto nas motivações que levam as pessoas a simpatizar com ou militar nesses espaços.

Para este efeito, estudo o Movimento Brasil Livre (MBL) como um dos atores que construíram o antipetismo e abriram caminho para a ascensão do bolsonarismo. As análises do documentário autoproduzido “Não vai ter golpe! O nascimento de um Brasil livre” e do livro “Como um grupo de desajustados derrubou a presidente. MBL: A origem” servem para refletir sobre as estratégias do movimento na luta pela definição da narrativa histórica. A partir de entrevistas em profundidade realizadas com líderes e apoiadores do MBL e da observação participante em eventos, investigo como a promoção do empreendedorismo e a crítica ao “politicamente correto” cria um terreno fértil antiesquerdista que mistura correntes ideológicas e símbolos de humor, produzindo culturas políticas cativantes. O intuito é examinar as continuidades e rupturas na representação, mobilização e construção de sujeitos políticos à luz do contra-ataque regional e global das direitas radicalizadas.

A SECURITIZAÇÃO DOS FUTUROS QUEER: ALIANÇAS RELIGIOSAS E A POLÍTICA LGBT+ NO BRASIL

ALRIK SCHUBOTZ - FREIE UNIVERSITÄT BERLIN, ALEMANHA

Sustentando uma parte ampla da base eleitoral de Jair Bolsonaro, o neopentecostalismo também é uma das forças que protagoniza a política anti-LGBT+ no Brasil. Lideranças neopentecostais como Silas Malafaia, R. R. Soares e Edir Macedo vociferam contra a suposta “ditadura gay” e conjuram cenários distópicos perante a “agenda homossexual”. Ao mesmo tempo, coordenam esforços com aliados evangélicos no executivo e legislativo para reverter proteções e direitos conquistados pelo movimento LGBT+. Junto com profissionais da psicologia e declarados “ex-gays”, a ministra Damares Alves, por exemplo, avança a causa da “cura gay” enquanto que o PL

do “Estatuto da Família”, introduzido por membros da bancada evangélica, pretende redefinir a família brasileira segundo padrões heteronormativos.

Esta contribuição analisa o discurso anti-LGBT+ de atores religiosos na política atual brasileira dentro do marco do discurso antigênero transnacional. A principal tese defendida é que para contestar os direitos e políticas LGBT+, estes atores enquadram-nos como um ataque à família nuclear tradicional e outros valores e instituições tradicionais, recorrendo a um repertório historicamente existente de securitização (dispositivos de segurança moralista, militarista e patologista-biologista), o que evidencia o entrelaçamento entre elementos “novos” e “velhos” no acionar da direita anti-LGBT+ no Brasil. As estratégias de securitização permitem aos atores religiosos associar os grupos LGBT+ e seus interesses políticos à antecipação de ameaças e riscos, bem como à decadência, corrupção e perversão, estabelecendo assim uma temporalidade política que se opõe à noção liberal do progresso e seu legado histórico no Brasil. Esta análise é baseada em artigos de jornais, em audiências transcritas de várias comissões parlamentares e sessões plenárias, bem como em entrevistas semiestruturadas com especialistas e protagonistas da área.

ROMPENDO O ARMÁRIO POLÍTICO: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PESQUISA SOBRE O ATIVISMO HOMOSSEXUAL NA DIREITA BRASILEIRA

RODRIGO CRUZ - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - UNL, PORTUGAL

Esta comunicação apresenta resultados preliminares de uma pesquisa de tese em andamento, cujo tema é o engajamento político de homens que se identificam simultaneamente como homossexuais e de direita no contexto brasileiro. Por meio de uma etnografia virtual, pesquisa documental na imprensa e entrevistas semiestruturadas com ativistas, foram identificados ao longo do trabalho de campo dois estilos de ativismo principais: um primeiro, de orientação predominantemente conservadora, que combina nacionalismo com defesa do Estado mínimo e liberdade sexual com preservação das tradições judaico-cristãs; e um segundo, de orientação predominantemente liberal, que exalta o livre mercado, a liberdade individual e a diminuição do papel do Estado. Embora quase sempre rivalizem entre si, ocupem espaços distintos no jogo político e possuam posições relativamente diferentes em relação aos movimentos LGBT+, estes dois estilos de ativismo compartilham algumas afinidades como, por exemplo, a defesa do capitalismo, da moralidade pública e dos limites do papel do Estado, além de uma linguagem altamente provocativa. Estas afinidades exprimem aquilo que Wendy Brown identificou como a conjugação contemporânea de duas tradições políticas aparentemente opostas: neoliberalismo e populismo de ultradireita, fenômeno que no Brasil assume contornos particulares. Considerando os resultados preliminares da pesquisa, pretende-se discutir o referido imbricamento, focalizando os desafios analíticos que ele impõe à investigação sociológica. Dessa forma, procura-se levantar as seguintes questões: a) De que modo os ativistas em estudo combinam quadros interpretativos neoliberais e conservadores e como esses quadros se relacionam com a defesa da liberdade sexual? b) Quais as consequências dessa aproximação do ponto de vista analítico? c) Há espaço para uma agenda pró-LGBT+ no programa das direitas emergentes?

JAQUELINE MORAES TEIXEIRA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A pesquisa de Jacqueline Moraes Teixeira frequentemente analisa as relações de gênero dentro das comunidades evangélicas, especialmente no ambiente da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), assim como a relação entre religião e esfera pública no Brasil. Em sua tese de doutorado, a antropóloga analisa a participação e visibilidade de sujeitos religiosos nos debates sobre questões controversas tais como o aborto, os direitos reprodutivos e o incentivo a modelos de família baseados em conjugalidades heteronormativas, buscando teorizar o espaço público como um local de produção e negociação de significados. Considerando a Teologia da Prosperidade uma pedagogia capaz de fundamentar as concepções econômicas e os engajamentos políticos, a antropóloga apresenta as especificidades teológicas e as práticas cotidianas desta instituição, trazendo à tona como suas formulações sobre sexualidade fazem do corpo feminino um alvo de controle e punição social e moral. Seu trabalho serve de estímulo para uma discussão mais compreensiva sobre os obstáculos ao desenvolvimento da democracia brasileira no atual momento de avanço da ultra-direita e do conservadorismo.

A7 PAINEL

BRASIL: DESAFIOS ECONÔMICOS, SOCIAIS E POLÍTICOS NA ÉPOCA DE COVID-

19

Após um período turbulento de crise econômica e política, o Brasil agora enfrenta um dos maiores desafios de sua história: combater a pandemia Covid-19. A crise de saúde que a pandemia representa impacta todos os aspectos da sociedade, política e economia do Brasil. Este painel tenta analisar alguns dos principais aspectos da crise atual e avaliar os passos que o Brasil está tomando - e precisará dar - se quiser emergir mais resiliente e mais capaz de realizar seu potencial e satisfazer as aspirações de sua população. Tópicos importantes tratados por este painel incluem a agenda de reformas estruturais econômicas; o desenvolvimento de políticas públicas de saúde; a mudança das relações internacionais do Brasil e o papel do populismo político na definição de escolhas políticas. Um tema comum que emerge é a importância do legado institucional e estrutural. As escolhas políticas hoje, e o

ambiente que as molda, são fortemente influenciados pela natureza única do processo de desenvolvimento do Brasil, o caráter de sua sociedade e a forma de suas instituições culturais, políticas e econômicas. Embora a sociedade brasileira seja capaz de se reinventar e superar obstáculos arraigados ao desenvolvimento, os trabalhos apresentados neste painel deixam claro que ainda existem sérios obstáculos. Questões como corrupção, desigualdades arraigadas, populismo e a posição do país na divisão global do trabalho precisarão ser abordadas se o Brasil quiser escapar com sucesso da crise atual. Espera-se que este painel estimule um debate produtivo à medida que o Brasil enfrenta escolhas políticas sérias.

BRAZIL'S STRUCTURAL REFORM AGENDA: RECENT TRENDS AND THE IMPACTS OF COVID-19

EDMUND AMANN - LEIDEN UNIVERSITY, HOLANDA

This paper discusses the recent evolution of structural economic reforms in Brazil. These are commonly regarded as essential if Latin America's largest economy is to realize its potential and embark upon a path of sustainable, inclusive growth. Developments in the areas of pensions reform, taxation reform and key supply side measures are evaluated, and their potential long terms effects considered. An attempt is also made to gauge the consequences of the global pandemic for the reform programme and economic performance over the short and medium term. The paper establishes that the reform agenda needs to confront serious and entrenched structural obstacles to accelerated, inclusive growth. These stem from the particular nature of Brazil's development process, in particular the character of business-state relations. As the struggles of the current and previous administrations to advance structural reforms demonstrate, it can prove exceedingly difficult to confront established interest groups and effect meaningful institutional changes. Such an engagement is essential in the facilitation of a more dynamic and equitable economy. Recent evidence suggests that the pace of the reform process is slowing down and this paper will consider why this has been the case. In this connection the roles of lobby groups, the evolution of state owned enterprises and the legacy of Vargas era corporatism are considered. The paper concludes by summarising the prospects for further reforms in the light of the pandemic, the onset of the 2022 presidential and congressional elections, and the possibility of – post Trump – an acceleration of international economic integration.

A HISTÓRIA DA SAÚDE PÚBLICA E COVID-19 NO BRASIL: ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A DEMOCRATIZAÇÃO

JERRY DAVILA - UNIVERSIDADE DE ILLINOIS, ESTADOS UNIDOS

Este trabalho analisa interseções entre políticas de saúde pública e formação nacional no Brasil. Das epidemias de febre amarela no século XIX à gripe espanhola e, nas últimas décadas, as epidemias de HIV, zika, chikungunya e COVID-19, a história de crises de saúde é estreitamente ligada ao desenvolvimento do estado, de interpretações de identidade nacional, e a correntes políticas. A comunicação situa a experiência atual com a pandemia entre duas tendências: primeiro, na história de racialização de políticas sociais e o uso de ideias sobre doença e saúde como formas de hierarquização e exclusão; e segundo, a na criação de políticas e instituições de saúde pública como veículos de desenvolvimento e de democratização. No contexto do COVID-19, as ações por parte do governo federal refletem essas duas tendências de marginalização e de democratização – tendências que parecem contraditórias, mas que coincidem na história da saúde pública. Por um lado, a Constituição de 1988 articula a saúde como direito, e dedica uma seção inteira às obrigações do governo federal e à articulação do Sistema Único de Saúde. A elaboração de um sistema nacional de saúde pública tornou-se uma das ações mais concretas e de maior alcance tomadas dentro do contexto do processo de democratização iniciada depois do fim do regime militar. Por outro lado, o desleixo do presidente em resposta à pandemia tem resultado numa atuação inconsistente por parte do Ministério de Saúde e os órgãos de saúde pública que se reflete nos atritos entre o Ministério e o Instituto Butantã cuja atuação resultou na co-produção de uma das principais vacinas contra COVID-19. E mais, a reação federal colocou em mãos de estados e municípios obrigações com saúde pública que desde a gripe espanhola passavam a se concentrar na atuação federal.

BRAZILIAN FOREIGN POLICY CONTINUITY AND CHANGE UNDER BOLSONARO

MARUKH DOCTOR - UNIVERSIDADE DE HULL, REINO UNIDO

When Jair Bolsonaro was elected to the presidency in 2018 all eyes were focused on what he would do on the domestic policy front. There was very little discussion of his stance on foreign policy issues, unsurprising given that Brazilian voters rarely make their electoral choices based on foreign policy issues. However, once Bolsonaro took office, it soon became apparent that many foreign policy changes were in the offing. That is, not just a rollback of the previous PT governments' foreign policies, but instead an overhaul or disregarding of some key tenets and principles of Brazilian foreign policy. The paper discusses whether there are elements of continuity, but mainly focuses on analysing the changes in various aspects of Brazilian foreign policy. To do so, it considers a variety of foreign policy issue areas, including relations with and positions in multilateral organisations, approach to regional integration and regional leadership, trade policy, and climate change negotiations. The analysis will consider both domestic and external factors shaping Bolsonaro's foreign policy decisions and actions in the context of the Covid-19 pandemic. Thus, on the domestic front, it examines domestic political conditions, ideological preferences and societal influences on diplomacy. On the external front, it considers the impacts of global power shifts, increasing scepticism about globalisation amid growing nationalism and protectionism, the European Union's tougher stance

on environmental issues, the relevance of Trump's electoral loss alongside Biden's foreign policy agenda, and China's growing diplomatic assertiveness on the global stage. The paper applies two theoretical-analytical lenses to understanding Brazilian foreign policy during the Bolsonaro presidency: realism and strategic diplomacy.

BRAZILIAN NATIONAL POPULISM IN COMPARATIVE PERSPECTIVE'

ANTHONY PEREIRA - KING'S COLLEGE LONDON, REINO UNIDO

The last few decades have seen the rise of national populist social movements, political parties, and governments in both democratic and semi- and non-democratic regimes. National populism merges nationalism, an ideology that claims that there exists a unique nation deserving of recognition and autonomy (Breuilly 2013: 1-2), with populism, defined by Mudde and Rovira Kaltwasser (2017:6) as an ideology that divides society between a "pure people" and a "corrupt elite" and which claims to give voice to the general will of the former. National populist politicians lead a variety of different countries including, it could be argued, Brazil, and have been accused of contributing to "de-democratization" in some of those countries. This paper analyses the Brazilian case of national populism in comparative perspective, seeking to make some preliminary conclusions about how the Brazilian case is similar to and different than others. It looks at economic policy, foreign policy, human rights, and gender and racial equality, as well as the nature of the populist support base, including the role of churches and the armed forces and police. The paper will prove of interest to all those with an interest in contemporary Brazilian politics and society. In the light of the current pandemic and the hard policy choices it generates, an understanding of the role of populism in broader comparative perspective is indispensable if one is to comprehend the direction Brazil is now taking. This paper aims to contribute to the intense debate which is now taking place regarding the way forward after one of the most serious crises since the return to civilian rule in 1985.

APOROFOBIA E POLÍTICA CRIMINAL DE EXCLUSÃO NO BRASIL

MARILIZE DA SILVA BENTES - UNIVERSIDADE DE SALAMANCA, ESPANHA

O presente trabalho tem por finalidade fazer uma relação do conceito de aporofobia com a realidade do sistema penal brasileiro. Como tão bem identificou e conceituou a filósofa espanhola Adela Cortina, "aporofobia" representa o ódio e rechaço ao pobre, pelo único fato de sê-lo. O estudo e análise do novo termo possibilita sua aplicação em vários ramos do conhecimento, como por exemplo, o Direito Penal e a Criminologia. É importante ressaltar a importância da criação do referido termo, uma vez que sua existência permite a denúncia de uma "patologia social", cujo estudo possibilita desvendá-la, trazê-la a conhecimento não apenas da comunidade científica, como também da sociedade em geral, com o fim de tratá-la, ou, quiçá, erradicá-la, para que se estabeleça o respeito e a dignidade da pessoa humana.

A8 PAINEL

ECONOMIA DO LIVRO: DIÁLOGOS POLÍTICOS E RELAÇÕES CULTURAIS NO BRASIL (I)

O livro se afirma, cada vez mais, como um objeto de pesquisa para os historiadores, sociólogos, beletristas e outros pesquisadores das ciências humanas e sociais. Os trabalhos das respectivas áreas se diversificam nas perspectivas econômica, política, e cultural, e essa realidade não poderia ser diferente para os estudos brasilianistas. A história do Brasil passa pela relação da sociedade com as mídias impressas. Estas, por seu turno, dinamizam desde atividades do comércio e da indústria, passando pelas redes educacionais e culturais que promovem o seu consumo, até chegarmos em instituições e organizações políticas nas quais o livro se torna um instrumento de ação. Em todas essas esferas os circuitos do impresso e, de modo particular, do livro estabelecem redes que conectam a realidade brasileira e seus sujeitos nacional e internacionalmente.

Consideramos para este painel a ideia de economia do livro, tal como a conceberam Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, em *O Aparecimento do Livro*, de 1958. O livro, a partir dessa abordagem, deve ser entendido como fermento que mobiliza relações humanas de produção e sociabilidade, podendo contribuir para o surgimento de processos de transformação social. No que diz respeito à tradição brasileira, e brasilianista, é preciso lembrar o estudo clássico de Laurence Hallewell, cuja análise se voltou preferencialmente para os profissionais do livro, com especial atenção para os editores.

Com a proposta do painel, pretendemos reunir pesquisadores que se dedicam a construir uma história do livro no Brasil. A este campo de estudos interessa agregar pesquisas de diferentes áreas em uma perspectiva de debate sobre o livro e seu papel em relação aos circuitos de produção e circulação livreira, trajetórias individuais e coletivas de intelectuais e profissionais do livro, circulação de ideias, conceitos e debates a partir de edições, bem como a relação do livro com trocas diplomáticas, movimentos sociais, bibliotecas e instituições.

O ROMANCE DE AUTORIA FEMININA ATRAVÉS DOS CATÁLOGOS DE EDITORAS BRASILEIRAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

GIULIA MANERA - UNIVERSITÉ DE GUYANE, FRANÇA

A análise dos catálogos das editoras das primeiras décadas do século XX, mostra que o desenvolvimento do leitorado feminino representa um fenômeno de mercado significativo e inédito, que contribui para o triunfo do gênero romance. No começo dos anos trinta, de fato, um terço dos romances publicados no país, de autores brasileiros ou estrangeiros, pertencem a coleções para o público feminino. Biblioteca das moças, Grandes romances para Mulheres, Biblioteca da Mulher, as coleções para mulheres ou moças se multiplicam e os editores rivalizam na tentativa de captar o novo segmento de público feminino. Mas quais são os gostos dessas novas leitoras?

Os dados revelam que a literatura para mulheres é, muitas vezes, uma literatura escrita por mulheres. A equação é simples: se o leitorado feminino aumenta e se, como as fontes o indicam, as mulheres leem prevalentemente romances e, sobretudo, romances escritos por mulheres, as publicações de livros de autoria feminina devem aumentar significativamente, bem como o número de escritoras. Apesar da emergência desse fenômeno inédito, que representa uma porção importante do mercado editorial da época, essa produção permanece, todavia, confinada nas margens do processo literário nacional. Considerada ab origine como não literária e menor, a literatura de e para mulheres é, de fato, ignorada pela crítica e esquecida pela historiografia. Autores e romances marcados pela estigmas do “feminino” tendem a desaparecer da tradição literária, apesar de tiragens importantes e do sucesso de público.

A partir dessas considerações preliminares, o estudo pretende considerar a categoria de “literatura feminina” tal qual ela se apresenta nas primeiras décadas do século XX, na finalidade de analisar o funcionamento das atribuições de gênero na organização do mercado editorial brasileiro da época.

DOMÍNIO E CONTRA-DOMÍNIO EDITORIAL: BASCULAÇÕES ENTRE PORTUGAL E BRASIL EM MEADOS DO SÉCULO XX

NUNO MEDEIROS - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (IHC - NOVA FCSH) E INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA (IPL-ESTESL/H6TRC), PORTUGAL; E EMANUEL CAMEIRA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (IHC - NOVA FCSH), PORTUGAL

Nesta comunicação aborda-se a relevante dimensão da inserção do livro português num espaço de circulação internacional, no caso a circulação inter-atlântica com o Brasil. Durante todo o século XIX e as primeiras décadas do século XX, o comércio transatlântico do livro no espaço luso-brasileiro foi claramente assimétrico, constituindo o Brasil para os agentes do sector do livro em Portugal um prolongamento natural do mercado e um território importador do livro, posicionamento devido em larga medida à incipiente indústria do livro brasileiro. O grande e rápido desenvolvimento que a indústria gráfica e editorial brasileira sofreu na primeira metade do século XX produziu profundas alterações na circulação do impresso e nos fluxos tradicionais do livro no espaço Atlântico falante do português. Analisa-se aqui o ponto de vista da edição portuguesa nos modos variados como os seus agentes foram percebendo o Brasil enquanto centro produtor e disseminador do livro, e como as mudanças suscitadas foram ocorrendo num contexto de oscilação – e tensão – entre discursos amarrados a uma época de ouro (ou imaginada como tal), que ficava relutantemente para trás, e práticas de colaboração efectiva entre os universos tipográficos português e brasileiro, essencialmente suportadas na actuação de editores individuais.

EDIÇÃO E PENSAMENTO UNIVERSITÁRIO: A CONSTRUÇÃO DA EDITORA DIFEL NO MERCADO BRASILEIRO (1951-1960)

FABIANA MARCHETTI - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A editora Difusão Europeia do Livro (Difel) na cidade de São Paulo, no ano de 1951. Seu editor, Paul-Jean Monteil, era também o proprietário da Livraria Francesa, fundada alguns anos antes, em 1947. Na relação entre as duas empresas, Monteil inicia as atividades da Difel a partir dos direitos de impressão e distribuição de traduções portuguesas da editora Bertrand no Brasil. Essa posição, polêmica, em um mercado que pretendia fortalecer a cadeia de produção do livro nacional, transforma-se rapidamente e de forma inovadora. Mantendo uma política editorial de traduções, Monteil dirige suas escolhas através do potencial profissional e das demandas de leitura produzidas pelo público universitário.

O processo de modernização do ensino superior, marcado na capital paulista pela fundação da Universidade de São Paulo, não contava ainda com uma editora universitária em nenhuma região do país. Apesar dos grandes projetos de editoras tradicionais no mercado, essa ausência se sentia na falta de compatibilidade de seus projetos editoriais com a produção acadêmica, em suas novas ferramentas metodológicas de formação e novos meios de produção do conhecimento. A Difel passa a traduzir livros e coleções inteiras, vindas dos projetos universitários mais modernos do mercado editorial Francês. Além disso, a editora se conecta com a universidade para produzir as edições brasileiras: professores e estudantes se engajam da coordenação à tradução, atuando como intelectuais e também como profissionais do mundo livro.

Essas características, conforme se pretende demonstrar, colocam a Difel como um estabelecimento de vanguarda na produção do livro nacional e mediadora nos processos de circulação internacional do livro e dos principais debates intelectuais da segunda metade do século XX. O desenvolvimento de sua política editorial trabalhará a favor não apenas do livro universitário, mas da circulação de um pensamento universitário brasileiro.

EDITORA UNB E A BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO NO MERCADO EDITORIAL UNIVERSITÁRIO (1961-1964)

MARISA MIDORI DEAECTO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A Editora da Universidade de Brasília foi fundada em 1961, sob a direção de Artur Neves. Informação altamente reveladora, dado o seu protagonismo no mercado de livros paulista na década de 1940, à frente da Brasiliense, em parceria com Caio Prado Jr. e Monteiro Lobato. O momento era de otimismo, afinal, a abertura de uma universidade na recém-criada capital do Brasil vinha de par com o projeto nacional-desenvolvimentista assumido pelo governo João Goulart. Podemos mesmo dizer que o programa editorial da Ed. UnB era apresentado de forma tão munificente e ousada quanto o fora a construção de Brasília e de sua primeira universidade. Celebrava-se, enfim, o princípio da Educação como um pilar para o progresso brasileiro, segundo seus principais ideólogos. Com base nessas premissas, nossa intervenção se propõe a apresentar e a avaliar o sentido da Coleção Biblioteca Básica Brasileira, projeto inaugural da Ed. UnB, que reuniu os intelectuais Darcy Ribeiro e Nelson Werneck Sodré em torno da constituição de um repertório bibliográfico destinado a conhecer o Brasil.

TERÇA-FEIRA 21. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B

B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

DESIGUALDADES SOCIAIS

QUASE DA FAMÍLIA? TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E SEXUAIS NA FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

JULIA ABDALLA - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

Esse trabalho propõe uma reflexão sobre crise política, gênero, raça e classe no Brasil a partir de uma perspectiva centrada nas experiências históricas de trabalhadoras domésticas e sexuais. O texto procura fundamentar as bases para uma discussão sobre raça, gênero e outros marcadores da diferença em sua relação com os atuais processos de erosão democrática no país, levando em conta a importância numérica, a manutenção de um perfil racial e de gênero e a permanência histórica dessas profissões na sociedade brasileira. Na primeira parte, articulo uma seleção de trabalhos antropológicos, sociológicos e dos estudos urbanos que reconstituem as trajetórias dessas trabalhadoras na esfera pública da virada do século XIX para o XX. Tais análises sinalizam imbricações entre os trabalhos exercidos por essas mulheres, a reconstituição do espaço urbano no Brasil após o fim da escravidão e particularmente a partir dos anos 1930, e a constituição e acionamento de imagens, estereótipos e papéis atribuídos por raça, gênero e classe ao longo desses processos. Em seguida, caracterizo brevemente as trajetórias de organização coletiva e busca e obtenção de direitos de ambas as categorias, enfatizando o período recente, a partir dos anos 2000, quando verificamos progressos mais significativos nesse sentido. Dialogando com parte da bibliografia brasileira sobre a recente ascensão conservadora e das “novas direitas” no país, por fim, situo tais categorias trabalhistas em relação à instabilidade política e ao imaginário conservador. Nesse percurso, procuro encaminhar pistas e questões levantadas ao longo de um trabalho etnográfico realizado com uma frente feminista negra paulista entre 2016 a 2018, orientando-me pelas seguintes perguntas: como profissões tão relevantes na sociedade brasileira participam da sociabilidade e influenciam sua conformação moral e política? Considerando a predominância de mulheres não brancas nessas atividades, de que modos tais profissões operam para caracterizar a experiência social dessas mulheres?

A EXPERIÊNCIA DOS NÃO-HERDEIROS: RELAÇÕES ENTRE HERANÇA SIMBÓLICA E CULTURA ACADÊMICA

MARIANA MARTINELLI DE BARROS LIMA - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

A herança simbólica e material selecionada para o sistema de ensino universitário brasileiro esteve historicamente atrelada à posse do capital cultural e econômico, objetivado pela chancela do diploma universitário dos pais, e a trajetória escolar realizada no sistema de ensino privado. Esta pesquisa argui sobre a experiência estudantil dos agentes cuja socialização foi ausente dessa herança, não-herdeiros, do curso de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Este objeto faz-se heurístico na medida em que analisa sobre as trajetórias e experiências sociais de agentes em intenso deslocamento de suas origens sociais, compreendendo a relação entre herança não-tradicional e a cultura acadêmica desta universidade pública tradicional e prestigiada do eixo Sudeste brasileiro. No contexto do primeiro decênio dos anos 2000, no qual foram concretizadas mudanças no acesso ao sistema de ensino superior nacional, a inaugural categoria analítica não-herdeiros permite a apreensão dos modos pelos quais se transfiguram socializações com herança não tradicionais em experiência estudantil no sentido das formas pelas quais esse processo de transfiguração ocorre, das formas pelas quais se estruturam e reestruturam as fronteiras simbólicas escolares e, sobretudo, das formas subjetivas e objetivas pelas quais a experiência estudantil é tecida, em relação com a cultura acadêmica. O desenho de pesquisa, de metodologia qualitativa, contou com um trabalho de campo

baseado em entrevistas em profundidade com 16 graduandos não-herdeiros do curso de ciências sociais, do IFCH, considerando indicadores sociais relevantes às desigualdades sociais durante o processo de socialização e experiência acadêmica: gênero; raça/etnia; ano de formação. Isto posto, visou a apreensão relacional da realidade, a relação entre a dimensão estrutural e a dimensão construtiva de suas experiências estudantis e da cultura acadêmica.

PRÁTICAS DE MULHERES EXTRATIVISTAS NA PRODUÇÃO DE TERRITÓRIOS DE TRABALHO E VIDA

MÔNICA VILAÇA SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, BRASIL

Proponho compartilhar dados e análises parciais da pesquisa de doutorado em andamento sobre a organização de territórios de trabalho e vida a partir do trabalho extrativista realizado por catadoras de mangaba do estado de Sergipe, localizado no Nordeste brasileiro. As mulheres catadoras de mangaba formam uma comunidade tradicional composta apenas por mulheres que vivem da cata de frutos nativos nas áreas litorâneas. O trabalho realizado por estas mulheres é compreendido como a prática que significa e organiza a comunidade econômica e culturalmente. Os territórios de povos e comunidades tradicionais no Brasil são marcados pela realização secular de práticas de trabalho construídas em profunda imbricação com o uso e preservação de biomas, frutos nativos, rios e mares. Estes modos de vida passam a ser reconhecidos no Brasil a partir do ano de 2003 com a ratificação da convenção 169 da OIT o que tem levado a um processo de identificação e reconhecimento de territórios a partir das práticas de trabalho neles realizados.

Estas práticas de trabalho definem a organização do tempo e das dinâmicas sociais, políticas e culturais das comunidades, dos processos de aprendizagem e partilha de conhecimento entre as gerações, dos valores de uma economia moral que organizam o cotidiano. Compreendendo que estas formas de trabalho relacionam trabalho produtivo e reprodutivo convida-nos a uma reflexão ampliada das dinâmicas de trabalho, compreendidas aqui como integradas. Um outro aspecto que surge é a análise de como estes trabalhos produzem os territórios na relação de interdependência das comunidades com os territórios, compreendendo o trabalho como produção de vida. Assume centralidade refletir sobre a produção destes territórios e as relações conflituosas das dinâmicas hegemônicas de fragmentação das experiências de trabalho produtiva e reprodutiva que os cercam, assim como dos valores morais que apoiados na individualidade e independência questionam estes modos de vida.

AMEAÇA DO DESEMPREGO E DA DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL: O CASO DA PRIVATIZAÇÃO DE UMA SIDERURGIA DE MINAS GERAIS

FLAVIENE LANNA - EHESS. PARIS, FRANÇA

Afim de tornar as empresas “atrativas” para os potenciais compradores, as demissões de milhares de trabalhadores foram um ponto em comum nas privatizações das siderurgias brasileiras. Na Açominas, situada na região central do Estado de Minas Gerais e privatizada em 1993, quase a metade dos seus funcionários foi dispensada ou aderiu a planos de demissão voluntária. Partindo de uma pesquisa etnográfica realizada junto a trabalhadores da usina siderúrgica que “sobreviveram” às dispensas, este estudo procurará analisar a experiência de viver sob a ameaça de perder seu emprego e, em consequência, sob a ameaça de desqualificação social que resultaria. Para entender esta percepção, uma explicação sobre a regulação legal das dispensas no direito brasileiro se faz necessária, e uma breve comparação com o direito francês se faz interessante. Tratar-se-á de apreender os efeitos das demissões massivas sobre aqueles que permaneceram empregados e de compreender alguns dos efeitos que esta ameaça permanente exerceu e exerce sobre o trabalho cotidiano.

CAVALOS, COMUNIDADES E A ‘NOVA ECONOMIA EQUINA’: UMA HISTÓRIA DO SUL DO BRASIL.

MIRIAM ADELMAN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, BRASIL

A vila de São Luiz do Purunã está localizada no coração de uma rota histórica (a antiga rota do gado tropeiro brasileiro) e de um ecossistema único - de fato, uma área de preservação ambiental atualmente sob ameaça. Também fica a apenas 50 quilômetros da capital do estado, Curitiba. Esses diversos fatores tornaram São Luiz um local muito procurado nas últimas décadas, chamando a atenção de incorporadores, empresários do turismo, e moradores urbanos em busca de lugares e momentos de esporte e lazer na natureza. A atual crise da COVID intensificou ainda mais os processos de atração de residentes urbanos ricos para a região, principalmente para a compra de segundas residências ou propriedades de férias. Por sua vez, isto colocou a comunidade local ou 'nativa' - incluindo agricultores, assim como famílias que descendem dos tropeiros, quase todos possuindo habilidades equestres tradicionais - em meio a situações muito emblemáticas da 'turistificação' e 'gentrificação' do campo. Etnografo um caso particular, mas vinculado a muitos outros contextos específicos em que a vida rural brasileira é (re) apropriada por diversos grupos que se relacionam com a cultura equestre como um recurso, e como objeto de disputa social, cultural e econômica. Também reforça minha hipótese sobre o papel fundamental do cavalo e da cultura na vida e na sociedade brasileira, passada e presente.

LITERATURA MODERNA

“EU TAMBÉM SOU INTRADUZÍVEL”: SOBRE COMO ALEXANDRE VIDAL PORTO ADAPTOU A POESIA DE WALT WHITMAN EM SUAS NARRATIVAS

PATRÍCIA ANZINI - UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, PORTUGAL

“Este livro não teria nascido sem Walt Whitman, sobretudo sem o ‘Crossing Brooklyn Ferry’. Foi com essas palavras que o escritor contemporâneo brasileiro Alexandre Vidal Porto me apresentou o seu segundo romance Sergio Y. Vai à América, publicado no Brasil em 2014, quatro anos antes dessa nossa conversa casual durante uma conferência de escritores brasileiros realizada em Chicago (EUA), em 2018. De fato, Sérgio Y. está repleto de referências ao autor de Leaves of Grass (Folhas de Relva, na tradução brasileira), que vão desde motivos whitmanianos explícitos (como a ponte, o embaçamento de gênero, a passagem do tempo, o homossexualismo), à narrativa temática principal que o protagonista Sérgio percorre no decorrer do livro: a sua procura incessante de uma identidade.

Primeiramente, proponho para esta apresentação expor a presença dominante de Whitman tanto em Sérgio Y. vai à América como em Cloro, o seu mais recente livro publicado em 2018. Destaco alguns dos aspectos temáticos e referências explícitas de que Vidal Porto faz uso nesses livros para dialogar com poemas e motivos icônicos de Folhas de Relva. A partir dessa exposição, abro espaço para discutir de que forma as suas “traduções adaptadas” de alguns poemas de Whitman—termo cunhado pela poetisa brasileira Ana Cristina Cesar—funcionam como ferramenta estilística para o escritor estruturar o seu processo criativo e reimaginar as suas narrativas. Além de contemplar o trabalho de Vidal Porto com leituras críticas de maior fôlego, o objetivo desta apresentação é o de também continuar trazer à tona o legado ainda existente da poesia de Whitman na literatura brasileira contemporânea.

EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS EM O VERÃO TARDIO, DE LUIZ RUFFATO

ALINE MOURA - NONE, BRASIL

O Verão Tardio, décimo romance do escritor brasileiro Luiz Ruffato, acompanha os últimos cinco dias da vida de Oséias em sua cidade natal, Cataguases, para onde retorna após descobrir ter uma doença em estágio terminal. Nessa pequena cidade no interior de Minas Gerais, vivem seus irmãos Rosana, uma diretora de escola que é viciada em práticas esportivas, Isabel, uma costureira que vive na miséria, e João Lúcio, dono de uma próspera empresa de móveis. Apesar dos esforços do protagonista, seus irmãos não querem compartilhar e reviver as memórias da infância e juventude, principalmente por causa da tragédia familiar que marcou o destino de todos, o suicídio da irmã Lígia, quando ainda tinha quinze anos. Narrado em primeira pessoa, o romance justapõe o presente de Oséias, em que ele perambula pela cidade, fazendo descrições curtas de suas atividades, inclusive as fisiológicas, e o seu passado, constantemente lembrado pelo personagem em sua busca pelo sentido da vida. Essa estratégia narrativa, além de mostrar o isolamento e a melancolia de Oséias, também captura o que muitos estudiosos têm identificado como uma mudança da experiência temporal contemporânea. Para François Hartog e Hans Ulrich Gumbrecht, avanços midiáticos e tecnológicos ocasionam uma transformação na nossa percepção temporal, em que o passado, em vez de ser deixado para trás, passa a ser incorporado ao presente. Esse último, portanto, estaria em constante expansão e englobaria diversas curvas temporais. Essa experiência contemporânea do tempo, denominada “presentismo” por Hartog e “presente expandido” para Gumbrecht, desafia a percepção moderna de temporalidade – baseada em uma perspectiva linear e progressiva – na qual o passado era fonte de conhecimento para o futuro. Segundo Gumbrecht, o sujeito cartesiano característico da modernidade é substituído por um eu fragmentado, que experimenta simultaneamente diversas curvas temporais em seu corpo. Este trabalho propõe a hipótese de que o romance O verão tardio consegue apreender aquela experiência temporal contemporânea ao empregar recursos estilísticos que representam uma coexistência entre múltiplas curvas temporais. Dessa forma, argumenta-se que Oséias vive simultaneamente no presente e no passado, consequentemente, o impedindo de vislumbrar seu futuro. Desejando estabelecer um sentido para sua vida, ele retorna à Cataguases com a intenção de fazer as pazes com seu passado. No entanto, a impossibilidade de alcançar esse objetivo, faz com que ele tome atitudes drásticas. Com o objetivo de comprovar a hipótese defendida por esta apresentação, serão analisados os recursos linguísticos utilizados em O verão tardio que conseguem capturar as experiências contemporâneas conforme proposto por Gumbrecht e Hartog.

A POESIA DE AFFONSO ÁVILA: UM OLHAR SOBRE O RECURSO DA REPETIÇÃO EM SUA PRODUÇÃO POÉTICA

CAROLINA ARAÚJO AGUIAR FRANCO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, BRASIL

A poesia brasileira sempre foi solo fértil para a manifestação de grandes escritores, porém muitos deles carecem de uma revisita às suas obras para uma revalorização de sua produção. É o caso de Affonso Ávila (1928-2012), poeta mineiro que teve seu nome reconhecido por seus estudos sobre o Barroco no Brasil, em especial sobre o Barroco Mineiro. Especialista no assunto e em contato direto com a vanguarda nas décadas de 50/60, Ávila traz

em sua produção poética uma junção do antigo com o contemporâneo somado a um domínio da escrita literária. Valendo-se de sua destreza com o léxico e conhecimento aprofundado das vertentes literárias, em especial as de manifestação brasileiras, o poeta possui uma coleção diversificada de obras literárias que se transmutam a cada nova escrita, absorvendo e utilizando dos inúmeros recursos linguísticos e estruturais aos quais tivera contato. Apesar dessa variedade em sua escrita, pode-se observar que o mesmo faz uso recorrente em sua obra de um recurso ao qual detivemos o nosso estudo, o recurso da “repetição”. Não a repetição como vazio de informações novas e sim como reescrita, ressignificação do termo, conceito esse amplamente discutido por Gilles Deleuze (1925-1995) em sua obra “Diferença e Repetição” (1968), e, portanto, utilizado como referência teórica para essa análise.

BRANQUITUDE BIZARRA: RETRATOS LITERÁRIOS DA MIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA E O CONTEXTO RACIAL BRASILEIRO

RAMON STERN - PESQUISADOR INDEPENDENTE, ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA

Como situar os sírios-libaneses em relação à branquitude no Brasil? Nessa apresentação, argumento, a través de fusionar leituras da literatura de Raduan Nassar e Milton Hatoum com preceitos dos estudos da branquitude adaptados ao contexto brasileiro, que os sírio-libaneses ocupam um lugar entre Orientalismo e branquitude simultaneamente no Brasil, ou seja, uma branquitude distinta aos europeus, e também uma branquitude violentamente clara em relação à negritude e a indigeneidade. Nem os termos “proximidade à branquitude” nem o conceito dominante da branquitude no Brasil conseguem explicar a simultânea ambivalência e clareza do posicionamento racial dos sírio-libaneses no Brasil. Sugiro o conceito de uma “branquitude relacional” que tem uma certa mobilidade dependendo em relação a quem se coloca.

JAMES BALDWIN NOS TRÓPICOS

JÁNDERSON ALBINO COSWOSK - INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Este trabalho se propõe a apresentar a pesquisa em curso de título homônimo à apresentação, cujo cerne reside no rastreamento dos vestígios da circulação e recepção na América do Sul da obra ensaística e literária do escritor afro-americano James Baldwin através da tradução, seja em língua portuguesa, iniciada e estagnada no Brasil dos anos 1960, dado o contexto da ditadura militar, e retomada tardiamente em 2018; seja em língua espanhola pelos países adjacentes do cone sul-americano. Condideraremos o tempo análogo de tradução em solo brasileiro, recepção e impactos sobre a geração sessentista e setentista do século XX, bem como a contemporânea, de ativistas, pensadores e artistas negros/as sul-americanos que confrontavam e ainda enfrentam a violência de cunho racial em espaços que compõem a geografia da Afro-Latino-América, ao reconhecerem nos livros do escritor afro-americano, vertidos em suas respectivas línguas maternas, formas de enfrentamento ao racismo estrutural. Sob um prisma que privilegia o Brasil contemporâneo, exploraremos o modo pelo qual Baldwin (1961) influenciou a organização da exposição The Discovery of What It Means To Be Brazilian (2020) ocorrida em Chicago, a qual contemplou obras plásticas e fotográficas de artistas afro-brasileiros. Discutiremos o modo que a escritura baldwiniana pode iluminar o debate sobre o passado eugênico e escravocrata do Brasil e a manutenção do racismo no território brasileiro enquanto dispositivo que estrutura as relações de poder.

B3 PAINEL

O BRASIL E SEUS PROJETOS DE MODERNIDADE: ARTE, CRÍTICA E ARQUITETURA EM QUESTÃO (1940-1970)

No Brasil, os anos compreendidos entre 1940-1970 constituem-se como chão para diferentes formas de reinvenção do campo artístico, da crítica, da arquitetura, da comunicação e de outros setores da sociedade. Durante este tempo, diversos projetos emergem de contextos plurais e lançam plataformas de atualização das formas de pensar e ser moderno em todo país. Neste contexto, são criados os Museus de Arte Moderna (no Rio de Janeiro e São Paulo), conformam-se as Bienais de São Paulo, é criada a Associação Brasileira de Críticos de Arte, formam-se associações artísticas, além do aparecimento, por todo país, de poéticas artísticas individuais e coletivas. Para além desta efervescência local, há ainda um forte processo de internacionalização que passa a incidir sobre todas estas esferas da sociedade, ampliando os laços econômicos e de referencialidade intelectual. Em meio a tamanhas transformações e ideias nesse processo de atualização e alargamento de fronteiras artísticas e intelectuais, cabe ainda hoje refletir sobre os tensionamentos e confluências destes lugares e projetos que operaram significativas alterações nos cenários locais e lograram projeção ao Brasil na cena cultural internacional. Com este intuito, este painel deseja reunir pesquisadores e pesquisadoras interessados nos diferentes projetos de modernidade, ocorridos no Brasil e no recorte temporal compreendido entre os anos 1940-1970, notadamente aqueles que possuam relação com o espectro artístico-cultural, com vistas a elucidar os seus desdobramentos e validade no quadro contemporâneo.

DISCURSOS CRÍTICOS EM DISPUTA: A FACETA DIDÁTICA DA CRÍTICA DE ARTE NOS ANOS 50 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SHANNON BOTELHO - COLÉGIO PEDRO II | UFRJ

Dada a conformação de espaços dedicados à atividade judicativa nos anos 50 – com a ampliação dos espaços de imprensa, a criação de associações de críticos (ABCA e AICA) e a ampliação dos espaços de trocas de ideias –, o foco da crítica de arte passa a concentrar-se sobre os meios de formação intelectual da sociedade em relação aos conhecimentos referentes ao campo artístico. Tempo de grandes transformações sociais e de formação de um sistema comunicativo moderno, a crítica de arte sofre um processo de reconfiguração, institucionalização e periodização na imprensa. Ainda em meio a esta nova realidade, punha-se a disputa entre os adeptos da abstração e da arte figurativa, onde a crítica de arte assumia novos contornos e vislumbrava novos horizontes conceituais, poéticos e de diálogo direto com a população, além de assumir um papel de mediação e direcionamento de produções artísticas. Para acompanhar estas transformações e cumprir seu papel mediador, a crítica de arte cria para si uma faceta didática, com vistas a uma comunicação mais imediata e acessível às classes médias (leitoras) brasileiras. Esta comunicação deseja apresentar um breve apanhado dessas transformações acompanhadas pela crítica de arte dos anos 50, bem como refletir sobre as diferentes formas e métodos de produção de conhecimento pelos críticos do período.

EXPERIMENTALISMO NA GRAVURA EM EMANOEL ARAÚJO, MARIA BONOMI E REGINA SILVEIRA: FUNDAMENTOS PARA O CONTEMPORÂNEO

PATRÍCIA FIGUEIREDO PEDROSA - UFRJ, BRASIL

Esta comunicação trata da imaginação centrando na ideia de pensamento gráfico como uma das camadas dos processos de criação apoiada na análise de um conjunto de obras de Maria Bonomi, Regina Silveira e Emanuel Araújo. Estes artistas contemporâneos e atuantes têm em comum a identificação com a gravura e o fato de suas produções apresentarem grande diversidade formal e conceitual. A abordagem das transformações múltiplas e singulares operadas por cada um a partir do pensamento gráfico, conduziram esta pesquisa aos anos de 1950/60, fase de transição entre o moderno e o contemporâneo. Período de ativação da gravura artística, sobretudo na cena carioca-paulista, marcado pelos esforços de internacionalização, influências do concretismo, do conceitualismo e do informalismo. O experimentalismo no contexto do informalismo conferiu aos trabalhos desses artistas no contexto histórico das décadas de 1950/60 as bases para a gravura contemporânea.

RENOVAÇÃO DA GRAVURA BRASILEIRA, ANOS 1960: EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DO INFORMALISMO.

MARIA LUISA TÁVORA - PPGAV | UFRJ, BRASIL

O campo artístico da gravura reorienta-se nos anos 60, no eixo Rio-São Paulo, resultado de reformulações conceituais provocadas pelo experimentalismo a que se entregaram seus artistas. Uma apropriação expressiva das técnicas, um agenciamento de espacialidades, nos limites da experiência individual. Neste quadro histórico de intensa produção, aflora a gravura informal, uma singularidade da arte abstrata, no Brasil. Artistas como Arthur Luiz Piza, Iberê Camargo, Fayga Ostrower, Rossini Perez e, muitos outros, produziram obras premiadas em certames nacionais e internacionais. Suas gravuras espelham a renovação deste meio expressivo. No processo imaginativo de suas poéticas, comunicam o movimento de suas próprias existências.

A AÇÃO DO ESTADO E DE AGENTES PRIVADOS NAS ESFERAS DA ARTE E DA ARQUITETURA MODERNA: RIO-SÃO PAULO + BRASÍLIA, DÉCADAS DE 1950 A 1980

LEANDRO LEÃO - USP | EHESS, PARIS, BRASIL | FRANÇA

A inauguração de Brasília (1960) e o desenvolvimento de um sistema de arte no eixo Rio-São Paulo, centrado sobretudo nos museus de arte moderna e na Bienal de São Paulo, são marcos fundamentais da construção da identidade nacional moderna brasileira na segunda metade do século XX. Esses dois eventos, à primeira vista não relacionados, convertem-se, a partir dos anos 1950, em pontos fundamentais para os campos da arquitetura e da arte. A rede de relações que se pode estabelecer entre os dois marcos, e também entre os dois campos, materializa-se e ganha concretude no conjunto de obras de arte integradas do Palácio Itamaraty, em Brasília, na medida em que tal rede influenciou a seleção de artistas e a aquisição de obras ali presentes. Por meio de sua atuação, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) passa a comprar, financiar e promover as artes no período, além de construir intenso diálogo com as instituições de arte do Sudeste brasileiro e seus representantes. No entanto, o trânsito entre cidades e instituições públicas e privadas é mais complexo e se estende, no tempo, para além da transferência do MRE para a nova capital, concluída em 1970. Na verdade, o processo de transferência ministerial coincide com o início de uma rede de relações e colaboração entre determinados agentes. Investigar a atuação do Estado, sobretudo pela perspectiva do MRE, na consolidação da Bienal e dos museus do Sudeste do país é o objeto deste trabalho, que, propõe-se, seja feito a partir da ótica de dois importantes agentes: o casal Wladimir e Tuni Murtinho.

POVO EM CENA

FELIPE SCOVIÑO - UFRJ, BRASIL | UNIVERSIDADE DE THE ARTS LONDON, REINO UNIDO

A comunicação reflete sobre como as obras de Lina Bo Bardi e Hélio Oiticica problematizaram a representação de uma identidade vinculada à categoria de “povo”. Ou melhor, como esses dois personagens centrais para a ideia de contemporaneidade no Brasil estavam questionando a forma hierarquizante em como as classes sociais mais carentes eram representadas por meio da produção e da circulação de obras de arte. Como objetos de estudos para esse debate selecionamos a documentação fotográfica dos Bólides (c. 1963-64) e Parangolés (c. 1964-68) de Oiticica e a exposição “A mão do povo brasileiro”, organizada por Bo Bardi em 1969 no Masp. As fotos, no caso de Oiticica, fornecem indícios para identificar à qual lugar, contexto e origem aquela obra pertence. São amigos do artista, moradores da Mangueira, destituídos de posses e vinculados intrinsecamente ao carnaval. Essas escolhas, que imagino não serem ocasionais, criam uma forma de entendimento sobre o caráter amplamente social da obra de Oiticica. No caso de Bo Bardi, a mostra expôs objetos de uso doméstico (santos, talheres etc) assim como produções culturais identificadas como “arte popular” que ecoavam, dentro de um museu de arte moderna, uma produção até então pouco vista naquele espaço. Os significados desse atrito, e especialmente como um novo modelo de visibilidade de corpos, rostos e gestos era produzido no ambiente elitista do museu, são de interesse dessa investigação.

B4 PAINEL

VANGUARDA CONCRETA NO MUNDO: ENCRUZILHADAS HERMENÊUTICAS

Um aspecto marcante da produção crítica sobre os movimentos de vanguarda na América Latina, como um todo, e sobre a Poesia concreta, em específico, é a partidarização argumentativa. Por exemplo, muitos dos trabalhos sobre o concretismo brasileiro posicionam-se contra ou a favor do movimento, como se este ainda dependesse de uma legitimação. São exemplos disso toda a crítica de R. Schwarz e F. Gullar ao grupo paulista e os textos que referendam a produção concreta fazendo uso das mesmas referências teóricas que Pignatari e os irmãos Campos utilizaram. Esse panorama crítico vem mudando, sobretudo depois do trabalho de G. Aguilar Poesia concreta brasileira contemporânea, que possui dois gestos hermenêuticos importantes: aprofundamento da relação da poesia concreta e as artes visuais a partir de uma análise do sistema literário/artístico e individualização da poética dos três principais poetas concretos. Desde então, inúmeros trabalhos enveredam para outros caminhos, como Anti-Literature, de A. Shellhorse, The Object of the Atlantic, de R. Price, e Radical Poetry, de E. Ledesma, que analisam o concretismo brasileiro como um episódio marcante da literatura latino-americana; os textos de J. Drucker em geral e a obra Designed words for a designed world, de J. Hilder, em que o concretismo insere-se numa reflexão maior sobre a poesia visual; e, por fim, Unoriginal genius, de M. Perloff, que identifica a poesia concreta como uma característica maior da literatura pós-1950. Levando-se em conta a contribuição maior dessas obras, mas também considerando que tais tipos de trabalho podem por vezes abordar a poesia concreta enquanto “estudo de caso” (devidamente segmentada), ou cair em generalizações demasiadas (não se atendo a especificidades), este painel tem por objetivo elucidar sobre quais seriam os caminhos distintos para se estudar as vanguardas latino-americanas (em especial, a poesia concreta) e qual o papel da literatura comparada nessas reflexões.

“TENSÃO DE PALAVRAS-COISAS”: O OBJETO DA POESIA CONCRETA

REBECCA KOSICK - UNIVERSIDADE DE BRISTOL, REINO UNIDO

Dado o interesse recente dentro dos estudos literários em questões relacionadas a objetos, a poesia concreta brasileira oferece uma oportunidade interessante para considerar como o objeto pode ser compreendido quando o objeto em questão é a poesia. O grupo Noigandres afirmou no seu “plano-piloto para poesia concreta” que o poema concreto é “um objeto em e por si mesmo, não um intérprete de objetos exteriores e/ou sensações mais ou menos subjetivas”. Mas qual é o caráter desta objetividade e como ela se diferencia do caráter dos objetos não-poéticos? Lendo a poesia concreta ao lado de outras propostas poéticas mundiais que poderiam ser consideradas “objetos”, pode-se oferecer uma oportunidade de discutir como o objeto da poesia concreta se distingue de outras poesias com abordagens aparentemente alinhadas. E, lendo a teoria da poesia concreta ao lado de outras “novas” teorias dos objetos poéticos, pode-se oferecer uma oportunidade para revelar os limites do pensamento recente orientado aos objetos e suas pretensões totalizantes. Fato é que a poesia concreta brasileira já estava explorando muitas das questões sobre matéria, linguagem, objetos (e poesia) que vieram a chegar décadas depois no contexto da literatura e estudos dos objetos em curso no Norte Global. Este trabalho explorará as inovações do pensamento dos objetos possibilitadas por uma consideração do objeto da poesia concreta com referência à poesia concreta e às teorias poéticas de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

POÉTICA ENCICLOPÉDICA / ENCICLOPÉDIA POÉTICA: TRÊS CASOS BRASILEIROS

JANET HENDRICKSON - UNIVERSIDADE DE DALLAS, ESTADOS UNIDOS

A poética concreta torna visível a relação entre poesia e conhecimento, ao compreender a palavra como meio de transmissão de informações e material informativo em si. Embora o concretismo brasileiro, por razões históricas, seja frequentemente inserido na tradição de novas mídias e teoria da comunicação, nosso ponto de vista é que ele também pode ser pensado em uma tradição mais longa e contínua ligada à poética enciclopédica: isto é, que trata de uma concepção poética em diálogo com um tipo de pensamento mais robusto, mais vasto e mais antigo que se vale da informação, a enciclopédia impressa. A poética enciclopédica, compreendida como arcabouço e como tradição brasileira, expandiria assim a noção de concreto, definindo a poética como conhecimento através do fazer em espaço democrático, periférico e autodidático. Como caminho argumentativo, examino três enciclopédias brasileiras com uma conexão poética. O objeto principal do meu estudo, a Enciclopédia visual (1970-2018), do poeta visual Wladimir Dias-Pino, é uma coleção projetada em 1001 volumes de colagens de imagens de iconografia universal, que existiu principalmente na forma de exposições de museu no final da vida do artista, e de recortes de imagens que ocuparam a sua casa. Meu segundo objeto, a “Enciclopédia Brasileira” (1939) do luminar modernista Mário de Andrade (1939) consiste em um plano não realizado para criar uma enciclopédia para a classe trabalhadora brasileira. O terceiro objeto, Ensiqlopédia ou Seis meses de huma enfermidade (1868-1873), de Qorpo-Santo, é produto de uma grafomania pela qual o autor foi condenado a um manicômio, sendo redescoberto na esteira do concretismo dos anos 1960. Por meio da história do livro, das teorias do enciclopedismo e do trabalho de campo literário, examinarei então como esses três projetos validam posições excêntricas de produção de conhecimento. Meu ponto é que a marginalidade, a autonomia, a incompletude e o atraso dessas enciclopédias aludem para o conhecimento como um processo que se concretiza no fazer do eu.

POR UMA LEITURA PICTURAL DOS POEMAS VISUAIS DE ARNALDO ANTUNES

LÍVIA RIBEIRO BERTGES - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, BRASIL

O artista brasileiro Arnaldo Antunes trabalha em espaços fronteiriços interartísticos, como a passagem da letra à melodia, da poesia à tela, do texto escrito à performance. Escolheram-se como objeto de análise comparativa as realizações do poema visual “fênis” em duas mídias distintas – a impressa e a digital –, diferença que condiciona semioses também variadas. Em “fênis”, Arnaldo Antunes extrapola, com o uso da mídia digital (no formato de GIF animado), as mais comuns expectativas de leitores diante da poesia visual. Pretende-se fazer uma abordagem crítica a fim de descrever categorias picturais aplicadas à literatura, pensando sobretudo na passagem do texto à imagem em seus procedimentos de leitura, tentando pontuar como se constrói uma poética pictural (LOUVEL, 2002). Nesse contexto, a apresentação abordará “fênis”, de Arnaldo Antunes, a partir das modalidades do pictural de Louvel (2002), a fim de compreender os efeitos de saturação nas transposições do texto à imagem e do impresso ao digital no poema. Nesses dois processos de passagem, pretendem-se explorar ainda os regimes de mudanças de fase entre “efeito-quadro” (LOUVEL, 2002), “efeito decorativo” (LOUVEL, 2002), “efeito moldura” (LOUVEL, 2010) e “efeito borda” (LOUVEL, 2010). As propostas de Louvel (2002) como os efeitos de leitura, demonstram oscilações entre o legível da imagem e o visível do texto, implicando uma presença sinestésica que começa com um ponto de vista, um olhar para a imagem como paisagem. Portanto, reforçam a potencialidade do texto híbrido e enfoca na leitura enquanto experiência do sensível.

AFILIAÇÕES, RETAGUARDAS E RELEITURAS DA POESIA CONCRETA: POR UMA REINTEGRAÇÃO DE ESPAÇO

VINÍCIUS CARNEIRO - UNIVERSITÉ DE LILLE

A crítica literária europeia tem frequentemente repensado a contribuição de poetas e prosadores de grupos literários da segunda metade do século XX, sendo um pequeno grande exemplo a obra de Vincent Kaufmann *Poétique des groupes littéraires*, de 1997. Contudo, sistematicamente a mesma crítica tem se esquecido de considerar movimentos outros não forjados no velho mundo ou nos EUA, tal como o concretismo brasileiro, cuja contribuição está fundamentada na construção de um projeto em que criação artística, crítica literária, concepção tradutória e reescrita da história da literatura estão intrinsecamente conectadas. O presente estudo tem por objetivo repensar a atualidade da problemática concreta, integrando-a a um quadro mais amplo de transformações literárias decisivas da poesia contemporânea. Para tanto, serão levados em conta três eixos maiores: o diálogo instaurado pelos poetas concretos, sobretudo por Haroldo de Campos, com Roman Jakobson (tido também como poeta da linguística por muitos autores europeus das décadas de 1960 e 1970); a relevância do conceito de retaguarda literária, tal como desenvolvido por William Marx, para destacar o caráter de transmissão de uma tradição literária em língua portuguesa (ampliando assim o debate iniciado por Marjorie Perloff); e releituras (como as feitas pelo supracitado Kaufmann) do débito da poesia contemporânea para com Mallarmé.

MIGRANTES E CIDADES: APROPRIAÇÕES E (RE)CONFIGURAÇÕES DOS ESPAÇOS URBANOS (II)

Este painel temático reúne pesquisadores que trabalham sobre experiências migratórias nos espaços urbanos, permitindo o cruzamento de olhares transversais e etnográfica e historicamente diversos. Apresentaremos estudos de caso que incidem sobre temáticas tão diversas como o trabalho doméstico, a cultura material ou a construção da etnicidade mas também sobre o papel dos migrantes enquanto agentes ativos de transformação do espaço urbano através de práticas individuais ou coletivas de apropriação, transformação e (re)semantização do mesmo. Discutiremos ainda políticas públicas e estratégias de visibilização, seja através do associativismo, do empreendedorismo étnico ou da prática da cidadania. Ou seja, os migrantes enquanto agentes sociais, políticos, econômicos e culturais e a sua inscrição no espaço público e privado da urbe.

SANTOS: PORTO DO CAFÉ E DAS EPIDEMIAS. COTIDIANO E IMIGRAÇÃO

MARIA IZILDA SANTOS DE MATOS - PUC-SP E BRUNO BORTOLOTO DO CARMO - PUC-SP, BRASIL

Esses escritos priorizam a análise das epidemias (febre amarela, varíola, peste bubônica) que atingiram Santos, entre 1860-1910, observando o processo de crescimento da cidade-porto, as vivências cotidianas dos imigrantes (particularmente, ibéricos) e as questões urbano-sanitárias que possibilitaram a expansão de surtos epidêmicos cuja intensidade gerou desconfiança sobre o porto que recebeu a alcunha de “porto maldito”. A investigação encontra-se sedimentada numa ampla e diversificada documentação que inclui os manuscritos do Arquivo Público de Santos, relatos de viajantes, fontes médicas e sanitárias, imprensa local, nacional e internacional.

TURISMO DE PARTO NA AMÉRICA LATINA: REPRODUÇÃO, CIDADANIA E ESTRATIFICAÇÃO CINÉTICA. O CASO DAS MULHERES RUSSÓFONAS NO BRASIL

SVETLANA RUSEISHVILI - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR), BRASIL

O turismo de parto é uma prática de dar à luz em um país estrangeiro para receber a cidadania desse país. Geralmente, ele acontece nos países nos quais o acesso à cidadania é baseado nos critérios de nascimento (jus soli) e não de ascendência (jus sanguinis). As gestantes provêm de países cujos cidadãos sofrem com restrições à mobilidade internacional.

Na presente comunicação eu proponho investigar o turismo de parto pela lente do paradigma de mobilidades (Urry, 2007), como uma modalidade da mobilidade reprodutiva em sua forma muito complexa. Ela perpassa por diversos regimes de mobilidade internacional (turismo e migrações) e depende de uma rede complexa de infraestruturas fixas (maternidades, hotéis, centros de partos naturais) e informações (“corretores” de parto, websites, mídias sociais).

Analiso o caso das mulheres russófonas que vêm ao Brasil para parir os seus filhos. A principal questão que guia a presente pesquisa é como as mulheres agenciam a sua capacidade reprodutiva para subverter o controle do Estado sobre o acesso à cidadania e com isso aumentar o seu capital de rede e incrementar a capacidade de deslocamento para si mesmas, seus filhos e suas famílias. Para elas, o principal motivo desse deslocamento é obter o passaporte brasileiro que dá opções maiores de deslocamentos internacionais sem vistos. Na medida que a geografia política global do direito à cidadania e à mobilidade molda os fluxos das mulheres dispostas a dar à luz no estrangeiro, a América Latina é vista por elas não como o destino final, mas como uma plataforma para aumentar o seu capital cinético.

Eu argumento que este fenômeno é um efeito da criminalização global das migrações e securitização do controle de fronteira. Por fim, por meio da interpretação que essas mulheres fazem de si mesmas como sujeitos móveis, eu busco acessar novos padrões de estratificação cinética global.

RELIGIÃO E MOBILIDADE HUMANA: A DIPLOMACIA DO VATICANO E OS REFUGIADOS JUDEUS NO BRASIL (1939-1945)

JAIR SANTOS - SCUOLA NORMALE SUPERIORE DI PISA

A recente abertura dos arquivos do pontificado de Pio XII, um dos períodos mais delicados da atuação diplomática do Vaticano, é uma ocasião de explorar como se operavam as intervenções humanitárias promovidas pela Igreja. Nesse contexto, a pesquisa analisará, por um lado, as trajetórias de refugiados judeus que chegaram ao Brasil com o auxílio do Vaticano e, por outro, as implicações políticas e sociais no espaço urbano brasileiro desse novo tipo de imigração.

TRABALHAR "AQUI" PARA A PAZ "ALI": EVOLUÇÃO E AÇÕES DO COLETIVO DE IMIGRANTES COLOMBIANOS "RODA A PALAVRA PAZ" NA CIDADE DE SÃO PAULO

MAXIME ARNAN - UNIVERSIDADE DE CERGY-PONTOISE, FRANÇA

Indiretamente nascido de um movimento buscando promover a plataforma política "Colombia Humana" nas eleições presidenciais de 2018, o coletivo "Roda a Palavra Paz" se constituiu para apoiar o processo de paz na Colômbia, do Brasil. Nos focaremos no perfil dos membros da associação, assim como na evolução e nas particularidades desse movimento cívico transnacional de imigrantes radicados em São Paulo.

MIGRAÇÃO E RACIALIZAÇÃO NA "LUSOTOPIA": OS CABO-VERDIANOS NO BRASIL

SÓNIA FERREIRA - CRIA-NOVA FCSH/URMIS-UNIVERSITÉ DE PARIS

Partindo do espaço do império português, esta comunicação analisa as migrações que a partir deste se desenvolveram interrogando a categoria histórica, social e política de migrante português e de migrante "lusófono". Partindo do exemplo dos migrantes cabo-verdianos no Brasil, discutir-se-á a reprodução, negação ou reconfiguração de políticas raciais herdadas do regime colonial português e as impostas pelo contexto de acolhimento.

B6 PAINEL

CORRUPTION, TAX EVASION, ELECTORAL VIOLENCE, AND INTEGRITY IN BRAZIL: CHALLENGES, OPPORTUNITIES, AND DEVELOPMENTS

Brazil has been itching towards accountability at the same time the country keeps facing scandals in all branches at all levels. Corruption not only threatens the quality of democracy but also remains to be one of the biggest impediments to equality, social justice, and development in Brazil. A more critical reflection is necessary to better understand the persistence of certain practices such as clientelism, electoral violence, misuse of public money, the role of civil society in fighting corruption, and the impact of anti-corruption institutional efforts in fostering (or not) democracy. This panel aims to exam corruption and anti-corruption in Brazil by discussing politics, power, organized crime, tax-evasion, activism, and technology in the contemporary context via theoretical innovations, methodological developments, and empirical research. The panel is organized by the Brazilian Interdisciplinary Corruption Research Network

FIGHTING CORRUPTION WITH CIVIC TECH: CHALLENGING THE FRONTIERS OF ORGANIZING DATA-ENABLED ACTIVISM

FERNANDA ODILLA & ALICE MATTONI - UNIVERSITÀ DI BOLOGNA, ITÁLIA

Rosie is a civic bot who can check Brazilian congresspeople's public expenses and engage citizens in the discussion about suspicious findings. The Artificial Intelligence-based technology was developed by a group of citizens who create a grassroots initiative on the borders of data-enabled activism and social entrepreneurship. We explore the process of creation and transformation of this hybrid anti-corruption effort by focusing on endogenous features, considering forms of participation and decision-making processes of both human and non-human actors in the case of study. The analysis is based on in-depth interviews, participant online observation, and secondary qualitative materials. Preliminary findings suggest that despite the civic-minded approach, in which data and technology are used to empower people, the commercial mindset is undeniably present. The collective action relied on different forms of participation, some voluntary and some instead paid, combined in innovative organizational forms in order to carry out the work needed without having any physical headquarter. The paper reflects upon how the strong emphasis on individuals impacts organizing in the framework of collective movement organizations in the age of digitalization, observed in features such as polysemic goals, diffuse support, fluid governance, and also a low level of commitment. In addition, social entrepreneurship oriented values seem to be more likely to affect the sustainability of new organizational forms related to data-enabled activism. In the case of Rosie, "she" ended up as part of the portfolio of an international social movement organization.

ORGANIZED CRIMINAL GROUPS AND VOTER MOBILIZATION

JESSIE BULLOCK - HARVARD UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

Criminal organizations' impact on elections is often attributed to their ability to threaten voters or politicians with violence. While some criminal groups target voters, others target politicians, and few do both. This paper proposes a theory explaining why we see variation in types of criminal involvement in elections. I focus on one essential criminal capability to explain whether or not they are successful in influencing elections through voters: the provision of protection. I argue that criminal groups that protect have already built the necessary organizational infrastructure to influence voters, and the cost of diversifying from protection into voter mobilization is low. I test this theory in the

context of Rio de Janeiro, Brazil, where multiple criminal organizations are present, some of which provide protection and others which do not. I construct a new measure of criminal presence at the polling station level by scraping criminal organization-related blogs and social media from 2015 to present. My main result is, paradoxically, that turnout is higher—and electoral competition lower—in areas where criminal organizations that protect are present, compared to both non-criminal areas and criminal areas that do not engage in protection. This evidence is in line with the interpretation that criminal groups that protect have both higher incentives and greater ability to mobilize voters for their preferred candidate.

BRAZILIAN EVIDENCE ON TAX EVASION: A CASE STUDY OF GLOBAL NORTH–SOUTH COMPARISON

FELIPPE CLEMENTE - UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL, VIVIANI SILVA LÍRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, BRASIL

We propose to analyze the Brazilian tax evasion based on a case study of global North–South comparison. Based on data from 16 countries and used parameters proposed by Graetz, Reinganun and Wilde's seminal model (1986), we find a strong discrepancy between tax burden, audit cost and tax evasion across OECD and Latin American countries, including Brazil. Fine seems to have lack of effectiveness in mitigation of evasion. Our results have implications for both research and practice. Thus, policies that review high tax evasion countries' tax system and improve tax authorities to reduce their costs may have positive effects on tax evasion.

THE (DE)MOBILIZING EFFECTS OF CORRUPTION: THE EFFECTS OF PERCEIVED CORRUPTION AND INFORMATION ON PROTESTING IN BRAZIL

ANDREA CARMO - KING'S COLLEGE/UK

No one disputes that corruption is detrimental to any democracy. That idea was easily extended to one way of measuring corruption – people's perception. Contrarily, information was usually understood as a tool for improving democracy. The paper investigates the effects of corruption perception and information on one of democracy's most important pillars – political participation. Using LAPOP's secondary data, two measures of corruption perception are used, along with one information variable to test their effects on protesting in Brazil. If perceiving corruption means one thinks that corruption is the most serious problem the country faces, then corruption perception tends to mobilize the population, along with information. However, if perceived corruption is measured through whether someone believes the current government is not doing anything to curb corruption, then results are not straightforward. Running mediation, moderation and interaction logit models, those who believe the government does not fight corruption tend to feel more informed, and the more perceived corruption is, the more one protests. Surprisingly, those who see the government as inactive against corruption and, at the same time, feel they are informed, in an interaction model, demobilize. The mobilizing or demobilizing effect of corruption perception depend on how it is measured, whether located in the population or in the government, and where the information effect takes place (side-by-side or multiplied by the corruption perception variable). Findings suggest people are not as apathetic as the literature suggests when perceiving corruption. Policies can channel the mobilizing power of corruption perception in order to reinforce accountability and improve the quality of democracy.

B7 PAINEL

SOB A RÉGUA IMPERIAL: SOBRE RECURSOS ENERGÉTICOS, VIAGENS FEMINISTAS, IMPÉRIOS MILITARES E DIRETRIZES AMBIENTAIS

Discutiremos a influência da geopolítica em nossos campos de pesquisa, delimitando os contornos políticos em países periféricos através da dependência financeira e intelectual de instituições do Norte Global e da naturalização da assimetria em relações internacionais.

O BRASIL NO CONTEXTO DO TRIÂNGULO DO LÍCIO

ELAINE SANTOS - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

Este artigo pretende realizar um panorama do lítio no Brasil e das bases tecnológicas capazes de impactar e modificar os diferentes mecanismos de inter-relação geopolítica regional a partir desta fonte energética. Desta forma, a análise ocorreu a partir da relativa autonomia do Brasil em relação a sua produção, distribuição e consumo da matéria-prima lítio, perante uma economia cada vez mais conturbada e instável. Quando se afirma, capacidade de autonomia sobre seus recursos, se refere à autodeterminação dos povos, das nações, dos Estados sob a égide da vulnerabilidade e dependência externa ou de integração com os países vizinhos onde se encontram a maior parte do lítio mundial, ou seja, Argentina, Bolívia e Chile. A metodologia utilizada é do levantamento documental e entrevistas com representantes de entidades brasileiras, que possuem dados acerca da atual situação do lítio no Brasil, compreendendo as conexões existentes no mesmo processo.

QUANDO A TEORIA DO NORTE “NOS DÁ A HONRA:” UMA ANÁLISE GEOPOLÍTICA DAS VIAGENS DE TEÓRICAS FEMINISTAS AO BRASIL

ANNELISE ERISMANN - UNIVERSIDADE DE LAESTADOSNNE, SUÍÇA

O presente artigo pretende discutir a circulação de teorias, epistemologias e metodologias feministas do Norte Global através da análise de relatos sobre a prática do turismo acadêmico por parte de teóricas feministas representando vertentes e gerações distintas do movimento feminista. Tratamos de investigar nuances de cumplicidade e discordância frente à relações pós-coloniais remanescentes de um projeto contínuo de dominação imperial quando da visita ao Brasil de autoras que contribuem à Teoria do Norte, no caso: Simone de Beauvoir, Elizabeth Bishop, Angela Davis, Judith Butler e a própria Raewyn Connell. O termo Teoria do Norte, proveniente de uma analogia à Teoria do Sul de Raewyn Connell (2007), é definido aqui como um conjunto de epistemologias e metodologias feministas nascente no Norte global que beneficia de ampla divulgação disciplinar em escala global assim como sob uma perspectiva puramente bibliométrica. Preferencialmente serão analisados escritos autobiográficos sobre suas estadias no Brasil, com o eventual complemento de fontes históricas e jornalísticas. Refletindo sobre as contradições entre teoria e prática feministas, propomos o conceito de horizontalidade performática como elemento necessário de uma geopolítica da transferência de conhecimento que propaga modelos de internacionalização de estudos feministas baseados nas figuras da “feminista-turista” e “feminista-exploradora” (Mohanty 2006).

A NOVA ESTRATÉGIA DOS ESTADOS UNIDOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A AMÉRICA DO SUL

FABIO REIS VIANNA - UNIVERSIDADE DE ÉVORA, PORTUGAL

Partindo da idéia de que a ordem internacional liberal instituída no pós-segunda guerra mundial e liderada e tutelada pelos Estados Unidos da América estaria sofrendo uma crise existencial, mas não exatamente por um suposto declínio do poder americano e sim pelo aumento da pressão expansiva no sistema interestatal a partir do início da década de 1990, o presente trabalho buscará compreender a gradativa mudança de postura americana de hegemon benevolente para império militar global, bem como, da reação de outras potências concorrentes em um sistema cada vez mais hostil e competitivo.

Objetivando, portanto, compreender a atual postura estratégica americana a partir de uma linha histórica que se inicia com a guerra do golfo de 1991, e levando em consideração a idéia do sistema interestatal como um universo em expansão contínua e de luta pelo poder global, o presente trabalho buscará compreender o atual momento do sistema, e em particular da América do Sul, à luz do acirramento da competição entre as grandes potências e da postura imperial dos Estados Unidos.

ALIENAÇÃO ENERGÉTICA E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS: UM ESTUDO DE CASO DA EFICÁCIA DE LEGISLAÇÕES E SALVAGUARDAS SOCIOAMBIENTAIS EM USINAS HIDRELÉTRICAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO TAPAJÓS, NORTE DO BRASIL

RAFAEL NUNES - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, BRASIL

Mais de 70% da energia elétrica produzida no Brasil é originada de usinas hidrelétricas (UH), estruturas complexas de geração de energia que apresentam intervenção direta sobre os rios, seja na forma de adutoras, seja na forma de barramentos que geram extensos reservatórios. Desde o planejamento, passando pela sua instalação e operação, uma grande UH constitui um permanente processo de reorganização física, social e ecossistêmica em torno da bacia hidrográfica e dos rios, e em torno da própria energia produzida. Diversas legislações nacionais possuem mecanismos de prevenção, redução, reversão e mitigação de impactos socioambientais nestes empreendimentos, seguindo uma linha política, técnica e ideológica consolidada na articulação internacional das Nações Unidas (UN). No mesmo contexto de UN, também surgiram no início do século XXI, diversos princípios éticos que visam reduzir os impactos socioambientais trazidos por estes investimentos, o que comumente são chamados Princípios do Equador, ou de uma maneira mais genérica, salvaguardas socioambientais. De maneira geral, tanto a legislação ambiental nacional quanto às salvaguardas socioambientais, fundadas em um paradigma de UN, tem sido inócuas em coibir desastres naturais, danos irreversíveis em rios e cursos d'água, bem como tem falhado em promover socialização dos benefícios da geração de energia, sendo que o cenário mais comum é de socialização de diversos prejuízos em detrimento dos ganhos de um restrito corpo de acionistas. Neste trabalho, pretendo demonstrar que tais violações, que incluem também a alienação da própria energia promovida por investimentos internacionais, não são falhas de aplicação de tais regramentos e legislações, se não a própria expressão de que o Brasil, enquanto país periférico, ainda não construiu um processo soberano de integração entre a geração de energia e a proteção de seus atributos humanos e naturais. Como estudo de caso, utilizo UHs no rio Teles Pires, em Mato Grosso, para demonstrar a minha tese.

B8 BRASA

CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE: MIGRATION, MEMORY, AND MOBILIZATION

O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO: COMPETING NOTIONS OF HOME AND BELONGING

KATIA BEZERRA - THE UNIVERSIDADE DE ARIZONA, ESTADOS UNIDOS

A NOITE DA ESPERA: URGÊNCIA HISTÓRICA E CLAMOR POLÍTICO NA LITERATURA DE MILTON HATUOM

MICHELE NASCIMENTO-KETTNER - NYU, ESTADOS UNIDOS

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM TRADUÇÃO

CIMARA VALIM DE MELO - IFRS, BRASIL

Este trabalho busca analisar o modus operandi da literatura brasileira no século XXI, em suas relações com a chamada global literature. Toma, para isso, o sistema literário brasileiro atual, a partir do papel nele exercido pelo tradutor e pelo agente literário, centrando-se na circulação da literatura brasileira no mundo anglófono. Nesse sentido, são também observadas conexões entre autores, obras e prêmios literários travadas na última década, a fim de que sejam compreendidas algumas variáveis que influenciam positivamente no processo de internacionalização da literatura brasileira. O mapeamento realizado parte das seguintes questões: Quais são os autores brasileiros mais traduzidos para a língua inglesa no século XXI? É possível perceber conexões entre prêmios literários e tradução da literatura brasileira para a língua inglesa? Quais as maiores lacunas observadas no processo de internacionalização desse sistema literário no século XXI? Tais questões instigam o presente estudo e oferecem caminhos à recepção da literatura brasileira na contemporaneidade em termos globais. Observa-se, por exemplo, um sistema orgânico, marcado por desigualdades e desafios, no qual repercutem as consequências de instabilidades econômicas, políticas e socioculturais vividas pelo país nos últimos anos. Assim, torna-se imperativo analisar a literatura brasileira atual sob um olhar decolonizador, que leve em consideração incongruências históricas pelas quais os processos tradutórios não passam ilesos.

SUPER NEGRA: ESPIRITUALIDADE, NEGRITUDE E SUPER HUMANIDADE NA OBRA DE ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS

ANA CLÁUDIA DOS SANTOS SÃO BERNARDO - TULANE UNIVERSITY

MIGRATION AND EMIGRATION IN TERESA ALBUÉS 'S O BERRO DO CORDEIRO EM NOVA YORK

ANTONIO LUCIANO DE ANDRADE TOSTA - UNIVERSIDADE DE KANSAS, ESTADOS UNIDOS

TERÇA-FEIRA 21. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C

C1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

BRASIL DO SÉCULO XX

JESSE OWENS E LEÔNIDAS DA SILVA: PROTAGONISMO NEGRO NA FORMAÇÃO DA CULTURA MIDIÁTICA NOS ANOS 1930

DIANA MENDES MACHADO SILVA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Nos anos 1930, as imagens de duas personalidades negras americanas, Jesse Owens e Leônidas da Silva, radicados, respectivamente, nos Estados Unidos e no Brasil, transcenderam seus países de origem em razão de seu excepcional desempenho esportivo. Jesse Owens ganhou 4 medalhas de ouro nas competições de atletismo das Olimpíadas de Berlim, em 1936, um feito que contrariou Adolf Hitler. Leônidas da Silva, além de artilheiro, foi considerado o melhor jogador da Copa do Mundo da França, em 1938, quando a Itália de Benito Mussolini venceu o torneio. As imagens que sobre eles circularam durante e após os torneios, em jornais e revistas ao redor do mundo, contribuíram para que se tornassem dois ícones esportivos reconhecidos em âmbito internacional. Os temas ainda hoje mais associados a suas imagens são raça, excelência esportiva e identidade nacional. E ainda que não tenham circulado com a mesma frequência que os anteriores, temas associados à presença de homens negros na cena pública e no mercado de consumo cumpriram papel fundamental tanto na trajetória desses atletas quanto na construção de uma cultura midiática local e internacional. Nessa apresentação, examinaremos algumas

dessas imagens presentes em jornais e revistas de variedades e analisaremos aspectos de sua circulação, recepção e impacto no período entre-guerras.

DO "POVO AMORFO" AO POPULISMO. A TRAJETORIA DO CONCEITO DE POPULISMO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS

FABIO GENTILE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, BRASIL

Este trabalho pretende fornecer um panorama analítico, histórico-crítico e metodológico, embora não exaustivo, dos usos do conceito de populismo nas ciências sociais brasileiras. A hipótese central é que, embora não seja possível individualizar uma verdadeira teoria do populismo brasileiro na década de 1920 e 1930, é necessário reconhecer que o conceito de "povo amorfo" elaborado pelos teóricos do Estado autoritário varguista abriu o caminho para o uso do conceito de populismo na análise dos processos de modernidade-modernização brasileira do século XX.

O DIÁRIO DE UM NORTE-AMERICANO NA DITADURA: ALFRED KNOPF NO BRASIL, 27 DE JUNHO A 31 DE AGOSTO DE 1969

ELIZABETH CANCELLI - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

O trabalho analisa o diário inédito de um dos mais importantes editores norte-americanos de sua geração: Alfred Abraham Knopf. Nascido em Nova York, juntamente com sua primeira esposa, Blanche, foi um apaixonado pelo Brasil. Amigo de intelectuais, artistas e empresários brasileiros, Knopf, já viúvo, acabou casando-se em segundas núpcias no Rio de Janeiro. Em viagem com essa segunda esposa, escreveu um longo diário e suas impressões sobre a vida, as cidades, as pessoas e a ditadura brasileira que presenciaria em 1969. É sobre esse rico material de trabalho que analiso personagens e as impressões de Knopf em meio aos turbulentos anos da ditadura. Seus estranhamentos, suas impressões sobre a ditadura, seu lado colonizar e apaixonado e suas relações com personagens importantes das elites brasileiras são postos aqui em relevo, bem como seu convívio com autores brasileiros que publicava nos Estados Unidos (entre eles Gilberto Freyre, Jorge Amado e Antônio Callado). O diário se inicia em 27 de junho de 1969, e tem continuidade por 66 dias no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba e o oeste do Paraná, São Paulo, Belo Horizonte e suas cidades barrocas, Salvador e o Recôncavo, Brasília, Recife e o interior de Pernambuco são visitados por Knopf. Se fosse um filme, poderia ser dito que é um road movie, contínuo e ao mesmo tempo repleto de paradas. É o diário de um norte-americano de 77 anos que traz à cena, além de muitos brasileiros, alguns norte-americanos que se tornariam eminentes na história da América Latina. Uma das presenças mais emblemáticas, sem dúvida, era a de Charles Burke Elbrick, que viajava no mesmo navio com sua esposa, Elvira, para assumir o cargo de embaixador dos Estados Unidos, e que, poucos meses depois, seria sequestrado no Rio.

FOREIGN POLICY EVALUATION: A BRAZILIAN CASE

WALTER DESIDERA - UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID, ESPANHA

Monitoring and evaluation of Brazilian foreign policy: a preliminary proposal for a general routine
The objective of this project is to identify a set of instruments for monitoring and evaluating the results obtained by Brazilian foreign policy that presents general applicability to any international strategy adopted by the country. In other words, it is intended to outline a common evaluation routine that can be used both to compare past experiences of Brazil's foreign policy and to mark future ones.
In Brazil and worldwide, the field of Foreign Policy Analysis has historically focused on examining the factors that lead a country to exhibit a certain behavior in its international insertion. The evaluation of foreign policy results, however, did not receive the same scientific attention. In addition to collaborating with the progressive elimination of this gap, this project is also justified by its democratic appeal: the accountability to Brazilian society.
This project is characterized as an exploratory research. Data collection will be done through bibliographic and documentary investigation, in addition to consulting databases. The units of analysis adopted are the Multiannual Plans (MAP) 2012-2015 and 2016-2019 contracted by the Brazilian government. First, the quality of the logical model (pertinence, consistency, sufficiency of actions and reliability) of the foreign policy plans will be analyzed. Second, the development of new indicators and the definition of other performance criteria will be considered. Third, the tools developed will be applied to both cases. Finally, it is intended to identify which of these instruments have the potential for general applicability to any foreign policy strategy.

METODOLOGIA NARRATIVA NO INÍCIO DA REPÚBLICA NO BRASIL: DO UFANISMO À CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO BRASILEIRO

TASSIA TEIXEIRA - EÖTVÖS LORÁND UNIVERSITY (ELTE), HUNGRIA

No período republicano no Brasil observa-se um movimento entre os intelectuais brasileiros: Os memorialistas ligados à concepção factual da história foram perdendo espaço para os historiadores positivistas, entender essa construção de saberes históricos do período é essencial para entender o Brasil contemporâneo.

CRÍTICA, IDENTIDADE, IMAGENS DO BRASIL NA LITERATURA

“O SENTIDO DA DIALÉTICA NA CRÍTICA DE ANTONIO CANDIDO E DE ROBERTO SCHWARZ”

LAURA GAGLIARDI - FREIE UNIVERSITÄT BERLIN, ALEMANHA

Minha comunicação pretende mapear os sentidos do conceito de dialética em textos específicos de Antonio Candido e de Roberto Schwarz. O mapeamento desses sentidos permitirá localizar Candido e Schwarz diante de uma distinção decisiva entre a matriz hegeliana e a matriz marxiana de dialética. Essa distinção fundamental permite situar noutra patamar o grau de complexidade do debate sobre dialética, para além da trivial relação entre “tese”, “síntese” e “antítese”. Além disso, permite compreender de outra maneira as consequências da teoria e da prática dialéticas da literatura, para Candido e Schwarz, no contexto brasileiro e no contexto mundial.

De modo resumido, a dialética hegeliana opera com a autonomização da “ideia”: a ideia se tornaria sujeito ativo, criador da realidade. Há, aí, um processo mistificador de inversão, pois o pensamento criaria a realidade. A dialética marxiana, ao contrário, opõe-se à mistificação hegeliana, liberando a realidade de qualquer idealização: ela revela o negativo, a desigualdade, ou seja, a negação da igualdade; ela não é um movimento pendular entre opostos, e sim um movimento contínuo; ela é “crítica” porque desmonta o truque ideológico; e é “revolucionária”, porque não é a crítica a força motriz da história mas, antes, a transformação social.

De acordo com minha hipótese, o descrédito que os estudos de crítica literária dialética, que buscam articular forma literária e processo social, vêm sofrendo nos últimos tempos, se explicaria também por uma compreensão simplista da noção de dialética, que remeteria a oposições binárias, “teleológicas” e “universalizantes”. Como pretendo mostrar, os estudos de Candido e de Schwarz teriam como ponto de partida a matriz marxiana, avessa a essencialismos e idealizações. A articulação entre forma literária e processo social não revelaria, afinal, a “síntese” da “experiência brasileira”, mistificada numa universalidade irreal, e sim, a exposição de um movimento de fluxo contínuo da desigualdade social que marca a história do país.

IMAGENS DE UM BRASIL MENOR. DEVIR-MINORITÁRIO ENTRE REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA E LITERATURA

MARIANNA SCARAMUCCI - UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI MILANO, ITÁLIA

Que significa pensar a literatura brasileira depois da queda dos grandes paradigmas da formação? Como mudou a autorreflexão sobre o Brasil, e como é que ela entra em diálogo com a literatura? Este trabalho propõe lançar algumas hipóteses neste sentido, a partir da ideia de que, conforme Renato Ortiz (“Imagens do Brasil” 2013), as noções de cultura e identidade brasileira deixaram de ser enunciadas no singular, e passaram a se disputar no plano dos conflitos e dos interesses de grupos emergentes. Assim, hoje, as “interpretações” da identidade brasileira afastam-se radicalmente da ideia de uma unidade nacional orgânica e homogênea (retratos, formações etc.) e deslocam-se para instâncias “menores”, que provêm de diversas áreas – política, social, literária, artística – todas voltadas para a dimensão da diversidade (Ortiz 2013). A comunicação vai discutir a ideia de que as figurações atuais do Brasil podem ser lidas nos termos de um devir-menor, de um processo, conforme Deleuze e Guattari, pelo qual o “minoritário” atua no interior da maioria para desencadear processos transformativos. Parece possível pensar que hoje o Brasil imagina a si próprio a partir da dimensão da minoria – que na acepção de Deleuze e Guattari é uma noção qualitativa e não quantitativa – para ir à procura de maneiras minoritárias do ser brasileiro. Desconstruindo representações hegemônicas e cristalizadas, recusando a inclusão forçada no corpo nacional, ou tomando a palavra e subvertendo os cânones, inclusive literários, novas imagens e novos atores questionam a norma “maioritária” e são cada vez mais capazes de transformá-la. Neste sentido, a comunicação vai tomar em consideração alguns casos exemplificativos que procedem das propostas antropológicas e epistemológicas de Eduardo Viveiros de Castro e da contribuição da filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro, em diálogo com alguns momentos da literatura brasileira.

ANTROPOFAGIA POÉTICA EM VIAGEM COM O RIO SÃO FRANCISCO, DE ÁLVARO ANDRADE GARCIA

CARMÉLIA DANIEL DOS SANTOS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Este texto analisa o livro de poemas Viagem com o Rio São Francisco (1986), do escritor brasileiro Álvaro Andrade Garcia, poeta e artista digital da cidade de Belo Horizonte, que tem mais de quinze livros publicados, entre poesia e prosa, em formato digital e impresso. O livro de poemas Viagem com o Rio São Francisco tem seu formato impresso e nele percebe-se um gesto antropofágico: em sua composição gráfica, nos títulos dos poemas em parágrafos e no vocabulário do texto, que traz à tona palavras pouco usadas e sinônimos encontrados em dicionários antigos. O autor se apropria do modo de escrita de viajantes estrangeiros que descreveram o Brasil, especialmente o francês Saint-Hilaire, em Viagens às nascentes do rio São Francisco (1847) e o inglês Richard Burton, com Viagem de canoa de Sabará ao oceano Atlântico (1867), livros esses recheados de informações úteis sobre um dos mais importantes rios do Brasil. Em Viagem com o rio São Francisco, o poeta brasileiro percorreu literalmente o rio, da nascente até o desaguar no mar, desenvolvendo, na escrita, analogias com a vida. Observar-se-á como, através da questão antropofágica, o poeta deglutina o texto ficcional e constrói novo sentido em seu

texto. A pesquisa está ancorada nos estudos sobre a metáfora antropofágica de Oswald de Andrade, sobre o fictício, o real e o imaginário de Wolfgang Iser e textos que discutem a respeito da criação poética, dentre outros.

O MAPEAMENTO DO ACRE EM GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE DE MÁRCIO SOUZA E MULHERES EMPILHADAS DE PATRÍCIA MELO

KEVIN ENNIS - BROWN UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

Esta apresentação pretende examinar o mapeamento nacional e internacional do Acre em dois romances brasileiros: Galvez, Imperador do Acre de Márcio Souza (1976), e Mulheres empilhadas de Patrícia Melo (2019). O romance paródico de Souza mapeia o Acre para incluí-lo na nação brasileira, dramatizando a luta de Luis Gálvez, jornalista e diplomata espanhol, pelo estabelecimento de um estado independente no território acreano durante a disputa internacional entre o Brasil e a Bolívia pelo território no final do século XIX. O Acre serve também como espaço de comércio internacional devido à extração intensa de hevea-brasiliensis durante o ciclo da borracha na Amazônia, marcando o Acre pela violência ambiental e pela colonização contínua. Neste espaço de fronteira, mapeia-se o Acre não só geograficamente mas também histórica e socialmente, oferecendo um ponto de acesso alternativo para a história do continuum colonial brasileiro.

Mulheres empilhadas também interroga o Acre local, nacional e internacionalmente. O romance de Melo leva-nos à segunda mais populosa cidade do estado, Cruzeiro do Sul, situada na fronteira com o Peru, com uma jovem advogada paulista recém-chegada. Mapeia-se Cruzeiro do Sul como um espaço violento, tanto no tribunal quanto no dia-a-dia, à medida que a advogada e a sua mentora navegam as repercussões sociais do seu trabalho exigindo a justiça para as mulheres assassinadas. Cruzeiro do Sul também funciona metonimicamente para a Terra do Cruzeiro do Sul—o Brasil—, em termos da violência constante que as mulheres sofrem nas mãos de homens, evidenciada pelos doze casos de feminicídio no Brasil narrados entre os capítulos do romance. Por último, o Acre serve como uma fronteira entre mundividências ocidentais e indígenas, na qual a narradora se encontra para rejuvenescer-se depois do assassinato da sua mentora.

ANTROPOFAGIA LITERÁRIA NA AMAZÔNIA: ENTRE O FOLCLORE, A HISTÓRIA E A LEGISLAÇÃO

HERALDO MÁRCIO GALVÃO JÚNIOR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ, BRASIL

Os principais pontos mais conhecidos de entrada da Amazônia no modernismo brasileiro ocorrem via Mario de Andrade, com Macunaíma, e via Raul Bopp, com Cobra Norato, isto é, por um viés relacionado ao folclore e às lendas levados a cabo por autores exógenos à região. Talvez por um excesso de cristalização ou uma miopia historiográfica, pouco se tem falado ou pensado sobre a participação de autores provenientes da Amazônia na construção da antropofagia, fator que pode ter contribuído sobremaneira para a construção do movimento antropofágico e para a criação da Revista de Antropofagia. Com este escopo, serão apresentadas ideias e autores paraenses que atuaram ativamente no referido movimento político-artístico, contribuindo com o almejado processo de “(re)descoberta da nação”, como Abguar Bastos, Oswald Costa, Clóvis de Gusmão e Eneida de Moraes. Suas produções geraram campos de estudos que versaram sobre revisionismo histórico, arte brasileira, religiões populares, folclore, legislação, comunismo primitivista, normatização do comportamento feminino, entre outras questões que deveriam formar um ethos verdadeiramente nacional a partir de considerações históricas que englobavam do século XVII às duas primeiras décadas do século XX. A formação de um Clube de Antropofagia do Pará, com centralidade no jornal O Estado do Pará, foi importante para discussões e delineamento do movimento antropofágico nacional sob a perspectiva regional. Dessa maneira, não há como falar em modernismo brasileiro sem considerar a Amazônia na medida em que, além das discussões regionais sob um prisma nortista, entre os próprios modernistas paulistas o ângulo de leitura do país passava pelo interior do Brasil, isto é, a Amazônia possui centralidade como campo de visão da antropofagia brasileira.

C3 PAINEL

OLHARES SOBRE A ARTE BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE

As pesquisas sobre a arte brasileira hoje revestem-se de importante heterogeneidade. Seja por conta das variadas origens e problemas teóricos que incidem sobre os principais debates a respeito da arte feita no Brasil, seja porque a arte brasileira assume uma diversidade notável de expressões, dificilmente chegamos a sínteses acerca do que se pesquisa sobre a arte brasileira na contemporaneidade. Nessa mesa pretendemos apresentar panorama de estudos que representam essa multiplicidade de olhares, objetos de estudo e métodos de trabalho.

LEINER, SATTAMINI E AS MÚLTIPLAS CAMADAS DE SENTIDO DA ARTE CONCRETA BRASILEIRA.

GLAUCIA VILLAS BOAS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Pretende-se discutir as transformações de sentido inscritas nas obras dos artistas concretos brasileiros, da década de 1950. Para tanto, focaliza-se a história das coleções de arte concreta de Adolpho Leiner e João Sattamini, abrigadas no Museum of Fine Arts de Houston e no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, respectivamente. O argumento central diz respeito à mudança que se opera na identidade das coleções devido a políticas e valores

adotados pelos museus. Enquanto a arte concreta brasileira é reclassificada em arte construtiva latinoamericana, concorrendo com a arte de outras regiões, as obras da coleção João Sattamini são submetidas a permanente disputa com a arquitetura ousada do museu considerado uma “obra de arte”. Os estudos sobre coleções de arte ora focalizam o conjunto de obras reunidas ora concentram-se nos museus de arte. Há muito, entretanto, Carol Duncam argumentou contra essas perspectivas, demonstrando em *Civiling rituals*. Inside public art museums (1994) que arte e arquitetura formam um só conjunto. Nos casos da Coleção Adolpho Leirner e Coleção João Sattamini, a convivência das coleções com os museus texano e fluminense provoca tensões que põem em xeque a identidade das coleções de arte.

DESLOCAMENTO, CIRCULAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO: ARTISTAS E MUNDOS DA ARTE NO BRASIL

LIGIA DE SOUZA DABUL - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL

Em pesquisa sobre a formação e trajetórias de artistas brasileiros em diferentes espaços sociais, constatamos notável - embora nem sempre autorizada ou visível - circulação de artistas entre mundos da arte largamente considerados como apartados e incomunicáveis, como por exemplo o da arte contemporânea e o das artes plásticas praticadas ou expostas e comercializadas em lugares como a rua. Nossa intenção é relatar como são experimentadas algumas das tensões e interdições que costumam marcar boa parte desse fluxo entre espaços sociais, ao lado de condições para que promessas de consagração e liberdade de criação possam ser construídas ou apagadas. Ao lado disso, as diferentes adequações de estéticas e de significados da produção artística às demandas de diferentes públicos, bem como as variadas formas de classificação dos produtos artísticos em relação a elas, sugerem a existência de vínculos importantes e persistentes da arte com hierarquias sociais.

AWAY FROM THE MONUMENTALIZATION OF ART. WOMEN ARTISTS IN BRAZIL AND ITALY

MARIA ANTONIETTA TRASFORINI - UNIVERSIDADE DE FERRARA, ITÁLIA

I will examine the work of three artists, Lygia Clark (1920-1988) from Brazil, Maria Lai (1919-2013) and Ketty La Rocca (1938-1976) from Italy, using the concept of “zeroing the artist”. They are women artists in very different time-space environments and contexts such as the Brazilian one of Neo-concretism for Clark (within a collective and collaborative environment) and the relatively ‘solitary’ Italian art environment for Lai and La Rocca. Nevertheless they developed artistic practices in which the artist's authorial role lost its centrality: the art work becomes an organic line and eye-body for Lygia Clark, an asemantic writing in the looms and woven books of Maria Lai, and finally the emptying of images for Ketty La Rocca. Away from the monumentalization of art as well as from abstraction and modernism, for Clark and Lai the works are ‘living organisms’, almost transitional objects to create / reiterate social bonds, in an era - from the 60s to the 80s both in Italy and in Brazil - of rapid and often culturally depleting processes of social modernization. In just a few years, Ketty La Rocca's brief and intense artistic life has gone from visual poetry and actions/performances in which the silent language of gestures denounces the inauthenticity of consumer society to a definite form of corrosion and crumbling of images, suggesting a radical rewriting of social life itself.

SUL, SERTÃO E FLORES: UMA PROPEDÊUTICA NECESSÁRIA PARA COMPREENDER AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS BRASILEIRAS

PAULA TAVARES GUERRA - UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

Uma análise revisionista aos estudos em torno das culturas juvenis, das suas produções criativas – com destaque para as musicais – leva-nos inevitavelmente à identificação de omissões e generalizações abusivas passados mais de 50 anos da sua emergência. Vejamos os exemplos tratados nos vários trabalhos desenvolvidos: todos estão situados no mundo anglo-americano (GUERRA, 2021; SAID, 2007). Existe um desconhecimento das cosmologias de uma grande parte da população mundial que seriam importantes para a constituição novas direções para a sociologia das criações artísticas. Santos (2014) recorre inclusivamente à expressão de “epistemicídio” a este respeito. Aqui, daremos relevo a um coletivo-banda chamado As Fulô do Sertão: oriundas de Teresina no Piauí, uma zona periférica do Brasil. A trajetória desta banda de mulheres é um testemunho paradigmático das dificuldades de sobrevivência feminina num estado endemicamente machista (PIOVESAN, 2008). O género é uma questão estrutural na trajetória musical/criativa d’As Fulô do Sertão. Não porque as suas letras sejam marcadamente políticas/feministas; mas pelo facto de serem três jovens mulheres num género musical, o forró, tradicionalmente masculino. Apoiando-nos numa entrevista coletiva à banda realizada em junho de 2018, analisaremos as suas trajetórias criativas heterodoxas no campo relacional da cultura e música popular brasileira.

MUNDIALIZAÇÃO E NARRATIVAS EM DISPUTA: ARTE BRASILEIRA NAS COLEÇÕES DE ARTE LATINO-AMERICANAS NO SÉCULO XXI.

MARIA LUCIA BUENO RAMOS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, MG, BRASIL

O objetivo desta reflexão é tecer algumas considerações sobre a dinâmica dos mecanismos de legitimação e consagração da produção artística no contexto globalizado (da arte moderna e contemporânea), destacando o

papel preponderante que os colecionadores desempenham nesse movimento. A organização de coleções, articuladas a arquivos e instituições, constroem memórias, narrativas e interpretações que interferem no sistema de recepção da arte, influenciando a construção dos valores simbólicos, históricos e econômicos vigentes. Desde os anos 1990, identificamos um protagonismo, cada vez mais evidente, dos colecionadores privados no interior do mundo da arte, com impactos sobre a validação de novas correntes e nichos de produção. O processo de inserção de segmentos da produção artística brasileira em esferas do mundo da arte global, a partir de coleções de arte latino-americanas baseadas nos Estados Unidos, é uma amostra reveladora desse fenômeno, permitindo compreender os processos de mundialização protagonizados pela arte em anos recentes

C4 PAINEL

HISTÓRIAS DE TRANSGRESSÃO, TRANSGRESSÃO NA HISTÓRIA: PENSAR O BRASIL CONTEMPORÂNEO DESDE A CONTRA-HEGEMONIA POLÍTICA E ACADÊMICA

Ao longo das últimas décadas, temos testemunhado importantes renovações de ordem temática e metodológica no campo da História. Neste processo, surgem trabalhos enfocando temas e atores por muito tempo negligenciados pela academia, enquanto os antigos são alvo de novos olhares. Apesar dos inegáveis avanços, no entanto, persiste entre os historiadores certa resistência a determinados temas, abordagens e, sobretudo, aos modos não tradicionais de produzir e divulgar o conhecimento histórico. Neste sentido, propomos uma reflexão sobre a transgressão, não apenas enquanto objeto de nossas pesquisas, mas também como exercício profissional, celebrando uma necessária audácia intelectual e a subversão de normas que não necessariamente contemplam, nos dias de hoje, o ofício do historiador.

O conceito de transgressão abarca assim diversas interpretações. A mais óbvia delas nos permite pensar em discursos, práticas e manifestações cujo objetivo é subverter e transgredir a ordem estabelecida, seja ela política, social, cultural ou moral. A partir de uma leitura mais sutil, que recupera as origens etimológicas do termo, podemos pensar ainda em práticas que vão além, que ultrapassam e violam limites.

A proposta deste painel é refletir em torno da transgressão na História e da historiografia no Brasil a partir desta dupla abordagem. Nosso interesse recai, por um lado, sobre temáticas, objetos e sujeitos contra hegemônicos e transgressivos da História brasileira, assim como aqueles que foram esquecidos e subestimados por esta mesma História: os diferentes, os alternativos, os outsiders, os outros. Por outro lado, interessa-nos também discutir práticas, metodologias, leituras e formas de difusão do conhecimento histórico que se apresentam atualmente como alternativa transgressora aos padrões tradicionais. Trata-se, portanto, de refletir sobre os limites e as possibilidades da renovação historiográfica brasileira e brasilianista a partir dos usos e sentidos da transgressão.

QUANDO ACORDOU, O ÍNDIO AINDA ESTAVA LÁ: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O OLHAR DA ALTERIDADE NA PRÁTICA DA HISTÓRIA

CARLOS BENÍTEZ TRINIDAD - HISTAGRA - UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA, ESPANHA

Partindo de uma pergunta comum na historiografia das últimas décadas, por que é tão difícil conceber a ideia de um indígena com força e vontade própria? Por que, quando se pensa em "índio", costuma-se ir da idealização à vitimização? Esta comunicação se desenvolve como um desabafo da prática da história em relação aos povos indígenas da América Latina pelos não indígenas, as dificuldades de superar um paternalismo altamente complexo e resiliente e a necessária desconstrução de sua exotização essencialista, com todos seus desdobramentos.

“OS LIVROS SUJOS BROTAM COMO COGUMELOS”: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA HISTÓRIA DA PORNOGRAFIA NO BRASIL, 1880-1900

ERIKA CARDOSO - NEC - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL

A pornografia enquanto categoria classificativa é uma noção surgida e difundida na Europa a partir do século XIX que, desde seus primórdios, carrega em si a ideia de transgressão. Ao longo de seus dois séculos de história, o termo vem sendo empregado para designar materiais, discursos e comportamentos que, de acordo com determinada perspectiva, transgridem os limites do moralmente tolerável em cada época e lugar. Mas apesar dos calorosos debates suscitados pela pornografia desde então, apenas recentemente o tema vem despertando o interesse dos historiadores. Nesta comunicação, meu objetivo será refletir em torno da pornografia a partir da experiência brasileira nas duas últimas décadas do século XIX. A ideia é, por um lado, discutir os usos e sentidos da pornografia no momento em que o próprio termo – e aquilo que ele designava – se popularizava no país. Por outro lado, interessa-me discutir os desafios e possibilidades da pornografia enquanto objeto historiográfico.

“VOCÊ CORTA UM VERSO EU ESCREVO OUTRO”: TRANSGRESSÃO, RESISTÊNCIA E SUBVERSÃO PELAS CANÇÕES PRODUZIDAS NO BRASIL ENTRE 1964 - 1985

IVAN LIMA - CITCEM (BRASIL) - UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

Existem muitas maneiras de resistir à opressão, de lutar por um país mais justo e por condições mais igualitárias de vida coletiva. Manifestações, passeatas, greves, entre outras. Uma delas em especial foi fundamental para a multiplicação rápida de pautas, ideias, sonhos e sons: a canção. Em 1964, o Brasil entrou em mais um momento de ditadura, dessa vez arquitetado entre os militares e grandes grupos econômicos, além de parte da sociedade civil. Direitos políticos foram cassados, opositores perseguidos, revistas censuradas e o ambiente de medo e terror se multiplicou no país. Entretanto, como “há sempre quem resiste e que diz não”, muitos brasileiros resistiram e uns tantos desses através da arte, nomeadamente da canção. Subverteram nas performances e resistiram em versos, sons e até nas capas. A cantiga foi uma arma fundamental no enfrentamento ao regime militar brasileiro. A análise desse processo fundamenta questões que envolvem práticas autoritárias que assombram o presente. A canção é aliada de longo tempo da liberdade na Terra Brasilis. Além de apresentar discussões sobre o supracitado, nesta comunicação trago a reflexão de que estudar sobre canções também implica também em subverter as comuns práticas da análise do texto e relacioná-lo a uma relação binária de canção - texto, texto-canção e ligando-se à repressão. As questões metodológicas sobre canções precisam ir além do texto. Precisam chegar aos sons, imagens, artes e múltiplas dimensões que a obra pode nos oferecer. Ou seja, no sentido natural da expressão transgredir além de não cumprir, a pesquisa precisa ir além; atravessar.

“VÔ APRENDER A LER, PRA DAR LIÇÃO AOS MEUS CAMARADA” - ALFABETIZAÇÃO PARA ADULTOS, DESCOLONIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO POLÍTICA NA GUINÉ-BISSAU E NO CABO VERDE (ANOS 1970)

MÉLANIE TOULHOAT - LABEX HASTEC ECOLE PRATIQUE DES HAUTES ETUDES - INSTITUT DES MONDES AFRICAINS, FRANÇA

O sistema educacional foi um dos pilares da dominação colonial portuguesa na África e a partir de 1968, com o início da Guerra de Libertação, os desafios da alfabetização de adultos, da conscientização e da educação popular rural e urbana se tornaram fundamentais para o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde[EC1] (PAIGC). Nesse sentido, a subversão da ordem colonial deveria ser alcançada através da educação, pedagogia e transmissão de valores emancipatórios, mesmo após a Independência oficial, em 1974. Nesta apresentação, meu objetivo será mostrar esta história de baixo para cima, através de fontes orais, arquivos escolares e fundos pessoais, por exemplo, apontando algumas reflexões sobre as dificuldades práticas de pesquisa durante a pandemia.

TRAZER A NATUREZA PARA DENTRO DA HISTÓRIA

NATHALIA CAPELLINI - BRASIL, LIEPP SCIENCES PO, FRANÇA

A emergência da história ambiental foi impulsionada por uma questão transgressora: como colocar a natureza na história? Além de uma mudança no foco temático (que agora incluiria esse novo tema - o meio ambiente) essa corrente historiográfica se propõe questionar os limites mesmo da disciplina estendendo para o mundo não humano os olhos do historiador. Pensando a partir de exemplos da história dos rios no Brasil, proponho pensar sobre algumas transgressões metodológicas e teóricas que emergem dessa prática. Primeiramente gostaria de discutir o uso de fontes tradicionais e não tradicionais na história ambiental. Em seguida proponho debater alguns pressupostos teóricos como a agência, a horizontalidade e a negociação no estudo da história ambiental dos rios.

C5 BRASA

SUBJECTIVITIES OF THE FAR RIGHT IN BRAZIL

This panel seeks to look behind the known actors, structures and ideologies of the so-called Brazilian Far Right and delve into what one could call their underlying “subjectivities”. As such, we investigate hidden belief systems, obsessions, esotericisms, taboos and rituals which exist among a variety of Far Right leaders and which are – at least to some degree – shared by their base of support. We take as a point of departure the notion that what has emerged as the Far Right is in fact a series of responses to processes of Republican State building, democratization, citizenship empowerment and social inclusion. The subjectivities explored in our papers are an essential part of understanding how those responses took shape and continue to have power. By analyzing this rather obscure field, we expect to contribute to reveal certain coherences amid the apparent contradictions of the Far Right—particularly if we consider not only their political agenda and power project, but also the ways in which these subjectivities operate independently of rationality and even rationalism. The contributions to this panel will explore significant cases which we can expect to allow for preliminary insights. Issues we will deal with are the imaginary crusade against a multifaceted global conspiracy, the glorification of an undefiled (monarchic) Brazil, the pedagogical polemics against “ideology of gender” and societal reactions, the resentment against empowered domestic workers mirrored by a supposedly progressive telenovela, and the rise of Pentecostalism as a politicized social movement.

THE SYSTEM “OLAVO DE CARVALHO” – COGNITIVE BASIS, PEDAGOGICAL PROJECT, AND POLITICAL ACTION

GEORG WINK - UNIVERSIDADE DE COPENHAGEN, DINAMARCA

For any observer it is evident that the role of Olavo de Carvalho for the rise of the Brazilian Far Right is indispensable. Several analyses have exhaustively examined his performance as political influencer, pointed out his rhetorical strategies and his skillful use of social media, as well as elaborated on how his propagated belief system meets a demand in the current Brazilian ideological setting and social asymmetry. So far less substantial are studies that tried to trace his intellectual formation and the philosophical fundament of his thought. This is possibly caused by consternation in face of his hostile anti-intellectual attitude and his proclivity for asserted knockout arguments, which both inhibit any dialogue. For the few more insistent scholars it might be a question of his particular style which is impervious for any scientific reading. In my paper I will argue that Olavo de Carvalho's oeuvre is not accessible without previously understanding and accepting his main premises, most notably the existence of an absolute divine truth, experienced through a set of methods and revealed for the acquiescent reader in his writings. I will examine this approach, disseminated as “knowledge by presence”, to show how it builds – implicitly – on a resilient tradition of conservative Brazilian thinkers, and how it configures into a renewed “system” of pedagogical and political action which invests the zealous follower on the Far Right with updated self-righteousness to pursuit convenient social critique in the name of sublime order.

RIGHT-WING AUTHORITARIANISM

ELIZABETH MCKENNA - UNIVERSIDADE DE CALIFORNIA, BERKELEY

This paper examines three types of organizations – the party, the labor union, and the church – to help explain how right-wing authoritarianism returned to power in Brazil.

This paper examines three types of organizations – the party, the labor union, and the church – to help explain how right-wing authoritarianism returned to power in Brazil, once the largest social democracy in the Americas. Drawing on four decades of time series data from three government organs and a multi-year qualitative study of political terrain shifts, I show that Pentecostal churches eclipsed left-leaning civic organizations as the primary settings in which large segments of the population experienced politics. As the evangelical electorate grew – eventually forming one of the most powerful (albeit heterogeneous) social movements in the country – political and clerical leaders constructed and articulated this new identity around specific projects. In 2018, this project was *bolsonarismo*, marking a shift away from evangelicals' historic support for *lulismo*. The implication of this argument is that even in an age of diffuse media, atomized protest, and fragmented party systems, the political labor of group-making that happens inside organizations can critically affect the conditions that give rise to (or protect against) illiberal politics.

WHAT ARE THE CONTOURS OF MONARCHISM FOR THE BRAGAÇAS AND THEIR SUPPORTERS IN 2021?

BEN COWAN - UNIVERSIDADE DE CALIFORNIA, SAN DIEGO

What are the contours of monarchism for the Braganças and their supporters in 2021? This paper engages with that question in order to illuminate a broader arc of conservatism uniting age-old cultural traditionalisms with the contemporary Right. Drawing on a recent resurgence of attention to the monarchy, I sketch the role that Dom Bertrand de Orleans e Bragança envisions for himself and his ideas in today's Brazil—and how that role reflects centuries of thinking about a litany of issues: race, sexuality, religion, land tenure, private property, organic hierarchy, anti-communism, and the “civilizing” mission of European-descended peoples. In arguing that environmentalism (“green”) is the “new communism,” Bragança reflects a palimpsest of conspiracy theories that have fueled past conservatisms, just as they shape certain currents of today's Right. My analysis points out the ways in which the “new” rights that have evolved over the past several decades incorporate emergent anxieties, resentments, and reactions—vis-a-vis, for example, environmentalism and so-called liberal globalism—into older schematics of hierarchical, aristocratic, and authoritarian conservatism.

WHITENESS, MIDDLE-CLASS RESENTMENT, AND CONSERVATIVE REVOLT IN BRAZIL: REPRESENTATIONS OF DOMESTIC WORKERS IN THE TELENOVELA CHEIAS DE CHARME

MAURO PORTO - TULANE UNIVERSITY

Brazil experienced a significant process of social inclusion in the early 2000s, which included the passage of Constitutional Amendment 72. Known as PEC das Domésticas, the Amendment expanded labor rights to more than 6 million domestic workers, of whom 93% were women and 60% were black. This paper argues that this and other policies threatened to erode important social closure mechanisms that have defined middle-class status and white identity in Brazil, generating widespread anxiety. Such resentment contributed to the rise of a new conservative movement that culminated with the 2018 election of Jair Bolsonaro as president. The presentation discusses the results of a textual analysis of the popular telenovela *Cheias de Charme* (Sparkling Girls), aired by TV Globo in 2012. The telenovela is often seen as promoting a positive representation of domestic workers since

it portrayed three maids as protagonists. Despite acknowledging some positive aspects of the telenovela, the paper argues that *Cheias de Charme* reinforced key elements of Brazilian whiteness through some representation patterns, including the mantra of the benevolent and friendly patroa (female employer) and the representation of black and brown bodies as naturally inclined to domestic work. *Cheias de Charme* also ridicules the ways in which the previously poor started to inhabit consumption practices and social spaces that used to be monopolized by the white middle class, fostering resentment, and contributing to feed social anxieties and that played a significant role in the rise of the far right in Brazil.

CURATING & CURATING QUEER ART: QUEERNORMATIVITY & HETEROBRASILIDADE IN BRAZIL'S QUEERMUSEU

STEVEN F. BUTTERMAN - UNIVERSIDADE DE MIAMI

The August 2018 inauguration of the “Queer Museum” in Rio de Janeiro has brought to the forefront a number of controversial issues that echo, dramatize, metaphorize, and metastasize Brazil’s sociopolitical divisions, including state involvement, support, and censorship of cultural initiatives designed to destigmatize creative production by and for gender/sexual minorities. The brief but volatile history of the museum’s opening, its subsequent censorship in Porto Alegre, and the use of social media to rehabilitate itself in Rio with the largest “crowdfunding” campaign in Brazil’s history, reflects larger debates on freedom of speech, citizenship as activism, art as a site of cultural resistance, and the limits of reception and spectatorship on the basis of sexuality, gender, race, and age. These (re)actions perform current pedagogical polemics in Brazil on “ideology of gender” arguments that continue to suppress gender studies and LGBT/queer studies at all levels of the curriculum, from the kit de anti-homofobia at the secondary level to the repression and commission of aggression against Judith Butler’s (physical and scholarly) body of knowledge. This presentation dialogues with international scholars of museum studies and cultural studies to interrogate simultaneously conflictual and consensual relationships between aesthetics (artworks), the ethical imperative of the museum as a cultural institution invested in representing cultural artifacts of marginalized citizens, the rules of censorship and the roles of freedom of speech in a “democracy” positioning itself in an ambivalent “queer time and place” (Halberstam) consistently questioning the fragile foundations upon which it is claimed and revoked in today’s Brazil.

C6 PAINEL

OS ANOS 1970 NO BRASIL: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM TEMPOS DE REPRESSÃO

Os anos 1970 marcaram uma fase importante na trajetória da vida cultural brasileira. Durante a década de 1960, as produções culturais navegaram em águas de liberdade criativa e atividade política, o que lhes garantiu, segundo Roberto Schwarz, uma razoável saúde social. As transformações nos planos políticos e econômicos após o golpe de 64, entretanto, afetaram significativamente essa trajetória, principalmente no decorrer dos anos 1970. A década começou sofrendo as consequências diretas do AI-5, que entrou em vigor em 1968, produzindo o período de maior repressão política e cultural da ditadura. Dentre as estratégias de atuação do Ato, estava a esterilização das manifestações culturais, associadas em grande maioria às esquerdas ou pelo caráter libertário e experimental das obras. Música, literatura, cinema e teatro foram silenciados até o esvaziamento e esgotamento dessas produções, levando ao chamado período de « vazio cultural ». Não era possível produzir cultura sem ser reprimido. Entretanto, os fatores que levaram ao esvaziamento dessas produções culturais também forneceram novos meios de manifestações, novos caminhos e novas exigências. Sem negar a esterilização da cultura, é preciso questionar o esvaziamento produzido e seus efeitos. A produção cultural não parou nos anos 1970, mas inventou-se sob novos prismas diante da esterilização política. Fechando portas, a década de 1970 abriu janelas para a cultura brasileira.

PARA UMA CRÍTICA DE ‘AGRIPINA É ROMA-MANHATTAN’, FILME DE HÉLIO OITICICA

RUBENS LUIS RIBEIRO MACHADO JUNIOR, PROFESSOR DA ECA-USP, BRASIL

No exílio artístico pelos anos 1970 em Nova York, Hélio Oiticica estuda cinema dedicando-se a projetos dos quais apenas *Agripina é Roma-Manhattan* (1972, Super-8) se consolida, tendo sido muito exibido em mostras desde 1992. No que toca o aspecto arte-vida, central no percurso de Hélio, as figuras delineadas no quadro de personagens incluem alguma repercussão simbólica: A vamp Cristiny Nazareth (*Agripina*) que fazia a primeira vampira, vítima-vitimadora em *Nosferato no Brasil*, bem como de outros Super-8 rodados no Rio por Ivan Cardoso, a série *Quotidianas Kodak* (1974-1975). O filme agenciaria também elementos diversos trazidos de Sousândrade, Haroldo de Campos, Glauber Rocha e José Agrippino de Paula, entre outros. *Agripina* se modulará diferentemente em três blocos de ação: nos leva de personagem hierática a empírica, da transcendência ao acaso, da mítica à pedestre, de espírito-pétreo a presença-carnal, de Roma a Manhattan. Ao contrário da evocação civilizada do passado, a *Agripina* que Hélio ressuscita dos versos infernais de Sousândrade, escritos um século antes na mesma cidade, reencarnaria em imagens dialéticas, mais que a maternidade de Nero, ou a femme fatale em mais de um sentido. A tiranizadora de césares seria agora quintessência do novo centro do Império, o jogo financeiro como tirania do nosso tempo. Séculos depois, em mulher-metrópole rediviva, *Agripina é Roma-Manhattan*. Os performers latinos que a secundam nada têm dos Césares que ela encantou avassaladoramente. Nem de Nero,

déspota-mor incendiário de Roma, que além de filho, foi seu projeto “demoníaco” de poder — e finalmente seu assassino, criatura superando criador.

AO REDOR DO CANTOR: LUIZ GONZAGA EM SEM ESSA, ARANHA

ALBERT ELDUQUE, UNIVERSITAT POMPEU FABRA, BARCELONA

Uma das experiências cinematográficas mais radicais do cinema brasileiro nos anos 70 foi a produtora Belair, fundada por Rogério Sganzerla, Helena Ignez e Júlio Bressane, que produziu seis filmes durante três meses de 1970. Nesses filmes, que costumam alegorias sobre a violência da ditadura com uma estética performática e uma narrativa fortemente fragmentária, a música popular brasileira joga um papel fundamental. Ela é ao mesmo tempo dado de identidade nacional e objeto cultural para ser transgredido. Nesta comunicação quero me focar nas atuações musicais do rei do baião Luiz Gonzaga no filme Sem Essa, Aranha (Rogério Sganzerla, 1970), que configuram dois momentos centrais do filme. O registro ao vivo da atuação do músico, acompanhado de pessoas do povo, produz um choque com a encenação clownesca dos protagonistas (Helena Ignez, José Loredo e Maria Gladys) e ganha uma dimensão alegórica forte. Para explorar as implicações dessas cenas, vou analisá-las no contexto das estratégias estéticas do resto do filme, composto maioritariamente de longos planos-sequência que ora mostram distintas tradições de representação, ora exploram a interação entre os atores e os moradores de comunidades pobres. Além disso, vou comparar as cenas de Gonzaga com outros usos da música popular brasileira nos filmes da Belair, como a trilha sonora de Copacabana Mon Amour, composta por Gilberto Gil, e os registros sonoros de sambas do passado nos filmes de Júlio Bressane. Através dessas comparações quero discutir o valor estético e político que Sganzerla dá tanto à inserção do ícone Gonzaga no seu filme, quanto à filmagem ao vivo da sua performance.

O CORPO ENQUANTO AGENTE POLÍTICO : UMA ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO DE ARTE PORNÔ (1980-1983)

PEDRO FERREIRA, MESTRANDO NA EHESS. PARIS, FRANÇA

Inspirado pelos movimentos sociais e artísticos de 1968 e pelas novas formas do fazer artístico desenvolvidas nos anos 1970, o Movimento de Arte Pornô (MAP) promoveu no Rio de Janeiro do início dos anos 1980 uma ressignificação da sexualidade na arte brasileira. Formado pelo grupo Gang – composto por Eduardo Kac, Teresa Jardim, Glauco Mattoso, Hudinilson Jr., Leila Mícolis, Braulio Tavares, Cynthia Dorneles e Cairo Trindade – o Movimento de Arte Pornô (1980 – 1983) e se dividiu espacialmente entre a praça da Cinelândia – no centro da cidade – e as praias da Zona Sul – em especial a praia de Ipanema. Enquanto conjunto, o Gang realizou performances, além da produção de um vasto repertório de criações poéticas e audiovisuais que chegaram a ser concatenadas em livros como Antologia: Arte Pornô (Kac & Assis Trindade, 1984). Através do estímulo à liberdade sexual, o MAP tinha como objetivo desenvolver uma nova linguagem poética nos espaços públicos (Kac, 2013), mesmo em meio ao cenário de repressão da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985). Então, considerando o corpo como uma constelação de fatores socio-culturais (Le Breton, 2018) e partindo da concepção da sexualidade enquanto ferramenta de resistência política (Foucault, 1975), este trabalho busca compreender a representação do corpo enquanto agente político contra a moral promovida pelo regime militar brasileiro.

1969 ANO ERÓTICO : UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CENSURA E PORNOCHANCHADA (1969-1982)

MARIA ISABELA BUZOLIN LUCREDDI, EHESS. PARIS, FRANÇA

A atuação da censura pós-AI-5 foi vigorosa, esmagando as manifestações culturais brasileiras consideradas engajadas e subversivas. No campo do cinema, ela contribuiu ao desmembramento do seleto grupo do Cinema Novo já no início dos anos 1970. No entanto, foi também durante essa década que a produção cinematográfica brasileira atingiu recordes de bilheteria até então, com uma significativa produção e distribuição de filmes nacionais. Grande parte desse desempenho do cinema nacional deve-se às chamadas pornochanchadas, grupo de filmes eróticos que floresceram durante toda a década de 1970, durante os anos mais repressivos da ditadura militar. Assim como toda produção cultural, esses filmes enfrentaram a censura, mas a grande maioria do gênero conseguiu ser exibida no circuito interno. O sucesso da pornochanchada e a complexa relação entre cinema erótico e censura é o tema proposto para esta apresentação.

C7 PAINEL

IGREJAS E POLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

São inúmeras as controvérsias em torno de Igrejas neo-Pentecostais e a pandemia veio adicionar outras tocantes aos temas do negacionismo, do ceticismo no confronto da ciência médica, da geopolítica, da desigualdade social, além de ilustrar a diversidade de foros onde o pentecostalismo atua. Neste painel Manoela Carpenedo falará de um novo projeto que traça as redes sionista-evangélicas no mundo lusófono e a influência das correntes messiânicas-sionistas na política internacional do Brasil. Christina Vital da Cunha apresentará sua pesquisa sobre a atuação de juristas evangélicos conservadores em âmbito nacional e internacional enfatizando como a agenda da liberdade religiosa é por eles mobilizada como uma moeda política e Victor Araújo apresentará sua pesquisa

que mostra a influência decisiva da filiação evangélica pentecostal sobre o antipetismo dos eleitores de baixa renda, enquanto Leonardo Avritzer mostra como a relativização ritual do catolicismo brasileiro abriu um grande espaço para o Pentecostalismo propagar sua ética do sucesso e uma intolerância veiculada pela ameaça de forças demoníacas.

COORDENAÇÃO: DAVID LEHMANN

LUSO-ZION: COMPREENDENDO PRÁTICAS JUDAIZANTES E DISCURSOS SIONISTAS ENTRE EVANGÉLICOS CARISMÁTICOS/ PENTECOSTAIS NO ATLÂNTICO LUSÓFONO

MANOELA CARPENEDO - MONDES AMÉRICAINS EHESS, PARIS

O projeto Luso-Zion examina uma tendência religiosa crescente no mundo, a apropriação por evangélicos carismáticos/ Pentecostais de narrativas e rituais judaicos e, até mesmo, de ansiedades políticas sionistas. Estes ganharam atenção internacional no apoio evangélico à decisão do governo dos Estados Unidos de estabelecer uma embaixada em Jerusalém. Enquanto isso, os Pentecostais brasileiros também agora exigem que o presidente de extrema direita Jair Bolsonaro cumpra suas promessas de campanha e realoque a embaixada brasileira de Tel-Aviv para Jerusalém. Embora essa adoção da liturgia judaica, dos rituais derivados do Judaísmo e do apoio geopolítico sionista pelos cristãos evangélicos esteja se tornando cada vez mais evidente em todo o mundo, poucos estudos tentam entender o fenômeno além do caso do EUA, já bastante explorado na literatura. Luso-Zion pretende elucidar como estas formas religiosas e inclinações políticas estão tomando forma no contexto lusófono com casos em Angola, Brasil e Portugal. Por meio de uma comparação transnacional etnográfica e geopolítica, esta pesquisa investiga tendências judaizantes e sionistas dentro dos contextos pentecostais para assim construir uma narrativa sociocultural e política capaz de explicar porque o cristianismo carismático evangélico contemporâneo está se voltando para o judaísmo e a discursos políticos sionistas.

RELIGIÃO, DEMOCRACIA E POLÍTICA: COMO AS DIFERENTES RELIGIÕES ENXERGAM A DEMOCRACIA, A TOLERÂNCIA ÀS POLÍTICAS DO GOVERNO BOLSONARO EM RELAÇÃO À PANDEMIA

LEONARDO AVRITZER - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Historicamente, a religião católica no Brasil representou comunhão coletiva através do rito que criava um padrão de inclusão e exclusão. no sentido de que o catolicismo é a religião que pode relativizar no campo simbólico os rituais que o homem cordial já havia relativizado no campo institucional.

A teologia das denominações neopentecostais, , “(...) encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista da resolução ritual de problemas financeiros dos fiéis mais pobres, como para a demanda dos que desejavam legitimar o seu modo de vida, fortuna e felicidade.” (Ricardo Mariano)

O neopentecostalismo ocupa um espaço que o catolicismo, seja como religião pública, seja como religião privada, não é capaz de ocupar: o espaço de construção e justificação de uma ética do sucesso individual. Para uma discussão sobre tolerância e política o que importa são os dois passos seguintes do neopentecostalismo: a disputa pelo caráter público da religião através da representação parlamentar, e a tentativa de demarcação de hábitos e costumes através da atualização simbólica da ideia do demônio. Não por acaso ambas as dimensões foram importantes na campanha eleitoral de 2018.

O objetivo desse trabalho é demonstrar o distanciamento da opinião entre católicos e neopentecostais em relação a democracia, e as níveis de confiança em instituições políticas. Iremos também mostrar o diferente apoio das diferentes denominações as políticas do governo Bolsonaro durante a pandemia.

LIBERDADE RELIGIOSA EM TEMPOS DE PANDEMIA: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE JURISTAS EVANGÉLICOS NO BRASIL

CHRISTINA VITAL DA CUNHA - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL

A pandemia alterou dinâmicas sociais, econômicas e políticas em todo o globo. O campo religioso foi igualmente afetado por ela de formas variadas: às vezes empoderando atores sociais e seus locais de culto, às vezes produzindo desafios à continuidade de grupos menos institucionalizados. Nesta comunicação, tenho como objetivo apresentar dados e reflexões sobre a atuação da Associação de Juristas Evangélicos durante a pandemia no Brasil. Minha atenção recai sobre a defesa da liberdade religiosa realizada pela associação por meio da promoção de seminários nacionais e internacionais, lives, interpelações judiciais e notas públicas. Todas elas sinalizam o uso do tema como recurso político de fortalecimento da associação e das instituições religiosas que a apoiam em âmbito nacional e internacional.

PENTECOSTALISMO E ANTIPETISMO NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS

VICTOR ARAÚJO - UNIVERSIDADE DE ZURICH, SUÍÇA

O antipetismo explica o voto de pelo menos 20% dos eleitores brasileiros para os quais a ideia de votar no Partido dos Trabalhadores (PT) é inaceitável. As explicações correntes para tal comportamento eleitoral tendem a se

ancorar em dimensões conjunturais como a avaliação da economia ou a percepção de corrupção. Neste trabalho, argumenta-se que a filiação religiosa, e mais especificamente a filiação à religião evangélica pentecostal, explica parte substantiva da rejeição eleitoral ao PT observada em anos recentes. Para testar esse argumento, são utilizados dados de quatro rodadas do Barômetro das Américas (LAPOP) que permitem distinguir com precisão a filiação religiosa e analisar o voto dos respondentes nas eleições presidenciais realizadas entre 2002 e 2018. Os resultados indicam que os evangélicos pentecostais são menos propensos a votar no PT mesmo quando outras características de nível individual como renda, preferência partidária e ideologia são consideradas. Evidências complementares sugerem que esse padrão de rejeição observado nas disputas presidenciais é explicado pelo sentimento de antipatia em relação ao PT que é mais forte entre os eleitores de filiação evangélica pentecostal do que em outros grupos religiosos. Em conjunto, esses resultados vão ao encontro de trabalhos recentes que sugerem que o antipetismo não é um fenômeno eleitoral restrito aos eleitores das classes médias, ricas e altamente escolarizadas.

C8 BRASA

BOLSONARO'S BRAZIL IN GLOBAL CONTEXT

BOLSONARO'S BRAZIL AND REVIVAL OF NEOLIBERAL AUTHORITARIANISM

RAFAEL IORIS - UNIVERSIDADE DE DENVER, ESTADOS UNIDOS

ESFERAS POLÍTICAS QUE GOVERNAM A ECONOMIA DA DESTRUIÇÃO NA AMAZÔNIA

LUIS FERNANDO NOVOA GARZON - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONIA

O DISCURSO CÍVICO PARA O RESGATE DA DIPLOMACIA NO CURRÍCULO DE PORTUGUÊS LÍNGUA CRÍTICA

SILVIA RAMOS-SOLLAI - UNIVERSIDADE DE FLORIDA, PALM BEACH STATE COLLEGE

OS INCÊNDIOS FLORESTAIS NA AMAZÔNIA: UMA PROPOSTA POLÍTICOCRIMINAL

GIOVANA DUTRA DE PAIVA - UNIVERSIDAD DE SALAMANCA, BRASAIL

QUARTA-FEIRA 22. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A

A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

EDUCAÇÃO

O USO DO TEXTO LITERÁRIO COMO FONTE DOS ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DA EDUCAÇÃO

MARCO ANTONIO DE SANTANA, FLÁVIA FREITAS DE OLIVEIRA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, BRASIL

A concepção dada pela linha historiográfica, a saber “Nova História Cultural” (CHARTIER, 1991; BURKE, 2005), volta-se à reflexão da interdisciplinaridade, ou seja, do diálogo entre a História e as diversas áreas do saber, sendo plural e polifônica, como demonstra Peter Burke (2005), ao descrever as várias formas em se fazer a narrativa histórica, pensando até a história dos sonhos ou história dos gestos, por exemplo. Diante disso, a utilização da fonte literária como um “documento histórico”, por ser um artefato cultural é medida que se impõe promissora na tentativa de pensar as representações da docência feminina no início do século passado, sendo importante instrumento para a observação e documentação da identidade e da cultura da mulher estrangeira no exercício da função de preceptora no Brasil, num tempo e espaço marcado fortemente pelo viés patriarcal. Para tanto, esta discussão cumpre em aproximar o corpus que, nesta investigação é o conto *Atrás da Catedral de Ruão* (1947) - do modernista Mário de Andrade - bem como a representação do gênero feminino da personagem mademoiselle, com o fito de destacarmos a importância da utilização da literatura como fonte para a narrativa historiográfica, como aponta a Nova História Cultural. Quanto ao método empregado, trata-se de uma análise crítica de vestígios do passado, sintetizados no conceito de operação historiográfica (CERTEAU, 1982).

A REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA CARIOCA

RAQUEL GOMES - INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS E POLITUCOS (IESP)/ UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, INSTITUT D'ÉTUDES POLITTIQUES DE PARIS (SCIENCES PO)

A proposta formulada pela Lei 13.415 de 16.2.2017, dita lei do novo ensino médio, prevê, dentre outras medidas, a criação de 5 itinerários educativos: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Formação Técnica e Profissional. Tal medida parece caminhar na contramão do que está sendo atualmente colocado em prática ao redor do mundo por países que durante anos experimentaram sistemas escolares organizados em função da orientação precoce. Nesses países, reformas que preveem o itinerário único foram implementadas a fim de combater uma triste conclusão, a de que o processo de orientação acaba por aumentar as desigualdades escolares e sociais. Para além da experiência internacional, no caso da escola estudada, é possível perceber o mesmo movimento em relação à dinâmica estabelecida entre os três percursos possíveis no estabelecimento: ensino regular, ensino médio inovador e nova educação de jovens e adultos. O estabelecimento em questão estava situado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro e fez parte junto com outros 23 do grupo piloto de aplicação do Ensino Médio Inovador entre 2013 e 2015. Ao fim e ao cabo, uma forte hierarquia foi estabelecida entre eles e os alunos classificados de acordo com suas trajetórias escolares, reforçando desigualdades e endossando uma prática pedagógica baseada na repetência. Assim, esse trabalho soma-se a outros já produzidos sobre o tema ao levantar a questão sobre se o conteúdo dessa política, ao flexibilizar o currículo, trata-se de uma forma de garantir diferenças contemplando as diferentes “juventudes” e suas respectivas culturas ou acaba por reforçar ainda mais desigualdades.

UM CURSO NORMAL SUPERIOR: A EMPREITADA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (1916-1922)

THAÍS DE MELO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A pesquisa analisa o processo de concepção teórica e estruturação jurídica dos projetos da Academia de Altos Estudos e Faculdade de Filosofia e Letras 1915 e 1922. É possível observar em sua trajetória ao menos três períodos: como Escola; Academia de Altos Estudos e, por fim, Faculdade de Filosofia e Letras. Enquanto Escola, o objetivo foi a formação profissional, baseada em conhecimentos técnicos e teóricos, para o setor público, com ênfase nas áreas de diplomacia, administração e finanças. Como Academia, a criação de um curso de filosofia e letras redimensionou o campo de trabalho da instituição, agregando um programa de estudos desinteressados à grade de cursos profissionais que manteve. Desse modo, expandiu sua atuação, visando formar não só uma elite política mas também uma elite intelectual. Já como Faculdade, este anseio de promover políticas de formação cultural e profissional adentrou ainda mais no campo da educação com a criação do curso Normal Superior, que pretendia formar professores para o magistério secundário e normal primário.

O desejo de obter o reconhecimento oficial dos títulos e diplomas que seriam emitidos pela instituição, criada pelo IHGB, permeia todos os processos de reformulação. A conquista da chancela do Estado para formar profissionais direcionados a áreas políticas e sociais estratégicas, como o funcionalismo público e o círculo intelectual e docente, resgataria a posição de prestígio do IHGB, abalada pela República. Além disso, atrairia para o Instituto um considerável protagonismo sociopolítico no país, sendo um polo de construção de conhecimentos e irradiador de membros para o Estado e para outros âmbitos do poder. Assim, o Instituto seria um lugar de poder no campo do ensino e, por meio dele, uma instituição influente na organização social e política do país.

NARRAR-SE PARA EMPREGAR-SE: JOVENS DIPLOMADOS E OS SEUS CVS

MARIA MANUEL VIEIRA - UNIVERSIDADE DE LISBOA

O trabalho Narrar-se para empregar-se: jovens diplomados e os seus CVs, de Maria Manuel Vieira, partindo da constatação da tendencial da universalização de escolaridades relativamente longas, com efeitos de massificação das qualificações exibidas pela população mais jovem, trata das novas interrogações que esse processo suscita sobre a educação formal e os seus caminhos de futuro. A partir da experiência empírica de seleção de candidatos jovens altamente qualificados a postos de trabalho no âmbito de projetos de investigação, com base na análise do seu curriculum vitae, Maria Manuel Vieira ensaia uma reflexão exploratória sobre educação superior, mercado de trabalho e transições juvenis em contexto de precariedade laboral tendo como cenário a realidade portuguesa. O trabalho aborda três domínios de análise: o curriculum vitae enquanto fórmula narrativa escrita e a sua tendencial europeização; os desafios colocados à apresentação de si em CV, por parte do jovem, num contexto de massificação dos diplomas escolares; da centralidade da dimensão escolar à valorização das “competências”.

CRESCIMENTO E CRISE NO ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO BRASIL

HELENA SAMPAIO - UNICAMP - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

O trabalho “Crescimento e crise no ensino superior privado no Brasil”, de Helena Sampaio, focaliza o comportamento das matrículas nesse setor nos últimos vinte anos (2000-2020), indicando fatores que contribuem para produzir períodos de grande crescimento como de desaceleração de seu ritmo, como se constata nos últimos

anos. No caso do crescimento, contínuo por décadas, combinam-se fatores relativos à melhoria do fluxo educacional da população brasileira, com conseqüente impacto no aumento da demanda por ensino superior, e outros, às políticas de ampliação do acesso ajustadas à configuração de um sistema de ensino superior já fortemente privatizado e estratificado. Desde 2016, no entanto, assiste-se a uma inflexão no ritmo de crescimento do setor privado, resultado tanto da desaceleração do montante do financiamento público destinado às instituições privadas, por meio dos programas de isenção fiscal (Prouni) e de crédito educativo (Fies), como da diminuição da capacidade de financiamento privado – dos estudantes e suas famílias - decorrente da crise econômica que o país atravessa. Nessa dinâmica de dependência do setor privado em relação ao Estado e à demanda de mercado, somaram-se, em 2020, os efeitos da pandemia da Covid-19. Esses fatores contribuem para frear, no país, o projeto de ampliação do acesso e de inclusão dos grupos mais vulneráveis no ensino superior pela via do setor privado. O estudo se baseia em revisão bibliográfica, análise de dados secundários e entrevistas com representantes de entidades representativas do setor.

CUIDAR DA INFÂNCIA, PROTEGER A NAÇÃO – ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA NO RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1900-1920)

CAROLINE GIL - FIOCRUZ, BRASIL

Este trabalho procura analisar a construção de políticas de assistência à infância na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 e 1920, através de duas instituições: o Instituto de Proteção e Assistência à Infância - IPAI e a Policlínica de Crianças. Em fins do século XIX a mortalidade infantil no Brasil era objeto de atenção médica, e alvo de debates travados nas principais faculdades de medicina do país. Essas duas instituições tinham em comum, entre outros fatores, a preocupação com a infância pobre e o combate à mortalidade infantil. O período analisado, as primeiras décadas do século XX, é marcado pela consolidação de uma rede de assistência à criança na cidade, contruída por meio de recursos públicos e privados, por intermédio de uma intelectualidade preocupada com os rumos da pátria.

A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

LÍNGUA E ENSINO

INTERAÇÃO ENTRE VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E A DIMENSÃO DIARRELIGIOSA NO ATLAS PLURIDIMENSIONAL DO PORTUGUÊS PAULISTA

SELMO RIBEIRO FIGUEIREDO JR. - UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA, REPÚBLICA TCHECA

De cunho dialetológico, o Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista: Níveis Semântico-Lexical e Fonético-Fonológico do Vernáculo da Região do Médio Tietê (FIGUEIREDO JR., 2019) apresenta cartas (ou mapas) linguísticas em correlação sistemática entre variáveis linguísticas (semântico-lexicais e fonético-fonológicas) e variáveis/dimensões extralingüísticas (diatópicas, diastráticas escolares, diassexuais e diageracionais). Entretanto, outros aspectos extralingüísticos haviam sido coletados na pesquisa de campo que, no Atlas, não foram correlacionados com os dados linguísticos. A comunicação ora delineada tentará reduzir essa lacuna deixada no Atlas ao propor uma discussão sobre a relação entre a religião dos 80 informantes do Atlas e sua fala, a partir dos próprios corpora disponíveis na obra. A representatividade territorial desses informantes – em número equitativo de mulheres e homens, jovens (18–36 anos) e velhos (a partir de 55) e de baixa (até ensino médio incompleto) e de alta escolaridade (a partir do ensino superior incompleto) – cobre a região paulista do Médio Tietê, especificamente as localidades de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Araçariçuama, São Roque, Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Tietê, Capivari e Piracicaba. Como resultado, procurar-se-á explicitar o grau de influência (se existente) dessa dimensão diarreligiosa sobre os dados linguísticos produzidos. Além da perspectiva dialetológica moderna, o pensamento acerca da relação entre linguagem e religião de Crystal (1966), Samarin (1987), Keane (2006) e Safran (2008), entre outros, será mobilizado.

SABERES DOCENTES E DESAFIOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: FORMAÇÃO E PRÁTICA NO CONTEXTO BRASILEIRO

MARINA AYUMI IZAKI GÓMEZ - UNIVERSIDADE JAGIELÓNICA DE CRACÓVIA (UJ), POLAND

No atual contexto de crise sanitária, muitas profissões estão ocupando posição de destaque no enfrentamento da pandemia. Dentre os ofícios potencialmente necessários para melhor gestão da situação, está a figura do professor. Lidar com os desafios provenientes dessa nova realidade requer formação de qualidade. Nesse sentido, o professor da área da educação também precisa de conhecimentos teórico-metodológicos sólidos para melhor gerir o seu ofício. Com o professor de línguas estrangeiras não é diferente. O trabalho na área de ensino e aprendizagem de línguas é complexo, com tarefas multifacetadas de planejamento de curso/aula, elaboração de materiais/atividades, avaliação, entre outras, o que implica formação contínua para (re)construir os saberes que serão operacionalizados na prática pedagógica. Nessa perspectiva, de acordo com Tardif (2002), os saberes docentes são plurais e heterogêneos, construídos por outros saberes da formação profissional, acadêmica,

saberes curriculares e experienciais. Transpondo essa reflexão para a área de ensino de Português Língua Estrangeira (PLE), especificamente do Português do Brasil, reconhecemos que o professor de PLE necessita de formação e experiência na referida área para desenvolver o seu trabalho com qualidade. Nesse sentido, nesta comunicação, propomos discussão sobre os saberes docentes necessários para operacionalizar o ensino na prática e reflexão sobre os desafios que os professores enfrentam ao ensinar o português para estrangeiros. Levando em consideração que o processo reflexivo é imprescindível na formação do professor, a abordagem reflexiva foi o aporte teórico que fundamentou este estudo. De acordo com Freire (1996), é pensando o hoje/ontem de forma crítica que se pode melhorar a nossa atuação no futuro. A metodologia de pesquisa é de natureza qualitativa de base etnográfica e interpretativista e os dados foram analisados em um processo de construção de significados. Participaram do estudo graduandos em Letras, que ministraram cursos de PLE, e o pesquisador no papel de tutor (o par mais experiente). Os dados foram coletados em uma universidade pública brasileira e fazem parte de pesquisa de doutorado realizada na mesma instituição. Dentre os resultados obtidos nessa investigação, destacamos a necessidade de acompanhamento presencial constante de um tutor nas práticas realizadas pelos professores em formação, de criar espaços para promover a reflexão sobre a prática e de promover trabalho colaborativo para lidar com os desafios linguístico-culturais no ensino de português. Como desdobramento dessa pesquisa de doutorado, destacam-se um organograma base de trabalho colaborativo em PLE e uma categorização dos saberes pedagógicos base para o ensino de português para estrangeiros. Levando em consideração que ensinar um idioma não é simplesmente transferir conhecimento do sistema linguístico, temos expectativa de que esta discussão possa ampliar reflexão sobre a complexidade no ensino e aprendizagem de PLE, o que demanda atuação de profissionais altamente capacitados para lidar com variáveis linguístico-culturais e sociais em diversos contextos.

LEITURAS E LEITURAS, LEITORES E LEITORAS: ESPECIALIZAÇÃO E ESCOLHAS DO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO EM MEADOS DO SÉCULO XIX

PAULA CANDIDO ZAMBELLI - UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE, FRANÇA

O desenvolvimento de uma cultura letrada no Brasil oitocentista, concebida nos moldes europeus que pressupunham a coexistência de um efetivo público leitor, de um sólido mercado do livro, bem como de instâncias de legitimação literária, como a crítica e a história da literatura, foi um processo lento, inconstante e, forçosamente, incompleto. Nesse contexto, a década de 1850 foi um momento de particular vitalidade para a vida literária do Império. Malgrado a presença ainda restrita do livro na vida social brasileira, editores como Garnier e Lammert consolidaram-se multiplicando títulos e gêneros em busca de públicos variados.

Pretende-se analisar uma das facetas da especialização dos produtos editoriais na referida década: a distinção entre livros para leitores e livros para leitoras, no seio do gênero antológico, amplamente estudado por ter abrigado os discursos de afirmação das letras pátrias. Ao lado do incontornável Florilégio da poesia Brasileira (1850-53), circulavam antologias como Grinalda de flores poéticas: seleção de produções modernas dos melhores poetas brasileiros e portugueses (1854), organizada pelo Novo Correio das Modas e “dedicada ao “Bello Sexo”. Procuraremos entender como tais objetos participam da disseminação da ideia da existência de “Leituras”, em maiúscula, associada ao primeiro objeto, voltadas ao público masculino, e de “leituras” menores, destinadas essencialmente a formar e tutelar o leitorado feminino.

ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS DE PRAGA: SUA FORMAÇÃO E DESAFIOS

FILIP VAVŘÍNEK - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A comunicação apresenta, resumidamente, a história da fundação e do desenvolvimento dos Estudos Luso-brasileiros vinculados à Faculdade de Letras da Universidade Carolina (Praga) e parte de uma pesquisa de cunho histórico, cujo objetivo é descrever a história do departamento e seus desdobramentos em outras áreas.

Na história das relações tcheco-brasileiras se percebe que existem diversos pontos de aproximação que foram ocasionais e que não promoveram uma sistematização de saberes sobre o Brasil devido, também, a distância geográfica entre os dois países. Na Universidade Carolina o interesse pela Língua Portuguesa surgiu no início do século XX e foi promovido por linguistas. No fim da década de 1920, foram abertas as primeiras aulas de língua prática com o efeito de divulgar português, na época, ainda pouco conhecido no contexto da Tchecoslováquia e preparar solo para o estabelecimento posterior dos Estudos Luso-brasileiros como uma carreira universitária curricular em 1957 pelo professor Zdeněk Hampl.

A fundação dos estudos e sua orientação coincide com a época em que a política externa do estado tchecoslovaco promoveu uma aproximação amigável com a América Latina. Na universidade, portanto, português e temas brasileiros se tornaram preferenciados à variante europeia, sendo possível concluir que escolha foi de cunho político. Mais tarde, reuniram-se em torno dos Estudos Luso-brasileiros os primeiros especialistas formados na área e criaram uma base universitária.

Tais considerações podem ser relevantes se comparadas com a situação de diversos institutos de pesquisa sobre o Brasil que atuam em outros países europeus. A contemplação sobre o tema também viabiliza pensar sobre o futuro e condições específicas da atuação da comunidade de brasilianistas na Europa.

A EDUCAÇÃO ENUNCIADA NOS ÁLBUNS ILUSTRADOS DO INTERIOR PAULISTA (1915-1929)

RAQUEL DISCINI CAMPOS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, BRASIL

A comunicação apresenta os resultados do trabalho que toma como objeto de análise os álbuns ilustrados produzidos no interior paulista na primeira metade do século XX, particularmente na região então conhecida como Araraquense. Compostos majoritariamente por narrativas fotográficas, mas não apenas por elas, os álbuns se tornaram moda na vida cultural dos letrados do estado naquele tempo e espaço. Em suas páginas, que nasceram sob a égide do testemunho dos grandes feitos dos autointitulados desbravadores do sertão paulista, enfatizava-se assuntos diversos relacionados à temática do progresso. Destacava-se, em especial, a importância tanto da escolarização dos paulistas, via disseminação de grupos e ginásios, quanto da educação informal de uma população em processo de formação. Capítulo recorrente nos álbuns analisados, a educação era um assunto de grande vulto, tratado com sacralidade, num tom consoante à sensibilidade moderna dos letrados que conceberam, confeccionaram e puseram os álbuns em circulação. Por isso, entendemos que tais projetos estão encarnados no próprio projeto dos álbuns, que era o de dar visibilidade a um modelo de civilização característica, em processo de edificação, para além das fronteiras da região onde foram produzidos – e atrair investimentos e propagandear a zona pioneira em ascensão. Tais artefatos culturais são perscrutados como objetos de análise e como fontes para a escrita da história da educação; e são lidos à luz dos referenciais teóricos oriundos da História Cultural e da Análise do Discurso, bem como da História da Educação. Neste evento nos propomos discutir, em especial, as fotografias escolares presentes nos álbuns, buscando problematizar não apenas a narrativa imagética triunfante construída a partir delas, mas, também, o que se procurava ocultar naquele movimento altamente contraditório de expansão capitalista nos sertões.

DO LIXO AO LUXO DA LEITURA: QUANDO SE É NOTÍCIA PORQUE SE LÊ

LUZMARA CURCINO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, BRASIL

Em “A vida dos homens infames”, Michel Foucault se volta para um tipo de registro histórico onde constam alguns esboços, em poucas linhas, sobre a vida de pessoas concebidas como desviantes, dignas de medo ou de pena, alvo de indignação ou de caridade, signos dos quais se aprende a sentir repulsa ou uma enorme curiosidade. São registros médico-policiais do passado a partir dos quais se têm acesso à vida de homens e mulheres do passado, tidos como ‘sem importância’. Seus ecos podem ser ouvidos graças apenas a seu fatídico “encontro com o poder”, tal como afirma o filósofo. Hoje, por outros meios, temos acesso a esboços de outras vidas que, como essas do passado, são tidas como ínfimas e infames. Não são raros os textos da mídia brasileira que noticiam a vida de pessoas vivendo em condições de miséria, algumas sobrevivendo do lixo outras morando na rua, pessoas que justamente por terem sido flagradas lendo ou na companhia de livros chamam a atenção, ganham existência e alguma visibilidade. O caráter inusitado e improvável de que sejam leitores é motivo suficiente para que sua invisibilidade e infâmia plenas sejam suspensas temporariamente e com isso elas se tornem notícia em páginas e telas de jornais, revistas, programas televisivos ou em portais de notícias etc. Apoiada em princípios da Análise do discurso e da História Cultural da leitura, e a partir de um corpus de textos da mídia brasileira que noticiam essa existência de leitores improváveis, apresento uma análise do modo como nesses textos se atualizam certos discursos consensuais sobre a leitura de ampla circulação em nossa sociedade, discursos que afetam o modo como lemos, como nos reconhecemos como leitores, como ensinamos essa prática e como reproduzimos certas representações idealizadas quanto aos sujeitos que a exercem, de modo a estigmatizar e segregar aqueles que não correspondem a essa idealização.

A3 PAINEL

O PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA (NÃO-)MATERNA: VARIEDADES E REPRESENTAÇÕES EM ESPAÇOS CONTINENTAIS (BRASIL, FRANÇA, ITÁLIA)

Nosso objetivo é apresentar estudos, no âmbito de cooperações interinstitucionais envolvendo pesquisadores do Brasil, França e Itália, sobre padrões intralinguísticos, interlinguísticos e multilinguísticos do português segundo perspectivas sociolinguísticas, sociofuncionalistas, (sócio-)construcionistas diassistemáticas. Os problemas que orientam esta proposta são:

- (i) Em que medida existem diferentes gramáticas em todo o mundo, quando consideramos o Português como língua materna/nativa ou língua não materna/nativa? Como podemos representá-lo: diferentes sistemas ou subsistemas/variedades?
- (ii) Qual é o grau de diassistematicidade (Höder, Prentice & Tingsell, forth.) do português? Existem situações diferentes em todo o mundo?
- (iii) Quais são as construções fonético-fonológicas, morfossintáticas e textuais-discursivas que estão ligadas às diferenças e semelhanças que as pessoas percebem? Quais são as consequências para ações envolvendo o português, como as relacionadas à área de ensino ou tradução?
- (iv) Quais são as ações (políticas) dirigidas ao ensino da língua portuguesa ou a ter vozes e escritos nesta língua em todo o mundo, considerando o potencial de visão estratégica da língua?

Este painel propicia subsídios para uma macrovisão linguística de diferentes espaços onde o português é a língua utilizada (materna ou não, adicional, de acolhimento, patrimonial). Compreendemos que o mundo contemporâneo com as mais diversas rotinas discursivas digitais (ou não) é atravessado por diversas necessidades de (inter)ação. Isto realça a diversidade sociocultural e linguística: existem diversos cenários (territoriais e fronteiriços) de vida relacionados com mobilidade, migração, ensino, tradução, acessibilidade, políticas linguísticas, tecnologias digitais. Gostaríamos de proporcionar um debate baseado na linguística sócio-cognitivo-funcional e em investigações empíricas (considerando metodologia observacional e/ou experimental), bem como espaço para interlocução entre linguistas que lidam com questões sobre o português em espaços continentais distintos. Esperamos encorajar uma agenda internacional de (inter)ações, investigações e descrição geral da língua portuguesa.

PREDICAR – FORMAÇÃO E EXPRESSÃO DE PREDICADOS COMPLEXOS E PREDICAÇÕES: UM PAINEL DE INVESTIGAÇÕES

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ, BRASIL

Esta comunicação visa a traçar um painel de evidências e contribuições oriundas dos estudos do projeto brasileiro Predicar sobre predicções e predicadores simples e complexos, centrados em análise multivariada de dados do uso ou em exame de registros colhidos via pesquisa experimental. Alguns desses estudos lidam também com a comparação de variedades nacionais do Português (Brasil e Portugal), outros com a comparação de usos em domínios discursivos diferentes (acadêmico, jornalístico e conversacional) ou gêneros textuais (teses e dissertações, artigos científicos, resumos; editoriais, notícias, entrevistas, por exemplo). Há quase vinte anos esse projeto, desenvolvido por uma equipe de pesquisa sob a coordenação de Marcia dos Santos Machado Vieira (<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>), vem oferecendo subsídios sobre conceptualizações e configurações (morfo-)sintáticas e lexicais em jogo em diferentes práticas textuais-discursivas modeladas via predicções de diversos tipos: construções com predicador simples ou predicador complexo com verbo suporte, verbo relacional ou verbo auxiliar, construções que perspectivem indutividade/agentividade ou resultatividade/passividade, construções de (im)personalização discursiva, construções de intensificação ou atenuação, entre outras. Interessa, então, expor resultados desses estudos empíricos que permitam desenhar um quadro das potencialidades de predicação verbal ou verbo-nominal da língua portuguesa em que pese a relação entre atributos de forma e de significado/funcionalidade. Para tanto, conta-se ora com análises multivariadas de regressão logística ora com estas e ainda análises baseadas em testes de avaliação subjetiva. O quadro teórico-metodológico dessas análises é sociofuncionalista ou socioconstrucionista, delineado segundo uma concepção diassistêmica de língua que pode alcançar um perfil gramatical de interlíngua suposto na hipótese de comunidades cada dia mais multilíngues e de graus de diassistematicidade entre o português e outras línguas em relação com ele, principalmente as línguas românicas. Assim, reúnem-se generalizações gramaticais na base de enunciados do Português.

VARIAR – VARIAÇÃO EM LÍNGUAS ROMÂNICAS: BREVE APRESENTAÇÃO

VANESSA MEIRELES FERRÉ – UNIVERSIDADE PAUL VALÉRY - MONTPELLIER 3 (UPVM)

Esta comunicação pretende fazer uma breve apresentação do projeto franco-brasileiro VariaR – Variação em Línguas Românicas –, seus objetivos e potencialidades. Este projeto foi principiado em 2019, com o objetivo principal de contribuir para a descrição e análise de fenômenos variáveis em língua portuguesa, para, em seguida, visar a uma comparação do português com outras línguas românicas. Coordenado pelas pesquisadoras Vanessa Meireles Ferré, da Universidade Paul Valéry, e Marcia dos Santos Machado Vieira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o projeto já reúne também estudantes com vínculo às duas instituições e desenha-se de tal maneira que tem o potencial de contar com outros pesquisadores de ambas universidades e até de outras instituições universitárias que venham a interessar-se em colaborar para a frente de pesquisa comparativa nele proposta. Atualmente, encontra-se na sua primeira fase de desenvolvimento, que já resultou na organização do I Colóquio Internacional VariaR (23 e 24 de março de 2021). Em linhas gerais, o projeto pauta-se em corpora de naturezas diversas que viabilizem investigações em diferentes eixos de trabalho para dar conta das necessidades e potencialidades das humanidades (digitais ou não): mapeamento e documentação, tradução, ensino, interpretação ou dublagem, comunicação ou interação/rotina (socio)discursiva em diversas áreas do saber, aplicativo que promovam ludificação dos saberes sobre línguas românicas, entre outras. E desenvolve-se à luz de teorias sociolinguísticas e de suas interfaces, de variação, de mudança linguística e de contato multilinguístico. Com essas duas orientações espera-se contribuir para um melhor conhecimento de variedades do português e, por extensão, da área linguística lusófona de uma maneira mais geral dentro das línguas românicas, estabelecendo um terreno comum sobre as variações dialetais contemporâneas nestas línguas e propiciando um espaço de reunião de informações sobre generalizações e especificidades delas.

FILMES DE ANIMAÇÃO PARA CRIANÇAS – SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS DUBLAGENS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O PORTUGUÊS EUROPEU

CARLA VALERIA DE SOUZA FARIA – UNIVERSITÀ CA' FOSCARI VENEZIA (UNIVE)

Com “o desenvolvimento de novas tecnologias e o uso massivo da internet e das redes sociais” (DE LOS REYES LOZANO, 2017), e com os dispositivos móveis (computador portátil, celulares, tablets) e o streaming sempre presentes na vida das pessoas, as crianças passaram a ter cada vez mais acesso a esses dispositivos de maneira autônoma, e a oferta de produtos audiovisuais para esse segmento, com conseqüente necessidade de tradução para dublagem, vem crescendo. Pensando no ensino de português como língua estrangeira (e também como língua de herança) e na formação de tradutores, esta comunicação tem por objetivo apresentar um projeto piloto de análise da fala dublada de filmes de animação para crianças do inglês para o português brasileiro e o português europeu, a partir de uma perspectiva contrastiva e tradutológica. Com o apoio da linguística de corpus (GHADDESSY et al., 2001; McENERY e HARDIE, 2011; FANTINUOLI e ZANETTIN (ed.), 2015), pretende-se refletir sobre semelhanças e diferenças nas escolhas tradutórias das duas variedades de português, identificar traços linguísticos que ainda não tenham sido estudados, confirmar ou refutar intuições acerca de elementos/estruturas utilizados na fala fílmica (CHAUME, 2012; DE ROSA, 2012; PÉREZ-GONZALES, 2014 e 2019; PAVESI, 2016), uma fala colocada entre o polo da fala e da escrita por suas características especiais. Além disso, pensar como o uso de um corpus paralelo de filmes de animação pode colaborar para o ensino dessas duas variedades às quais o aprendizado italiano universitário é exposto. Para tanto, encontram-se transcritas as falas originais em inglês de quatro longametragens: *Brave* (2012); *Frozen* (2013); *Moana* (2016); *Coco* (2017) – e suas respectivas dublagens em PB e PE, além daquelas em italiano para futuras análises em âmbito multilíngue. As transcrições transformadas em extensão .txt podem ser rodadas em concordanciadores (ArtConc, WordSmith) que facilitam a busca de elementos para a análise.

PONTES ENTRE CONSTRUCTICONS: COMO PORTUGUÊS E FRANCÊS SE RELACIONAM EM TERMOS DE CONSTRUÇÕES DE PREDICAÇÃO VERBAL COMPLEXA

PÂMELA FAGUNDES TRAVASSOS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

Com um perfil diassistêmico (HÖDER, 2020), buscamos generalizações em torno da alternância de predicados complexos acionados na conceptualização de percepção visual, por meio de uma análise comparativa da variedade brasileira do português e o francês. Após descrição de aspectos dos polos formal e funcional das perifrases verbo-nominais, observamos tanto relações de semelhança quanto de diferenças entre padrões construcionais com verbo-suporte em virtude de processos cognitivos. Nesse sentido, investigamos a ocorrência de variação por similaridade e por polissemia em função da maior ou menor proximidade entre as construções. Tencionamos observar possíveis pontes entre constructicons (na relação conceptualização cognitiva-materialização linguística-convencionalização social), captadas em uma proposta de representação da rede construcional de predicação verbal complexa. O modelo teórico de base para a análise é o socioconstrucionismo (CAPPELLE, 2006, 2009; HILPERT, 2014, 2017, MACHADO VIEIRA, 2004, 2016, 2018), que consiste em um alinhamento da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) com a abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2010, 2015; TRAUOGOTT & TROUSDALE, 2013). Construtos teóricos importantes para esta pesquisa são os de “aloconstrução” (CAPPELLE, 2006), “constructeme” (PEREK, 2015), “colexema” (STEFANOWITSCH & GRIES, 2003), “diaconstrução” (HÖDER, 2020) e “idioconstrução” (HÖDER, 2020). O corpus é formado por textos atuais escritos em postagens no ambiente digital do Twitter. A metodologia envolve análise quali-quantitativa (inclusive, frequências type e token e observação dos parâmetros produtividade, esquematicidade, composicionalidade e contextualidade), análise multivariada e análise colostrucional/colocacional. Por um lado, hipotetizamos que construções específicas podem ser mais acionadas, tendo em vista o contexto discursivo-pragmático em questão: pode haver uma atração estatística para determinados padrões construcionais em função da temática ou do ato ilocucionário, por exemplo. Por outro lado, a similaridade entre padrões construcionais pode ficar evidente quando observamos as funcionalidades semelhantes relativas à aspectualidade (aspecto não-durativo), modalidade/(inter)subjetividade, assim como percepção visual em contextos específicos.

A4 PAINEL

AS DIFERENTES FACES DO BOLSONARISMO

Este painel reúne pesquisadores do fenômeno do Bolsonaro que apresentarão diversas perspectivas analíticas do mesmo com propósito de configurar um painel multidisciplinar que consiga aprofundar num objeto de estudo por definição polidrico:

“O CONTRAPÚBLICO DO BOLSONARISMO POPULAR MODERADO”

ESTHER SOLANO GALLEGO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Este paper analisará o ‘bolsonarismo popular moderado’ configurado pelas classes C e D de renda, os precarizados subjetivamente submersos na lógica do empreendedorismo que correspondem à maior parte da população brasileira, que já votou majoritariamente no PT, mas que, motivado pelas questões que trataremos neste artigo, optou, em 2018 pela opção disruptiva eleitoral que representava o ex-capitão. Nosso enquadramento teórico será a perspectiva dos contrapúblicos para o que trabalharemos autores como Nancy Fraser ou Michael Warner.

“A ALIANÇA DA HIDROXICLOROQUINA: COMO LÍDERES DE EXTREMA DIREITA E PREGADORES DA CIÊNCIA ALTERNATIVA SE REUNIRAM PARA PROMOVER UMA DROGA MILAGROSA”

GUILHERME CASARÕES - FUNDAÇÃO GETÚLIO VERGAS E DAVID MAGALHÃES - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Logo após a eclosão da pandemia da COVID-19, o mundo viu líderes de extrema direita se unindo para promover a hidroxicloroquina (HCQ), apesar de resultados controversos. Por que alguns líderes promoveram ativamente o remédio desde então, mesmo contradizendo recomendações de autoridades de saúde de seus próprios governos? Nosso argumento é duplo. Primeiro, a HCQ tem sido uma ferramenta integral do populismo médico no contexto da pandemia de COVID-19. Segundo, em vez de ser um esforço individual, o populismo médico diante da crise do coronavírus levou populistas a construir uma rede de ciência alternativa, definida como um movimento difuso de supostos buscadores da verdade que defendem publicamente suas convicções científicas em uma encruzilhada entre evidências parciais, pseudociência e teorias da conspiração. Para tanto, comparamos porquê e como Donald Trump e Jair Bolsonaro recorreram ao populismo médico performático ao abordar a crise de saúde.

“GANHAR OS CORPOS, OS CORAÇÕES E AS MENTES. COMPREENDER O ENGAJAMENTO NO MOVIMENTO BRASILEIRO PRO-IMPEACHMENT (2014-2016)”

FANNY VRYDAGH - UNIVERSITÉ LIBRE DE BRUXELLES

A eleição de J. Bolsonaro como presidente em 2018 fica na continuidade de diversos eventos políticos como as eleições municipais de 2016, e antes de isso, as manifestações para a destituição da presidente Dilma Rousseff (PT). Para entender o sucesso eleitoral da direita radical em 2018, vale analisar e entender esse evento precursor. Esse trabalho explora o processo pelo qual os significados dados (as ideias, os valores e as crenças) convenceu a legitimidade do movimento pró-impeachment, focando-se naqueles que mais se envolveram: os militantes do VemPraRua (VpR), o Movimento Brasil Livre (MBL) e os Revoltados ONLINE (ROL). O trabalho analisa os frames produzidos pelas organizações em paralelo das narrativas contadas pelos militantes durante entrevistas qualitativa em profundidade. O estudo demonstra a importância que tem as emoções e a retórica específica aos contrapúblicos no processo de engajamento.

“HUMOR E VIOLÊNCIA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA NO FENÔMENO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA”

CONCEPCIÓN FERNÁNDEZ VILLANUEVA - UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID E GABRIEL BAYARRI - UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

Durante o período eleitoral de 2018 no Brasil, realizamos uma etnografia digital nos grupos de Whatsapp de apoiadores do projeto bolsonarista. Neste período, coletamos uma amostra de 132 memes, pertencentes a grupos de Whatsapp compostos por até 256 membros, que não se conheciam e estavam geograficamente divididos. Esta pesquisa tenta compreender o processo de camuflagem e banalização da violência do fenômeno bolsonarista através do humor memético compartilhado no Whatsapp. O contexto humorístico, bem como a relativa leveza dos danos infligidos e sofridos levam à consideração da não existência ou banalização da violência. Assim, através desta análise, mostramos a banalização e legitimação da violência contra adversários políticos e outros grupos sociais. Grande parte desta legitimação é camuflada sob a máscara de suposto humor e ironia que na realidade é insultante, prejudicial, racista e desumanizante.

“O POPULISMO AFETIVO DO BOLSONARISMO. UMA ANÁLISE CRÍTICA DA RETÓRICA POLÍTICA DA DIREITA EXTREMA”

EINAR BRAATHEN - NORWEGIAN INSTITUTE OF URBAN AND REGIONAL RESEARCH

O paper usa o conceito de populismo afetivo como o ponto de convergência de uma articulação teórica interdisciplinar que ilumina como os modos sensoriais de engajamento afetivo em torno dos líderes populistas criam novos tipos de movimentos populares - neste caso, o bolsonarismo, que se cruzem a linha divisória entre o democrático /não-violento e o autoritário/violento. O paper usará a análise do discurso para investigar a retórica política de Bolsonaro. Os autores se concentrarão em como Bolsonaro mobiliza apoio popular por meio de argumentos relacionados a três componentes discursivos: (1) nacionalismo religioso e valores morais, (2) forças de segurança armadas (polícia e exército) e (3) anticomunismo. O paper baseia-se em estudos próprios e de outros

acadêmicos (entre outros Nicolau, 2020; Paes Manso, 2020; Solano, 2019; Nobre, 2020). A análise explorará como os três componentes discursivos funcionam afetivamente, criando construções sociais do 'cidadão de bem' versus 'maus esquerdistas', onde o último grupo é visto como uma ameaça à identidade nacional e à segurança que consolida os eleitores em potencial em uma "comunidade imaginada" afetiva (Anderson 1991) ativando um inimigo claramente definido (Laclau, 2005; Solano 2020; Setzler, 2021). Com base no trabalho de Lakoff e Johnson em *Metaphors We Live By* (1980), é dada atenção específica a certas estratégias populistas discursivas usadas por Bolsonaro, como a simplificação excessiva da realidade e o uso de argumentos polêmicos, metáforas, metonímias, notícias falsas e ataques na mídia.

A5 PAINEL

OUTROS BRASIS: HEGEMONIA E SUBVERSÃO (MESA 1)

O “fora” é desde sempre, e hoje ainda mais, um lugar altamente criativo e fértil onde “re-pensar” o Brasil e sua cultura, um ponto de observação privilegiado que, em função de uma mudança de perspectiva e sensibilidade, acaba alimentando uma constante e necessária renovação e, com frequência, inclusive uma subversão, das categorias e das interpretações pertencentes ao cânone tradicional. Quem ocupa essa distância em relação ao Brasil não é apenas o viajante estrangeiro, mas também os muitos brasileiros que dentro das fronteiras nacionais que reivindicam uma identidade como, por exemplo, indígenas, negros e demais comunidades marginalizadas, assim como movimentos de contracultura. Ou seja, o que está “de fora” é na realidade a maior parte do país. A mesa compreenderá contribuições com enfoque em diferentes áreas temáticas, delineando trilhas de leitura em caráter interdisciplinar que não ambicionam esgotar o potencial problemático do assunto, mas, sim, imprimir novos horizontes ao debate.

O ÍNDIO SEM O ÍNDIO: A ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA REIVINDICA O SEU NOME

CAROLA SAAVEDRA - UNIVERSITÄT ZU KÖLN

Na performance Pajé-Onça Hackeando a 33ª Bienal de Artes de São Paulo (2019), Denilson Baniwa, descalço, sem camisa, usando uma máscara de onça e um manto sobre os ombros, incorpora o espírito do pajé-onça que perambula pela Bienal ocupando a exposição “No início tudo era um”, que apresenta, num imenso painel, fotografias dos Selk’nam, povo extinto da Patagônia. Apesar das fotos terem imenso destaque, a curadoria não informa de que etnia se trata, muito menos do genocídio ocorrido no início do século XX que causou a sua extinção em poucas décadas. Denilson Baniwa nos faz uma série de perguntas, entre elas, que lugar têm os povos indígenas nos espaços institucionais da arte? Por muito tempo foi um lugar sem nome, mas o sucesso da performance de Baniwa aponta para uma mudança de paradigma.

COSMOPOLÍTICA E TRADUÇÃO INTERMIDIAL DAS ARTES VERBAIS INDÍGENAS NO BRASIL

MALCOLM K. MCNEE - SMITH COLLEGE

Além da tradução e mediação delas como matéria etnológica, como estão sendo traduzidas e circuladas as artes verbais indígenas no Brasil hoje em dia? Explorando formas intermidiais e enquadramentos cosmopolíticos, nesta comunicação examino exemplos recentes, incluindo traduções literárias de cantos mbyá e bororo feitas por Josely Vianna Baptista e Sérgio Medeiros, autotradução e translanguagem na escrita do líder guarani, Timóteo Popygua, e um videogame adaptando histórias tradicionais do povo huni kuin, do Rio Jordão. Orientado por uma aproximação ecocrítica e dos estudos da tradução, proponho que, embora inevitavelmente deslocando e descontextualizando os textos originais, estas novas formas de tradução e circulação ativam legibilidades mais expansivas, como manifestações cosmopolíticas e como contribuições aos diálogos atuais sobre humanidades ambientais e as agências da arte e práticas estéticas no contexto presente de crise ambiental, no Brasil e pelo mundo fora.

MOÇÁRABES, ANAFATÓTELES E O LIXO LÓGICO DE TOM ZÉ

CHRISTOPHER J. DUNN - TULANE UNIVERSITY

Ao longo de sua carreira, Tom Zé vem avançando um discurso de auto-construção (self-fashioning) que afirma sua alteridade radical devida a sua formação na cidade pequena de Irará, Bahia em uma região denominada como o “portal do sertão.” Desde que despontou como integrante do “grupo baiano,” que fez uma série de intervenções na música popular brasileira identificadas com a Tropicália (ou tropicalismo), Tom Zé afirma esta alteridade, baseada em termos temporais em vez de espaciais. Apesar de ficar só 85 km de Salvador, a Irará de sua juventude teria sido “medieval” e “pre-gutenbergiano.” Seu discurso de alteridade temporal apropria-se de *Os Sertões* (1902) a grande obra de Euclides da Cunha que descreveu o sertão como um espaço parado no tempo, exilado do Brasil republicano, deixando um ambiente cultural e religioso que remetia aos tempos da Reconquista Ibérica, memorializados em danças que dramatizavam o conflito em mouros e cristãos. Uma geração depois, Gilberto Freyre ressaltou a herança moçárabe (os cristãos arabizados que viviam em Al-andalus sob o domínio muçulmano) no nordeste brasileiro como elementos “energéticos e criativos” na construção da colônia portuguesa na Américas..

No disco *Tropicália Lixo Lógico* (2014) Tom Zé lança mão de uma teoria em que os tropicalistas teriam sido herdeiros desta cultura moçárabe do interior baiano, intocados pela lógica ocidental inaugurada pelo Aristóteles. Estes baianos “anafatóteles” teriam sofrido um choque cultural e cognitivo ao deparar-se com a modernidade urbana, assim produzindo um resíduo ou restante, enfim, uma sobra que não se reduz dialéticamente. Este “lixo lógico” seria, segundo o esquema de Tom Zé, o verdadeiro sentido da *Tropicália* e, por extensão, da modernidade desigual e disjuntiva do Brasil.

“O GRITO FORTE DO ÍNDIO ECOU”. ENGAJAMENTO E PENSAMENTO ECOLÓGICO NOS SAMBAS DE ENREDO.

LUCA BACCHINI - UNIVERSIDADE DE ROMA, SAPIENZA

Considerado “o maior espetáculo da Terra”, o carnaval é uma das principais fontes de receita do Rio de Janeiro e, sobretudo, uma extraordinária expressão da cultura brasileira, fruto da participação ativa e inclusiva de milhares de moradores das comunidades mais carentes da cidade. No rico panorama da música popular o samba de enredo do carnaval não é apenas um símbolo da dimensão dionisíaca da festa mas, também, um poderoso instrumento de luta e de protesto, o “único gênero genuinamente épico” (Mussa-Simas) que, ao longo do tempo, sempre garantiu um precioso espaço de debate das principais questões e inquietações da atualidade, dando visibilidade aos muitos “outros Brasis” esquecidos ou excluídos pelo discurso hegemônico.

A partir da análise dos sambas de enredos apresentados nos desfiles do grupo especial do carnaval carioca, desde suas origens até hoje, a presente comunicação visa reconstruir a formação de um pensamento ecológico militante que, antecipando os tempos, foi capaz de sensibilizar a sociedade brasileira sobre questões cruciais ligadas ao meio ambiente como, por exemplo, a defesa das comunidades indígenas, a destruição da floresta amazônica, a poluição causada pelo processo de industrialização e a exploração predatória das multinacionais.

Especial atenção será dedicada às estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelos compositores dos sambas de enredo, evidenciando a presença constante de um diálogo intertextual com outras artes e áreas de conhecimento, especialmente com a literatura e a antropologia.

A6 PAINEL

DESAFIOS DEMOCRÁTICOS E PERSPECTIVAS TRANSDISCIPLINARES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A democracia tem passado por um período de desgaste e enfrentado desafios em diferentes países. No caso brasileiro, a existência de um governo de extrema-direita com perfil anticientífico tem acarretado diversos ataques, orquestrados pelo atual presidente e seus apoiadores, aos pesquisadores e à ciência. Em especial, discursos protagonizados pela presidência e o antigo ministro da educação frontalmente desmereceram as ciências humanas e sociais. A argumentação converteu-se em ação e desmantelou a estrutura de financiamento de pesquisas em humanidades e ciências sociais, que sofreu cortes massivos e muito mais acentuados de verbas do que em ciências tidas como “rentáveis” ao contribuinte. Diante de desafios concretos ao conhecimento construído no Brasil e por brasileiros, o painel tem como objetivo fomentar e estimular as discussões sobre os desafios e as perspectivas que a ciência enfrenta no Brasil contemporâneo. Para isso, busca oferecer um espaço para discussões transdisciplinares entre acadêmicos oriundos de diversas instituições e países que desenvolvem pesquisas no Brazilian Research and Studies Center (BRaS). O painel reúne trabalhos com diferentes abordagens teóricas e metodológicas, entre elas: estudos culturais, mídias sociais, gênero, estudos constitucionais e discussões sobre políticas multinível e subnacional. A abordagem a partir de uma lente transdisciplinar e colaborativa pretende oferecer um campo fértil para reflexão sobre o atual cenário de retrocesso democrático no Brasil e construir perspectivas enriquecedoras a partir da reflexividade e de conhecimento situado na interface entre as diversas áreas. Nesse sentido, o painel reflete a identidade e o propósito do BRaS: promover a democratização de acesso e promover intercâmbio científico entre acadêmicos engajados em estudos sobre Brasil.

ESTUDOS DE GÊNERO

LUÍSA TURBINO TORRES - UNIVERSIDADE DE DELAWARE, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os estudos de gênero no Brasil surgem dos movimentos populares feministas e ganharam força na década de 1990. São estudos interdisciplinares que buscam compreender a representação de gênero como importantes categorias de análise. Hoje, a trajetória dos movimentos feministas e dos estudos de gênero são parte central da agenda de diversos programas, centros, e núcleos de pesquisa multidisciplinares espalhados pelo país. Apesar dos recentes e significativos avanços, o atual contexto social e político brasileiro favoreceu uma onda reversa no progresso rumo à igualdade de gênero. Atualmente, o Brasil é um dos líderes mundiais em feminicídio e violência contra a população LGBTQ+.

São muitos os desafios enfrentados pelos estudos de gênero no país, principalmente em um contexto de sérios ataques à democracia nacional, que se estende também a contextos globais. Dentre eles, o avanço das políticas educacionais e culturais da extrema-direita no país representam não somente um retrocesso, mas também um ataque direto à população marginalizada. Tais políticas não são isoladas, mas resultado de uma narrativa contra

a agenda feminista, liderada pela extrema-direita em todo o mundo. O discurso de negação do gênero, por exemplo, construído através da expressão “ideologia de gênero”, foi criado e difundido principalmente por setores religiosos.

Também é importante ressaltar que o feminismo brasileiro é parte de um movimento feminista do Sul Global, que abraça diversidades e tensões de pensamento e questiona premissas universais que reforçam a hierarquia norte/sul. Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade e uma atenção à forma com as quais os sistemas de opressão de classe, gênero, sexualidade e raça se mostram cada vez mais importantes em um contexto marcado pelas heranças do colonialismo, da escravização das populações negras, e da marginalização e exploração indígena.

A incorporação da decolonialidade, que deve servir como uma ideia central em movimentos sulistas dentro e fora da academia, é também desafiadora. É urgente a discussão de uma produção de conhecimento emancipatório, focado em compreender a opressão de gênero em todos os cantos da sociedade brasileira.

SOCIAL MEDIA

CLAUDIA PIRES DE CASTRO, UNIVERSITÄT WIEN, ÁUSTRIA & FRANCISCA HELENA GONÇALVES VETORAZO, UNICAMP, BRASIL

Falar sobre o Brasil Contemporâneo pressupõe considerar as dinâmicas que envolvem as sociedades que se constituíram na periferia do sistema capitalista e que são obrigadas a atender às demandas ditadas pelos países que estão no centro deste sistema. Essas demandas envolvem: privatizações, terceirizações, desenvolvimento sustentável e transferências de responsabilidades do Estado para empresas e sociedade civil.

Na última década, grupos conservadores investem na formação de um senso comum que associa a crise social, política e institucional à “falência do Estado Democrático”. Recorrendo a diferentes estratégias e ferramentas, entre elas o uso das redes sociais, esses grupos defendem abertamente a necessidade da reconstrução do Estado, baseada na redefinição de seu tamanho e na reformulação de seu poder de governabilidade e governança. Nas entrelinhas, está a destruição dos princípios democráticos estabelecidos na Constituição de 1988. Neste cenário de esgarçamento dos vínculos democráticos e da onda negacionista em expansão, uma parcela da sociedade civil encontrou nas mídias sociais um caminho para o enfrentamento das ameaças à democracia por meio de coletivos atuantes nos espaços digitais e físicos.

No Brasil, a formação de coletivos se insere no contexto da reorganização dos movimentos juvenis no ambiente universitário a partir dos anos 80, voltados a questionar o caráter excludente do avanço neoliberal nos países periféricos. Os coletivos se definem a partir de um conjunto de características: autoridade distribuída; liderança rotativa e temporária; decisões participativa; divisão mínima do trabalho; distribuição igualitária de informações, recursos e recompensas; empoderamento; valorização dos processos de organização e relações sociais baseadas em ideias pessoais, comunitárias e holísticas.

Desde 2010, a popularização das redes sociais digitais favoreceu a realização de diferentes atividades virtuais e potencializou a organização desses coletivos. Neste quadro, investigamos de forma multidisciplinar o potencial e a extensão da ação destes coletivos a partir da atuação dos seus atores.

ESTUDOS CONSTITUCIONAIS

VINÍCIO CARRILHO - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO UFSCAR, BRASIL

Nosso objetivo primeiro é divulgar a CF88, interna e internacionalmente, no que traz ou guarda de essencial – sua conotação de Carta Política. Muitos são aqui os aspectos realçados, desde a prevalência da Justiça Social (arts. 3º, 170) à evidente defesa dos direitos fundamentais, em que se incluem a participação, a emancipação, a inclusão e uma Estrutura Constitucional que se assegura por meio do Processo Civilizatório (Preâmbulo, art. 215 e 225).

A transdisciplinaridade está na motivação do projeto inicial e segue abordagens diversas, como educação, meio ambiente, política e Política – como recortes do Processo Civilizatório e não se limitam, portanto, à análise jurídica. Esse projeto, por sua vez, decorre de uma iniciativa insular na Universidade Federal de São Carlos, e se refere à leitura integral com debates multidisciplinares da CF88. Portanto, trata-se de avaliar com a ótica do pluralismo social e cultural tanto as formas negacionistas da Ciência da CF88 – os usos/abusos dos meios e interpretações de exceção (exceptio) – quanto a racionalidade emancipatória que é o Suporte Constitucional.

As restrições, as violações, as deturpações constitucionais – a emenda da reeleição, a cláusula de barreira social designada como Reserva do Possível e as seguintes, desembocando em 2020 – são aqui tratadas como deturpações constitucionais, em desalinho ao escopo e ao Princípio da Unicidade Constitucional: vide Princípio do não-Retrocesso Social e a garantia da dignidade humana.

Como se trata de uma Constituição prolixa, diversificada, complexa, a proposta desse Grupo de Pesquisa – A CF88 é uma Carta Política – é promover abordagens de acordo com a própria diversidade político-jurídica que se observa na CF88. O método de demonstração e de avaliação mais simples tem-se mostrado muito eficaz: o recorte de alguns artigos da CF88, afirmativos de sua conotação enquanto Carta Política, é seguido de uma síntese da realidade social e política.

POLÍTICA MULTINÍVEL E SUBNACIONAL

JAYANE MAIA - GERMAN INSTITUTE FOR GLOBAL AND AREA STUDIES (GIGA)/UNIVERSIDADE DE HAMBURG, ALEMANHA

Uma nova realidade surgiu no Brasil desde o início da pandemia. O desacordo entre as autoridades governamentais aos níveis nacional e subnacional é uma característica dos esforços para conter a propagação do vírus no país. Devido à falta de gerência do governo federal e ao posicionamento negligente do presidente da República, os governos estaduais e municipais foram alçados à protagonistas na crise, passando a fazer uso de suas prerrogativas a fim de conter a pandemia e minimizar seus efeitos. Os noticiários passaram a informar como os governos subnacionais estavam enfrentando a pandemia. Antes disso, estados, municípios e suas autoridades raramente eram lembrados pela mídia nacional, a não ser quando se aproximava o período eleitoral. A omissão do governo federal na coordenação dos esforços para minimizar a crise sanitária e, em contrapartida, o protagonismo exercido pelos governos subnacionais nesse sentido levantaram reflexões e questionamentos sobre a viabilidade e o futuro do pacto federativo no Brasil. Visando a ideais democráticos e à adesão a um processo de abertura política, a Constituição da República de 1988 restabeleceu as condições políticas e jurídicas de autonomia das unidades federadas, as quais possuem responsabilidades comuns e concomitantes com a União. No entanto, em um contexto de pandemia combinado com a letargia do governo federal frente à crise, a sobreposição de competências, cuja finalidade seria criar um espaço de ação compartilhado entre os diferentes níveis de governo, revelou os desafios do modelo de federalismo cooperativo no Brasil. A ausência de coordenação sobre a política de saúde está relacionada à noção de federalismo adotada pelo governo Bolsonaro, que tem precedentes na proposta de Reforma Federativa. Portanto, para entender a evolução da pandemia no país bem como suas consequências é imprescindível pautar o conflito federativo, o qual não se originou com a crise sanitária, mas foi escancarado por ela.

ESTUDOS CULTURAIS

GIOVANNA IMBERNON - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, (III/CES), PORTUGAL

Face ao contexto político atual controverso, e de visível comprometimento das Ciências Humanas no Brasil, os campos de pesquisa transdisciplinares possuem um desafio duplo: continuar a trabalhar na sua afirmação como um campo de pesquisa credível devido às suas fronteiras opacas, além de enfrentar o descrédito e ataques constantes que eles e outros campos das Ciências Humanas e Sociais vêm sofrendo por parte do governo a partir de 2018.

Na tentativa de compreender este panorama mais amplo, a abordagem que se pretende apresentar dialoga diretamente com o debate em torno do campo dos Estudos Culturais no Brasil, assim como com a sua constituição como um campo de análise crítica e que visa combater uma visão hegemônica no tratar de temas relacionados à Cultura e Sociedade. Com um histórico de interlocução constante para a promoção de uma abordagem pós-colonial da ciência, memória, literatura e das artes, os Estudos Culturais fazem-nos lembrar da importância de escutar os silêncios e do ver as ausências.

É a partir desses dois pressupostos que os participantes são convidados a pensar como a transdisciplinaridade e a democracia constituem-se como dois conceitos centrais na discussão sobre a análise e produção científicas no campo dos Estudos Culturais. Para além disso, abrir o debate acerca de dois pontos críticos: a. como os Estudos Culturais se inserem em uma proposta de análise de e sobre o próprio Brasil, já que este é um olhar de si sobre si mesmo; e b. tendo sido construído sobre uma tradição estadunidense e europeia de olhar para os espaços fora do Norte, inclusive para o Brasil, quais os contributos do campo para a construção de uma perspectiva crítica que se distancie de um olhar ancorado no exotismo.

A7 PAINEL

ETNOGRAFIAS DA POLÍTICA

Poucos puderam antever como a política brasileira se transformaria nos últimos anos. Tais transformações afetaram não somente a forma como se constituem redes de engajamento político e a mobilização de eleitores, mas também a própria estrutura do Estado, especialmente através de rupturas nos processos incrementais de construção de políticas públicas. Neste contexto, entender mudanças fundamentais na forma em que o Estado brasileiro é imaginado e construído – narrativamente, mas também de forma concreta – se torna essencial para se entender o Brasil contemporâneo e suas diversas formas de se entender e “fazer” política.

Este painel contribui com este projeto intelectual se dedicando a discutir política através da perspectiva etnográfica, em suas esferas metodológica e conceitual. Nossa abordagem prioriza os significados que indivíduos atribuem a processos políticos, suas ações moldadas por esses significados, e a construção ou reprodução destes significados a partir de suas ações. Para tanto, combinamos trabalhos etnográficos sobre eleições e partidos, poder legislativo, movimentos sociais e política participativa, e política na burocracia estatal brasileira. Analisando diferentes processos e esferas da política brasileira, o painel se engajará em responder as seguintes questões: de que forma o modo de “fazer política” no Brasil mudou nos últimos anos? Quais conceitos e teorias não são mais úteis para se pensar a política, e quais devem ser introduzidos ou resgatados? Como a etnografia contribui ao estudo da política, e quais processos políticos se tornam visíveis a partir dela? Quais os desafios específicos dessa

abordagem? Existe espaço para o desenvolvimento de uma área de estudos chamada “etnografias da política”, inspirada e com contribuições de diversas disciplinas?

BRAZIL’S HOMELESS WORKERS’ MOVEMENT: THE INTERSTATE GROWTH OF AN URBAN SOCIOTERRITORIAL MOVEMENT

VICTOR ALBERT - HIGHER SCHOOL OF ECONOMICS, RUSSIA

Brazil’s Homeless Workers’ Movement (Movimento de Trabalhadores Sem Teto, MTST) has grown dramatically in recent years. From an urban occupational movement with a relatively low profile in the 2000s, the MTST grew significantly during the political and economic crisis in 2013-2014, when scores of occupations were carried out in the city of São Paulo. While the movement has gained prominence, in good part through the media presence and political activism of its leader, Guilherme Boulos, there has been little research to examine how the movement has recently grown interstate. In this paper, I draw on ethnographic research in São Paulo – where the movement’s headquarters are also located – and Uberlândia, a city in Minas Gerais where several occupations affiliated with the MTST have been organised.

Through this ethnographic comparison, I examine the challenges that the movement faces as it expands across varied geo-political terrain. In doing so, I reflect on the analytical category of ‘socioterritorial movement’, which was developed by Brazilian Geographer Bernardo Fernandes, and which seeks to analyse the forms of power that are exercised as movements claim and contest territory. This socioterritorial expansion of the MTST, while enabling the movement to develop new networks of actors and broaden its presence and influence, also poses challenges for its principles and shared identity. However, even where affiliation operates through pragmatic processes, whereby occupations ally with the MTST to legitimise existing regularisation struggles, these somewhat instrumental allegiances can also give rise to other forms of activism that are more closely inspired by the movement’s philosophy and practices.

ETNOGRAFIA COMO EVIDÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA SOBRE PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA ENTRE POVOS INDÍGENAS

ISABELE VILLWOCK BACHTOLD - MINISTÉRIO DA CIDADANIA, BRASIL

Nos últimos anos, tem sido crescente, entre gestores e policymakers, a busca por informações e pesquisas contextualizadas, in loco, que reflitam as complexidades, múltiplos interesses, perspectivas e desafios da implementação de políticas públicas junto a cidadãos, usuários e trabalhadores da ponta. No entanto, no campo das políticas públicas baseadas em evidências (PPBE), a literatura sobre o uso de etnografias como evidência nos processos de tomada de decisão e execução de políticas (policymaking) é ainda incipiente. O uso da ferramenta etnográfica para informar políticas públicas em geral e, nesse sentido, ser tratada como evidência, ainda requer o reconhecimento do dado etnográfico como válido e passível de ser reproduzido quando aplicado em outros contextos socioculturais correlatos.

Este artigo tem como objetivo analisar o potencial, contribuições e desafios do uso de estudos etnográficos como evidência na abordagem das PPBEs para a administração pública brasileira. Para tanto, utiliza-se como estudo de caso a pesquisa ‘Estudos Etnográficos sobre o Programa Bolsa Família entre os povos indígenas’, demandada e coordenada pelo governo federal e conduzida por sete antropólogos em diferentes terras indígenas. Por meio de entrevistas com servidores públicos, o presente artigo visa compreender como esses dados foram recepcionados pelos gestores e posteriormente utilizados, ou não, para alterar ou adequar as referidas políticas a realidades específicas. Objetiva-se discutir os contextos individuais e organizacionais que levaram ao reconhecimento e necessidade de etnografias para analisar a implementação dessas políticas; as percepções dos agentes estatais quanto aos resultados das pesquisas; o entendimento dos gestores sobre o método etnográfico como evidência para análise das políticas públicas; e os limites e potencialidades do uso de etnografias como evidência para o redesenho de políticas.

FAZENDO POLÍTICA EM OUTROS CONGRESSOS: PENTECOSTALISMO, MÍDIA E POLÍTICA NAS PERIFERIAS URBANAS DO RIO DE JANEIRO

CARLY MACHADO - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Tendo por base a etnografia realizada no Congresso Internacional de Missões - CIM - organizado pelo Ministério Flordelis há mais de 10 anos no Rio de Janeiro, proponho-me a discutir a relação entre pentecostalismo, mídia e política, explorando as possibilidades de uma pesquisa em um evento religioso, e procurando assim priorizar, a partir deste recorte, as formações e transformações de campos religiosos e políticos no Brasil. Articulado a uma antropologia de eventos, siguro um debate acerca das escalas da ação política, e da formação e decomposição de alianças nestes contextos dinâmicos. Destaca-se ainda no presente artigo uma discussão sobre a estética da política no Brasil contemporâneo, partindo da centralidade da mídia pentecostal neste processo, e pensando em particular a mediação da música gospel no fazer da política nas periferias do Rio de Janeiro nos últimos anos.

UNDERSTANDING TRUST AND RISK IN HEALTH POLICIES IN BRAZIL

ANDREZA ARUSKA DE SOUZA SANTOS - UNIVERSIDADE DE OXFORD, REINO UNIDO

Most Brazilian mayors closed non-essential services before they had any confirmed cases in their cities and yet, decisions did not last long without a 'real' threat in the territory. Levels of alarm were varied across the country and financial pressures impacted the possibilities of social isolation. When looking at COVID-19 big data on mobility patterns, non-pharmaceutical interventions, and infection cases, a nuanced interpretation of trust and risk is imperative. Anthropologists are resourceful to epidemiologists to understand the trust in government-led information vis-a-vis other sources, and the imminent and yet invisible viral risk versus tangible economic and social losses. In this paper I discuss big data in Brazil, looking how the 5568 mayors responded to the pandemic and how ethnography of public policy efficacy is sorely missing to discuss this unmitigated epidemic in the country.

POLÍTICA PROGRESSIVA “DE VERDADE”: IDENTITY POLITICS AND ELECTORAL COMPETITION IN RECIFE AND OLINDA

FLÁVIO EIRÓ - UNIVERSIDADE DE GRONINGEN, HOLANDA

To contribute to the understanding of Brazil's recent rearrangement of political forces, this paper will discuss the ways political candidates imagine and perform politics in Recife and Olinda (PE). Interviewing and accompanying different politicians of the PT and PMDB parties and their advisors during the 2018 and the 2020 elections, I look at politics “from the other side”. The research analyses how these candidates and their staff navigate the new political scenario and interpret the ways the urban poor engage with politics. I critically examine the tensions they experience in, on the one hand, attending to people's direct needs and, on the other, the performance of what they consider a “truly noble politics”.

Central to this conflict is the electoral competition for an ideal commonly framed by Left-wing politicians as “real progressive politics”. As politicians from the center succeed in mobilizing voters using banners that were normally monopolized by the Left, topics such as cultural policies and Black identity become contested spaces. The way in which political pragmatism and identity politics clash for some and come together for others is crucial to understand recent transformations of local politics in Recife and Olinda. Additionally, I look into campaign strategies developed to cope with Covid-19 restrictions by candidates, and how these reveal their relation to politics and voters. Mirroring these considerations, I will also reflect on my own experience of conducting fieldwork amidst a global pandemic, with its ethical and pragmatical challenges.

A8 BRASA

CULTURE AND INSURGENT POLITICS IN CONTEMPORARY BRAZIL

COLLABORATION AND AUTHORITY IN CONTEMPORARY BRAZILIAN DOCUMENTARIES

SOPHIA BEAL - UNIVERSIDADE DE MINNESOTA, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CARNAVAL É EM CASA: INVERSÕES ATIVISTAS NO CARNAVAL DE RUA DO RIO DE JANEIRO DURANTE A PANDEMIA

ANDREW SNYDER - INSTITUTO DE ETNOMUSICOLOGIA, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

DESENTERRANDO SÃO PAULO: GEOGRAFIA URBANA E HAUNTOLOGY NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

BENJAMIN BURT - TEXAS WOMAN'S UNIVERSITY AND TUSKEGEE UNIVERSITY

LIVING AS A CAPOEIRISTA: SOCIAL INCLUSION IN THE PERIPHERY OF SÃO PAULO, BRAZIL

JACLYN DONELLE MCWHORTER - OGLETHORPE UNIVERSITY

GENDER, HEALTH COMMUNICATIONS AND ONLINE ACTIVISM IN THE DIGITAL AGE

CAROLINA MATOS - CITY, UNIVERSIDADE DE LONDON

OS TÉCNICOS DE FUTEBOL CONTRA O RACISMO ONTEM E HOJE: UMA EVOLUÇÃO DE ATIVISMO NO SISTEMA FOLKCOMUNICACIONAL BRASILEIRO

JACK DRAPER - UNIVERSIDADE DE MISSOURI, ESTADOS UNIDOS

QUARTA-FEIRA 22. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B

B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

BRASIL ATUAL

A GOVERNAMENTALIDADE NEGACIONISTA DO BOLSONARISMO E A NEGAÇÃO DA DITADURA MILITAR: ELEMENTOS DE UMA GÊNESE

ALEXANDRE DE SÁ AVELAR - UFU, BRASIL

O negacionismo do governo Bolsonaro tem assumido diversas expressões e formas, especialmente após a eclosão da pandemia do novo coronavírus. Das jocosas referências presidenciais à “gripezinha” aos esforços consistentes de boicote à vacinação em massa, passando pela recomendação de tratamentos com medicamentos sem eficácia comprovada no combate ao vírus, inúmeras foram as manifestações que negavam a gravidade da crise sanitária brasileira e o papel da ciência no seu enfrentamento. A lógica do funcionamento do negacionismo bolsonarista permite tratá-lo não como um fenômeno ocasional e acessório de um projeto ideológico mais amplo, mas, ao contrário, como uma “governamentalidade” que, segundo a argumentação exposta por Michel Foucault, funciona como um conjunto de instituições, procedimentos, análises e táticas que adquirem sentido e forma quando articuladas pelo negacionismo histórico.

Partindo dessas considerações, a apresentação procurará desenvolver o argumento de que o negacionismo bolsonarista, de amplo espectro em nosso trágico presente, se organizou e adquiriu seus contornos mais nítidos, bem como sua relevância como força política mobilizadora, a partir da constituição de uma certa “comunidade de memória” em torno do negacionismo da última ditadura militar brasileira. Examinaremos, sobretudo, mas não exclusivamente, a atuação parlamentar de Jair Bolsonaro na defesa de uma memória que oscilava entre um revisionismo grosseiro da ditadura militar – as justificativas de sua legitimidade face ao perigo comunista – e a sua negação mais pura. Destacaremos, de modo especial, o papel exercido pela Comissão da Verdade, instaurada no governo de Dilma Rousseff, na consolidação do negacionismo da ditadura militar como um elemento aglutinador em torno de um projeto político autoritário que, em 2018, venceria as eleições presidenciais.

A RELAÇÃO ENTRE NARRATIVAS DE ATORES POLÍTICOS E SOCIAIS E OS CORTES ORÇAMENTÁRIOS NO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO GOVERNO BOLSONARO NO BRASIL

O artigo analisa a relação entre as narrativas de atores políticos e sociais e os cortes orçamentários realizados no Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), no Brasil. À título de contextualização, desde a posse do atual presidente, Jair Bolsonaro, foram nomeados ministros, em sua grande maioria, militares, que foram para reserva – a título de comparação, nem no período ditatorial (1964-1985) isso ocorreu. Tem-se mostrado um governo marcado pelos cortes orçamentários em quase todos os ministérios. E se apresenta como atuante de uma “nova política”, sem “jogos políticos”. No início do ano de 2019, foi anunciado um corte de 42% do orçamento na área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI), baseado na lei orçamentária anual e ao longo do ano, diversos contingenciamentos foram realizados, atingindo diretamente o desenvolvimento de CTI no país. O orçamento total previsto teve sua liberação anunciada apenas em outubro. Isso colocado, o artigo pretende desconstruir essa visão do governo, especificamente no que diz respeito aos investimentos em CTI, ao se debruçar sobre as narrativas e a legislação desenvolvida. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica das abordagens sobre a “nova política”, governo burocratizado, distanciamento ideológico, “nova direita”, assim como a respeito das estratégias narrativas para vincular políticas a problemas específicos. Coletou-se os dados da Lei Orçamentária para 2019 e 2020, referente ao MCTIC e leis que o atingem diretamente, como a Proposta de Emenda Constitucional 55, de 2016, a chamada PEC “Teto dos Gastos Públicos”. Posteriormente, coletou-se reportagens a respeito do corte e dos contingenciamentos nos sites oficiais do Congresso Federal, Planalto e do MCTIC, assim como o discurso do ministro do MCTIC, Marcos Pontes, no planalto federal, no período de 2019 a 2020. Por meio de método qualitativo da análise do discurso, podemos identificar como as narrativas se relacionam com os posicionamentos dos atores e justificam essas medidas políticas. Observou-se que as narrativas eram conflituosas com as políticas empregadas. Após bastante tensionamento com a mídia e opinião popular, tentava-se justificar tais medidas como adequadas. Ou seja, as narrativas de atores políticos foram estratégias para tensionarem seus pares adversários e, assim, barganharem interesses políticos.

BRASIL EM CRISE POLITICA E SANITÁRIA E O TRABALHO DO PESQUISADOR NO EXTERIOR: COMO VOCALIZAR TANTO A PESQUISA COMO A SITUAÇÃO ATUAL BRASILEIRA?

NÁDIA MATIOLJ YAZBEK BITAR - FF CUNI, REPÚBLICA TCHECA

Partindo do entendimento de que a situação atual brasileira (política, social, econômica, ambiental e também sanitária) é extremamente grave e crítica, um impasse se coloca para a atuação do pesquisador no exterior, ao menos para aquele que pensa a história a geografia e o meio ambiente. O impasse está em acompanhar as notícias e inteirar-se dos acontecimentos da trama brasileira ou concentrar-se apenas nas implicações da pesquisa que se dá em outro contexto, a realidade europeia. Como superação do impasse, esta comunicação pretende apresentar os quadros críticos da situação Brasileira atual enquanto relacionados aos temas trabalhados na pesquisa de doutorado. Propõem-se assim identificar os paralelos entre o governo Bolsonaro, a pandemia e o tema de pesquisa; que trata a história da tecnologia e do meio ambiente através da construção de barragens e hidrelétricas. Procura-se dessa forma, pensar maneiras de vocalizar os fatos graves que vem ocorrendo e refletir sobre metodologias de trabalho que não alienem o pesquisador, que mesmo distante, não se abstém de pensar a complexidade contemporânea brasileira.

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E PANDEMIA

DANIELA CALVO - UERJ- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Desde a metade de março, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o risco de pandemia de SARS-CoV-2 e foram registrados os primeiros contágios no Brasil, a maioria das comunidades das religiões afro-brasileiras aderiu ao isolamento social a fim de evitar o contágio, proteger seus membros e contribuir para contrastar o avanço da pandemia no país.

Mediante suas redes sociais, lideranças e adeptos das religiões afro-brasileiras e associações de terreiros divulgaram informações sobre o avanço da pandemia no país, recomendaram seguir as medidas de prevenção sugeridas pela OMS e as autoridades de saúde e elaboraram protocolos próprios a serem adotados no cotidiano dos terreiros. Os avisos de cancelamento das festas e das sessões de atendimento públicas foram acompanhadas por denúncias da vulnerabilidade dos negros e dos pobres como consequência do racismo estrutural e por solicitações a proteger os mais velhos, as crianças e os mais frágeis.

As respostas dos membros das religiões afro-brasileiras à pandemia evoluíram de acordo com as necessidades de seus membros e da população que se apresentaram durante a crise (sanitária e socioeconômica). Intensificaram as comunicações por meio das redes sociais e da internet; transferiram para a modalidade online a transmissão de conhecimentos sagrados e (em alguns casos) as consultas oraculares; ofereceram atendimento psicológico online; criaram espaços de debate sobre diferentes questões culturais, sociais, políticas e sanitárias (como a pandemia, a família, a educação, a violência contra as mulheres, o racismo, a intolerância religiosa); ampliaram suas ações sociais nas áreas em que são inseridos e realizaram rituais e rezas para pedir proteção, cura e a expulsão da Covid-19 da Terra. Essas ações estabelecem uma continuidade com as atividades sociais e assistenciais já desempenhadas por vários terreiros, baseiam-se e contribuem para divulgar a cosmovisão e o modo de existência que são transmitidos e mantidos vivos nos terreiros.

EL CUERPO Y LA FRONTERA PRÁCTICAS DE FRONTERIZACIÓN EN BRASIL DESDE FINALES DEL SIGLO XX A PRINCIPIOS DEL SIGLO XXI

KATEŘINA BŘEZINOVÁ - METROPOLITAN UNIVERSITY PRAGUE, REPÚBLICA TCHECA

Contrario a algunas previsiones, los procesos de globalización no han restado importancia a las fronteras. Para los ciudadanos, fronteras siguen siendo fundamentales como una fuente de la identificación que marca un adentro y un afuera. Según Anderson, ayudan a configurar los límites de la nación como una "comunidad imaginada," diferenciando quién está incluido y quién no. De acuerdo con Barth, las fronteras no se trazan para separar las diferencias, sino para crearlas: son resultado de prácticas de fronterización definidas a través de procesos de construcción social y diferenciación. A su vez, tecnologías biométricas se han empleado desde finales del siglo XX, como herramientas para conquistar y delimitar la "última frontera": el cuerpo humano.

Esta ponencia es una aproximación a cómo, en la actualidad, los procesos de fronterización se manifiestan a nivel intraestatal y social en Brasil. Centro mi atención a los indígenas brasileños y a los procesos de re-fronterización de los cuales han sido parte en las últimas tres décadas: a) su creciente protagonismo social que causó a que indígenas abandonaran su anterior condición de invisibilidad (Da Cunha, 1992); y b) la demarcación de los territorios indígenas autónomos que ha involucrando a más de cien pueblos indígenas en Brasil (ISA, 2018). Nuestro análisis se pone a prueba en el estudio de caso de los yanomami, cuya tierra tribal fue oficialmente homologada por el presidente de la república en 1992. Los límites y los derechos de extracción dentro de su territorio siguen siendo, no obstante, ferozmente disputadas.

En el siglo XXI, Brasil demuestra que hoy en día, las fronteras están lejos de ser fijas e incontestadas en lo que se refiere tanto a su aspecto físico como a su significado.

B2 BRASA

POLITICAL SUBJECTIVITIES AFTER THE PINK TIDE IN BRAZIL

BENJAMIN JUNGE - STATE UNIVERSIDADE DE NEW YORK AT NEW PALTZ, ESTADOS UNIDOS

ALGORITHMS, ROBOTS, AND THE POLITICS OF "FAKING" NEWS: GOVERNING INFORMATION IN BRAZIL'S POST-FACTUAL DEMOCRACY

MOISÉS KOPPER - UNIVERSITÉ LIBRE DE BRUXELLES

POLITICAL SUBJECTIVITY AND ELECTIONS IN BRAZIL'S URBAN PERIPHERIES

MATTHEW A. RICHMOND - LONDON SCHOOL OF ECONOMICS AND POLITICAL SCIENCE

"THE PT SOLD OUT THE STREET VENDORS": RIGHT-WING POPULISM AND THE CRISIS OF LABOR IN BELO HORIZONTE, BRAZIL

MARA NOGUEIRA - BIRKBECK, UNIVERSIDADE DE LONDON

"I AM BREAKING THIS LOGIC OF FEAR!": ACTIVISM AS RADICAL CARE AT THE PERIPHERY OF FORTALEZA, BRAZIL

LUMINITA-ANDA MANDACHE - UNIVERSIDADE DE ARIZONA

B3 PAINEL

DITADURA E MEMÓRIA HISTÓRICA NO CINEMA BRASILEIRO

Desde o início da ditadura, o cinema brasileiro tomou posição na resistência. A partir de 1969, com o AI-5, cineastas foram presos, torturados, exilados. Dos filmes feitos na clandestinidade àqueles realizados hoje, com testemunhos e materiais de arquivo, uma memória histórica é elaborada.

ALBERTO DA SILVA - UNIVERSITÉ PARIS SORBONNE

A partir dos anos 1970, em plena ditadura, mulheres cineastas realizam vários filmes no Brasil, colocando em evidência questões relativas à subjetividade, corpo feminino, família e autoritarismo patriarcal. Analisaremos o papel decisivo de algumas dessas obras na transformação das representações de gênero.

ANITA LEANDRO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Analisaremos o filme Pastor Claudio (B. Formaggini, 2018), primeiro documentário brasileiro a se confrontar à fala de um matador do SNI, o ex-delegado Guerra, encarregado da execução e desaparecimento de presos políticos. Diante de fotos de suas vítimas, ele expõe os bastidores de um Estado policial, ainda em atividade.

TATIANA HEISE - UNIVERSIDADE DE GLASGOW, ESCÓCIA

Com uma lente transnacional, buscaremos compreender aspectos do passado ditatorial e processos de elaboração da memória no cinema pós-ditadura no Brasil, Chile e Argentina, com ênfase no movimento de exilados políticos, campanhas coordenadas de repressão e redes internacionais de solidariedade.

JULIANA ARAUJO - UNIVERSITÉ PARIS 3, FRANÇA

Pouco antes de 1964, Leon Hirszman realizava seus primeiros filmes, junto a moradores de favelas do Rio de Janeiro e trabalhadores rurais do Nordeste. O golpe interrompe esse trabalho engajado e, em 1969, o momento mais duro da ditadura militar, Hirszman volta à favela para filmar Nelson Cavaquinho, portrait de um sambista carioca, que analisaremos.

ISABEL CASTRO - UNIVERSITÉ PARIS 3, FRANÇA

História do Brasil (G. Rocha e M. Medeiros, 1974) e Triste Trópico (A. Omar, 1974) são filmes de reemprego de materiais de arquivo, que elaboram narrativas de caráter histórico. Veremos como a violência, a tortura e a morte são trabalhadas na montagem destes documentários, realizados no período mais sangrento da ditadura militar brasileira.

B4 PAINEL

MECANISMOS DE DEVORAÇÃO E METABOLISMOS HISTÓRICOS: TRADUÇÕES DA CULTURA ANTROPOFÁGICA

Inseparável da personalidade controversa de Oswald de Andrade e da sedição implícita em seu chamado para a “absorção do sagrado inimigo”, o “Manifesto Antropófago” (1928) representa uma das mais arrumadas alegações do modernismo literário no Brasil. Seu posicionamento crítico contra os preceitos mais precários e retrógrados do pensamento colonial, figura na noção de Antropofagia como um instrumento para a transformação permanente e efetiva de todos os tabus de identidade em totens de emancipação cultural.

Após o 90º aniversário do “Manifesto Antropófago” e a menos de uma década de seu centenário, o painel “Mecanismos de devoração” busca (re)ler as diretrizes antropológicas que distinguem o pensamento oswaldiano e suas múltiplas declinações nas artes e letras no Brasil. O caráter manifesto deste painel visa marcar uma presença manifesta na análise do consumo cultural que distingue a produção de conteúdo estético do modernismo brasileiro, com apresentações que abordam a validade e as mutações epistemológicas de um texto em constante diálogo com os contextos crítico-históricos em que se desenvolveu a noção do que significa ser antropófago.

ANOS 1960/1970: CONSUMO E ANTROPOFAGIAS

ANDRÉ MASSENO – UNIVERSIDADE DE ZURIQUE (UZH)

A partir do final da década de 1960, Oswald de Andrade retomaria a cena cultural brasileira através das propostas implícitas no “Manifesto antropófago” de 1928, tais como a reescritura crítica do Brasil pela inversão da clássica seta histórica da “condição bárbara/primitiva” como estágio primário da ascense à civilização; a ênfase sobre a relação simétrica entre culturas; a positivação das culturas periféricas diante do avanço modernizador, e acusadas frequentemente de atraso (e falta de originalidade) perante as supostas metrópoles-símbolos da modernidade.

Algumas produções artísticas do período revisitaram o manifesto oswaldiano em prol de uma mirada criticamente irônica para um Brasil dominado por uma ditadura civil-militar ansiosa por forjar uma imagem unívoca de nação e cultura tipicamente brasileiras. Nesta visão contrapontística ao discurso nacionalista/essencialista, uma leva de artistas vislumbrou uma linguagem-Brasil de âmbito global e nada refratária à condição mundial do consumo, sendo inevitável e assumidamente consumista da cultura estrangeira.

Com isso, a presente comunicação buscará assinalar como a releitura do “Manifesto antropófago” no Brasil dos anos 60/70 inscreve uma nova etapa da antropofagia cultural, em prol de uma linguagem-Brasil em contraponto à “antropofagia às avessas”, por sua vez disseminada pelos meios institucionais interessados no fomento, policiamento e capitalização de uma ideia tradicionalista de cultura.

ANTROPOFAGIA COSMOPOLÍTICA

BEATRIZ AZEVEDO – UNICAMP, BRASIL

A proposta é articular o momento político atual e a pertinência do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, pensando a Antropofagia a partir do hemisfério Sul, como antídoto possível à colonização perene e ao neofascismo crescente. A radicalidade político-filosófica do Manifesto Antropófago instaura uma luta simbólica e epistemológica, questionando a própria centralidade do pensamento cartesiano em relação à linguagem mito-poética dos

ameríndios, valorizando a potência xamânica, os conhecimentos indígenas ancestrais e outras perspectivas possíveis, através da visão cosmopolítica da Antropofagia.

CURVAS ARQUITETÔNICAS, POÉTICAS E POLÍTICAS DO CANNIBALISMO

DAYRON CARRILLO-MORELL – UNIVERSIDADE DE ZURIQUE (UZH)

A historiografia crítica tem muitas vezes afirmado que a obra de Oscar Niemeyer materializa em grande escala os postulados antropófagos de Oswald de Andrade. Com base na apropriação dos valores idiossincráticos brasileiros e a sua síntese com os Cinco Princípios da Arquitetura Moderna elaborados por Le Corbusier, a tese também afirma a qualidade da linha curva como índice de uma visualidade associada à paisagem do Rio de Janeiro e à estética da tradição barroca fornecido pelo modernismo literário. Junto à esta noção de tributo, a curva tem sido observada como um ato poético de irreverência e canibalização frente aos modelos hegemônicos do universalismo arquitetônico: um jeito simbólico de resistência cultural que no transcurso da construção de Brasília, e após ela, termina-se consagrando como branco da devoração pelo povo brasileiro. A partir desta premissa, o seguinte estudo propõe uma breve abordagem dos desdobramentos do cannibalismo através da linha curva como constante poética do modernismo brasileiro.

A análise desmonta o andaime poético que sustenta o cannibalismo atribuído à arquitetura de Oscar Niemeyer, em suas convergências discursivas com o “Manifesto”, mas também com a poesia dos Andrades (Mário, Carlos Drummond e o próprio Oswald), para daí continuar tensionando as cordas políticas entre a Antropofagia oswaldiana e a obra arquitetônica de Niemeyer. Ao aproximar-se da curva como elemento semiótico que reflete o aspecto edificado da identidade brasileira, coloco a produção niemeyeriana sob a esteira de um ritual antropófago, que acaba por devorar a projeção de sua própria imagem simbólica na arquitetura moderna.

Elaborando sobre a questão sacrílega na estética de linha curva como forma do carácter brasileiro (Hitchcock, 1955; Underwood, 1994; Philippou, 2008 e 2013) e mesmo para manter uma distância crítica do discurso autoral de Niemeyer, a apresentação recupera alguns conceitos de uma dialética que refeita versatilidade no espírito antropófago descrito por Oswald de Andrade, onde as duas forças que barbarizam a visão purista do conquistador e a estabilidade de seu pensamento colonial podem ser inscritas, a saber, no apetite voraz do índio selvagem e na imagem transbordante de sua brutalidade selvática.

Proponho então que a maquinaria devoradora do modernismo, que acha uma boca gorda nos arrumamentos espacial da arquitetura, termina sendo ela mesma devorada pelo sujeito antropófago e cannibalizador, que toma posse de seus domínios territoriais durante as célebres “Jornadas de Junho” de 2013, na Esplanada dos Ministérios em Brasília.

UMA MAMÃE AFLITA: UTUPYA E EXPERIÊNCIA ANTROPOFÁGICA

EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA – UNIVERSIDADE DE ZURIQUE (UZH)

A proposta consiste em ler a dimensão da utopia em Oswald de Andrade do manifesto antropófago (1928) ao ensaio A marcha das utopias (1966). O percurso leva em consideração as reflexões de Haroldo de Campos sobre a paródia (1967) e a pós-utopia (1997), além de estudos de Nodari, Azevedo e Sterzi.

PROCESSIONAL, EXPERIMENTAL, MARGINAL: A MATERIALIDADE DA POESIA DOS ANOS 1970

PAULINE BACHMANN – UNIVERSITAT POMPEU FABRA (UPF), ESPANHA

No período do tropicalismo e da pós-tropicália no Brasil (1967-1980) surgiram vários movimentos de poesia que estenderam suas definições no que diz respeito ao seu material, ao seu suporte e ao seu lugar no mundo. Os jovens poetas se apropriaram de outros gêneros artísticos, como o cinema, as artes visuais e a música para expressar-se e utilizaram novas tecnologias para a sua difusão como o mimeógrafo. A poesia evolui já não somente sobre papel, mas se vale de diferentes materiais de suporte como livros e caixas, incorporando-os no poema e inclusive espalhando-os no espaço público. Essa comunicação explora a relação entre as novas materialidades e a nova estética que surgiram a partir desses experimentos poéticos.

B5 PAINEL

OUTROS BRASIS: HEGEMONIA E SUBVERSÃO - MESA 2

O “fora” é desde sempre, e hoje ainda mais, um lugar altamente criativo e fértil onde “re-pensar” o Brasil e sua cultura, um ponto de observação privilegiado que, em função de uma mudança de perspectiva e sensibilidade, acaba alimentando uma constante e necessária renovação e, com frequência, inclusive uma subversão, das categorias e das interpretações pertencentes ao cânone tradicional. Quem ocupa essa distância em relação ao Brasil não é apenas o viajante estrangeiro, mas também os muitos brasileiros que dentro das fronteiras nacionais que reivindicam uma identidade como, por exemplo, indígenas, negros e demais comunidades marginalizadas, assim como movimentos de contracultura. Ou seja, o que está “de fora” é na realidade a maior parte do país. A mesa compreenderá contribuições com enfoque em diferentes áreas temáticas, delineando trilhas de leitura em

caráter interdisciplinar que não ambicionam esgotar o potencial problemático do assunto, mas, sim, imprimir novos horizontes ao debate.

FORA DA ORDEM. AS IMAGENS DA PATOLOGIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NO CINEMA BRASILEIRO NOS ANOS SETENTA

CECILIA NURIA GIL MARIÑO - UNIVERSIDAD DE SAN ANDRÉS, ARGENTINA / ALEXANDER VON HUMBOLDT STIFTUNG/ UNIVERSITÄT ZU KÖLN / CONICET- UDESA

Em plena ditadura militar, no final da década de 1970, começa se organizar o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) sobre a base do surgimento do grupo Somos em São Paulo e a aparição do jornal Lâmpião da Esquina, constituindo a primeira onda do movimento político em torno à homossexualidade (Simões e Facchini, 2009). Uma das suas primeiras lutas foi a campanha pela despatologização da homossexualidade no país. Nesses anos, tem lugar uma crescente visibilidade da transgressão sexual e de gênero à heteronormatividade em locais como bares, discotecas, saunas e diferentes espaços de entretenimento e sociabilidade urbanos, assim como também em diferentes produtos da cultura de massas, como os filmes da época. O cinema do período enfrentava o paradoxo de ser financiado pelo mesmo Estado autoritário que praticava censura (Pinto, 2006).

Embora negativos – por reafirmar o ridículo e/ou a violência-, tal como assinala Denilson Lopes (2004), essas imagens clichês dos filmes da época tem o mérito de começar o diálogo que pode dissolver o próprio estereótipo pela dinâmica do conflito social. Nessa direção, este trabalho tem como objetivo analisar as imagens da patologização da homossexualidade no cinema brasileiro nos anos de 1970 em diálogo com os discursos das lutas pela sua despatologização. O trabalho aborda a potencialidade política da figura do “monstro”, do “anormal”, do “fora da ordem” para pensar tanto a normatização das imagens da sexualidade quanto os desvios e fissuras nessas imagens que forjavam as possibilidades de luta por um outro Brasil.

JULIO PLAZA E HÉCTOR OLEA: O BRASIL CONCRETO DE DENTRO E DE FORA

ODILE CISNEROS - UNIVERSIDADE DE ALBERTA

Um dos movimentos artísticos e poéticos mais icônicos do Brasil na segunda metade do século vinte, a poesia concreta de Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari procurou projetar a produção poética brasileira para o exterior. O movimento surgiu no final dos anos cinquenta e começo dos anos sessenta, um momento de muita efervescência criativa no Brasil tanto nas artes plásticas como na literatura e na poesia. Além da poesia concreta, iniciativas como a Bienal de São Paulo, criada em 1962, trouxeram para o Brasil estrangeiros atraídos pela energia desses movimentos de vanguarda e alguns deles acabaram desenvolvendo parte de suas carreiras artísticas e literárias no Brasil. É o caso do escritor e artista plástico espanhol Julio Plaza e do arquiteto, curador, tradutor e poeta mexicano Héctor Olea. Tanto Plaza quanto Olea entraram em contato com os irmãos Campos e estabeleceram trocas e projetos afins. Plaza colaborou com Augusto de Campos em vários projetos artísticos e nos livros poemóviles, caixa preta e reduchamp nos anos 70. Olea estudou transcrição com Haroldo de Campos, produzindo uma tradução de Macunaíma de Mário de Andrade. Na década de 80, Olea também traduziu alguns fragmentos de galáxias de Haroldo de Campos e publicou um volume de poesia concreta, Mater mater-materia, no Brasil. Essa comunicação visa explorar o papel desses dois “viajantes estrangeiros” e o olhar “de fora” e “de dentro” que desenvolveram como consequência de sua participação no mundo artístico e literário do Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

PERSPECTIVAS TERRENAS E O FORA DA ANTROPOFAGIA

MARIANA SIMONI - FREIE UNIVERSITÄT BERLIN

Na tentativa de observar e descrever certos experimentos teatrais brasileiros contemporâneos a partir da ênfase sobre suas relações dinâmicas com o que se tem constituído como seu entorno, e também a partir da pergunta sobre até que ponto estas relações são regidas por princípios extrapolando perspectivas antropocêntricas, a comunicação parte da ideia do terreno, não como dispositivo da propriedade, do qual derivariam ações de comprar, vender e alugar, mas como condição material para a produção e recepção de peças, por exemplo, suscitando ações de arar, plantar, irrigar. Centrada sobre projetos estético-políticos do Teatro Oficina, de José Celso Martínez Corrêa, a comunicação propõe pensar as transformações sofridas pelo conceito de antropofagia na concepção do grupo, desde a montagem da peça então inédita de Oswald de Andrade, O rei da Vela (1967), em plena Ditadura Militar, até o projeto recente do Parque do Bixiga, fundado em uma troca radical com o entorno da cidade de São Paulo, em que são incorporadas à batalha pela terra do teatro, lutas a favor dos modos de existência de corporalidades marginalizadas no Brasil.

FIOS SOLTOS NA IMAGEM DO BRASIL: A REFLEXÃO ARTÍSTICA DE ROSANA PAULINO

PETER W. SCHULZE - UNIVERSITÄT ZU KÖLN

A “mestiçagem” harmoniosa como mito fundador da nação foi por muito tempo o discurso dominante no Brasil. Nos últimos anos, a construção e abrangência desse discurso vem sendo abordada não apenas de uma perspectiva histórica e social, mas também nas artes - o genocídio, a aculturação forçada e a exclusão da

população de origem não europeia e suas consequências vêm engendrando uma série de reflexões críticas. Não se trata apenas de questionar as narrativas correspondentes, mas também os meios de comunicação, gêneros e dispositivos através dos quais elas aparecem. Um claro exemplo é a obra da artista afro-brasileira Rosana Paulino. Muitos de seus trabalhos caracterizam-se pela ressignificação de representações desumanizantes e pela restituição de subjetividades excluídas. A revisão de discursos pictóricos e narrativas se manifesta, entre outros aspectos, através da apropriação de gêneros, como a história natural, e modificações dos dispositivos midiáticos, como o livro, que é costurado e dotado de fios soltos. O foco central da apresentação são as formas de reflexão artística, que nos permitem pensar novas imagens de Brasil.

B6 PAINEL

ECOLOGIAS POLÍTICAS PARA NOVOS HORIZONTES DE EXISTÊNCIAS

O painel discute experiências, pesquisas e perspectivas teóricas relacionadas ao paradigma da ecologia política para analisar dimensões da violência do período Bolsonaro contra a ecologia, bem como refletir sobre resistências e rebeldias coletivas de populações afetadas pelo anti-ambientalismo e que contribuam para se imaginar novos horizontes e saídas do precipício. Diante de um quadro de crescente fascistização social, anti-ambientalismo, genocídio das populações indígenas e negra, e da tragédia da COVID-19, diferentes movimentos políticos e epistêmicos tanto expõem antigas estruturas de dominação, quanto podem contribuir na construção de alternativas anti-sistêmicas urgentes.

SAIR DO COMPLEXO COLONIAL NA AMAZÔNIA

PHILIPPE LÉNA - PESQUISADOR EMÉRITO IRD/MNHN FRANÇA

A expansão contínua das fazendas de gado, do agronegócio, da grilagem de terras, da exploração madeireira e do garimpo na Amazônia, acompanhados pela violência, a destruição ambiental e a reprodução das desigualdades, é a expressão espacial contemporânea da ideologia e prática colonial.

Desde a abertura das grandes estradas de penetração na floresta (1960-1980) essa expansão não parou, inclusive durante os governos “progressistas” (tendo em vista as receitas fiscais que as atividades agro-exportadoras propiciam). Porém esses governos desenvolveram políticas visando ao mesmo tempo a diminuição do desmatamento, a garantia de posse da terra às populações tradicionais e aos povos indígenas, bem como assentamentos de reforma agrária para atender migrantes sem terra. Essas políticas nunca foram aceitas pelas elites locais na medida em que tiravam do mercado fundiário (e da especulação) terras próximas de estradas e ricas em recursos madeireiros. Essas “elites” tentaram recuperar o controle de diversas maneiras: compra, grilagem, cooptação, intimidação, assassinatos. Nas pequenas cidades criadas pela colonização, fazendeiros e madeireiros (também cerealistas e comerciantes) dominam o campo político e elegem os prefeitos e vereadores, fechando as portas para a representação dos interesses dos agricultores familiares e populações tradicionais. A situação se complica pelo fato de que parte dos agricultores familiares compartilham a ideologia legitimadora dos dominantes (“pioneiros”, “desbravadores”) e colaboram com eles, acirrando os conflitos intra-classe. Enquanto o Governo Federal (INCRA, MMA, FUNAI, MPF...) apoiava políticas de proteção e empoderamento dos dominados, esses conflitos (mesmo assim por vezes violentos) ficavam circunscritos. O que não é mais o caso agora que os dominantes, confortados pelo apoio do governo e pelo dismantelamento das instituições que promovia as políticas sociais e ambientais, retomaram abertamente sua expansão. É para se temer que esse “complexo colonial” continue a exercer uma intensa pressão política tanto no nível federal quanto estadual e local, ao menos enquanto houver uma demanda global crescente. Ele já irriga uma parte importante da economia nacional, graças às suas exportações mas também graças a ganhos especulativos e financeiros. O paper visa explorar alguns caminhos possíveis para sair deste impasse. As políticas que deram relativamente certo 15 anos atrás não parecem capazes de enfrentar os novos desafios que o atual governo vai deixar.

VIOLÊNCIA, COLONIALIDADE E PÓS AMBIENTALISMO NA AMAZÔNIA

ROBERTO ARAÚJO SANTOS - ANTRÓPOLOGO CCH/MPEG

A sociologia da expansão da fronteira constituiu desde os anos 1970-80 o objeto de importantes debates nas ciências sociais brasileiras, relacionados à caracterização das “frentes” que a constituíam, às formas de mobilização da força de trabalho, e à questão agrária.

Desde o final dos anos 1980, consolida-se também no quadro dos debates sobre a questão agrária uma literatura que aborda o problema da grilagem de terras do ponto de vista da sociologia do direito, constatando a concentração fundiária e problematizando as dificuldades jurídicas da regularização da posse da terra, bem como a desigualdade dos regimes de propriedade vigentes desde o século XIX. A partir dos anos 1990, essa vertente contribui com reflexões fundamentais para a criação de um Sistema de Unidades de Conservação baseado na gestão comum dos recursos, protegendo os direitos das “populações tradicionais” contra as pressões do mercado.

Em decorrência, também, da crescente preocupação com a perda de biodiversidade e, logo, com as mudanças climáticas, diversos trabalhos passam a explorar o tema da grilagem de terras em correlação com a questão do

desmatamento e de seus “atores”. A possibilidade de utilização de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e imagens de satélite diversifica essa abordagem com a multiplicação de estudos sobre os usos da terra. Na maior parte destes trabalhos a questão da violência em si aparece somente em filigrana, quase como um epifenômeno, embora ela seja consubstancial às formas de dominação e controle territorial verdadeiramente neocoloniais existentes na região. Abordaremos a questão dos conflitos sociais sob o prisma da violência, que consideramos central à análise de nosso problema. Pois não estamos diante aqui de uma soma de conflitos individuais, e sim do produto de configurações socioeconômicas e institucionais que permitem a certos grupos o recurso à intimidação, à agressão física e a assassinatos para assegurar o controle de vastos territórios. Isso nos permitirá refletir sobre as implicações socioambientais do estabelecimento de padrões de dominação que se reatualizam no processo de expansão da fronteira agrícola e têm raízes coloniais. Uma moderna “ideologia da fronteira” hoje legitima a destruição do bioma e a expropriação das populações locais. A dominação baseia sua capacidade de organizar relações sócio-econômicas- e a exploração dos “recursos naturais”- em um controle territorial obtido pelo acúmulo de poder político. Nesse contexto, discutem-se as novas propostas para a região no “pós-ambientalismo”.

ECOFEMINISMOS, POLÍTICA RELACIONAL DO CUIDADO E A PRÁTICA AGROECOLÓGICA: RESISTÊNCIAS DE MULHERES-AGRICULTORAS NO BAIXO-SUL DA BAHIA

LUÍSA DE PINHO VALLE - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

Proponho compartilhar um diálogo de conhecimentos sobre as estratégias e práticas realizadas por mulheres que promovem e garantem uma política de cuidado com e pela vida, humana e não-humana, no Baixo-Sul da Bahia. Analiso, para tanto, um fragmento da experiência com uma investigação-ação participante que está em curso. Nesta pesquisa busco coconstruir narrativas biográficas de/com seres que se representam e se identificam como mulheres entrelaçadas nas suas práticas da agroecologia, ou de uma agricultura equilibradamente ecológica. Parto de uma hermenêutica ecofeminista em diálogo com a ecologia política e as epistemologias pós-coloniais e decoloniais. Assumo que os ecofeminismos ultrapassam a cultura androcêntrica e antropocêntrica inserida na organização socioeconômica neoliberal contemporânea. No recorte aqui analisado da narrativa de Maria Andrelice dos Santos, assentada do Assentamento Quilombola Dandara dos Palmares, em Camamu-BA, volto meu olhar à produção, gestão e cuidados por ela engendrados em meio à pandemia da COVID-19. A despeito da política antivida ditada pelo governo Bolsonaro no Brasil, agravada pela insegurança global inaugurada pelo Coronavírus, identifico na sua prática cotidiana com os alimentos agroecológicos, políticas relacionais que ultrapassaram o meio comunitário do assentamento onde vive e que semeiam uma cultura de cuidado pela vida, humana ou não. Objetivo apontar práticas que direcionam outros caminhos abertos em resistência por mulheres-agricultoras que despontam perspectivas distintas para a economia política e a proteção da vida. Pois, apresentam uma cultura do cuidado comprometida com a ética da responsabilidade individual-coletiva de todas e todos, coparticipantes e coabitantes da mesma casa, a Terra.

IDEIAS INSURGENTES DAS COEXISTÊNCIAS COM AS FLORESTAS: EPISTEMOLOGIAS CONTRA-COLONIAIS E A DEFESA DA VIDA EM SENTIDO AMPLO

FELIPE MILANEZ - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

As históricas guerras de conquista contra os povos indígenas sempre tiveram o objetivo de dominar territórios e controlar recursos naturais, bem como derrotar o inimigo, o “outro”, e ou promover o extermínio completo, ou então promover a exploração forçada do corpo e da força de trabalho. No caso da conquista do Brasil, apesar da hegemonia de territorial exercida por diferentes dimensões da violência colonial, estas guerras sempre foram contestadas epistemologicamente por xamãs e lideranças políticas. Guerras que não tiveram fim. Publicações recentes de atos de intelectuais indígenas, com base nas experiências de lutas em movimentos coletivos, inovam a dimensão epistêmica da resistência e das rebeldias contra a conquista e o colonialismo sob o governo de extrema direita do Bolsonaro. Além da esfera da decolonialidade e da descolonização, o intelectual quilombola chama por movimentos contra-coloniais entre indígenas e negros, entre as populações submetidas à exploração da situação colonial. Nessas lutas contra coloniais, que são em certas situações também lutas contra-conquista, encontram-se movimentos que se articulam em defesa da vida em sentido amplo, por justiça ambiental e soberania nos territórios de vida. Ideias de intelectuais indígenas, quilombolas, defensores das florestas, defensores das águas, ecologistas populares, cada vez mais circulam em redes e em teias. Esta apresentação parte de algumas dessas visões, em defesa de uma contra-conquista criativa e um movimento ecológico contra-colonial para a superação das tragédias sanitária e política que atingiram o Brasil nos últimos anos.

PERSPECTIVA DECOLONIAIS DO ECOFEMINISMO

LIZ REJANE ISSBERNER

O domínio antropocêntrico, mais especificamente eurocêntrico, além de colonial é patriarcal. Segue os moldes coloniais que implicaram na subalternização de conhecimentos de povos não europeus e não masculinos.

O ecofeminismo surgiu como contracultura nos anos 1970, colocando em xeque o domínio antropocêntrico. Se propõe a derrubar os valores do patriarcalismo imbricados na visão de mundo que opõe mulheres e homens, natureza e civilização, tradição e modernidade; emoção e razão. Para a ecofeminista Maria Mies, o corpo das mulheres se tornou uma colônia e tem relação o imperialismo colonial que submeteu os habitantes e a natureza no Sul-Global.

O ecofeminismo não é um bloco homogêneo de pensamento, mas possui várias ramificações, uma delas é o essencialismo, onde as mulheres são as redentoras que podem equilibrar as relações homem-natureza, porque possuem uma característica inata de cuidado associada ao instinto materno. Entretanto, essa ideia carrega um forte determinismo biológico, sendo contestada por grupos que consideram essa perspectiva, como mais do mesmo, ou seja, é construída na mesma chave do paradigma racionalista e universalizante. Na perspectiva colonial, tais ideias trazem implícita a noção de que os trabalhos associados à natureza são inferiores, portanto, não são atribuídos aos homens, particularmente, os não-indígenas. Essa visão tem sido criticada por desconsiderar a diversidade cultural, histórica, social, econômica etc. das mulheres.

Um dos fortes opositores ao feminismo essencialista está no feminismo decolonial que ganhou força a partir dos anos 1990. Assim como outras vertentes mundo a fora, as feministas do Sul criticaram a ideia de uma superioridade inata ou espiritual das mulheres, ou ainda do feminismo hegemônico com matizes etnocêntricos fundado no Norte-Global. Esse movimento tem suas raízes nas lutas das feministas negras, chicanas e lésbicas nos Estados Unidos da América dos anos 80, que foram as primeiras a insistir na diferenciação.

B7 PAINEL

MIGRANTES E CIDADES: APROPRIAÇÕES E (RE)CONFIGURAÇÕES DOS ESPAÇOS URBANOS III

ITALIANOS E DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA: O CASO DE SÃO CARLOS (1880 - 1914)

OSWALDO TRUZZI - UFSCAR E JOÃO PEDRO VOLANTE - UFSCAR

Logo no início da imigração em massa, processos de diferenciação socioespacial urbana já são perceptíveis nas cidades mais prósperas do oeste paulista. Este trabalho se debruça sobre tal fenômeno ao focalizar em detalhe o caso da colônia italiana em São Carlos. Para tanto, o trabalho utiliza uma série de fontes nominativas - como um censo municipal nominativo realizado em 1907, livros de pagamentos de impostos, almanaques, mapas e fotos da época - que são entrecruzadas, aplicadas e reconstruídas sobre uma base georreferenciada e cotejadas frente à bibliografia atinente ao tema.

NOVOS RESIDENTES, OUTROS OLHARES E PRÁTICAS TRANSFORMATIVAS. JOVENS AFRICANOS E EUROPEUS NO RIO DE JANEIRO

TILMANN HEIL - MECILA/UNIVERSIDADE DE COLÔNIA & USP

Esta comunicação aborda as reconfigurações materiais e conceituais que surgem no Rio de Janeiro quando residentes recém-chegados se relacionam com a cidade. Os novos residentes têm olhares diferentes sobre a complexidade urbana que se desdobra diante dos seus horizontes analíticos. Com o decorrer do tempo, suas práticas individuais e coletivas acrescentam dimensões distintas à vida urbana. Com base no trabalho de campo etnográfico com os recém-chegados africanos e europeus no Rio de Janeiro entre 2014 e 2020, coloco as seguintes interrogações: i) como suas visões e compromissos parciais com a cidade nos obrigam a questionar conceitos hegemônicos e repensar a vida urbana, no Brasil e além; ii) como a presença, a prática e a reflexão de jovens citadinos traz à luz agenciamentos urbanos que as narrativas e concepções recorrentes da cidade invisibilizam. A fim de enriquecer o debate, justaporei as práticas políticas e artísticas relativamente invisíveis de jovens espanholas com a organização pública de grandes eventos religiosos realizados por homens senegaleses muçulmanos. Na análise, as contribuições importantes dos estudos urbanos brasileiros e seu foco em complexidades, transformações, consensos e conflitos serão entrelaçadas com debates similares de pluralidade e transformação nos estudos de im/mobilidade e convivência-desigualdade.

FILIPINAS EM SÃO PAULO: MIGRAÇÕES SUL-SUL E TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO

ESTER G. MARTINS RIBEIRO - DOUTORANDA EM SOCIOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), COTUTELLE NA ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES (EHESS, PARIS)

A chegada de mulheres filipinas em São Paulo para realizar trabalho doméstico remunerado nos aponta para um Brasil se conectando ao mercado global de cuidados, à certas modalidade de migrações Sul-Sul, ao mesmo tempo atualizando formas de racialização e subordinação ligadas ao trabalho doméstico remunerado. As agentes da migração possuem seus projetos e capacidades de agência, combinando a economia global, as desigualdades brasileiras históricas e suas próprias trajetórias no micro espaço da casa.

TRAZENDO O BRASIL PARA LISBOA: AS COMPLEXIDADES POLÍTICAS E CULTURAIS DA MOBILIDADE TRANSNACIONAL

SIMONE FRANGELLA - ICS - UNIVERSIDADE DE LISBOA

Esta apresentação propõe refletir sobre o efeito da experiência de deslocamento migratório transnacional sobre construção das subjetividades políticas e culturais dos migrantes na cidade. Baseado num conjunto misto de experiências de terreno anterior e do acompanhamento atual de movimentações dos brasileiros no espaço público da cidade e nas mídias, tenciono refletir como os trânsitos transnacionais são percebidos pelos migrantes em um entrecruzamento de experiências que tendem a obliterar a diferença espacial e temporal entre a sociedade de partida e a de destino, criando muito desencontros de informações políticas, sociais, legais, e gerando consequentes conflitos.

BORIS SCHNAIDERMAN E AS ESCRITAS DO EXÍLIO EM COMPARAÇÃO

BRUNO GOMIDE - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Este trabalho propõe uma primeira tentativa de comparação entre a produção escrita de Boris Solomónovitch Schnaiderman (1917-2016), que emigrou de Odessa em 1925 e se tornou, décadas mais tarde, o principal crítico e tradutor de literatura russa no Brasil, e a escrita exílica (na forma de ensaios, resenhas, cartas, traduções e memórias) de outros importantes intelectuais que vieram da Europa Central e do Leste e se instalaram no Rio de Janeiro e em São Paulo entre os anos de 1930 e 1940, deixando uma marca fundamental em diversos setores da cultura brasileira: Tatiana Belinky (1919-2013), Paulo Rónai (1907-1992), Otto Maria Carpeaux (1900-1978), Anatol Rosenfeld (1912-1973) e Vilém Flusser (1920-1991). Minha hipótese principal é a de que o tipo de escrita e de personalidade intelectual elaborada por Schnaiderman (que é o tema de um estudo crítico e biográfico em preparação pelo autor desta comunicação) foi modelada, em grande medida, a partir de aproximações e divergências textuais e pessoais com aqueles migrantes. Embora os referidos nomes tenham sido objeto de algumas monografias importantes (por exemplo, as recentes biografias de Rónai por Ana Cecília Impellizzeri Martins, a de Flusser por Gustavo Bernardo e Rainer Guldin e o estudo de Mauro de Souza Ventura sobre Carpeaux), acreditamos que ainda são necessários tanto estudos individualizados como pesquisas que procurem estabelecer comparações entre eles, examinando aquelas trajetórias específicas a partir de uma perspectiva documental e conceitual mais ampla. Também consideramos necessário incluir o nome e o texto “russo” de Boris Schnaiderman (e de Belinky) no rol dessas escritas do exílio geradas no Brasil por autores judeus de expressão intelectual primordialmente alemã.

B8 PAINEL

AS FORMAS DO CUIDAR E DO CUIDADO. QUEM O OFERECE, QUEM O RECEBE E DE QUE MODO?

Nos últimos meses, devido a pandemia, temos ouvido falar muito em “cuidado” e em “cuidar”. No entanto, há mais de 30 anos esse substantivo e o seu verbo, tem recebido atenção de pesquisadoras das ciências sociais e originou-se o campo de estudo conhecido como Care. Desde então, estudiosas do trabalho, do gênero, das migrações e analistas do envelhecimento, passaram a utilizar o cuidado como uma categoria e a refletir sobre os seus limites. Dessa forma, é possível apresentar um substrato comum as diversas formas de cuidar e do cuidado, mas sabe-se que sua concretização e valorização envolve diferenças ligadas a classe, a raça e ao sexo. No presente painel traremos pesquisas que colaboram com esse campo, mas especificamente aquelas que contém reflexões sobre o que é o cuidar e o cuidado, a quem ele se destina e as possíveis consequências do seu não reconhecimento. Para tanto, a pergunta que o norteia é: “Quem cuida do quê, quando, como e onde?”. Ao respondê-la, estamos conhecendo aqueles que executam o cuidar e o cuidado (care), em que contexto essas pessoas são necessárias, quais os esforços físicos e psicológicos lhe são demandados para a execução do care e em quais lugares/países podemos observar que eles acontecem. Por meio das respostas será possível descrever, analisar e criticar a organização política e social das atividades do care e refletir sobre como ele tem sido vivenciado.

TRANSFORMAÇÕES DO CUIDADO E DO CUIDAR NUMA PERSPECTIVA COMPARATIVA INTERNACIONAL

HELENA HIRATA, DIRETORA DE PESQUISA EMÉRITA NO CNRS, FRANÇA E PESQUISADORA COLABORADORA DO DEPTO DE SOCIOLOGIA DA USP, BRASIL E NADYA ARAUJO GUIMARÃES, PROFESSORA TITULAR DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E PESQUISADORA DO CEBRAP

A partir das categorias analíticas das sociologias do trabalho e do gênero, essa comunicação procurará refletir sobre as principais transformações contemporâneas do trabalho de cuidado e das modalidades de cuidar, a partir de um enfoque comparativo internacional.

Em primeiro lugar apresentaremos as principais controvérsias em torno da definição de “cuidado” e da sua abrangência. A ética do cuidado, de um lado, e o cuidado como atividade, de outro, podem ser associados e permitem pensar o cuidado como relação social onde gênero, raça e classe se imbricam enquanto relações de poder. Em seguida, refletiremos sobre como se conjugam diferentemente em contextos sociais diversos algumas

configurações ideal-típicas do trabalho relacional de cuidado, como a do cuidado como “profissão”, como “obrigação” ou como “ajuda”. Como elas se manifestam em contextos contrastados de desigualdade e de informalidade, onde família, mercado, Estado não desempenham os mesmos papéis? Pesem tais diferenças, também destacaremos como a comparação aponta para a centralidade do trabalho das mulheres nessa atividade. Por isso mesmo, e em terceiro lugar, analisaremos as consequências de tal centralidade para questões como as que se referem à profissionalização, à formação profissional e à inserção no mercado de trabalho, temas cruciais para situar a responsabilidade das políticas públicas na valorização indispensável desse tipo de trabalho. A questão da valorização monetária e simbólica que aparece cada vez mais como uma justa reivindicação das cuidadoras deve possibilitar uma reflexão sobre o futuro das nossas sociedades, fundadas num outro tipo de regime moral que tenha no cuidado um valor universal.

AU PAIR BRASILEIRAS NA HOLANDA: DESATANDO NÓS ENTRE RELAÇÕES DE TRABALHO E DE CONSUMO

BRUNA PADILHA DE OLIVEIRA, DOUTORANDA PPGS/UFSCAR, BOLSISTA CAPES

Esta apresentação tem como objeto a discussão do programa de intercâmbio denominado Au Pair na qual se vive, durante um período pré-determinado, na casa de uma família estrangeira, com direito a hospedagem, alimentação e uma pequena remuneração em troca dos serviços domésticos leves e do cuidado das crianças da família anfitriã. Apresento resultados parciais da minha pesquisa de doutorado sobre brasileiras que participaram deste intercâmbio na Holanda em dois períodos distintos: entre os anos de 2008 - 2010 e 2018 - 2020. A investigação partiu das discussões teóricas e analíticas sobre cadeias globais de cuidado com a hipótese inicial de que o programa vem sendo utilizado como uma alternativa barata de serviço de cuidado infantil. Apesar dos discursos oficiais enfatizá-lo como um não trabalho, mas como uma troca cultural, debate que o Au Pair se constitui e se envereda tanto por relações de trabalho como de consumo. Se por um lado as famílias holandesas se motivam em escolher o programa como uma forma muitas vezes mais barata e mais flexível de cuidado infantil, já que a Au Pair reside junto da família, tendo a questão da troca cultural com algo agregado. As Au Pair brasileiras são motivadas, principalmente, pelo desejo de ter uma experiência internacional acessível economicamente, seja pela possibilidade de viajar e conhecer Europa, o aprimoramento de uma língua estrangeira ou mesmo a partir da ideia de uma estratégia de migração definitiva. Desta forma, pretende-se compreender a particularidade do programa Au Pair em relação a outros estudos sobre a questão do mercado global de cuidado e a imigração feminina a partir da apreensão das diferentes motivações e sentidos dados pelos sujeitos que participam dessa relação social, bem como a partir da caracterização do perfil desses indivíduos e das diferentes redes e estratégias inseridas no processo de realização do intercâmbio.

“CUIDA DE QUEM TE CUIDA”: ESTRATÉGIAS DE LUTA E MOBILIZAÇÃO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

LOUISA ACCIARI, PESQUISADORA E CO-DIRETORA DO CENTRE FOR GENDER AND DISASTER, IRDR, UNIVERSITY COLLEGE LONDON (UCL-UK)

No Brasil, as trabalhadoras domésticas foram uma das categorias mais atingidas pela crise da Covid-19 em termos de perda de emprego e empobrecimento; cerca de um quarto dos empregos no setor foram destruídos em 2020, o que representa 1.5 milhões de trabalhadoras desempregadas, e muitas vezes, pelo fato de serem informais, essas se encontram sem renda e sem acesso à proteção social. Para as que se mantiveram no emprego, suas condições pioraram, expondo-as a altos riscos de contaminação, sobrecarga de trabalho e violação de direitos. De maneira emblemática, e trágica, a segunda morte confirmada por Covid-19 no país foi justamente de uma trabalhadora doméstica, mulher negra de 63 anos, que havia sido contaminada por sua patroa. Essa comunicação se interessa pelas estratégias de luta das trabalhadoras domésticas organizadas durante esse período, e em particular, a campanha “Cuida de quem te cuida” lançada pela Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas. Mostrarei que as ações dos sindicatos contribuíram para uma maior visibilidade do trabalho reprodutivo, pautando sua revalorização no contexto de crise dos cuidados provocado pela pandemia. Enquanto essas trabalhadoras se arriscam diariamente para manter a saúde e o bem-estar das famílias de classe média (que podem trabalhar desde o conforto de sua casa), quem cuida delas? Quem garante seus direitos, inclusive o direito a se manterem vivas e saudáveis? Ao analisar as ações dos sindicatos, apontarei também para a contradição entre a necessidade, ou forte demanda por trabalho doméstico, e sua falta de proteção no contexto da crise pandêmica.

QUAL É O PERFIL DE UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA? UMA REFLEXÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE RECONHECER O TRABALHO DO CUIDADO E DO CUIDAR

MICHELLE FRANCO REDONDO, DOUTORA MEMBRA DO LABORATOIRE D'ÉTUDES DE GENRE ET DE SEXUALITÉ-LEGS, PROFESSORA NA UNIVERSIDADE D'EVRY

Esta apresentação tratará das diferenças entre au pair, babá, e empregada doméstica a partir da perspectiva de imigrantes brasileiras na França que entraram no país como au pair, foram babá e não se identificam como trabalhadoras domésticas. Como apoio à ilustração da empregada doméstica brasileira, faremos uso do filme: « Que horas ela volta ? » de Anna Muylaert, e discutiremos novos perfis difundidos pelas redes sociais.

A reflexão que será exposta tem sua origem na constatação de que brasileiras participantes do programa au pair se interessam ao programa pois nele há a ideia de troca e não de emprego. Dessa maneira, as garotas au pair estão mais próximas da categoria de intercambistas do que de trabalhadoras domésticas. No entanto, ao fim do programa, uma vez que ficam na França, as ex-au pair, continuam a cuidar de crianças. Nesse novo contexto, essas imigrantes brasileiras também não se consideram como trabalhadoras doméstica. Isso ocorre pois, a referência que possuem do trabalho doméstico, não está ligada a atividade exercida, mas a uma questão de classe e de raça.

Para pensarmos sobre essa dificuldade em se reconhecer como trabalhadoras domésticas, também será analisado o discurso de « influencer » que são conhecidos por executarem o trabalho doméstico. Assim, essa apresentação tem como objetivos: discutir sobre as hierarquias dentro da atividade do cuidar e do cuidado ligadas ao ambiente doméstico, apresentar categorias ligadas ao trabalho que a corresponde (trabalho-direto profissional, trabalho-indireto profissional, trabalho sem trocas monetárias) e apontar para uma reflexão sobre a influência da internet na desconstrução de uma imagem do trabalhador doméstico.

QUARTA-FEIRA 22. 9. 2021 19:00-21:15 (GEST) C

ASSEMBLEIA GERAL

Além da apresentação dos relatórios de atividades e financeiro a votação das propostas de mudança de estatutos, será divulgado o resultado do Concurso anual da melhor tese europeia sobre o Brasil e será eleito o Comitê Executivo para o biênio 2021-2023.

QUINTA-FEIRA 23. 9. 2021 14:00-16:15 (GEST) A

A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

MULHER E VIOLÊNCIA

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PREVENÇÃO E SOLUÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PRATICADA CONTRA A MULHER NO BRASIL

CAROLINE FOCKINK RITT - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC, BRASIL

O presente tem como objetivo destacar a importância de projetos de extensão universitária, como forma de colaborar na solução e prevenção da violência doméstica e familiar cometidas contra a mulher, cujos índices são alarmantes. Diante desta realidade, a extensão universitária assume protagonismo como forma de orientação e acolhimento humanista. Destaca-se o Projeto de extensão universitária realizado pela Universidade de Santa Cruz do Sul - RS: “Enfrentamento da violência doméstica e familiar – Direitos e garantias legais da Mulher agredida”, que acontece dentro de Delegacias de Polícia de cinco cidades com campus desta universidade, com o objetivo de promover o atendimento humanizado às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, buscando orientá-las quanto aos seus direitos, tanto na esfera penal, civil e demais situações legais que se apresentam. Esclarecendo sobre determinações de medidas protetivas, previstas na Lei Maria da Penha, punição e afastamento do agressor do lar e, da mesma forma se apresenta como um canal, via telefone, de denúncias e consultas jurídicas, de forma sigilosa e com muita sensibilidade. A inserção das alunas do curso de Direito nestes projetos contribui à formação humanista uma vez que as aproxima da realidade social em que estão inseridas, dando a oportunidade de um novo olhar, em uma inserção mais humanista como também a possibilidade de relacionar os conhecimentos teóricos adquiridos durante as aulas de graduação com a realidade prática, na busca de orientação e solução de problemas que lhes são apresentados.

A SUBNOTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PRATICADA CONTRA A MULHER DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL

EDUARDO RITT - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC, BRASIL

A presente discussão objetiva apontar o problema da subnotificação da violência doméstica praticada contra a mulher no Brasil, durante a pandemia do COVID-19. Observa-se que a pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2020 apontou queda no número de registros oficiais em vários estados brasileiros, demonstrando redução de denúncias e boletins de ocorrência das mulheres vítimas de violência doméstica e familiar. Os dados de Segurança Pública do estado do RS, por exemplo, apontaram que em 2020 teria ocorrido uma diminuição da violência praticada contra a mulher, quando comparados aos dados de 2019. Acontece que esta queda dos números, oficializados pelas estatísticas de órgãos de segurança pública não significa que houve uma diminuição

da violência contra a mulher, mas apontam que houve subnotificação dos casos. O isolamento social imposto, fez com que a mulher e os filhos passassem a conviver mais tempo com o agressor, o aumento do desemprego e outras situações estressantes culminam na violência doméstica. A pandemia foi a causa pela qual muitas mulheres vítimas de violência doméstica deixaram de procurar a polícia para denunciar seus agressores. Devido ao isolamento social, elas não conseguem fazer as denúncias, o que gera um número alto de subnotificações da violência, a chamada “cifra oculta”. Evidencia-se a necessidade de resposta jurídica e social por meio de canais de denúncia online, formas de publicização, uso de tornozeleiras para monitoramento do agressor, canais por telefone ou WhatsApp que evitem a exposição da vítima.

ENTRE A IMBRICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS E A BUSCA POR NOVAS TRAJETÓRIAS: A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CASO DE MULHERES REFUGIADAS SÍRIAS EM PARIS (FR) E SÃO PAULO (SP)

JULIANA KIYOMURA MORENO - UNIVERSITÉ PARIS 8 (COTUTELA) E UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP (INSTITUIÇÃO PILOTO), BRASIL

Em 2021 serão completos 10 anos de conflito armado na Síria. País que tinha 23 milhões de habitantes até 2011 e a partir do início da Guerra forçou o deslocamento interno de 7 milhões de pessoas, além de provocar a migração forçada de 6 milhões para fora de suas fronteiras, alterando massivamente a configuração dos países vizinhos. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2014), cerca de 78% são mulheres e crianças. Porém, há uma falta de dados precisos desagregados por sexo sobre deslocados internos e refugiados sírios, já que crianças e mulheres são mantidos, de forma não-discriminada, nas métricas estatísticas que compõem a coleta de dados. Tal fato, tem sido amplamente criticada por estudiosas feministas. A partir de um estudo qualitativo com metodologia comparativa, foram realizadas entrevistas com refugiadas sírias em São Paulo (Br) e em Paris (Fr), que apresentam semelhanças que entrecruzam a realidade destas mulheres, que passam a enfrentar não apenas o desafio da migração forçada como da própria adaptação à nova realidade econômico e cultural do país em que se encontram. Em seus relatos, há uma constante sobrecarga de trabalho doméstico, o cuidado com os filhos, o aprendizado do novo idioma. Na França, uma integração sem ser inclusiva. No Brasil, uma integração local por meio da falta de suporte do Estado a todos, nacionais ou não. Em todos os casos, a apropriação do tempo e o bascular do trabalho produtivo e reprodutivo. Por outro lado, há também um forte protagonismo na tentativa de se reapropriarem de suas próprias trajetórias e em como passam a educar seus filhos, além manterem uma ligação com as tradições que buscam conservar. Mas tal postura se torna invisibilizada quando tomada apenas a dimensão macroestrutural em uma análise.

VIVÊNCIAS E VIOLÊNCIAS: MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

JOEL NASCIMENTO, RUANE SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ (UNIFAP), BRASIL

Considerando a visão de sociedade em rede, as fronteiras territoriais são facilmente transcendidas por mobilidades e fluxos migratórios que ocorrem dentro de circuitos globalizados de informação e intercâmbio, pois o significado de fronteira reflete-se em barreira para uns ou um caminho a ser percorrido para outros. O presente trabalho tem o objetivo geral de analisar as vivências das mulheres brasileiras trans através de suas mobilidades na fronteira entre o Amapá (Brasil) e a Guiana Francesa (Coletividade Territorial de Ultramar da França), região situada no extremo norte brasileiro. Para análise do tema, foram realizadas entrevistas na cidade de Oiapoque e na comuna de Cayenne, com a intenção de visibilizar e dar voz à tal parcela da população brasileira que há anos trafega por essa região fronteiriça, a partir de suas histórias e vivências. Também foram realizadas pesquisa documental e revisão bibliográfica para compreender aspectos teóricos do tema a partir da teoria queer. Ao analisar os dados coletados, é notável que, como corpos “abjetos”, o preconceito e violências são situações vivenciadas pelas mulheres brasileiras trans, tanto no seu país de origem, quanto no país de chegada, e por comporem uma porção menor no quadro quantitativo das migrações internacionais, muitas vezes acabam ficando na invisibilidade das discussões sobre direitos no mundo. Assim, seguem existindo e resistindo, e silenciadas pelo medo de serem presas ou expulsas dos países de chegada, por muitas vezes estarem de forma indocumentada nestes.

UM OLHAR SOBRE BRASIL E PORTUGAL: QUESTÕES INICIAIS SOBRE MENINAS FORA DA LEI

NATALIA ALMEIDA BEZERRA BEZERRA - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASIL

Um olhar sobre Brasil e Portugal: questões iniciais sobre Meninas fora da lei, é o rascunho inicial de um debate acerca de um conjunto de pesquisas entre o Sistema Socioeducativo em Brasília (Brasil) e o Sistema Tutelar Educativo em Lisboa (Portugal), acerca dos processos de institucionalização de adolescentes e jovens mulheres em conflito com a lei a cumprir medida de internação. A pesquisa de longo percurso está sendo realizada na Unidade de Internação Feminina em Brasília. Em Portugal, por meio de uma interlocução teórica com a produção acadêmica portuguesa e a prática etnográfica de curto prazo no Centro Educativo Navarro de Paiva e no Centro Santa Clara, buscar-se-á o conhecimento sobre documentos normativos, processos tutelares de internação e dos procedimentos de rotina realizados no sistema educativo. Conjugadas as duas pesquisas, a importância de voltamos o olhar para as “meninas fora da lei”, que cumprem obrigações com o Estado, tanto em Brasília quanto em Lisboa, é preencher uma lacuna de estudos e de conhecimento sobre a temática acerca de mulheres, criminalidade e violência, as quais sofrem com o protagonismo conferido aos homens em dados estatísticos e na mídia quando há considerações sobre o tema. Portanto, frente a estas lacunas, cuja raiz é interdisciplinar, há interesses coletivos, políticos e sociais urgentes acerca da temática, visto o crescimento da apreensão de

adolescentes e jovens, a alteração da legislação de proteção à infância logo, as discussões de gênero, novos formatos sociais sobre violência e prevenção. A apresentação de contribuições fundadas em diferentes países possibilita, por um lado, a compreensão dos matizes de que o fenômeno da criminalidade se reveste de diferentes formas em cada contexto e, por outro, visa iluminar os traços transversais e os cenários comparativos que cada um destes enquadramentos pode trazer à discussão.

A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

TEATRO, MÚSICA

PRECURSORES DO NACIONALISMO NO BRASIL E MÉXICO: ALBERTO NEPOMUCENO E MANOEL MARIA DE PONCE

NINA ROSA ALMEIDA LOPES FERNANDES – USP, BRASIL

A pesquisa está sendo desenvolvida em etapas que envolvem o levantamento e estudo da literatura relativa ao tema do Nacionalismo do compositor mexicano Manuel María Ponce Cuéllar (1882-1948), e o compositor brasileiro, também nacionalista Alberto Nepomuceno (1864-1920)

A Estética Romântica dominava o ambiente cultural no final do século XIX na Europa e ainda que tivesse libertado a personalidade criadora do artista, rompendo com a tradição anterior formal da música clássica, os temas de domínio popular ainda não haviam sido totalmente incorporados à esta música, não expressando ainda as nacionalidades (Almeida, 1999).

Movimentos musicais de orientação nacionalista apareceram em todo o mundo durante o final desse período, mais precisamente nas últimas décadas do século XIX e começo do XX, especialmente em países periféricos como os países do leste europeu e nórdicos. Aos poucos, ganharam impulso para se firmar como uma força no panorama musical europeu, relacionando-se direta ou indiretamente a questões envolvendo independência política e soberania nacional, ligando-se aos movimentos liberais inclusive no Brasil e no México. O nacionalismo expressaria a linguagem específica de cada nação como Chopin compositor polonês, ao compor Polonaises e Mazurcas, Bartok, preocupando-se em pesquisar juntamente com Kodály, ambos compositores húngaros, temas populares para utilizar em suas composições (Freitag, 1973).

O CONCEITO DE INDEPENDÊNCIA PARA A CENA DA MÚSICA INDEPENDENTE DE FORTALEZA: O CASO DOS COLETIVOS DE BANDAS INDEPENDENTES DO CENTRO CULTURAL BELCHIOR

PEDRO MENEZES E PAULA GUERRA – UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

Fortaleza é uma metrópole localizada no nordeste brasileiro. Atualmente, as bandas independentes da cidade se organizam em coletivos: espécie de banda de bandas ou sindicatos que as bandas formam para fortalecer os artistas e unificar suas estratégias de ação. Esses coletivos de bandas independentes têm organizado festivais no Centro Cultural Belchior (CCBel), um equipamento público fundado e financeiramente mantido pela prefeitura de Fortaleza. Para concorrer a uma vaga na programação do CCBel, o coletivo deve se submeter a um edital técnico pensado pela gestão daquele órgão. Além de dispor do espaço, da infraestrutura técnica e da chancela institucional do CCBel, os coletivos de bandas independentes que apresentam seus festivais naquele espaço também recebem um cachê em dinheiro, pago pela prefeitura de Fortaleza. Diante desse cenário, esse trabalho questiona: o que significa independência para os coletivos de bandas independentes que apresentam seus festivais no CCBel? A questão parece relevante, se levarmos em conta dois aspectos principais: as bandas agem (1) coletivamente e (2) apoiadas pelo governo local. Sendo assim, o que significa independência para artistas que se consideram independentes mesmo atuando coletivamente e financiados pelo estado? Para encontrar uma resposta satisfatória para essas perguntas, essa pesquisa cruzou ferramentas diacrônicas e sincrônicas: por um lado, tentei recuperar a história e as controvérsias em torno do conceito de “independência” na música, desde seu surgimento até o presente (diacronia); por outro lado, entrevistei as bandas dos coletivos que se apresentam no CCBel, bem como os gestores dessa instituição (sincronia).

BOAL TRADUZIDO – LEITORES, INTÉRPRETES E ENCENADORES DO TEATRO DO OPRIMIDO ATRAVÉS DE DIFERENTES LÍNGUAS. TRADUÇÃO E REESCRITURA

ANA REGINA LESSA – UNIVERSITY COLLEGE CORK, IRELAND

O Teatro do Oprimido continua atraindo multiplicadores e praticantes dentro e fora do Brasil. Esse reconhecimento começa no período anterior ao golpe de 1964 e expande com o exílio de Boal em 1971, fato comprovado pela circulação internacional de artigos do encenador em revistas teatrais. O dramaturgo e diretor passa a defender o Teatro do Oprimido como uma opção de teatro popular engajado, um ‘arsenal’ de técnicas cujo objetivo é ‘ensaaiar a revolução’ durante seu exílio latino americano. Entretanto a base teórica da sua proposta gira em torno da republicação de ensaios escritos no seu período como diretor do Teatro Arena e, portanto, anteriores ao exílio. Assim, a leitura da teoria de Aristóteles e Brecht preparam a escolha por um ‘teatro popular’, mas é o contexto

histórico (e a consequente radicalização de posições) que impulsiona o salto em direção ao teatro participativo. Boal reescreveu (Lefevere, 2017) o Teatro do Oprimido no decorrer de sua vida, traduzindo suas práticas para alcançar outras audiências. Alguns dos agentes que propiciaram a disseminação desse trabalho através da tradução do livro Teatro do Oprimido realizaram entrevistas com o autor para mediar o encontro com 'essa forma latino americana de teatro popular'. As traduções francesa, italiana e alemã conservam esse paratexto que contextualiza, prepara a relocalização dos ensaios na Europa e redimensiona o texto. Cada editor-tradutor leu o texto segundo afiliações ideológicas, o seu pertencimento cultural e o seu fazer teatral. Assim, o diálogo entre editores-tradutores e autor possibilita o rastreamento de processos tradutológicos nem sempre visíveis. Esse processo dialógico está inserido na arqueologia do livro em tradução. O estudo diacrônico dos textos fundadores do Teatro do Oprimido em tradução indica processos culturais, linguísticos e ideológicos que envolvem a leitura do ativismo cultural brasileiro a partir da visão do Norte (Larsen, 1995) e permeiam a reescritura do Oprimido em outro espaço/tempo.

MÚSICA E CIVILIZAÇÃO EM MÁRIO DE ANDRADE

CAION MENEQUELLO NATAL NATAL - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

O projeto de Mário de Andrade não se limita a uma reflexão estética, mas implica no objetivo maior de interpretar a identidade da nação. A crítica estética e a busca de uma "consciência" nacional são constitutivas, pois, da aventura de renovação estética proposta pelo autor de Losango Cáqui. Em outros termos, Andrade lançou-se à tarefa de interpretar o Brasil, ou a brasilidade, por meio de uma perspectiva estética e musicológica. Em particular, o escritor olhava seu país pela perspectiva musical, como se a vida social aí se desenrolasse à maneira de uma dança. Tal pensamento apresenta um caráter inusitado ao lançar mão de formulações poéticas, alegóricas e musicais lá onde normalmente veríamos teorias filosóficas, conceituais e sociológicas. Resulta daí – ora de forma velada, ora de forma manifesta – uma imagem do Brasil como crítica ou reação à civilização moderna. A nação brasileira seria uma civilização nova, dita tropical, contraposta aos valores da sociedade burguesa europeia.

BRASIL EM CENA – EM BUSCA DE UMA SOCIOLOGIA DO TEATRO ANTICAPITALISTA

MONIQUE LIMA DE OLIVEIRA - UNICAMP, BRASIL

A exemplo de Iná Camargo Costa, "meu assunto é o Brasil, com particular interesse em teatro". Com este trabalho, busco por um fazer sociológico histórico-analítico sobre teatro e sociedade, pensando com a peça da Companhia do Latão, Os que ficam (2015). Tomando o teatro como observação crítica, entendo que a peça interpreta a criação artística e intelectual dos anos 1960/70 e é capaz de promover um diagnóstico do tempo presente.

Estreada em 2015, a homenagem a Augusto Boal (1931-2009) – criador do Teatro do Oprimido – apresenta um grupo que, em 1973, auge da ditadura, ensaia Revolução na América do Sul, de Boal para o Teatro de Arena (1960 – democracia populista). Analisamos com base em sua literatura, com referências dedicadas ao marxismo cultural e à sociologia da cultura em diálogo com o pensamento social e político.

Os que ficam é um metateatro criado para integrar as atividades da mostra Augusto Boal – Ato de um Percurso, realizada no Rio de Janeiro, entre 14 de janeiro e 16 de março de 2015. O seu tempo é o do "milagre econômico" e da intensificação das repressões. A trama evidencia os desafios de uma peça inacabada, com o autor no exílio. As cartas de Boal recriam a atmosfera do país.

Em São Paulo, e inspirada na obra de Bertolt Brecht, o Latão foi criado nos anos de 1990 como maneira de buscar referências na luta anticapitalista e busca por uma atuação fundada no realismo crítico. Quando se anunciam outros tempos, são necessários novos exercícios e as canções soam como rufam os tambores: "É um tempo de guerra, é um tempo sem sol". Ao entender a obra como observação crítica da realidade e considerando a relação indissociável entre texto e contexto, como essa peça possibilita ensaiar um passo adiante?

A3 PAINEL

A TRADUÇÃO, PONTE ENTRE CULTURAS – MACHADO DE ASSIS, MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Traduzir um texto literário sempre foi um dos meios essenciais à comunicação intercultural. Implica tanto o estudo da contextualização do processo tradutório quanto o da recepção do texto traduzido. Mediadora entre culturas heterogêneas, a tradução tem que levar em consideração a doxa vigente na sociedade receptora.

Escolhemos o grande autor Machado de Assis, que não tem na Europa ainda o lugar que mereceria, e focamos particularmente Memórias Póstumas de Brás Cubas, que foi o primeiro romance traduzido e um dos dois publicados no exterior em vida do autor.

Maria Elizabeth Chaves de Mello vai se dedicar à tradução das Memórias no Uruguai, Jacqueline Penjon, aos percalços do texto na França. Fora dos países marcados pela latinidade, examinaremos a obra na República Tcheca (Šárka Grauvová), na Polônia (Gabriel Borowski) e no Japão (Chika Takeda).

PRIMEIRA TRADUÇÃO DE MACHADO DE ASSIS EM ESPANHOL

MARIA ELIZABETH CHAVES DE NELLO - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

A obra de Machado de Assis resiste ao tempo, sobrevive e se dissemina por outros países, graças às suas traduções. Embora o autor nunca tenha viajado para fora do Brasil e quase não tenha sequer saído do Rio de Janeiro, pode-se dizer que seus livros viajaram e viajam ainda pelo mundo todo. O presente trabalho pretende investigar como se deu a primeira tradução de Memórias póstumas de Brás Cubas para o espanhol. Afinal, uma língua tão próxima do português e com quase todos os países vizinhos falando-a, seria natural que o espanhol fosse o primeiro idioma a traduzir o grande autor brasileiro. No entanto, não foi tão simples. O editor de Machado, F.H.Garnier, localizava-se na França, para onde o autor enviava os seus livros, que, só depois de impressos, vinham para o Brasil. Em 1899, Machado teria pedido autorização a Garnier, para que um de seus textos fosse traduzido para o alemão, o que lhe foi negado. Em 1901, nova tentativa, desta vez com o romance Memórias póstumas, que seria transposto para o francês. Novamente, Garnier teria recusado. Apesar de muito interessado em que os seus textos fossem traduzidos, pois queria ser lido pelo maior público possível, Machado só teve acesso, ainda em vida, a duas traduções de romances seus, ambas para o espanhol: Memórias póstumas de Brás Cubas, em 1902, no Uruguai, e Esaú e Jacó, em 1905, na Argentina. A tradução, repercussão e recepção do primeiro deles será o objeto deste estudo.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS NA FRANÇA

JACQUELINE PENJON - UNIVERSIDADE SORBONNE NOUVELLE

Em 1908 o Mercure de France noticia o falecimento de Machado de Assis e ao se referir às obras, sublinha que as Memórias Póstumas de Brás Cubas se aproximam de Anatole France. Na virada do século impera a noção de « latinidade ». A França em crise procura estreitar os laços com as nações latinas do velho e do novo mundo. Através dessa noção, o Brasil identifica-se à França e Machado passa por um Anatole France dos trópicos.

Machado de Assis é publicado pelo editor francês Hippolyte Garnier, instalado no Rio a quem vendeu todos os seus direitos em 1898. Só a partir de 1910 Hippolyte e seus sucessores autorizam as obras em francês e em espanhol.

Foi nesse ambiente que é lançada uma tradução das Memórias em 1911. Não teve grande repercussão. Uma segunda foi feita graças à mediação de Roger Bastide para quem Brás Cubas transforma Machado em original antecessor de um Proust ou de um Pirandello. O livro sai em 1944 no Brasil e em 1948 na França. O período pós-guerra não é muito propício. Finalmente, em 1989, a editora Anne-Marie Métailié relança essa tradução que desta vez alcança um maior número de leitores.

MACHADO DE ASSIS E SEU CONGÊNERE TCHECO

ŠÁRKA GRAUOVÁ - UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA

Traduzir uma obra literária pertencente a outra tradição cultural sempre significa fazê-la entrar em diálogo com a cultura de recepção. A tradução de Memórias Póstumas de Brás Cubas, um romance escrito à margem do cânone ocidental, revelou processos criativos que aproximam Machado de Assis (1839–1908) de seu contemporâneo tcheco, também ele um criador à margem do cânone ocidental: Jan Neruda (1834–1891), jornalista, crítico, poeta, prosador e dramaturgo.

A comunicação se concentra especialmente nos traços decorrentes da estreita relação entre a prosa de ficção, publicada em forma de folhetins, e os jornais e revistas. Estes tinham nas culturas que ainda se autoafirmavam uma dupla função: foram não apenas veículos de informação e instrução geral, mas também meios de entretenimento. Nos dois contextos, eles trazem para a prosa narrativa recursos como o diálogo entre o narrador e o leitor, pluralidade de perspectivas da nascente opinião pública ou a versatilidade de gêneros.

MACHADO DE ASSIS E A POLÔNIA

GABRIEL BOROWSKI - JAGIELLONIAN UNIVERSITY - CRACÓVIA

O legado de Joaquim Maria Machado de Assis pode ser considerado uma ponte inesperada, mas extremamente valiosa, entre a cultura brasileira e a literatura polonesa. Bata lembrar, por exemplo, que uma das cadeiras reservadas para correspondentes estrangeiros da Academia Brasileira de Letras foi destinada ao romancista Henryk Sienkiewicz (1846-1916) — o primeiro escritor polonês galardoado com o Prêmio Nobel de Literatura. O interesse do autor do poema “O acordar da Polônia” (escrito em 1862, publicado em 1863 na revista O futuro, e reeditado em Crisálidas, de 1864) pela literatura polonesa é patente também na sua tradução da balada Alpuhara — parte da obra Konrad Wallenrod (1828), do poeta romântico Adam Mickiewicz (1798-1855) — elaborada e publicada na década de 1860. No sentido inverso, um século depois, surgem as traduções polonesas das obras machadianas que incluem os romances Dom Casmurro (trad. Janina Wrzoskova, 1959), Wspomnienia pośmiertne Brasa Cubas (trad. Janina Klawe, 1974) e Quincas Borba (trad. Janina Klawe, 1977), mas também contos reunidos no volume Lustro i inne opowiadania (trad. Janina Z. Klawe, 1975). Agora, passados quase 150 anos desde as experiências do autor brasileiro com o poeta polonês, e quase 50 anos desde a última tradução de Machado

lançada na Polônia, convém propor um olhar recíproco, refletindo tanto sobre a imagem da Polônia nos textos machadianos, quanto na presença do autor no sistema literário do país.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS NO JAPÃO

CHIKA TAKEDA - UNIVERSIDADE DE TOKYO

Por duas razões, a tarefa de tradução das Memórias Póstumas de Brás Cubas foi uma experiência extremamente marcante tanto profissionalmente quanto pessoalmente. A primeira das razões está relacionada ao significado que a obra possui em relação à cultura brasileira o que, por consequência, levou a tradutora a um entendimento mais refinado e apropriado em termos culturais sobre o país de Machado. Ressalta-se que o interesse e a atração pelo Brasil surgiu ainda nos tempos da juventude e, com o passar dos anos, essa relação tem se tornado cada vez mais uma espécie de apoio para a vida. Porém, foi nas Memórias Póstumas de Brás Cubas que encontrei a resposta para essa atração entre mim e o país, o que obviamente tem a ver com um ritmo que jaz intrinsecamente na cultura e na sociedade brasileira. Esse ritmo gera os encantos do Brasil que são a dinamicidade, a alegria e o vigor. A segunda razão vincula-se à própria atividade de traduzir a qual conduziu a um processo de aprendizagem dos valores brasileiros que são muito diferentes dos valores japoneses e isso causou uma transformação “de mim mesma”, de modo que é possível afirmar que, para a tradutora, existe um antes e um pós Brás-Cubas. Portanto, este trabalho pretende exprimir a experiência de tradução da obra bem como indicar o seu potencial (e de outras obras literárias brasileiras) de revolucionar os leitores japoneses.

A4 PAINEL

“IMAGO”, O “VER” EM MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES E ABORDAGENS

“Talvez agora se perceba melhor todo o alcance dessa pequena palavra: ver. A visão não é um certo modo do pensamento ou presença em si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir por dentro à fissão do Ser, ao término da qual somente me fecho sobre mim.”

Merleau-Ponty

O presente painel se propõe a reunir reflexões de caráter multidisciplinar integrando pesquisadores que delimitam como corpus de análise fontes de suportes variados notadamente imagens, novas tecnologias, audiovisuais e relatos memoriais. Partindo dessa instigante pluralidade elegemos como fio condutor o conceito de imagem, não numa acepção “objetivista” (reducionista), mas enquanto potencial de “representação” derivado de uma construção em âmbito social e cultural. Nesse sentido abordaremos “imagens” inconscientes de trajetórias de vida; “imagens” enquanto expressões artísticas; “imagens” enquanto materialidade; “imagens” enquanto visibilidade, em suma, imagens nas mais diversas concepções, e aplicações, serão o eixo reflexivo deste painel. Segundo a etimologia da palavra o prefixo *imag* remete ao significado de “semelhança, aparência, representação, retrato” seja este pictórico, escultórico, plástico ou verbal, definição esta que nos remete, portanto, à noção de representação envolvendo aspectos subjetivos tais como: “imaginário, fingido, falso, simulado, fictício” e, por que não, a “ilusão” propriamente dita. Desse modo, perpassando contribuições pautadas na conexão temática nas fronteiras entre Brasil & Europa apresentaremos como resultante deste painel análises pautadas em múltiplas, e multifacetadas, visões conectadas pela fonte imagética.

COLETA, IDENTIFICAÇÃO, PROCESSAMENTO E DIFUSÃO DE “OLHARES” SENSÍVEIS SOBRE A PANDEMIA NA PLATAFORMA #MEMORIASCOVID19

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL - UNICAMP

Em 31/12/2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre um vírus desconhecido encontrado na China, meses depois a COVID-19 já circulava em todo planeta alterando dramaticamente a vida, tanto individual quanto coletiva. Já nos é possível perceber sua dimensão enquanto trauma, algo que redimensionará relações humanas, nossa interação em espaços públicos e nossa perspectiva com o tempo.

A dinamicidade característica do meio digital, através do fluxo contínuo e automatizado que os relatos são recebidos, analisados e disponibilizados, constitui uma prática de arquivamento em constante transformação. Neste aspecto, nosso interesse se volta menos para relatos concebidos de forma factual, priorizando suas capacidades de expressar percepções subjetivas construindo, isoladamente ou em conjunto, enquadramentos que conotam formas específicas de estar e agir no mundo, no sentido em que Joël Candau invoca Pierre Nora: “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele” (Pierre Nora, 1984, apud CANDAU, 2019, p. 9).

Na presente comunicação analisarei parte do acervo reunido na plataforma #MemoriasCovid19. Grande parte dessas memórias ressalta a experiência impactante do confinamento e o transcorrer de um tempo diferente e confuso que se impõe face ao novo status quo. O presente é marcado pelas inúmeras temporalidades - domésticas, do trabalho, dos estudos, do lazer - que concorrem e geram ansiedade. Contudo, existem, também, registros que instauram uma atitude contemplativa com o transcorrer do tempo. São fragmentos de histórias e trajetórias, cristalizando vivências plurais, transmitindo em imagens, sons e textos aquilo que nos é indizível.

IMAGENS E HISTÓRIAS DA PANDEMIA: MEMÓRIA, ARTE, POESIA E PENSAMENTO

ANDREA CASA NOVA MAIA - UFRJ

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a produção do livro Arquivo Pandemia - Diários Íntimos, recortes poéticos, históricos, geográficos, políticos, antropológicos, artísticos, psicossociais do isolamento, em dois volumes (Maia, Andréa Casa Nova & Casa Nova, Vera, Ed.UFMG, 2020) onde por meses recolhemos textos e imagens sobre a experiência do isolamento. Os textos e imagens do Arquivo que remontamos aqui exaltam a potência da cultura. A arte grita pela vida e homenageia os mortos. São documentos da existência humana no mundo. Apreendem o instante desse novo tempo. Gritam que sabem que vidas negras importam. Sussurram que sentem as perdas e que a História ensina a não esquecer. Não vamos nunca esquecer as perdas que a cada dia contabilizamos. São mais de 270.000 vidas só no Brasil! Não vamos esquecer os mortos pelo vírus Covid-19, mas também não esqueceremos dos mortos pelos outros vírus igualmente assassinos. Não vamos esquecer do Miguel, João Pedro, Ágata, Kauã, Kauê, Ketheleen, muito menos de Amarildo e Marielle. Tantos Jorge(s) Floyd(s) que viram estrelas todos os dias aqui e lá, mortos pelo vírus da violência, do preconceito, do racismo, da fome, aqui e lá fora. Não vamos nos esquecer dos desmatamentos da Amazônia e do ataque e contaminação dos povos indígenas que tem sempre tanto saber sobre o viver isolado a nos transmitir! A memória nos dá força para resistir. O trabalho doméstico diário do isolamento, entre pães e livros, nos lembram os traços da cultura. Sovar uma massa, escrever um poema, lavar a louça, passar os olhos ou ver imagens paradas ou em movimento. Derrubar monumentos e levantar novos. Durante essa "temporada no inferno", estamos aprendendo a valorizar o tempo. Aprendendo com os bichos, com as plantas, com a terra, com crianças e com velhos. Fortalecendo laços. Muitos de nós voltaram a ouvir outras músicas, outros sons... Ouvir os sons do corpo, ouvir a batida do coração, o ranger dos ossos... Aqui os bordados tramam novos modos de vida. Mais uma vez, a cultura e a arte emanadas de um cotidiano complexo e fugidio nos fazem olhar para dentro e pensar novas possibilidades de existência e resistência. Pulsão de morte. Pulsão de vida. Dante Alighieri e Rimbaud já estiveram lá e ecoam aqui. A visão do inferno e nossos vagalumes. Será mesmo que os vagalumes foram extintos? Talvez não. Ainda vemos sua luz piscando intermitente dentro da noite veloz. Apesar de tudo, emitem ainda sua luz. Contra qualquer visão de apocalipse, a luz desejante! Olhar e imaginação aqui interrogam a história detestável, o estado de sítio, o deserto do real. Contra todas as pragas, dos gafanhotos aos políticos genocidas, ainda pulsam os vagalumes! Quem são os lucioles que vão iluminar as trevas, se levantar contra os tempos nefastos? Quem ou o quê, apesar de todo maquinário de destruição, há de nos devolver o Sol democrático que, atravessando os vidros-cristais das janelas, nos empurram para o mundo multicolorido e plural que nos cabe. Saber-vaga-lume se escreve e inscreve aqui nesse projeto do Arquivo Pandemia que agora apresento em fragmentos para a ABRE 2021. De sonhos arranha-céus a pés fincados na terra, o leitor encontrará história, estórias, saberes clandestinos, impossíveis de censurar. Afinal, os historiadores já aprenderam que deve-se reconhecer à narrativa onírica uma autoridade no conhecimento histórico como tal. No futuro, as ficções escritas nos livros também serão fonte de construção de um conhecimento. É preciso sacudir essa potência em nós. Isso é vida! É criação!

A SIMBOLOGIA POLÍTICA DA BELAIR

PEDRO MACIEL GUIMARÃES JÚNIOR - INSTITUTO DE ARTES / UNICAMP

Nos filmes da Belair dos anos 1970, empreitada cinematográfica que reuniu dois diretores (Rogerio Sganzerla e Júlio Bressane) e uma atriz (Helena Ignez) em torno de um cinema de contestação estético-formal, diversos elementos visuais comentavam a situação política do Brasil na época. Torturas, violação de direitos, aparato de perseguição policial: os filmes da Belair falaram da época em que eram feitos por meio de alegorias e simbologias trazendo para os filmes um comentário sarcástico da situação político-social brasileira. Essa comunicação vai tratar de algumas dessas representações, muitas delas que tinham o corpo de Helena Ignez como plataforma de veiculação.

PLANO-A-PLANO: A ÉTALONNAGE NO CINEMA PORTUGUÊS DE 1959-2009

RAQUEL PAULO RATO/ UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A presente comunicação pretende mostrar a importância da étalonnage sendo desconhecida na historiografia cinematográfica, do público e mesmo do cinema europeu. A étalonnage é o processo de harmonização de uma imagem que, desde o início da rodagem do filme deve já estar dentro dos parâmetros correctos. No início, o director de fotografia deve ter a preocupação com a exposição e com o contraste da película. Seguidamente, o etalonnador(a) no laboratório irá corrigir plano-a-plano as variações de luz e cores do negativo do filme e fazer as respectivas cópias.

Esta investigação parte das memórias e do arquivo fotográfico de Teresa Ferreira, etalonadora, nascida em 1940 em Lisboa. Aos 18 anos, ao terminar a Escola de Artes António Arroio, aceitou um trabalho de Verão nos Laboratórios da Tobis Portuguesa. Aqui, iniciou-se na "arte" da étalonnage, manipulando o nitrato, o acetato e o poliéster. No Cinema Novo português, desenvolveu activamente o seu ofício com realizadores portugueses e estrangeiros. Ao longo da sua carreira fez vários estágios em Paris, na Eclair, Bruxelas e Alemanha, vindo a aposentar-se em 2009.

A metodologia desta pesquisa assume-se como forma de se conhecer um quadro de referências desconhecidas sobre a *étalonnage* na arte do cinema. As memórias de Teresa Ferreira, cruzadas com outros testemunhos e fontes institucionais, representarão um contributo que é indispensável para a análise de acontecimentos históricos, permitindo-nos averiguar questões do complexo processo criativo da realização de um filme. Com uma mesa de montagem, visualiza-se as imagens que vão desfilar num processo mecânico que corresponde a cada época. A complexidade industrial e a respectiva divisão do trabalho, depende na sua fase final de um técnico altamente especializado não só tecnicamente, mas também com uma formação cultural e artística. Hoje a comparação possível é a correcção de cor, cujos softwares são inspirados nas velhas práticas da *étalonnage*.

A5 PAINEL

ESTADO E BENEFICÊNCIA NOS SISTEMAS PÚBLICOS DE SAÚDE: BRASIL, PORTUGAL E ESPANHA EM DIÁLOGO (SÉCULO XIX)

Nas primeiras décadas do século XIX, marcadas pela organização dos novos pactos constitucionais que deveriam substituir sociedades baseadas na noção de dever para com Deus e o Príncipe por outras baseadas na ideia de direitos dos cidadãos, o debate sobre os cuidados com a saúde da população implicou em reeleições sobre o papel dos hospitais, do Estado e da caridade cristã na organização dos serviços e na definição das populações a serem atendidas. No Brasil, assim como em Portugal e na Espanha, o lugar dos municípios e das províncias, assim como o papel do Estado como financiador e organizador das estruturas que se foram implantando, foi incontornável. Essas novas estruturas guardavam as tintas do Antigo Regime, ao mesmo tempo em que pretendiam ampliar os ventos iluministas que propunham a nova ordem. O século XIX, desta forma, constituiu sistemas de saúde que articulavam diálogos com os tempos passados e pretensões modernizadoras que cabe perscrutar e revelar. A mesa que se propõe aqui pretende aprofundar este debate em perspectiva comparada, considerando o importante diálogo entre Brasil, Portugal e Espanha. Serão destacados os custos do financiamento dos cuidados em saúde, que se evidenciam nos debates sobre a disponibilização de recursos privados e públicos, as populações atendidas, os serviços oferecidos e as instituições de saúde nos territórios escolhidos pelos palestrantes.

DA MISERICÓRDIA DE SÃO PAULO À DE RIBEIRÃO PRETO: O ATENDIMENTO À SAÚDE ENTRE O ESTADO, AS ELITES LOCAIS E A CARIDADE PÚBLICA (SÉCULO XIX)

ANA NEMI - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO/UNIFESP/BRASIL

As Irmandades de misericórdia foram importantes instituições de atendimento à saúde nos espaços do Império português. No Brasil, após a independência, elas mantiveram sua relevância e, em muitas províncias e municípios, aumentaram seu papel na edificação de hospitais e no exercício do que então se chamava de caridade pública, fundamento do sistema de saúde que então se edificou. Este é o caso da província de São Paulo, na qual muitos municípios fundaram novas Irmandades, especialmente na segunda metade do século XIX. Esta comunicação tratará do processo de fortalecimento dessas instituições na referida província a partir do estudo de duas delas, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e a de Ribeirão Preto. Serão destacados os recursos utilizados e os serviços oferecidos em relação aos interesses das elites locais e aos provimentos definidos pelos dois municípios e pela Assembleia provincial (estadual a partir de 1889).

EL PAPEL BENÉFICO DE LOS HOSPITALES MUNICIPALES Y PROVINCIALES EN ESPAÑA DESDE EL SIGLO XIX

JERÓNIA PONS-PONS - UNIVERSIDAD DE SEVILLA/ESPAÑA E MARGARITA VILAR-RODRÍGUEZ UNIVERSIDAD DE LA CORUÑA/ESPAÑA

Los hospitales municipales y provinciales representaron un papel clave en la configuración histórica del sistema hospitalario en España. Este papel estratégico desde el punto benéfico cambió en función de la presencia y actuación del Estado en el ámbito del seguro de enfermedad, su legislación, cobertura y prestaciones. Partiendo de esta idea, este trabajo se centra en el estudio histórico de las infraestructuras hospitalarias públicas vinculadas a los municipios y diputaciones en España con dos objetivos. De un lado, trata de analizar qué servicios prestaron y cómo afrontaron su financiación desde su labor benéfica en el siglo XIX. De otro, aborda los efectos que tuvo la intervención del Estado en la cobertura de la salud en estas infraestructuras.

CUIDADOS DE SAÚDE EM PORTUGAL NO REGIME LIBERAL (1834-1910): NOS MEANDROS DA CARIDADE, DAS RAZÕES DE ESTADO E DOS INTERESSES PRIVADOS

MARIA ANTÓNIA LOPES - UNIVERSIDADE DE COIMBRA/PORTUGAL

A assistência e os cuidados de saúde do mundo ocidental oitocentista são geralmente associados à secularização e à iniciativa privada, típicas do ideário do liberalismo burguês. Nesta comunicação irá refletir-se sobre o significado e sobre a aplicação ou recusa desses propósitos aos cuidados de saúde defendidos e concretizados em Portugal, e, em simultâneo, apreender e explicar até que ponto a caridade cristã continuava a modelar as políticas governamentais e os comportamentos dos agentes e instituições de saúde portuguesas.

POBREZA E CONDIÇÃO FEMININA NAS ENFERMIARIAS DO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DA BAHIA (SÉCULO XIX).

MARIA RENILDA BARRETO - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA (CEFET/RJ/BRASIL)

Nossa reflexão centra-se na organização da assistência às mulheres na cidade de Salvador, capital da Bahia-Brasil, na primeira metade do século XIX. A pesquisa se ancora na dimensão da história social – ao buscar compreender as condições de vida quotidiana de um grupo social, atravessado pela experiência da escravidão - com a abordagem da história serial, a partir do uso de uma série documental, composta por 32.093 registros de doentes que deram entrada no Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, entre 1823-1851. Foram consultados os livros de registro de doentes, existentes no Arquivo da Santa Casa da Bahia e com base nos referidos dados identificamos e analisamos o perfil da população enferma a partir da doença, da cor, do “estado matrimonial”, da condição jurídica, da idade, do gênero e da ocupação.

No referido período a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia monopolizava os serviços de assistência aos órfãos, as viúvas, aos presos, às crianças e aos doentes. A referida irmandade foi a mais importante da Bahia na assistência à população e, em especial, aos enfermos. Esse modelo, implantado pela colonização portuguesa, deitou raízes tão profundas, que continuou a se reproduzir ao longo de todo o século XIX, durante o Império e nas primeiras décadas da República. A assistência é construída no bojo de interesses dos grupos sociais, buscando responder aos desafios locais e aos contextos políticos e econômicos.

Dos doentes atendidos no Hospital da Misericórdia cerca de 60% eram de brasileiros - predominantes oriundos da Bahia -, 28% de europeus e 11% de africanos. Os homens e as mulheres livres formaram o público assistido, uma vez que os escravizados eram apenas 3,2% dos doentes. Ainda que esse hospital tenha atendido majoritariamente o público masculino (71%) são as mulheres (29%) que interessam nesse paper. Ao colocar a lente nesse grupo percebe-se que elas representam o segmento de maior vulnerabilidade social, em particular as libertas.

Das mulheres assistidas prevaleceram as negras, oriundas de Salvador e da circunvizinhança, solteiras, e sem ocupação declarada. Poucas mulheres assumiram exercer alguma ocupação que lhes proporcionasse rendimentos, dentre estas as mendigas, as lavadeiras, as vendedeiras e as domésticas, seguidas, pelas costureiras roceiras.

Se o percentual geral de mortalidade do hospital era de 4,5% para as mulheres negras era de 44,4%. Esses dados convidam a reflexões numa perspectiva interseccional onde o gênero, a cor e o estatuto jurídico constituem a tessitura da vida e da sobrevivência feminina. Assim sendo, a questão central é perceber as condições de vida das mulheres que viveram nas franjas do tecido social de modo a compreender quem era o pobre em Salvador do século XIX.

AG PAINEL

PRÁTICAS SOCIAIS, NEGÓCIOS E CIRCULAÇÃO DE SABERES NOS IMPÉRIOS IBÉRICOS (SÉCULOS XVII-XIX)

Para compreender o trânsito de homens e as intenções que os moviam pelo universo dos impérios europeus nos séculos XVII e XVIII, bem como as redes sociais em que estavam envolvidos, muitos pesquisadores fazem uso das abordagens relacionais que vêm sendo alvo de discussões nos meios acadêmicos desde a década de 1980, sobretudo no tocante aos estudos do Antigo Regime (Imizcoz, 1996). Por meio das micro-biografias de pessoas de determinado conjunto ou de percursos individuais, a construção de trajetórias de vida favorece a um só tempo o reconhecimento do protagonismo de sujeitos históricos, a integração em redes relacionais e a espacialização de suas ações.

Com relação aos impérios ibéricos, Didieu e Moutoukias (2002) ressaltam como, através da emigração e das práticas sociais dela decorrentes, de um só golpe, as redes criadas uniam os dois lados do Atlântico e veiculavam bens, homens, ideias, meios de ação e símbolos. No caso do painel proposto aqui, concentramos as atenções sobre os atores sociais que atuavam em áreas coloniais, mas estavam articuladas às múltiplas dinâmicas imperiais.

Os itinerários individuais e/ou de grupos de interesse associados às ações, conhecimentos e ideias difundidos pelos agentes históricos podem ser mobilizados como ferramentas para a construção de conexões históricas. Mais recentemente, os estudos de Kapil Raj (2010, 2013, 2016) têm favorecido captar a circulação de ideias e de saberes na época moderna e a transformação do conhecimento a cada apropriação.

Neste painel, tais instrumentais analíticos nos ajudam a pensar sobre as conexões amplas, de mercantis, a científicas, passando por trâmites diplomáticos e de interesses de grupos e da administração, entre os impérios ibéricos, sobretudo nas regiões de fronteira entre os territórios portugueses e espanhóis, na conexão com outras partes da Europa, o que evidencia que as histórias não podem ser construídas em termos de limites geográficos e tratados, mas antes por meio das práticas socioeconômicas que, sem desconsiderar as relações assimétricas entre os centros do poder e os domínios coloniais, promovem a articulação e não a separação de regiões imperiais.

CIRCULAÇÃO DE INDIVÍDUOS NO PARAGUAI E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE FRONTEIRA (1640-1680)

FERNANDO V. AGUIAR RIBEIRO - USP

Desde o início do processo de conquista e colonização da região do Paraguai, indivíduos de diversos países circularam pelo território. Inicialmente o interesse estava na busca pelas minas de ouro e prata, imaginário que mobilizou pessoas e recursos por diversas décadas. Com a constatação de que a região não possuía riquezas minerais, o Paraguai passou a ser um meio de acesso às minas de Potosí. Construiu-se, assim, uma rede de caminhos, que ora passavam por Assunção, ora por Tucumán, para desviar a prata do Alto Peru para o porto de Buenos Aires.

Esse ambiente de intensa circulação foi marcado pela presença de pessoas que não eram súditos dos reis de Castela. Cabe destacar que, de acordo com as legislações que regulavam o domínio da América, somente súditos desse reino poderiam permanecer e atuar em território americano. Contudo, observamos a presença de franceses, holandeses e portugueses na cidade de Assunção em meados do século XVII.

Em 1672 uma Real Cédula determinou que todos os franceses que estivessem em território americano deveriam ser presos e enviados à Sevilha. Era a resposta aos constantes conflitos entre Espanha e França decorrentes da Guerra franco-neerlandesa. A esse episódio somamos as resoluções de uma Junta de Guerra formada por vecinos de Assunção em 1676 com o objetivo de defender o território de ataques de populações indígenas hostis.

Esses dois eventos nos permitem compreender como os agentes locais determinaram as noções de naturais e forasteiros, construindo uma ideia de identidade e alteridade. Cabe destacar que durante a Época Moderna, a ideia de pertencimento era definida através mecanismos locais.

Assim, pretendemos compreender, através desses dois eventos locais, os mecanismos que determinavam a identidade e, conseqüentemente, a construção da ideia de delimitação do território, isto é, a formação de uma fronteira na região.

CULTURA ESCRITA E NEGÓCIOS NAS MINAS DE CUIABÁ NO SÉCULO XVIII

MARIA APARECIDA DE MENEZES BORRERO - USP

As minas de Cuiabá foram descobertas em 1719 no oeste da América Portuguesa, para além da linha de Tordesilhas, e para lá se dirigiram milhares de colonos e reinóis em busca de enriquecimento. Se o abastecimento das populações lá instaladas já vem merecendo atenção dos historiadores há décadas, o papel dos comerciantes na conformação territorial desta região, fronteira com terras de Espanha, e na articulação dos espaços ibero-americanos apenas mais recentemente tem sido considerado pelos pesquisadores.

A atuação do negociante reinol Luis Rodrigues Vilares e de seus companheiros comerciantes nas minas de Cuiabá e de Mato Grosso parece-me exemplar nesse sentido. Como desdobramento da pesquisa apresentada no II Congresso da ABRE, realizado em 2019, analisarei uma petição encabeçada por Vilares, dirigida ao Senado da Câmara da vila do Cuyaba em 1735, em que se solicita autorização para o início do comércio de cavalgaduras em poder dos índios Guaykuru, assistentes nos distritos da Coroa portuguesa. Para alcançarem seu intento, os signatários recorreram a ordens régias, tratados, bandos e regimentos coloniais, e obras de autores como Simão de Vasconcelos e Padre Vieira. As demandas dos peticionários evidenciam que o grupo mercantil a que pertenciam bem soube se inserir na organização do Império lusitano, fazendo chegar às autoridades coloniais e metropolitanas o conhecimento de seus interesses em razão do domínio sobre os meandros da cultura escrita.

Nesta comunicação pretendo discutir, por um lado, o contexto de produção da petição, a circulação do documento e sua trajetória custodial e, por outro, a circulação de livros e ideias nos sertões da América portuguesa, procurando captar as formas de apropriação dos conteúdos das fontes eruditas, utilizados como reforços para os argumentos dos comerciantes.

OS USOS DA ÁGUA NOS CONTEXTOS MINEIROS IBERO-AMERICANOS SETECENTISTAS

MARJOLAINE CARLES - ACADEMIE DE MARTINIQUE

Essa investigação trata dos usos da água nos contextos mineiros ibero-americanos durante o século XVIII. Esse estudo releva do campo da História do meio ambiente, cruzando perspectivas próprias dos Estudos sobre a água, da História colonial e da História da Tecnologia. Considerando a relação entre o homem e a água, esse estudo toma em conta duas questões essenciais que ficam unidas pelo desejo de entender o lugar do homem na natureza e suas representações: os usos da água e a exploração de recursos naturais.

Esse estudo desenvolve um inquérito histórico (exploração de arquivos e prospecções) sobre os desafios da água (rios, recurso de água), confrontando os interesses metropolitanos e locais. Isso visa a estruturar uma abordagem comparativa entre as Américas portuguesa e espanhola que considera dois importantes centros urbanos mineiros ibéricos: Potosí (Peru) e Ouro Preto (Brasil). Assim, a análise comparativa tratará do papel da água no seio das explorações mineiras do século XVIII, numa fase de crescimento e outra de decréscimo da produção para as duas monarquias.

Essa investigação pretende estudar os aspectos técnicos da partilha da água (sistemas hidráulicos) nas áreas mineradoras coloniais, a circulação de saber-fazer tecnológicos e dos conhecimentos entre os colonos e as populações locais, os regimes de trabalho associados à gestão da água (incluindo a escravidão) e as dinâmicas socioeconômicas dos usos da água além da escala local, tal como as conseqüências da escassez da água em

relação com a produção dos metais (prata, ouro). O foco dessa investigação centra-se no impacto das políticas metropolitanas e dos equilíbrios económicos das duas monarquias ibéricas sobre esse fenómeno local. Isto leva também a mostrar a relevância dum estudo sobre os usos da água para apreender a evolução das estratégias coloniais.

O COLECCIONISMO EUROPEU ENTRE O OLHAR MARAVILHADO TARDO-RENASCENTISTA E O NATURALISMO LINNEANO – DOMINGOS VANDELLI (1735-1816) E A CIRCULAÇÃO DE SABERES: ITÁLIA, PORTUGAL, BRASIL

JOÃO BRIGOLA - UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Os Gabinetes de Maravilhas, de génese renascentista, constituem a origem do museu moderno e da permanência da própria ideia de recolha, vista enquanto iniciativa projectual de um coleccionador. Na utopia da Wunderkammer existe a aspiração à convivência entre Arte e Ciência, como dois elementos inseparáveis do conhecimento.

Em Portugal, na 1ª metade do séc. XVIII, o coleccionismo barroco interessava-se por obras de arte, medalhística e arqueologia. Também é possível documentar a aquisição de objectos da Natureza e a permanência da cultura da curiosidade, o acumular desordenado de objectos maravilhosos: a naturalia et mirabilia.

Já na 2ª metade do século, durante o governo do Marquês de Pombal, foi contratado o naturalista italiano Domingos Vandelli que fundou e dirigiu o Jardim Botânico e o Gabinete de História Natural da Ajuda, estabelecimentos científicos que virão a desempenhar um papel axial nas viagens filosóficas a África e ao Brasil (1783-1792).

Vandelli foi um dos primeiros docentes do novo Curso de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra (1772) tendo transportado consigo uma colecção que tinha recolhido em Itália, com objectos e espécimes que constituíram o seu Gabinete particular em Pádua. Durante sete anos, o jovem Vandelli empreendera viagens filosóficas às regiões centro e norte da Itália e aos Mares Tirreno e Adriático, recolhendo produtos da natureza e sedimentando os conhecimentos científicos adquiridos no curso de Medicina.

Um inestimável documento, do punho de Vandelli, arquivado na Academia das Ciências de Lisboa, dá a conhecer o conteúdo deste "valiosíssimo repositório de curiosidades", ainda não tributário do paradigma naturalista de Lineu, o qual separará Arte e Ciência. Será com fundamento na descrição desta colecção matricial que defendemos a relevante reconstituição – para a ciência e para a museologia - do Gabinete de Curiosidades e de Maravilhas do Museu de Ciência da Universidade de Coimbra, que se encontra em preparação.

NATUREZA, CIÊNCIA E FILANTROPIA NO IMPÉRIO PORTUGUÊS

JOSÉ NEWTON COELHO MENESES - UFMG

Propõe-se refletir sobre a ciência praticada ao final do século XVIII e início do XIX, e sobre a concepção de natureza expressa por sujeitos envolvidos com ações investigativas, narrativas e escolhas de edições/traduições de textos. Partiremos dos resultados de duas pesquisas, cujos objetos são 1) as narrativas de Auguste de Saint-Hilaire sobre seu percurso por Minas Gerais; 2) os manuais de agropecuária editados por Frei José Mariano da Conceição Veloso na Tipografia do Arco do Cego. Busca-se evidenciar que viajante e editor praticavam um pensamento-atitude preconizado pela Filantropia, concepção do "Iluminismo tardio", a partir do qual a Ciência e os homens de Ciência deveriam buscar a "prosperidade social", pelo progresso.

Ações e concepções, produção de textos originais ou traduzidos circularam entre Europa e América em trânsitos de práticas e de saberes para aplicabilidade na realidade lusa. Saberes úteis para atender à riqueza da nação portuguesa.

Objetiva-se caracterizar, nas narrativas de Saint-Hilaire, as bases sistemáticas da exploração natureza de seu círculo científico, onde a cultura e a experiência humana, a ciência e a natureza, a humanidade e a terra, foram instrumentos de um saber experimental e aplicável, valores importantes no pensamento filosófico, histórico e científico do seu tempo. Tais características estão, também, evidenciadas nas experiências de campo e nas edições de livros (esforços de produção, tradução e de circulação de textos) de Frei José Mariano da Conceição Veloso. Sob variada influência ele empreende projeto editorial destinado aos agricultores no Brasil. De um naturalismo inicial, Frei Veloso passa a um agrarismo com preocupação não apenas descritiva, mas funcional, pragmática e utilitária.

São dois homens de uma ciência voltada para conhecer a força produtiva da natureza, para dela retirar o progresso social e das nações. Homens de ciência sábios, porque filantropos.

A7 PAINEL

FUTUROS SUSTENTÁVEIS PARA A MINERAÇÃO EM PEQUENA ESCALA DE OURO NO BRASIL: ALTERNATIVAS E DIFICULDADES

No Brasil, a mineração em pequena escala de ouro, conhecida como garimpo de ouro, está historicamente relacionada aos processos de ocupação do território, de construção da relação entre a sociedade nacional e os recursos naturais e de discussão sobre as condições de trabalho dos grupos sociais mais vulneráveis. Hoje, representa uma oportunidade de subsistência para diversos grupos na Amazônia Legal, porém, é habitualmente

associada a degradação ambiental, a profundas alterações na paisagem, poluição com rejeitos tóxicos, pobreza, desigualdade e a impactos negativos sociais, laborais e de saúde. Estes impactos negativos, associados à fragilidade institucional de seu controle, geram conflitos sociais múltiplos e em constante transformação, além de barreiras críticas à sustentabilidade. Nesse contexto, a mineração em pequena escala de ouro na Amazônia está atravessando por processos de mudança que incluem novos atores, novas tecnologias, assim como clivagens inesperadas e muitas vezes circunstanciais.

Este painel, organizado pelo Projeto Gold Matters, pretende discutir a forma como os garimpeiros exploram práticas e narrativas relacionadas à sustentabilidade, a influência de outros atores e formas de organização na arena da mineração em pequena escala de ouro e a possibilidade de surgirem alternativas transformadoras para o setor. Abrindo um diálogo com as teorias da transformação para a sustentabilidade, o painel abordará algumas questões centrais: podemos invocar a noção de sustentabilidade a respeito de uma atividade como a mineração? Como e por que os garimpeiros reforçam, reconstróem ou rejeitam as diretrizes ambientais impostas pelo Estado nacional e pelos organismos multilaterais, nos três níveis de governança? Quais são as estratégias dos garimpeiros na complexa negociação com os múltiplos atores no processo decisório?

Cinco pesquisadores irão contribuir nesta reflexão sobre os possíveis rumos do setor brasileiro da mineração em pequena escala e os principais desafios para alcançar um futuro sustentável.

O PROJETO GOLD MATTERS NA SUA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR E MULTI-METODOLÓGICA

LÚCIA DA COSTA FERREIRA, NEPAM/UNICAMP, BRASIL

O Objetivo do Projeto Gold Matters é considerar se poderia ocorrer, e de que forma, uma transformação social em direção a um futuro sustentável para a mineração artesanal e de pequena escala. Para contextualizar qual tipo de sustentabilidade esses futuros podem envolver, para quem e como, a estrutura proposta para nossa pesquisa usa uma abordagem dupla. Por um lado, integra um conjunto de métodos para gerar dados e evidências científicas sociais sobre os processos de sustentabilidade, e por outro incluem a coprodução de conhecimento com os atores da mineração, dando voz as pessoas frequentemente excluídas dos debates sobre políticas de sustentabilidade.

O Projeto está localizada geograficamente na África e na América do Sul (Suriname e Brasil). A justificativa para cada sito é quadrupla: geologia e tecnologia; história; social e questões de governança. O projeto Gold Matters geralmente compartilha uma orientação sócio-antropológica. O componente etnográfico do projeto combina observação participante em locais de mineração e em comunidades com a realização de entrevistas com atores-chave. O time brasileiro vê a participação de pesquisadores de diferentes disciplinas e a aplicação de métodos diferentes que asseguram a exploração das práticas e narrativas relacionadas à sustentabilidade.

CO-PRODUCING RESEARCH WITH STAKEHOLDERS: EMPIRICAL NOTES FROM A SUSTAINABLE MINING WORKSHOP IN NORTHERN BRAZIL

MARKO SYNÉSIO ALVES MONTEIRO, INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/UNICAMP, BRASIL

This paper reports on an engagement workshop held in the city of Peixoto de Azevedo, Mato Grosso State, Brazil, a legally reserved area for small scale gold mining (garimpo). The workshop brought together 15 researchers from the universities of Campinas (Brazil) and Cardiff (UK), local community leaders, artisanal miners and stakeholders from mining companies and local authorities, to discuss challenges and possibilities for building more sustainable mining practices in Peixoto. For this paper, we aim to a) report on important lessons learned from the workshop with respect to co-production processes and b) discuss key potential successes and pitfalls of the engagement exercise. While the process revealed a rich potential for engagement with local realities and perceptions, including those around local mining identities and how people perceive environmental damage, it proved to be a difficult mechanism by which to co-produce research questions. Actual results of the exercise aligned more closely with desired outcomes and interventions, diverging from what would be understood by the research team as sustainable practices. We conclude by discussing possible limits of co-production in similar cases, where diverging understandings of sustainability is conceivably at stake in any potential alliances between researchers and local communities.

TRAJETÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES: OS FUTUROS POSSÍVEIS DA MINERAÇÃO ARTESANAL DE OURO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

JORGE CALVIMONTES, NEPAM/UNICAMP, PERU

A mineração artesanal ou em pequena escala tem sido praticada ao longo dos séculos e tem sido a fonte de recursos para milhares de pessoas, geralmente de baixa renda. Entretanto, seus impactos sociais e ambientais negativos, associados à fragilidade institucional de seu controle, geraram barreiras críticas para o desenvolvimento sustentável. Por outro lado, as relações entre os diversos usuários e suas distintas trajetórias têm produzido ações, perspectivas e aspirações também diferenciadas em torno do recurso mineral e do território onde ele é explorado. A partir de uma abordagem transformadora das sociedades contemporâneas, este projeto de pesquisa visa identificar práticas, estratégias e formas de organização que pudessem levar a mineração artesanal de ouro na Amazônia brasileira em direção à sustentabilidade vis-à-vis os futuros possíveis, desejados e não desejados, descritos pelos atores da mineração. Esta análise compreende a sustentabilidade como um processo complexo, com significados, categorias e expectativas diversas em função das trajetórias dos atores envolvidos.

MINERAÇÃO SUSTENTÁVEL? OBJETIVOS E DESAFIOS NAS COMUNIDADES GARIMPEIRAS DA AMAZÔNIA LEGAL

LUCIANA MASSARO, NEPAM/UNICAMP & VRIJE UNIVERSITEIT AMSTERDAM, ITÁLIA

A mineração artesanal e de pequena escala é uma das oportunidades econômicas mais significativas para as comunidades da Amazônia brasileira, mas ao mesmo tempo representa uma séria ameaça ao ambiente natural. Esta atividade é confinada na sua extensão, mas com impactos profundos na paisagem natural que ocorrem durante todo o ciclo de mineração. Portanto, é importante entender como os garimpeiros se relacionam com o ambiente natural e os serviços ecossistêmicos. Debatendo sobre as noções de mineração responsável e transformação para a sustentabilidade, discutiremos se e como os garimpeiros exploram práticas de sustentabilidade. Em particular, queremos ressaltar quais são os fatores que influenciam o trabalho deles e o processo de decisão sobre a sustentabilidade ambiental e quais são os elementos (sociais, econômicos, políticos, etc.) que favorecem ou impedem, a adoção de soluções sustentáveis. Mostraremos que, apesar de uma colonização da Amazônia inicialmente não regulamentada, hoje os garimpeiros estão dispostos a construir um futuro dentro da legalidade. Ainda existem muitas falhas na regulamentação onde a atividade pode ser desenvolvida de forma informal ou ilegal, gerando muitos obstáculos ao processo de transformação apoiado por os garimpeiros responsáveis e até aumentando a intensidade dos impactos ambientais negativos.

A8 PAINEL

DIMENSÕES DA JUSTIÇA NOS CONFLITOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS – OS LIMITES E POTENCIALIDADES DE PRÁTICAS, INSTITUIÇÕES E ATORES NAS ESFERAS DE JUSTIÇA DO BRASIL

O presente painel propõe discutir diferentes perspectivas de justiça presentes em discussões teóricas e práticas sociais no Brasil. Discussões sobre justiça fazem parte das discussões mais tradicionais e perenes das Ciências Sociais e adquirem importância particular no Brasil tendo em vista os entraves que a sua plena realização em função, sobretudo, das desigualdades sociais presentes no país. Além disso, é evidente o processo de ampliação da atuação de instituições e atores ligados ao sistema de justiça, o que traz a necessidade tanto de analisar a atuação deste quanto de revisitar o conceito de justiça, suas formas de realização e seu locús na esfera social. Diante disso, o painel reuni trabalhos sobre as dimensões conceituais e simbólicas da justiça, e também estudos que colocam em análise dimensões empíricas da realização da justiça em diferentes modelos institucionais, políticas públicas e práticas de atores especializados ou não no campo do direito. Entre os temas específicos apresentados no painel estão as discussões sobre a mídia como arena de lutas por justiça; o da mobilização do direito e das instituições judiciais por diferentes grupos sociais; analisa a atuação dos defensores públicos, enquanto agentes mobilizadores do direito, no caso de ocupações de imóveis abandonados; as dinâmicas emocionais que envolvem atores nos processos de mobilização do direito em conflitos ambientais; . Do ponto de vista metodológico são apresentadas discussões teórico conceituais, estudos de caso, etnográficas e pesquisa colaborativa com som e imagem.

MEDIA MOVEMENTS AND THE STRUGGLE FOR COGNITIVE JUSTICE

ANA CRISTINA SUZINA - LOUGHBOROUGH UNIVERSITY LONDON

In this communication, I will discuss the relationship between media and social struggles, focusing mainly in the appropriation of media within the development of actions seeking social change. Based in the observation of a series of initiatives of social movements and community-based associations in Latin America that involve the appropriation of media in their actions, I will propose a debate about media as a full subject of struggle. This reflection will dialogue with approaches such as “media movements” (Segura & Waisbord, 2016; Stephansen, 2017) and “communication movements” (Tufte, 2017).

The issue of representation (Fraser, 2010) is recovered in its relationship with a media logic that is increasingly present in strategies of social change, particularly those evoking issues of cognitive justice (Sousa Santos, 2019). Media-related issues have been also increasingly associated with issues about democracy in Latin America, which is not a new question, but count on new elements coming from the high mediatization of societies.

The debate leads to a discussion about the constitution of the media sphere as an arena of struggles, while the dispute over narratives and meanings emerges as a central aspect of modern democracies. In this context, the inequalities in the media sphere constitute strong political asymmetries (Suzina, 2018) strongly related with the search of justice. The possible contribution of mediatization processes does not come from the increasing number of producers of content, under a logic dominated by communicative capitalism (Dean, 2005), but from the possibility of expression and legitimation of voices marginalized up to now.

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM CADEIAS GLOBAIS DE PRODUÇÃO DE VALOR: ENTRE CONFORMAÇÃO LEGAL E LUTAS POR DIREITOS

CAROLINA ALVES VESTENA - UNIVERSIDADE DE DUISBURG-ESSEN, INSTITUT FÜR ENTWICKLUNG UND FRIEDEN E UNIVERSIDADE DE KASSEL, ALEMANHA.

A pandemia global deflagrada em 2020 tornou ainda mais visíveis os processos de exploração do trabalho e o aprofundamento da precarização das condições de vida de milhares de trabalhadoras e trabalhadores em cadeias de produção global ao longo do mundo. No caso brasileiro, essa situação não foi diferente: tanto as indústrias mais inseridas nas cadeias globais de produção quanto o setor agroindustrial foram marcados por uma queda absoluta no consumo e fluxo de seus produtos, o que levou a novos processos de transferências dos custos dessa crise para os trabalhadores na ponta dessas próprias cadeias produtivas. No caso da indústria têxtil, que tem por base principalmente o trabalho de imigrantes latino-americanos, milhares de sub-contratos foram encerrados sem a garantia de pagamentos por serviços já realizados deixando esses trabalhadores em situação de insegurança quanto a sua subsistência. Tendo em vista esse contexto de antagonismos e crescente conflitos nos âmbitos da produção, do trabalho e da regulamentação das relações entre esses dois polos, o trabalho analisa o papel ambivalente das regulações jurídicas nacionais e transnacionais. O objetivo dessa análise é compreender em que medida o direito atua como conformador de práticas de exploração do trabalho, ao mesmo tempo em que oferece uma arena para a mobilização coletiva dos atores em situação de precariedade.

SOFRIMENTO E EXPERIÊNCIA POLÍTICA - MELANCOLIA E RESILIÊNCIA NAS INTERAÇÕES POR JUSTIÇA NO DESASTRE DE MINERAÇÃO NO RIO DOCE

CRISTIANA LOSEKANN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO E DIEGO KERN LOPES - DOUTOR EM PROCESSOS ARTÍSTICOS PELA UERJ, BRASIL.

O trabalho versa sobre a compreensão do sofrimento nos processos de ação coletiva contra violações de direitos. Estamos falando da construção da ação coletiva em situações de conflitos graves que envolvem poderes completamente assimétricos (como grandes empresas mineradoras, grandes escritórios de advocacia, interesses de governos, juízes, etc) e que envolvem também situações de violência, perseguição, interdição de modos de vida, e destruição dos lugares onde as pessoas têm suas vidas construídas. Para que o sofrimento se transforme em uma experiência política ele precisa passar por uma construção valorativa de injustiça. Isso por si só já abre um caminho para o rol de interações que se seguem com promotores, defensores, advogados, juízes, procuradores, e por aí afora. A interação com esses atores têm uma natureza peculiar pois trata-se também de uma interação com o Estado, com uma autoridade, com a Lei e com a burocracia. Essa interação tem poder de conferir certificação, legitimidade, aos sofrimentos. Além disso, ela estabelece e organiza um conjunto de práticas, rituais e outros suportes que passam a figurar no processo de ação coletiva com agências específicas. Há um encadeamento, um andamento que apesar de também ser difícil, dispendioso, dá um andamento, um ritmo, não deixa certas queixas morrerem, ou se encerrarem internamente no sujeito. O trabalho se utiliza da etnografia audiovisual como método de análise e forma de apresentação argumentativa.

MARIANA SOBRAL E RAFAEL CAMPOS PORTELA, DEFENSORES PÚBLICOS DO ES E MESTRANDOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, AMBAS NO BRASIL.

VINÍCIUS LAMEGO, DEFENSOR PÚBLICO DO ESPÍRITO SANTO E MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

A pesquisa analisa a atuação dos defensores públicos, enquanto agentes mobilizadores do direito, no caso das ocupações de imóveis abandonados no Centro de Vitória/ES. Ela se vale da técnica da observação participante e parte dos aspectos microssociais da ação coletiva, como os indivíduos, os eventos e as performances neles desenvolvidas, no sentido de se compreender os repertórios de mobilização do direito empregados no caso concreto. Em seguida ela busca analisar a atuação dos defensores públicos no desenvolvimento dessas performances e na construção desses repertórios, em conjunto com os demais atores envolvidos.

QUINTA-FEIRA 23. 9. 2021 16:30-18:45 (GEST) B

B1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

ENSINO E EDUCAÇÃO

ENTRE SENTIDOS E PROPOSTAS: A DIMENSÃO DA TRANSFORMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS NO ÂMBITO DA REFORMA UNIVERSITÁRIA REUNI

ELIANE CRISTINA DA SILVA NASCIMENTO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, BRASIL

Reforma universitária é um tema candente, tanto no Brasil como na Europa, pois a universidade tem por característica ser o lócus de convivência e disputas entre discursos de inovação e conservadorismo. Esta comunicação baseia-se em resultados parciais de uma pesquisa que tem como objetivo analisar o processo de difusão de uma nova ideia de universidade no âmbito do REUNI, programa do governo federal brasileiro implantado em 2007, cujas diretrizes fundamentavam-se em expansão física complementada com inovações acadêmicas, fatores que representariam a transformação desta instituição. O recorte apresentado será a compreensão de quais sentidos foram atribuídos à dimensão transformação, pois o programa conseguiu a adesão da totalidade das universidades existentes à época, mas isto pode não ter significado que houve a incorporação da ideia de transformar a universidade. Para isso, será apresentada a análise do item “impactos globais”, constante do formulário de adesão, no qual cada universidade deveria declarar qual era a sua expectativa de transformação ao final da vigência do programa. Utilizaremos como casos exemplares, duas universidades de cada região geográfica brasileira, sendo uma dentre as mais antigas e uma dentre as mais recentes em funcionamento, no período do REUNI. Esta análise, ainda que parcial, pode nos dar pistas sobre universidades que fizeram uma adesão burocrática ao REUNI e universidades que, de fato, aderiram ao discurso de uma nova ideia de universidade. Temos indícios que nos levam a considerar que nas universidades mais antigas a dimensão transformação foi tomada no sentido quantitativo, por meio de reestruturação física e aumento de vagas, entretanto, simplesmente replicando modelos vigentes, e as universidades mais novas incorporaram com mais força a ideia de uma nova universidade, promovendo transformações em seus modelos institucionais e acadêmicos, o que demonstra que este discurso pode ter encontrado maior espaço de legitimação nestes contextos.

A ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG) E O DESENVOLVIMENTISMO (1949-1964)

THIAGO DA COSTA AMADO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO / FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, BRASIL

Parece fora de dúvida que o “desenvolvimentismo”, como conceito, moldou os debates econômicos dos anos 1950 e 1960. Em torno dele, uma série de análises foram construídas. A despeito das diversas linhas interpretativas que matizaram, nuançaram e enriqueceram o debate, o tema do “desenvolvimento econômico” permaneceu uma constante: definiu o teor mais geral da discussão, funcionando como seu norte. Uma sequência de problemas surgiu a partir dele. Planejamento, industrialização, urbanização, trocas no mercado internacional, formação de capital, educação e bem-estar social são alguns dos exemplos mais evidentes. Economistas, militares, cientistas sociais, diplomatas e uma série de outros profissionais, definidos como “elites”, se organizaram para pensar tais problemas. Mantiveram-se ligados por um amplo conjunto de instituições, que forneceram a eles suporte na discussão e elaboração de projetos de desenvolvimento econômico. Foram estes espaços os elos fundamentais para definir os rumos políticos do Brasil nos anos 1950 e 1960.

Neste sentido, o presente trabalho se propõe a avaliar as maneiras pelas quais a discussão em torno do “desenvolvimentismo” ocorreu em um destes espaços, especificamente: a Escola Superior de Guerra (ESG), entre os anos de 1949 e 1964. Tendo por principal suporte de pesquisa as conferências de um dos cursos da instituição, o Curso Superior de Guerra (CSG), tentamos avaliar as maneiras como o tema do “desenvolvimento econômico”, e seus aspectos correlatos, foram pensados e repensados, chegando a compor a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento (DSN), organizada pela Escola. O recorte cronológico situa-se entre o ano de fundação da ESG e o ano do Golpe Militar. Assenta-se na hipótese de que foram nestes anos que o projeto de nação da ESG, que passava fundamentalmente pelo tema do desenvolvimento, foi gestado. Reconhecendo a relevância da Escola para o debate daquele momento a para a articulação do Golpe de 1964, esperamos poder contribuir para o aprofundamento das discussões historiográficas sobre o tema.

INSTITUCIONALIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO: A CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNESCO NO RIO DE JANEIRO (1956)

MATHEUS DE PAULA SILVA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A “Conferência sul-americana sobre ensino universitário de Ciências Sociais” aconteceu entre 05 e 14 de março de 1956 na cidade do Rio de Janeiro. Reuniu mais de 20 cientistas sociais de países sul-americanos, além de experts europeus, com o objetivo de discutir e estabelecer diretrizes para o desenvolvimento do ensino de Ciências Sociais na América Latina. Foi a quarta de uma série de conferências regionais promovidas pela UNESCO desde 1954 dentro de seu programa “The Teaching of the Social Sciences” – antes haviam sido realizadas em Nova Deli (Índia), San José (Costa Rica) e Damas (Síria). Apesar de ainda ter sido pouco estudada, a orientação da conferência do Rio de Janeiro representou, nas palavras de um expert da UNESCO, “[um momento] de maior importância para o futuro dos estudos sociais na América Latina”. Essa orientação, presente nas resoluções finais, indica a promoção das Ciências Sociais afeitas aos métodos analíticos e empíricos, com a primazia a temas “concretos” que pudessem ter impacto direto no debate político, em especial, no desenvolvimento econômico e social da América Latina. Entre os resultados diretos das recomendações dos cientistas sociais, evidenciando a relevância da conferência, esteve a criação de duas influentes instituições na área: a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em Santiago, e Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), no Rio de Janeiro. A partir da leitura da documentação depositada nos arquivos da UNESCO, essa comunicação apresentará em linhas gerais os debates da conferência de 1956, a rede de intelectuais mobilizada,

em especial a brasileira, e o papel da UNESCO como instituição catalisadora da institucionalização e profissionalização do ensino das Ciências Sociais, tendo em vista a centralidade assumida pelo campo, pelo menos, desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

JORNALISTAS E PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

GISLENE RODRIGUES FERREIRA DEMARQUE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, BRASIL

Lugar de mulher é onde ela quiser. É comum nos dias atuais ver tal afirmação em cartazes, campanhas e principalmente nas mídias sociais. Seria possível dizer que se tornou uma espécie de “lema” daqueles que se preocupam com a valorização das mulheres e acreditam na manutenção e ampliação dos direitos humanos. Filhas, mães, profissionais, esposas, donas de casa, empreendedoras, autoridades civis e militares, pesquisadoras, professoras, são incontáveis os papéis assumidos por elas na atual conjuntura. Contudo, nem sempre foi assim; tal realidade é resultado da luta feminina ao longo dos séculos, seja por meio de ações excepcionais de alguns sujeitos e/ou contribuições dos movimentos de mulheres e do feminismo.

Mulheres e homens têm assumido papéis diferentes na sociedade. Com o passar do tempo, os costumes e comportamentos são renovados e/ou apenas reforçados. O indivíduo cultural, desde quando é inserido no mundo, está numa torrente, malha de histórias e desejos compartilhados que são inculcados em sua formação, até mesmo antes de adquirir o conhecimento racional do mundo e do sistema linguístico. É por isso que a construção social exerce forte influência na determinação dos papéis sociais que cada um vai desempenhar ao longo da vida, e estes vão variar de acordo com o sexo biológico e a construção social de gênero.

B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

SÃO PAULO

NENÊ ROMANO: A HISTÓRIA DE UMA MULHER COMO A HISTÓRIA DE UMA CIDADE

MAÍRA ROSIN - FAU USP, BRASIL

A vida de uma mulher pode se confundir com a história de uma cidade? O que contam os lugares por onde ela passou, a maneira como viveu ou os homens com quem se relacionou? A vida da meretriz Nenê Romano é uma dessas histórias cuja existência pode ser comparada à série de melhoramentos urbanos pelos quais a cidade de São Paulo passou no início do século XX. Sua forma de viver a e na cidade e a forma como homens e mulheres detentores do poder passaram por sua vida nos ajudam a compreender uma série de dinâmicas que cruzam uma série de fronteiras sociais e espaciais, evidenciando diversas nuances que permearam a vida paulistana dos anos 1900.

A DIMENSÃO ESPACIAL DAS TRAJETÓRIAS DE SAÚDE E AS DESIGUALDADES URBANAS

PAULINE IOSTI - LABORATOIRE EVS / UNIVERSITÉ LYON 3 JEAN MOULIN, FRANÇA

Apesar da criação de um sistema de saúde gratuito e universal (o Sistema Único de Saúde - SUS) em 1988, as cidades brasileiras ainda são caracterizadas por fortes desigualdades no acesso à saúde. Estas desigualdades resultam em parte de uma distribuição inadequada dos serviços de atenção à saúde – públicos e privados – no espaço urbano: este fenômeno já foi identificado na literatura científica existente. No entanto, a maioria dos estudos interessam-se as lógicas de oferta de serviço, e não ao uso destes serviços pelas populações, nem às práticas individuais.

Esta comunicação, baseada sobre um doutorado de geografia, tem como objetivo identificar a variedade das barreiras espaciais enfrentadas pelos indivíduos no acesso deles aos serviços de atenção à saúde, e mostrar como essas barreiras reproduzem as desigualdades socioespaciais que já existem.

Estudamos o bairro da Vila Clara, um bairro de periferia consolidada localizado à fronteira entre os municípios de São Paulo e de Diadema, utilizando uma metodologia qualitativa: uma análise da organização local da atenção à saúde, e 43 entrevistas semi-estruturadas com a população local.

Esta análise mostra que a organização da saúde impõe numerosos deslocamentos no espaço urbano aos indivíduos. Isso cria fortes obstáculos para o acesso à saúde dos indivíduos, em particular para certos perfis de populações. Ademais, a partir do estudo das trajetórias de utilização da atenção dos indivíduos, identificamos desigualdades na configuração espacial final das práticas de saúde deles – em particular na capacidade deles de fazer coincidir as mobilidades de saúde com as práticas diárias deles. Em conclusão, o estudo do acesso das populações aos serviços de saúde ilustra a existência de desigualdades entre as populações urbanas no respeito ao direito à cidade e ao que a cidade tem para oferecer.

MILITÂNCIA E ESPAÇO DOMÉSTICO: FAMÍLIA E REDES DE RELAÇÕES NOS BAIRROS OPERÁRIOS DE SÃO PAULO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

GIULIA BRUNELLO - BERN UNIVERSIDADE DE APPLIED SCIENCE, SWITZERLAND, ITÁLIA

A presente comunicação tem como objetivo investigar as conexões que existiram entre os 'papéis' conjugais, o espaço doméstico, a militância anarquista e a vizinhança na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX: um forte desenvolvimento urbano (Hardman 1983; Sevcenko 1992; Paoli 1987; Schwarcz 1998), uma nova "pedagogia da beleza" (Schpun 1997, 1999), presença das mulheres ao espaço público (Bresciani 1989; Rago 1985; Samara 1989; Soihet 1989).

Alguns estudos sugerem a importância dos laços fortes – estreitos e frequentes – que apoiam economicamente e afetivamente os indivíduos e as famílias, e que condicionam a tipologia dos 'papéis' entre marido e mulher (Bott 1957); outros estudos enfatizam a importância que os vínculos fracos e estranhos no convívio cotidiano têm ao fazer circular e chegar informações (Granovetter 1974).

Os bairros operários de São Paulo representam um caso de estudo interessante, porque as redes de relações são estreitas, densas e coesas, de acordo com o esquema ("firmemente tricotado") por Elizabeth Bott.

Se esperava que também em São Paulo os casais realizassem, com base na divisão do trabalho, os respectivos 'papéis' de maneira separada e independente. De fato, encontramos homens e mulheres envolvidos em comitês, organizações sindicais, círculos culturais e políticos, separados (embora, próximos nos espaços compartilhados e em alguns momentos).

Contudo, o meio anarquista de São Paulo apresenta um elemento que não se encontraram nos casos estudados por Bott e Granovetter: isto é, os laços e rituais sociais ligados a uma forte militância.

Portanto, observou-se que, graças a militância anarquista, a família entrou em um espaço que se abre à vizinhança e a um meio que é vivido como transnacional, onde os vínculos que podem parecer fracos (se "fracos" quer dizer "ocasionais") constituíram-se - na realidade - em laços fortes, uma vez que se baseavam não apenas na reciprocidade (Grieco 1987), mas também e, sobretudo, porque foram fundados em valores compartilhados.

PSICANÁLISE E ARTE EM SÃO PAULO: O PIONEIRISMO DO MÉDICO OSÓRIO CÉSAR NO INÍCIO DO SÉCULO XX

TAIRINI AYHU CRUZ APARICIO ALMEIDA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, BRASIL

Esta proposta discutirá a atuação do psiquiatra Osório Thaumaturgo César, destacando a forma como a sua pesquisa sobre arte e psicanálise foi permitida e validada dentro do contexto da psiquiatria organicista de São Paulo no início do século XX. Em primeiro lugar, pergunta-se por que seu legado é tão pouco discutido e difundido, haja visto o seu pioneirismo? Para responder, entendendo que toda produção é resultado do trajeto e do contexto do produtor, optamos pela metodologia apontada pelo historiador Quentin Skinner em sua obra *Visões da Política* (2005), considerando as articulações entre obra, trajetória e contexto. Osório César trabalhou no Hospital Psiquiátrico Juquery (SP) entre 1925 e 1965. A adesão à psicanálise era clara, inclusive com trocas de correspondências entre ele e Sigmund Freud. Sua produção, relacionando arte e psiquiatria é anterior à da renomada psiquiatra Nise da Silveira, sendo ele, como afirmado pela médica, uma de suas inspirações. A ligação de ambos, não apenas nos debates sobre a psiquiatria, mas também na militância socialista, é verificável na documentação perscrutada.

Conforme se aprende da leitura das fontes e da bibliografia, Osório era um proeminente médico, respeitado pela elite e incentivado por médicos e grandes artistas. Esta articulação colaborou para que suas obras fossem amplamente aceitas e difundidas nesses grupos sociais. Seu livro "A expressão artística nos alienados - Contribuição para o estudo dos símbolos na arte", de 1929, foi o primeiro, no Brasil, a abarcar a temática e, segundo Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz (1998), podia ser encontrado na coleção de boa parte dos intelectuais da época. Sua acentuada militância em partidos socialistas - sendo apontado como tesoureiro do Socorro Vermelho Internacional - e o interesse pela medicina social, incluindo viagens para congressos médicos russos, são apontamentos para o gradativo apagamento das produções e da vida do médico.

A 25 DE MARÇO COMO DESAFIO: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DO FRENÉTICO

ARNAU MENSA - UNIVERSITAT DE BARCELONA, ESPANHA

A Rua 25 de Março, na cidade de São Paulo, é um cenário especialmente dotado de uma alta concentração de estímulos significantes, um espaço de altas densidades e ritmos, sem vazios nem silêncios. Com base em um trabalho etnográfico ali realizado, esta comunicação se propõe a refletir sobre as possibilidades e limites da antropologia para a abordagem deste contexto. Nessa emblemática rua, antagônica aos canônicos contextos onde a antropologia consolidou seus procedimentos, o método etnográfico é desafiado pela multidão que a transita a cada dia de trabalho. Uma aglomeração simbólica espessa, rápida, eternamente cambiante e incessante que desborda as clássicas formas de aproximação do etnólogo. Aqui ofereceremos uma proposta metodológica para esta realidade: a 25 de março como objeto para uma antropologia dos espaços frenéticos.

VOZES NEGRAS NA LITERATURA E NO CANTO (I)

O painel propõe um espaço em que a interação entre diferentes pesquisas sobre as literaturas de autoria negra, tanto em seus registros próximos das manifestações populares, do canto e da cantiga, como naqueles usualmente enquadrados na chamada alta literatura, possa fazer vir à tona a força conjunta dessas expressões ao longo da história do Brasil. Rompendo com as dicotomias erudito/popular e alto/baixo, a proposta é procurar as mesclas e/ou os pontos de aproximação – e, eventualmente, de distanciamento – entre registros dispersos em diferentes campos da produção artística e literária e que se processaram, por vezes, de forma individual – mas que podem ser vistos em outra chave se colocados em uma perspectiva afro-diaspórica, que procure uma visão integrada de seus aspectos estéticos, sociais, políticos e cosmológicos.

CANTADORES NEGROS E O GÊNERO DO MARCO NO NORDESTE DO BRASIL (1870-1930)

PAULO TEIXEIRA IUMATTI - CREPAL, SORBONNE NOUVELLE

Trata-se de mostrar os diversos usos e apropriações, por cantadores e poetas negros, de uma tópica da cantoria que se transforma em gênero cordelístico entre finais do século XIX e começos do século XX, apresentando características que permitem analisar questões relativas ao racismo e à herança escravista durante o período.

A VOZ DO CANTADOR NEGRO NA PELEJA DE CORDEL

CARLOS NOGUEIRA - PROFESSOR UNIVERSIDAD DE VIGO, ESPANHA

Proponho uma leitura de dois grupos de pelejas de cordel: aquelas em que os autores (brancos) põem em confronto um cantador negro e um cantador branco, e dois cantadores negros (todos com uma existência histórica comprovada, como Inácio da Catingueira). Privilegiarei obras de épocas e configurações estilísticas diferentes, com o objetivo de demonstrar um tese: a de que a peleja tem participado no processo de formação e de evolução civilizacional do Brasil; é um reflexo deste processo histórico mas também condição dessa formação e dessa evolução, lugar de discussão de problemas morais, sociais e políticos de todo o tipo, espaço de perpetuação mas também de transformação de ideias e ideais sobre o ser humano e a nação brasileira (os agentes do poder familiar e político, o lugar da cor da pele e do gênero na organização e distribuição desse poder). Pretendo também provar que a peleja é um dos mais ricos gêneros do discurso de toda a literatura oral (e escrita) universal.

MÁRIO DE ANDRADE, AFRICANISTA. PROJETOS E REDES.

LÍGIA FONSECA FERREIRA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, BRASIL

Mário de Andrade dedicou-se com afinco aos estudos sobre o negro no campo do folclore, da música, da cultura popular. Uma farta correspondência mostra que, no início da década de 1930, o escritor modernista era reconhecido, sobretudo por seus pares estrangeiros como um "africanista", faceta em geral pouco conhecida. Pretende-se, portanto, evocar sua participação em projetos e redes internacionais de africanistas, engajados na luta contra os "preconceitos" de cor, atitude que ecoa nas manifestações antirracistas de hoje.

“AS CARTAS NUNCA ENVIADAS DE FRANÇOISE EGA A CAROLINA MARIA DE JESUS - UMA CORRESPONDÊNCIA LITERÁRIA REVELADA”

MARIA CLARA MACHADO - SORBONNE NOUVELLE/UNB (CO-TUTELA)

A comunicação pretende discorrer sobre a descoberta do romance epistolar *Lettres à une noire*, da autora martinicana Françoise Ega. Composto de cartas destinadas à autora brasileira Carolina Maria de Jesus, o livro nunca foi lido pela brasileira, mas dialoga literariamente com suas narrativas, sobretudo no tocante a temas como maternidade, trabalho e racismo, os quais buscamos evocar, a partir de aproximações e eventuais distanciamentos entre as obras das duas autoras.

JOSÉ CRAVEIRINHA E SOLANO TRINDADE: POESIA PRETA E PERIFÉRICA

MARIA NILDA DE CARVALHO MOTA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

O objetivo desta exposição é comparar a poética do moçambicano José Craveirinha e do brasileiro Solano Trindade: dois grandes poetas negros, nascidos nas periferias do mundo (Pernambuco e Maputo) e que vivenciaram o “breve século XX”. A poética de ambos os autores traz suas singularidades, mas também semelhanças dignas de observações mais atentas, como versos tão singelos quanto complexos, a construção e manutenção aguerrida da memória coletiva do povo preto e pobre em África e na Diáspora e, por fim, um lirismo libertário (ética e politicamente).

ESTUDANTES INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

A presença de indígenas no Ensino Superior cresceu de maneira exponencial no Brasil na última década. Passamos de pouco mais de 1300 estudantes em 2003 para mais de 50 mil indígenas matriculados em universidades públicas e privadas do país em 2019. Contribuíram para essa expansão políticas públicas de desenvolvimento da educação indígena, a criação de licenciaturas indígenas, a implementação de cotas e de vestibulares específicos, iniciativas da sociedade civil (ONGs e missionárias) e da FUNAI. O perfil destes universitários é variado: há aqueles que frequentam cursos de formação de professores destinados exclusivamente aos indígenas (as licenciaturas interculturais) e aqueles que ingressam em cursos regulares, tornando-se advogados, antropólogos, enfermeiros, profissionais de mídia, etc. Esse cenário, recente e ainda pouco estudado, suscita uma série de questões que propomos debater neste painel.

Quanto e quem são os estudantes indígenas nas universidades? Em quais universidades estão (públicas, privadas)? Quais razões eles avançam para suas escolhas de formação? Quais relações entre políticas de inclusão e ingresso universitárias e escolha de formação pelo estudante? E, para além dessas questões mais gerais e descritivas, elencamos também, de forma não exaustiva, algumas questões analíticas: em que medida a busca individual por formação se articula com lutas coletivas por direitos? Quais os efeitos (pedagógicos, didáticos, políticos, éticos, sociais...) da presença indígena nas universidades, segundo os diferentes tipos de cursos? Como tem se dado, nas universidades que buscam fazê-lo, o diálogo entre saberes acadêmicos e saberes indígenas ditos tradicionais? Qual contribuição das formações universitárias para os projetos pessoais/coletivos dos estudantes indígenas (inserção profissional, representação política, etc.)? Essas e outras questões serão contempladas e debatidas nas comunicações propostas nesse painel, que espera contribuir assim para uma melhor compreensão sobre a presença dos estudantes indígenas nas universidades brasileiras.

O CAMINHO E A LUTA PELA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES INDÍGENAS EM UNIVERSIDADES PAULISTAS

MAURÍCIO ARRUTI – IFCH/UNICAMP E CHANTAL MEDAETS – FE/ UNICAMP

Esta comunicação apresenta resultados preliminares e parciais de uma pesquisa sobre universitários indígenas, a partir de dados sobre as trajetórias éticoeducacionais dos matriculados em duas universidades paulistas.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) concede bolsas a estudantes indígenas desde 2002, consolidando, a partir de 2003, uma cota de 12 bolsas integrais aos primeiros indígenas classificados na 1ª e 2ª chamada do seu vestibular regular. A partir de 2006, a PUCSP aprofundou a iniciativa por meio do Programa Pindorama, que agrega às bolsas uma série de atividades de suporte à permanência desses estudantes. Desde então, já passaram pelo Programa 203 alunos de 16 etnias, dos quais 89 se formaram.

A Universidade Estadual de Campinas, seguindo o exemplo de outras universidades públicas, e em especial da Universidade Federal de São Carlos, passou a realizar, desde 2018 (para ingresso em 2019) um vestibular indígena, criado no bojo de uma reestruturação mais ampla de suas políticas de ação afirmativa para ingresso de estudantes de Graduação. Estão atualmente matriculados 136 estudantes indígenas na Unicamp, em 36 cursos diferentes.

Os dados sobre as trajetórias reúnem informações coletadas pelas universidades e outras produzidas por nós, por meio de questionários desenvolvidos no grupo de pesquisa, que inclui estudantes indígenas. Além de dados clássicos socioeconômicos (sexo, idade, renda e escolaridade dos pais), a pesquisa sobre trajetórias inclui informação sobre região e etnia de origem dos estudantes, composição familiar, percurso escolar (se estudaram em escolas urbanas, escolas indígenas, se já haviam iniciado outra universidade), o fato de falarem ou não uma língua indígena e o histórico de engajamento com associações do movimento indígena. A intenção é explorar como esse conjunto de variáveis pode apontar padrões distinguíveis em termos do que estamos propondo chamar de trajetórias éticoeducacionais.

A PRODUÇÃO XAKRIABÁ NA UNIVERSIDADE: O ACERVO E OS PERCURSOS NO FIEI / UFMG

ANA MARIA R. GOMES – FAE/UFMG, MATHEUS M. VAZ – FAE/UFMG, VANGINEI LEITE SILVA – EBA/UFMG, JOEL GONÇALVES DE OLIVEIRA – FAE/UFMG

Esta comunicação percorre 15 anos de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) na UFMG a partir da descrição de dois de seus desdobramentos: a construção do Waihuku Xakriabá, o acervo de percursos acadêmicos; e a análise de um percurso que trouxe a possibilidade de trabalhar com outros registros e regimes de conhecimento dentro da Universidade.

A proposta curricular do FIEI determina que os percursos (monografias de conclusão de curso) tenham como referência as demandas das comunidades, de forma que os estudantes possam definir o tema de investigação independente da habilitação por área de conhecimento, o que permitiu a produção de dezenas de trabalhos profundamente transdisciplinares.

Assim, a partir da formação de professores indígenas, foram produzidas pesquisas feitas por professores/pesquisadores engajados em investigações sobre a própria cultura e na produção de metodologias para a escola indígena. O acervo está sendo organizado por pesquisadores xakriabá assessorados por parceiros

não indígenas. A escolha de categorias para ordenar os percursos evidenciou diferentes lógicas em ação nas tentativas de dar sentido ao material: de um lado, categorias derivadas dos textos e das áreas de conhecimento acadêmico; de outro, categorias derivadas dos projetos sociais e ações coletivas existentes entre os Xakriabá. O percurso de Nei Leite Xakriabá se destaca por revelar o embate com a dimensão escrita da ciência ao ser concluído com uma exposição de cerâmica e a elaboração de um manual de produção. Insistindo que a escrita não possui o monopólio do registro de conhecimentos para seu compartilhamento, o pesquisador não só evidenciou como colocou efetivamente em ação outras possibilidades. Argumentamos ainda que é possível observar um ciclo de interferência recíproca e continuada, em um processo que Célia Xakriabá chamou de amansamento da escola, com os temas e as práticas se alimentando nas idas e voltas entre universidade, território e escolas indígenas.

A LICENCIATURA INDÍGENA DE SANTA CATARINA COMO UM LUGAR DE CO-CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

WOITCHIK, JULIETTE, UNIVERSITÉ DE SAINT LOUIS, BELGIQUE

No Brasil, a educação indígena superior é possibilitada de duas maneiras. Uma delas é através da integração no curso clássico através de políticas de cotas. A outra é por meio de programas específicos, as "licenciaturas indígenas", que são concebidas para e, muitas vezes, pelas populações ameríndias.

Podemos situar este segundo caminho para a universidade no cruzamento das lutas indígenas pelo reconhecimento de territórios e pela aplicação do direito à educação diferenciada, ambos reconhecidos pela Constituição Brasileira de 1988. Também, as licenciaturas indígenas oferecem um laboratório interessante para a colaboração, a co-criação entre membros do poder público, universidades, assim como diálogos entre o conhecimento acadêmico e os chamados conhecimentos "tradicionais", ponto que estou interessada em desenvolver nesta comunicação.

Esta comunicação está baseada em duas experiências de campo datadas de 2014 e 2016, respectivamente. A primeira aconteceu na Licenciatura Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina, que recebe estudantes dos grupos Xokleng, Guarani e Kaingang, como parte de minha dissertação de mestrado em Antropologia. A segunda, mais curta, aconteceu durante uma visita aos meus antigos interlocutores, na terra Ibirama Xokleng, em uma oficina chamada "Ações saberes indígenas na escola", que tinha por objetivo implementar as escolas bilíngues e diferenciadas.

Em uma primeira parte, apresentarei alguns dispositivos pedagógicos presentes na LI que me pareceram relevantes para permitir uma co-construção do conhecimento. Em uma segunda parte, gostaria de mostrar como este programa universitário realmente se encaixa na vida dos estudantes graduados e, mais amplamente, dentro das comunidades. Analisarei as articulações entre a co-construção de saberes na universidade e sua prática nas terras indígenas, a partir da minha experiência na oficina de 2016 na terra Ibirama, nos Xokleng. Isto me permitirá apontar as rupturas e continuidades entre os dois.

CONTRIBUIÇÕES MÚTUAS: A INDIGENIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE E A UNIVERSARIZAÇÃO DOS INDÍGENAS

SILVIA LOPES DA SILVA MACEDO- UNIVERSITÉ DE GUYANE

Em 22 de fevereiro de 2021 o Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque publica nota de repúdio contra a decisão do MEC de transferência dos cursos de Enfermagem e Direito do campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A universidade está entre as pioneiras no Brasil da criação do curso de Licenciatura indígena (2007), recebendo há mais de 15 anos alunos indígenas dos Estados do Amapá e do Norte do Pará. Somando quase 30% da população do município de Oiapoque, as populações indígenas frequentam os cursos ofertados localmente, contribuindo para a dinamização do município e da universidade. Como salientam em sua nota, a formação de quadros indígenas pelas universidades vem contribuindo para a melhoria de vida das populações no que tange as políticas de saúde, de educação, e de participação política. Porém essa relação é recíproca, pois sua participação na universidade vem igualmente dinamizando os cursos e possibilitando "projetos e pesquisas da universidade" (Nota de repúdio, 22/02/21). Nesta comunicação procuraremos salientar as contribuições mútuas que o encontro entre a Universidade e os estudantes indígenas vêm promovendo tanto entre as populações indígenas como na instituição, e avançaremos uma breve comparação com a participação indígena no sistema universitário francês da Guiana francesa.

B5 PAINEL

SABERES E POLÍTICAS DE RELAÇÕES CONCERNENTES À SAÚDE

Este painel pretende promover discussão em torno das modalidades de enfrentamento e resposta a questões concernentes à saúde pública brasileira como a pandemia do novo coronavírus, as atuais epidemias de dengue no estado do Acre ou de sarampo no estado de Roraima, por exemplo. Através dos estudos apresentados pretendemos dar continuidade às discussões que foram disparadas na ocasião do Congresso Abre de 2019, em Paris, onde colocamos em evidência a categoria saúde sob o prisma de diferentes pesquisas etnográficas e temáticas oferecendo espaço para que epistemes-outras fossem postas em evidência. Os trabalhos aqui propostos para compor a base do Painel são reflexões acerca do contexto brasileiro e de suas singularidades socioculturais

no que tange às relações humanas com a natureza, às concepções de mundo, de pessoa, de saúde e de doença. As questões levantadas por esses trabalhos dialogam diretamente com as políticas públicas atualmente em vigor no Brasil e têm o intuito de servir de subsídio para as atualizações destas políticas. Como são agenciadas algumas práticas de saúde frente a uma pandemia e endemia? Qual é a natureza e como se concretiza o diálogo entre o sistema de saúde pública e práticas não biomédicas? Dadas as dissonâncias entre ações de organismos especializados no controle social da saúde e os saberes e necessidades locais, quais práticas de cuidado têm sido invisibilizadas em detrimento do hegemônico? Se o paradigma biomédico modela as ações do Sistema Único de Saúde - SUS, lógicas diferenciadas se desenvolvem no interior dos grupos sociais e, também, nas Unidades de Saúde do SUS, mostrando que outros paradigmas de saúde-doença estão imbricados em técnicas, na heterogeneidade de significados e práticas. Por conseguinte, pretendemos dialogar com propostas que evidenciem dimensões práticas e simbólicas acerca daquilo que uma pandemia ou endemia agencia nos atores, trazendo uma contribuição antropológica que resulte na compreensão dos diferentes modos de vida.

AFTER THE PANDEMIC, BEYOND GLOBAL HEALTH: UNDERSTANDINGS OF VULNERABILITY AND NEW BEGINNINGS FROM INDIGENOUS PEOPLES IN BRAZIL

MARIA PAULA PRATES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/ CITY, UNIVERSIDADE DE LONDON

The present work is part of the ongoing research Indigenous Peoples responding to Covid-19 in Brazil: social arrangements in a Global Health emergency, which is funded by the MRC/UKRI. By linking two different understandings on what vulnerability means, we discuss the Covid-19 pandemic and its effects, highlighting points of inflexion between some indigenous people and biomedicine's narratives. From the Guarani-Mbyá understanding, for example, Covid-19 comes to make the Juruá bodies weaker, and to force the Juruá to calm down. However, to most international and national health agencies the indigenous peoples, among others, are considered "vulnerable populations" - a polysemic category that justify, for example, rapid access to care settings and vaccination. The Mbyá seem to not agree with this, pointing out that, from their perspective, it is just the opposite. We therefore propose to explore how the Guarani-Mbyá understanding of vulnerability, and other indigenous cosmologies, in general, intersect with global and public health concepts of crises and intervention. In this objective, we question how indigenous peoples's experience from past epidemics and huge knowledge about having survived many "permanent" crises can contribute to creative and imaginative beginnings that might emerge from the so-called global emergency.

LIMPEZA E SEGURANÇA DE FINAL DE ANO: SAÚDE, AUMENTO DE POTÊNCIAS E OS DESAFIOS DA COVID-19 EM CASAS DE BATUQUE NO RIO GRANDE DO SUL/BR

CAUÊ FRAGA MACHADO, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Um dos rituais que assegura a saúde e a incorporação e aumento de potências divinas para os corpos de batuqueiros é a limpeza/segurança de final de ano. Nela, comidas em sentido amplo – o que inclui velas, tecidos, animais e alimentos preparados para cada orixá que rege o ano – são passadas sobre o corpo dos adeptos e fregueses de cada casa. Por meio do contato, corpo-comida, sujeiras e impurezas são retiradas e saúde e axé são passados e fixados em cada pessoa que passa pelo ritual. Ao final, linhas com as cores dos orixás regentes do ano são amarradas ao pulso ou tornozelo dos afiliados, para que passem o ano seguros. Desse modo, limpar e fazer a segurança são sinônimos. Mas o que acontece quando a proximidade, especialmente o toque, representam riscos tanto à limpeza, quanto à segurança. Quando tocar vira sinônimo de contaminar e de risco. Por meio de etnografia de rituais de limpeza e segurança de final de ano antes e durante a pandemia, busco justapor práticas, performances e debates em torno da promoção anual da saúde batuqueira, a fim de buscar novos e antigos sentidos e concepções sobre corpo e saúde entre esse coletivo.

FIGAR EM CASA: NECROECONOMIA, SUICÍDIO E COVID-19 NO SUL DO BRASIL

EVERTON OLIVEIRA - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ/ CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO (CEBRAP), BRASIL

O problema desse trabalho é entender a relação entre trabalho fabril, sofrimento e suicídio nas colônias alemãs do sul do Brasil, no atual contexto da pandemia de Covid-19. Para tanto, parto do cotidiano da comunidade que aqui chamo de São Martinho, uma colônia alemã localizada na Encosta da Serra, RS. Há mais de 40 anos, o trabalho nas indústrias calçadistas, as fábricas, é uma importante dimensão do cotidiano de moradoras e moradores. Retirá-las do trabalho, para pessoas que vinculam sua identidade moral ao trabalho, é massacrar seu cotidiano, em um contexto onde isso pode levar fatalmente o suicídio. Trata-se, aqui, de um problema ético. Mas mandá-las de volta ao trabalho é expô-las ao contágio, no atual contexto da pandemia. Trata-se, aqui, de um problema econômico. Nesse contexto, "não sair de casa" como é entendido como o motor da depressão, mas voltar às fábricas é arriscar a lançar-se à contaminação. Essas relações são tomadas pela oferta de vida do capitalismo, situacionalmente, nos tempos e lugares ofertados por seus fluxos móveis. Assim, não é possível entender o suicídio sem entender a relação entre expectativas, afetos e frustrações que pautam a rotina de

moradoras e moradores, que têm no trabalho fabril um de seus idiomas privilegiados. A pandemia de Covid-19, assim como suas campanhas de prevenção, muitas vezes sem contrapartidas governamentais, favorece para uma política do massacre, em si, massacrante e insolúvel.

A DIMENSÃO ESPACIAL DAS TRAJETÓRIAS DE SAÚDE E AS DESIGUALDADES URBANAS

PAULINE IOSTI - EYS (UMR5600) / UNIVERSITÉ LYON 3 JEAN MOULIN, FRANÇA

Partindo de um estudo qualitativo do bairro da Vila Clara, em São Paulo, pretendemos analisar a dimensão espacial das práticas de saúde dos indivíduos. Mostramos que existem desigualdades na capacidade das pessoas de fazer coincidir as práticas de saúde deles, com as outras práticas diárias deles.

DE AÇÕES ECOLÓGICAS À ASSEPSIA: PRÁTICAS DE SAÚDE IMPLEMENTADAS POR IMIGRANTES VENEZUELANOS FRENTE À CRISE SANITÁRIA

IVANA DOS SANTOS TEIXEIRA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

Este trabalho tem o objetivo de colocar em perspectiva as práticas relacionadas à saúde que sujeitos imigrantes venezuelanos desenvolvem em território brasileiro, frente às necessidades de cuidado a que estão expostos, considerando a atual crise sanitária. Através de onze entrevistas com mulheres venezuelanas e da análise de material midiático é possível apontar quais práticas têm sido mobilizadas por esses sujeitos e qual a relação destas ações com o sistema de saúde público brasileiro e com suas necessidades de existência. Mesmo que a situação de trânsito migratório obrigue a um estilo de vida que se contraponha às recomendações sanitárias, por exemplo, vemos que iniciativas têm permitido o enfrentamento de doenças como a Covid-19, a Malária ou Doenças Mentais. Diante de um sistema de saúde colapsado, percebe-se que o controle da saúde de imigrantes venezuelanos por parte de instituições especializadas deve considerar práticas que coloquem os atores como protagonistas não somente no desenvolvimento de “gestos de saúde” mas também no planejamento das ações coletivas.

B6 PAINEL

EXPERIÊNCIAS DE MODERNIDADE EM TRÊS ESCALAS: BAIROS, RUAS E CASAS

A mesa visa aprofundar a compreensão das experiências de modernidade que configuraram as cidades ao longo do século XX, assumindo que essas são elaboradas por agentes cujas lógicas e estratégias são diversas e não permitem reconstituições totais. Para tanto, reunimos pesquisas que, cruzando o urbano, o doméstico e o arquitetônico, entrelaçam escalas temporais e espaciais. A perspectiva do diálogo aqui proposta tem como intuito compreender a cidade como arena de vivências compartilhadas, sucessivas no tempo e simultâneas no espaço. A partir de distintos recortes analíticos, propostas metodológicas e abordagens teóricas, os trabalhos investigam as experiências de modernidade considerando nexos entre práticas sociais, configurações materiais e a produção simbólica do espaço habitado. Com essa abordagem em que tanto a casa quanto a cidade são analisadas como produto e produtor de relações sociais, algumas questões mobilizam nosso diálogo: 1. Como qualificar e colocar em relação os diversos atores que atuam na produção discursiva, gráfica, material e simbólica do espaço construído? 2. Quais as articulações entre os regimes de saber (prescrições, modelos, teorias, técnicas, ciências aplicadas etc) e as formas de poder que visam cidades, casas e corpos? 3. Como lógicas de dominação cultural centradas nos modos de morar circulam nacional e internacionalmente, produzem distinção e sustentam processos de valorização e depreciação social? 4. Quais documentos e como os processos de arquivamento registram as práticas desses agentes? Alimentada pelos recortes individuais, essas questões ganharão força ao serem debatidas em conjunto, de modo a fomentar a convergência de temas e problemas de pesquisa.

A ARQUITETURA DO BRASIL NA CASA DA ARQUITETURA - CENTRO PORTUGUÊS DE ARQUITETURA

PAULO BATISTA - CIDEHUS.UJ - CENTRO INTERDISCIPLINAR DE HISTÓRIA, CULTURAS E SOCIEDADES DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA, PORTUGAL

O verdadeiro amor é vão
Estende-se, infinito
Imenso monólito
Nossa arquitetura (“Drão”, Gilberto Gil, 1981)

Nesta música, o vão representa algo negativo, vazio, sem valor e ilusório, mas para a arquitetura é um desafio a ser superado. Inaugurada em 2009, a Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura, mudou-se em 2017, para as antigas instalações da Real Companhia Vinícola, em Matosinhos, nos arredores do Porto, onde se encontra desde essa data. A Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura é uma instituição sem fins lucrativos, dedicada em exclusividade à arquitetura, sendo internacionalmente reconhecida como uma instituição de exceção no tratamento, arquivo e divulgação do património arquitetónico. Entre os seus acervos encontram-se os de

Eduardo Souto Moura, Paulo Mendes da Rocha, João Álvaro Rocha, Álvaro Siza Vieira, Pedro Ramalho, Gonçalo Byrne, Francisco Melo, Jorge Gigante, entre outros prestigiados arquitetos portugueses. O excerto da música de Gilberto Gil serviu de ponto de partida à exposição Infinito Vão – 90 anos de arquitetura brasileira, que abriu ao público neste espaço, em outubro de 2018, estando em cartaz até setembro do ano seguinte, com curadoria dos arquitetos brasileiros Fernando Serapião e Guilherme Wisnik. Nesta exposição, com cerca de 1000 m², foram apresentados 90 projetos representativos de 136 autores brasileiros, dos períodos moderno e contemporâneo, que integram a Coleção Brasil, a maior jamais reunida de arquitetura brasileira, constituída por mais de 200 doações de instituições e pessoas individuais, que passaram a integrar o acervo permanente desta instituição, que, entre outros, em 2017 recebeu o acervo de arquiteto, urbanista e professor Paulo Mendes da Rocha, galardoado em 2006 com o Prémio Pritzker, frequentemente referido como o Prémio Nobel de Arquitetura. Deste modo, pretende-se contribuir para o conhecimento da excelência da arquitetura do Brasil, que se encontra em Portugal, através da divulgação e interpretação de um acervo absolutamente notável, que permite uma melhor compreensão da sua evolução.

FONTES E CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA URBANA NOS SUBÚRBIOS DOS ANOS 1930

AURÉLIA MICHEL - HISTOIRE DES AMÉRIQUES NOIRES ET LATINES, UNIVERSITÉ PARIS-DIDEROT

O crescimento rápido dos subúrbios nas duas metrópoles brasileiras a partir da década de 1930 foi imediatamente compreendido pelos contemporâneos como um grande evento, um fator de transformação não só das cidades, mas também da sociedade brasileira: autoridades públicas, municipais ou estaduais, médicos e higienistas, sociólogos tomaram nota da « massificação das cidades » (Romero) e designaram as novas categorias, os "suburbanos", como classes populares e industriais, sugerindo que as populações das vilas e subúrbios formam uma nova classe social. Esta hipótese foi muito importante na interpretação do sucesso político de Getúlio Vargas e na caracterização de seu regime, que se dizia ser baseado em parte nestas novas classes urbanas. Dependentemente da escala de observação desses subúrbios (bairro, rua, casa) e dos tipos de fontes mobilizadas (imprensa, documentos urbanísticos, entrevistas), as sociedades suburbanas aparecem, ao contrário, bastante complexas e diversificadas. Este é particularmente o caso do bairro de Madureira, no Rio de Janeiro. Ao justapor as categorias criadas por higienistas e cientistas sociais, as da imprensa da classe média e as produzidas pelos habitantes sobre si mesmos, conseguimos colocar a experiência urbana no centro das análises e, em particular, processos de mistura social e cultural, representação dum destino coletivo comum. Os subúrbios aparecem então como uma dinâmica democrática essencial para compreender a transformação da sociedade pós-escravidão.

A DOMESTICAÇÃO DA RAZÃO GRÁFICA: UMA ARQUEOLOGIA DO LICENCIAMENTO DE OBRAS NO RIO DE JANEIRO

THOMAS CORTADO - UNICAMP, BRASIL

Voltados para os valores e as normas subjacentes às grandes orientações estratégicas, expressas em leis e planos diretores, estudos críticos do planejamento urbano costumam ignorar as "prosaicas práticas documentares através das quais a cidade é construída, regulada e habitada" (Matthew Hull): os pedidos de licenciamento de obras (residenciais) são umas delas. Esta apresentação pretende reconstituir as origens desse documento no Rio de Janeiro, dando especial atenção ao lugar das plantas nessa gênese. A minha hipótese é que, através dessa reconstituição, é possível identificar as formas como os atores que governaram o Rio "problematizaram" a produção do espaço urbano. Esta abordagem combina, portanto, a sociologia das ciências (Latour, Callon) com os estudos sobre governamentalidade urbana (Foucault, Rabinow), além de uma vinculação óbvia aos trabalhos pioneiros de Jack Goody sobre a "razão gráfica" e de Matthew Hull sobre a etnografia dos documentos urbanísticos. Começarei pelo período colonial, quando os pedidos de licenciamento se confundiam com os autos de arruamento. A casa e a rua formavam, naquela época, um mesmo conjunto, portanto a fiscalização das obras se resumia a demarcação dos espaços ocupados por cada uma. Em seguida, o apego das elites pela estética das fachadas levou a uma primeira extensão da fiscalização no século 19, obrigando os proprietários a produzir plantas das fachadas, um primeiro gênero de "artefato gráfico" (Hull). Finalmente, pressões de médicos e engenheiros higienistas apertaram mais ainda a fiscalização, pois, no último terço do século 19, os poderes públicos passaram a exigir plantas que representassem o interior das casas, uma prática que perdurou até hoje. A apresentação deve concluir sobre o papel das mediações gráficas nas tecnologias liberais de governo, o qual explica o aparente paradoxo do Rio de Janeiro do século 19, que vê triunfar a modernidade burguesa e aumentar os controles sobre a produção do espaço.

O "BOM GOSTO FRANCÊS" NOS REPERTÓRIOS CONTEMPORÂNEOS DO "BEM-MORAR" NO BRASIL

CAROLINA PULICI - UNIFESP, BRASIL

Inscrita numa pesquisa comparativa que trata da prescrição de gostos domésticos no Brasil e na França, a comunicação proposta visa analisar as continuidades e as mudanças no que diz respeito aos efeitos de dominação simbólica dos modelos franceses de "bem-morar" nas representações da "bela morada" no Brasil. A subalternidade cultural brasileira em relação às preferências arquitetônicas e decorativas vindas da França se deu historicamente a ver nos palacetes da aristocracia do café inspirados nos hotéis particuliers parisienses, na cópia dos chamados

móveis “de estilo” e num “gosto conformista” que, em matéria de pintura, voltava-se às obras que reproduziam paisagens de regiões francesas. Não obstante a hegemonia das maneiras de morar francesas sobre as aspirações residenciais (e civilizacionais) das elites brasileiras desde ao menos a segunda metade do século XIX, ocorreram transformações nessas relações de tipo centro-periferia ao longo dos anos 1950, quando os arquitetos franceses foram “abalados pelas imagens do modernismo brasileiro” e a arquitetura brasileira conseguiu “entrar no espaço internacional”. Assim, é apenas com a condição de recuar um pouco no tempo que se poderá apreender as primeiras contestações do monopólio francês no domínio das opções residenciais no Brasil. Se, no começo do século XX, o simples fato de morar na França era considerado “a melhor escola de decoração que se poderia cursar”, para usar a fórmula proposta em um livro publicado pela Associação Brasileira de Designers de Interiores, a análise das definições contemporâneas da excelência residencial permite lançar a hipótese de uma ampliação do leque de referências prestigiosas, ainda que os efeitos de inércia façam com que o “bom gosto francês” (real ou imaginado) continue a predominar nas maneiras legitimadas de se falar do arranjo doméstico. A comunicação sobre as persistências e transformações na desigualdade das trocas entre o Brasil e a França no que tange aos modelos de realização residencial baseia-se no exame de três revistas dedicadas à casa. A abordagem comparativa e quantificada dos esquemas de apreciação validados em todos os números de *Architectures à vivre* (n = 87), de *Art et Décoration* (n = 139) e de *Casa e Jardim* (n = 192) publicados entre 2000 e 2015 completa-se com a observação e coleta de materiais em feiras reservadas aos especialistas de « l’art de vivre » ocorridas em Paris, em São Paulo e no Rio de Janeiro (n = 9), e com entrevistas (n = 15) com críticos de arquitetura e decoração e profissionais da arquitetura doméstica no Brasil e na França.

MENSURAR, DISCIPLINAR, ACONSELHAR E EMBELEZAR: OS SABERES DA CASA NOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DO SOCIAL E DA INTERIORIDADE

CAMILA GUI ROSATTI - CRBC-EHESS. PARIS, FRANÇA

Lar”, “habitação”, “domicílio”, “bem de família”, “casa própria”, “interior”: essas são algumas nomenclaturas a partir das quais “a casa” se presta a múltiplas redefinições. Inspirando-me nas pesquisas de N.Elias, P.Bourdieu e M.Foucault, esse estudo, cujo o foco é a São Paulo da primeira metade do século XX, procurar analisar como o espaço doméstico é atravessado por prescrições e práticas distintivas. Nesse período, a casa é problematizada por inúmeros profissionais, campos disciplinares e áreas técnicas, que disputam os sentidos, definem ações sobre o morar e sobre como gerir a vida doméstica. Desde os anos 30, a casa se apresenta como objeto de estudo de sociólogos, demógrafos, antropólogos e economistas formados nas recém-institucionalizadas faculdades de ciências humanas, recrutados para instrumentalizar a ação pública. Medida demográfica encarnada na definição de “domicílio”, a casa é associada a uma razão estatística, que vincula “família” e “padrões de consumo”, uma forma de escalar a população em “classes” e dar visibilidade numérica à estratificação social. Por outro lado, as prescrições estéticas em torno da casa, essas, sobretudo, destinadas às classes médias e altas, aparecem entre arquitetos, decoradores, jornalistas e consultoras, que estabelecem diretrizes de gosto, de comportamentos e de afetos disseminadas nas revistas de arquitetura e nas colunas de aconselhamento feminino. Decorar e organizar o lar se apresentam tanto como emblema da posição familiar, como “fachada social” e “manifestação do interior” dos moradores. A partir de documentos técnicos e prescritivos, aqui vistos como “saberes sobre a casa”, os cruzamentos entre domesticidade e domesticação (na esteira de Stoler e Tsing) ajudarão a analisar práticas que contribuíram para modelar os modos de morar em um período de migrações intensas, de industrialização e proletarianização, quando as regulações em torno da casa fornecem a forma e o conteúdo para novos referentes culturais, novas formas de governar, de produzir distinções e subjetividades.

B7 PAINEL

FESTEJOS DE CULTURA POPULAR E MEMÓRIA DE HISTÓRIAS DE VIDA

O tema dessa mesa é o desafio da pesquisa sobre os festejos da cultura popular quanto à complexidade multidimensional dos ritos. A ideia de memória, acervo, mapeamento ou análise semiológica tem se modificado muito nos últimos anos e o segmento da cultura popular é um recorte profícuo para estudar os desafios do registro, reflexão, difusão e memória na contemporaneidade. As dimensões material, performativa, simbólica, linguística, musical, operacional, logística, secular ou mística são alguns dos aspectos que tornam complexos os modelos de pesquisa nesta área.

Neste painel, usamos como recorte desta questão mais ampla, o papel das histórias de vida dos sujeitos na diversidade de formas de participação com o rito (brincante, gestor, líder religioso, artesão, espectador). Partimos de um projeto intitulado MOTIRÔ que integra registros de memória oral de festejos populares e foi realizado pela parceria de instituições internacionais com o Museu da Pessoa (SP, Brasil). O MOTIRÔ abrange manifestações brasileiras, da Península Ibérica e da América Latina, como forma de inter cruzar diferentes regiões e a diversidade de aspectos que podem ser abordados, usando a memória da história dos sujeitos como uma metodologia desses estudos. O painel destaca no universo amplo da pesquisa, os rituais carnavalescos do Brasil, especificamente, os Clóvis e as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e de Portugal, especificamente, o Entrudo de Lamego, a Procissão das Cruzes e o Figurado de Barcelos.

Além da primeira fala, que será uma introdução do acervo MOTIRÔ, teremos três apresentações de manifestações já mapeadas pelo projeto. Ao final, teremos uma convidada que traz um estudo já fora do projeto, mas que também envolve a relevância dessa dimensão biográfica na pesquisa sobre cultura popular.

MOTIRÔ - O FESTEJO COMO TESTEMUNHO

NILTON GONÇALVES GAMBA JUNIOR - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC-RIO, BRASIL

Projeto que registra e difunde depoimentos de artistas, organizadores, brincantes e comerciantes que trabalham nos ofícios envolvidos em todas as etapas de diversos ritos sagrados e profanos com foco nos desafios particulares desse momento histórico de pandemia COVID-19. MOTIRÔ contempla manifestações brasileiras e internacionais devido à abrangência do tema e dos impedimentos gerados pelo isolamento. MOTIRÔ é um vocábulo Tupi Guarani que fala de trabalhos grupais e ofícios coletivos - o que gerou o termo "mutirão". No projeto, a denominação tem a função destacar nos festejos os seus ofícios e sua dimensão coletiva.

Os festejos populares têm como traço predominante a dimensão presencial e coletiva, além da ocupação dos espaços públicos. Esses traços estão não só no âmbito do rito em si, mas em diversas fases de sua preparação: na captação de recursos; na produção de artefatos; nos ensaios e na preparação do local. A sobrevivência destes ritos – para usar um termo defendido por Didi-Huberman ao falar de cultura popular em sua obra "A Sobrevivência dos Vaga-lumes" – depende de uma diversidade de fatores socioculturais que podem envolver demandas políticas, econômicas, legislativas e até sanitárias. A imagem do vaga-lume proposta por Pasolini e que justifica o título da obra de Didi-Huberman, é usada para descrever a manifestação local e seu caráter popular e ritualístico. Por isso, a relevância de recolher esses testemunhos neste momento da história.

O projeto utiliza a metodologia do Museu da Pessoa e dos projetos de pesquisa de várias universidades em relação à cultura popular para recolher histórias de artesãos que produzem, organizam e participam de festejos no Brasil e no mundo. O projeto parte de alguns grupos sociais que estão em contato com as pesquisas dessas instituições, mas amplia o escopo com chamadas para outras manifestações.

LAZARIM: A NORMA DA PANDEMIA

PAULO BARRADAS - CÂMARA MUNICIPAL DE LAMEGO, PORTUGAL E ISABEL VIEIRA - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LAMEGO - IPV, PORTUGAL

Lazarim é uma pequena freguesia do concelho de Lamego, Portugal. Encravada no cõncavo das montanhas, é uma comunidade com particularidades culturais que têm a sua expressão máxima no Entrudo. Na terça-feira gorda, depois de guardadas no secretismo dos últimos meses, os artesãos expõem ao olhar dos milhares de forasteiros que visitam a Vila as máscaras brancas de amieiro. Os caretos, nas suas fardas confeccionadas com elementos da natureza, dão vida a "diabos", "senhorinhas", "animais" ou mesmo a "caricaturas de alguém". Nesse dia, é toda a alma de uma comunidade que pretende inverter a norma; que a inverte querendo desafogar-se contra o tempo que se aproxima: o da "norma da Quaresma".

Na circunstância do tempo pandémico, o "projeto Motirô" quis auscultar a alma dessa comunidade. Saber como ela se sentiu, se se transformou ou que transformações sofreu por falta desse momento tão seu, tão próprio como é o "seu Entrudo". O trabalho que, entretanto, se realiza procura junto da comunidade local auscultar a importância da privança desse momento; tentar perceber se as máscaras de Lazarim que este ano não saíram à rua, saíram, ainda assim, da madeira; se os artesãos encontraram a sua tão natural inspiração para criar essas formas singularmente belas; se os encomendantes delas as procuraram como em anos anteriores. Quais os propósitos que esta ausência pede para o próximo Entrudo. Em suma, retratar uma comunidade privada de uma parte de si mesma.

FESTEJOS EUROPEUS NA ORIGEM DOS CLÓVIS CARIOCAS

PRISCILA ANDRADE - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Esta comunicação apresentará uma investigação sobre as ligações da manifestação carnavalesca dos Clóvis do Rio de Janeiro com manifestações ritualísticas europeias. O grupo carioca teve origem nos anos 1930, na região de Santa Cruz, subúrbio do Rio de Janeiro, onde houve um grande fluxo de imigrantes europeus e asiáticos. A primeira ligação já pode ser observada no nome clóvis que é uma corruptela de clown, palhaço em alemão, e era usado para nomear os primeiros foliões que circulavam na região com a indumentária característica. Vestem basicamente um macacão e uma máscara e portam uma bexiga (de boi ou porco) inflada, amarrada por um cordão a um bastão. A performance original consistia em assustar e perseguir batendo a bexiga contra o chão, fazendo muito barulho. Devido a esta performance, aos poucos, passaram a ser conhecidos como Bate-bolas, termo mais usado hoje em dia. A análise da materialidade da indumentária usada pelos personagens femininos e masculinos dessa manifestação demonstra as ligações com indumentárias de festejos europeus - como acontece com outros tantos festejos populares no Brasil e na América Latina. No entanto buscamos igualmente os significados simbólicos entendidos em respectivos contextos de modo a poder realizar as afirmações sobre ligações, não baseando-nos apenas nas aparências. Embora o figurino dos Bate-Bolas seja dinâmico e mantenha até os dias de hoje a característica de incorporar anualmente novos elementos, ele mantém diversos aspectos estruturais que o conectam com essas experiências globais e ancestrais. Técnicas de investigação da pesquisa em Design, como análise de imagens e semiologia, viabilizam o tipo de pesquisa realizada e potencializam a visibilidade das

conexões. O ponto de partida para estas reflexões se deu com a coleta de histórias orais, tendo em vista a carência de documentos oficiais sobre os festejos dos bate-bolas. Assim, a coleta de dados que alimenta esta pesquisa parte de depoimentos e percorre um por trabalho de campo e levantamento de fontes em acervos e bibliotecas na Europa.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE BARCELOS. O POTENCIAL ENTRE A ARTE POPULAR E A ACADEMIA

PAULA TAVARES E CRISTIANA SEREJO - INSTITUTO POLITÉCNICO DO CÁVADO E AVE - IPCA, PORTUGAL

A riqueza cultural de Barcelos é por si só motivação inesgotável para a produção académica, pensamento crítico e experimentação. Nesta comunicação pretendemos apresentar as manifestações, produções culturais e festejos da região, nomeadamente, o Figurado de Barcelos, um produto artesanal certificado, com elevada relevância nas atividades artesanais do concelho. Abordaremos, entre outros, a obra da artesã do figurado Rosa Ramalho (1888-1977), que sobressaiu nos chamados bonecos de Barcelos; artesã influenciadora de gerações na produção da arte popular, mas também da arte erudita, chegando inclusive, em vida, a ser convidada para sessões com alunos da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Na verdade, o potencial morfológico deste figurado como transporte de uma carga simultaneamente realista e imaginária, representativa da comunidade mas ao mesmo tempo estilizada inspirou, quer o artesão quer o artista plástico, bem como, posteriormente, o designer. Enunciaremos outros artesãos como Júlia Côta e Mistério, bem como outras manifestações populares e tradicionais ligadas às festividades religiosas e vivências desta comunidade, como elementos basilares da proposta de ponte semiótica entre estas e a celebração do mais importante evento da região, a Festa das Cruzes e seus rituais. Entre o religioso e o pagão, entre o figurado e o simbólico, a história do figurado presta-se a múltiplas abordagens, quer do ponto de vista científico, quer artístico e patrimonial.

Nesta apresentação analisaremos ainda a elevação da cidade de Barcelos a cidade UNESCO em Arts and Crafts, e também a comunicação gráfica produzida por uma equipa da Escola Superior de Design do IPCA a partir do imagético do figurado barcelence. Pretendemos assim, demonstrar o potencial deste imagético em abordagens académicas e experimentais ao nível do Design e das Artes Visuais. Esta apresentação pretende ainda, chegar ao conhecimento da comunidade artesã da região, que pode desta forma ver reconhecida e divulgada a sua obra.

A DEMOCRACIA, A DISCIPLINA E O INDIVÍDUO. A ÉTICA DO VALOR TRANSCENDENTAL DAS ESCOLAS DE SAMBA CARIOCAS E SEUS EFEITOS NAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DOS RITMISTAS

ANTOINETTE KULJAARS - UNIVERSITÉ LUMIÈRE LYON 2 - CENTRE MAX WEBER, FRANÇA

Essa comunicação tem como objetivo apresentar o funcionamento coletivo das baterias de escolas de samba e seus efeitos nas trajetórias individuais dos ritmistas. Os dados foram recolhidos através de uma pesquisa de campo de carácter etnográfico, realizada no âmbito de uma tese de doutorado defendida em novembro passado.

As baterias são comumente consideradas pelos ritmistas como “o lugar mais democrático do mundo”: acolhendo indivíduos de quaisquer características sociais, raciais, de género e de orientação sexual, essas são colocadas em segundo plano dentro da escola de samba, por causa do interesse superior que ela representa. Desta maneira, as relações sociais parecem alisadas dentro de um espaço outro, enquanto elas podem ser conflituais em numerosos outros espaços na sociedade brasileira. Trata-se de entender, depois de ter apresentado sob quais aspectos os ritmistas pensam a bateria como um espaço democrático, o que está em jogo atrás desta representação de um espaço ideal no qual qualquer tipo de pertencimento social parece ineficaz para estruturar a hierarquia interna.

Trata-se de entender de qual maneira este aspecto democrático se traduz por e para os ritmistas. Podemos destacar dois elementos principais, que participam em fundar um terceiro. Primeiramente, a democracia é vista pelos ritmistas no sentido da democracia racial e social, ou seja, diferentemente da democracia tomada pelo ponto de vista da tomada de decisão. Desta maneira, é colocada a questão da bateria como um espaço de desracialização. Segundamente, a democracia é também sinónimo de emancipação, seja ela cultural e/ou económica. Terceiramente, o fato que a bateria seja percebida como um espaço democrático, dentro do qual ninguém tem mais direitos que outro, e aja como um recurso social de cunho coletivo para os indivíduos, participa na legitimação da disciplina e da doação de si pela escola.

B8 PAINEL

RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES: CULTURA, SOCIEDADE E PODER NO BRASIL (SÉCULOS XIX A XXI)

Este painel tem por objetivo discutir diferentes formas de vivência das religiões e religiosidades no contexto brasileiro dos séculos XIX ao XXI. Este recorte temático e temporal abre-se a diferentes contribuições capazes de pensarem como as religiões e religiosidades articularam-se com valores difusos socialmente, compuseram-se com estruturas de poder características e conformaram-se a estruturas sociais. Essas discussões são particularmente

importantes em uma realidade como a brasileira, na qual os valores religiosos aparecem com tanta saliência no universo afetivo e cognitivo das pessoas, influenciando com saliência nas suas decisões pessoais. Estarão presentes discussões, tanto sobre as peculiaridades teórico-conceituais quanto empíricas a respeito do prisma aberto no campo religioso brasileiro no âmbito da cultura, sociedade e poder no Brasil no período aqui proposto para discussão. Os trabalhos aqui discutidos remetem a deferentes realidades empíricas, como a religiosidade popular, o catolicismo, o protestantismo, as religiões afro-brasileiras e o espiritismo, com interfaces com a presença religiosa na mídia, na política, nas manifestações artísticas. Um assunto no qual a presença religiosa aparece com saliência no Brasil de hoje são as redes sociais; questão a que, igualmente, este Simpósio Temático está aberto. Também, os trabalhos aqui apresentados podem referir-se a realidades não formais e explicitamente ligadas ao campo religioso brasileiro, mas que exercem influência direta ou indireta sobre o mesmo e sobre a cultura, sociedade e esferas de poder no Brasil no período aqui focado. Também, o Simpósio Temático abre-se a questões relativas a crenças não institucionalmente configuradas como aquelas relacionadas às benzeduras, as práticas espirituais de cura e as devoções populares.

O ÍNDIO NAS LIMINARIDADES ENTRE DUAS CASAS ESPÍRITAS CARIOCA E A UMBANDA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

ARTUR CESAR ISAIA - UNIVERSIDADE LA SALLE (BRASIL)

Esta comunicação tem como objeto de pesquisa os acervos de duas casas espíritas da cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX: a Cabana de Lysis e a Cabana Antonio de Aquino. Essas duas casas publicaram, respectivamente as revistas *Novo Horizonte* e *Irradiação*. Nessas duas fontes, aparecem, tanto a psicografia quanto psicopictografia formando um corpus extremamente importante para compreendermos as liminaridades entre Espiritismo e Umbanda, apesar do esforço identitário do primeiro, principalmente capitaneado pela Federação Espírita Brasileira. Nessas duas publicações vamos encontrar o índio brasileiro como referente discursivo e presença imagética importante. Nesta presença podemos notar uma relação interdiscursiva muito nítida com a Umbanda brasileira, particularmente com a representação do índio como Caboclo. Este parentesco discursivo aparece tanto no terreno iconográfico quanto no escrito. No primeiro caso aparece a representação do índio com explícitas aproximações com a imagem vulgarizada nos “Congás” umbandistas e na indústria de imagens religiosas que acompanhou o desenvolvimento da Umbanda enquanto religião. No segundo caso, o índio aparece com uma construção narrativa bastante presente no universo doutrinário umbandista: o índio próximo à representação romântica e com explícitas referências a um passado reencarnatório que o fazia transcender às selvas brasileiras e aproximar-se do letramento e da ciência, bem ao gosto da característica evolutiva do Espiritismo codificado por Allan Kardec. Desta forma, aparece um índio que traz uma bagagem científica ou religiosa bem próxima ao esforço escriturístico, tão valorizado como marca de progresso moderno por Michel de Certeau. Este esforço escriturístico aparece, igualmente, em muitas narrativas umbandistas.

O CONFRONTO DOS “SOLDADOS DE DEUS” E O COMUNISMO EM IMPRESSOS CATÓLICOS DO BRASIL E ARGENTINA, NO SÉCULO XX

MARTA ROSA BORIN - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

A laicização do Estado brasileiro, após a promulgação da Constituição de 1891, evidencia a disputa entre os agentes sociais católicos e acatólicos pelo espaço de influência no campo religioso. A liberdade de culto possibilitou, não somente intensas mudanças no campo político, como também a publicização dos conflitos através da imprensa. Para os bispos e intelectuais católicos, a laicidade ou a secularização era sinônimo de ateísmo e, por isso, negavam a legitimidade do governo republicano, alegando que o novo regime não correspondia à vontade do povo brasileiro que havia sido moldado nos princípios católicos. Por outro lado, o catolicismo encontrou um aliado para combater ideologias que considerava nefastas à família brasileira, a partir dos anos de 1920. Em seguida, no governante brasileiro, Getúlio Vargas, passou a se pronunciar em defesa da família, da moral e contra o afluxo de ideias comunistas, o que não foi diferente na Argentina. Esse tema mobilizou tanto o clero católico quanto os estadistas. Nosso objetivo é compreender o posicionamento da igreja católica frente ao comunismo, a partir dos registros de impressos católicos: a *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, a *Revista Unitas* e a revista *Crítico*, a fim de analisar este tema sob a ótica do catolicismo. A primeira é publicada desde 1941 até a atualidade pelo Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis (RJ), impresso pela Editora Vozes. A segunda, revista *Unitas*, publicada desde a década de 1930 pela arquidiocese de Porto Alegre/RS e distribuído em várias cidades do estado. A revista *Crítico*, é publicada na Argentina, desde 1928, seguiu uma orientação nacionalista e de doutrina católica de oposição ao comunismo. A pesquisa contou com o apoio de bolsistas PIBIC e PROBIC/UFSM.

BELEZA E RELIGIÃO: PODEM OS HOMENS DAR O QUE DEUS NÃO NOS CONCEDEU?

MARIA CLARA FERREIRA DE ALMEIDA SARAIVA - UNIVERSIDADE DE LISBOA

No âmbito do projecto EXCEL- the pursuit of excellence, temos vindo a fazer pesquisa sobre as concepções de beleza e melhoramento físico e cognitivo dos humanos, na relação com as visões religiosas do que os humanos podem e devem ser. Diferentes religiões têm variadas visões do que pode ou não ser feito neste sentido sem violar leis e dogmas divinos. Esta comunicação analisará alguns aspectos do que é considerado um “melhoramento

permitido” pelas várias religiões presentes em território Português, com especial atenção às religiões afro-brasileiras, importadas do Brasil.

(RE)AFRICANIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES CULTURAIS E RELIGIOSOS DO UNIVERSO BANTU ATRAVÉS DOS BLOCOS AFRO

LAURA ÁLVAREZ LÓPEZ - UNIVERSIDADE DE ESTOCOLMO

Pesquisas realizadas no Brasil têm apontado que, em geral, o fenômeno de (re)africanização do candomblé se traduz, no plano linguístico, pela valorização de tradições de matriz linguística e cultural iorubá (Álvarez López 2004; Botão 2008). Nas discussões públicas sobre assuntos relativos ao candomblé ou nas letras de músicas com temas religiosos, a terminologia utilizada tem sido a da tradição nagô-ketu (de matriz linguística iorubá). Ouvimos, com frequência, o termo orixá para denominar uma divindade do panteão afro-brasileiro (santo/a em português) e não vodum ou inquice (ver, por exemplo, Tillquist 2011). Vodum e inquice são os termos correspondentes dentro das ramificações das tradições jeje (de matriz fon/gbe) e angola-congo (de matriz banto ou bantu). Paralelamente, observa-se “uma redescoberta do banto [...] uma retomada de consciência da origem de sua herança ancestral, de tradições tão autênticas quanto outras até então mais privilegiadas pela historiografia brasileira” (Castro 2001: 123). Afirma-se igualmente que existem tentativas recentes de revalorizar as práticas religiosas de origem banto por meio da recuperação dos saberes rituais através de contatos com iniciados em Angola, bem como pelo estudo de línguas do grupo Bantu (como quicongo, quimbundo e umbundo) e das filosofias originadas em regiões onde se falam essas línguas (Capone 2016). O objetivo do presente trabalho é analisar como ocorre a revalorização e a transmissão ou difusão de saberes do universo banto através do uso de elementos e conceitos de diferentes línguas e tradições africanas nas letras de um dos Blocos afro que desfilam no carnaval oficial de Salvador desde a virada do século: Bankoma, que está ligado ao Terreiro São Jorge Filho da Gomeia (de tradição angola). As letras serão analisadas em comparação com as de grupos como Cortejo Afro e Ilê Aiyê, que nasceram dentro terreiros tradicionalmente ligados à língua iorubá.

Pesquisas realizadas no Brasil têm apontado que, em geral, o fenômeno de (re)africanização do candomblé se traduz, no plano linguístico, pela valorização de tradições de matriz linguística e cultural iorubá (Álvarez López 2004; Botão 2008). Nas discussões públicas sobre assuntos relativos ao candomblé ou nas letras de músicas com temas religiosos, a terminologia utilizada tem sido a da tradição nagô-ketu (de matriz linguística iorubá). Ouvimos, com frequência, o termo orixá para denominar uma divindade do panteão afro-brasileiro (santo/a em português) e não vodum ou inquice (ver, por exemplo, Tillquist 2011). Vodum e inquice são os termos correspondentes dentro das ramificações das tradições jeje (de matriz fon/gbe) e angola-congo (de matriz banto ou bantu). Paralelamente, observa-se “uma redescoberta do banto [...] uma retomada de consciência da origem de sua herança ancestral, de tradições tão autênticas quanto outras até então mais privilegiadas pela historiografia brasileira” (Castro 2001: 123). Afirma-se igualmente que existem tentativas recentes de revalorizar as práticas religiosas de origem banto por meio da recuperação dos saberes rituais através de contatos com iniciados em Angola, bem como pelo estudo de línguas do grupo Bantu (como quicongo, quimbundo e umbundo) e das filosofias originadas em regiões onde se falam essas línguas (Capone 2016). O objetivo do presente trabalho é analisar como ocorre a revalorização e a transmissão ou difusão de saberes do universo banto através do uso de elementos e conceitos de diferentes línguas e tradições africanas nas letras de um dos Blocos afro que desfilam no carnaval oficial de Salvador desde a virada do século: Bankoma, que está ligado ao Terreiro São Jorge Filho da Gomeia (de tradição angola). As letras serão analisadas em comparação com as de grupos como Cortejo Afro e Ilê Aiyê, que nasceram dentro terreiros tradicionalmente ligados à língua iorubá.

OS ASPETOS SOCIOCULTURAIS DAS FESTAS NA RELIGIOSIDADE POPULAR BRASILEIRA: O CASO DA FESTA DO DIVINO NO CAMPECHE

RENATA SIJDA-AMBROZIAK - UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA

As festas constituem um dos fenômenos onipresentes e mais importantes na religiosidade popular brasileira, com a Festa do Divino sendo uma expressão religiosa estreitamente ligada com a imigração açoriana. A sua organização, ritmada e definida por ano litúrgico da Igreja católica e relacionada com Pentecostes, marca de uma maneira profunda as vivências e sociabilidades, especialmente nas comunidades de descendência açoriana, refletindo bem todas as mudanças (culturais, sociais e econômicas) que sofrem. Cada tentativa de tecer uma narrativa sobre a Festa do Divino significa a necessidade da imersão na vida da população local para entender o significado real da festa, não somente na vida dos indivíduos, mas também na vida de toda comunidade, com seus problemas, tensões, relações de poder. Assim as reflexões sobre a festa no bairro do Campeche de Florianópolis têm por objetivo apresentar não tanto a etnografia da festa, como mostrar o que ela reflete e diz sobre os seus organizadores e participantes que preservam esta tradição medieval até hoje.

QUINTA-FEIRA 23. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C

C1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

FEMININO NA LITERATURA

A FIGURAÇÃO DA MULHER NO ROMANCE DE 30 NO BRASIL: UM OLHAR PARA A OBRA DE AMANDO FONTES

MARISTELA SANCHES BIZARRO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A comunicação problematiza a figuração da mulher em *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes. O romance, crônica da industrialização do Brasil, retrata a impossibilidade de emancipação do operariado, a concepção moderna do corpo-ferramenta e o meretrício das mulheres da família que dá título à obra.

MÃES E FILHAS NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

KAROLINA VÁLOVÁ - FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA, REPÚBLICA TCHECA

Em 2011, Conceição Evaristo, uma escritora mineira contemporânea, lançou uma antologia de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. As narrativas não-lineares são caracterizadas por repetidos cortes temporais, em que passado e presente se imbricam. A autora é uma participante ativa dos movimentos de valorização da cultura Afro-Brasileira, o núcleo de cada história representa uma voz dum mulher negra que grita, sussurra, acusa, teme, mas também fala sobre os seus desejos e as esperanças. A palestra, influenciada pelos estudos de Edgar Cézár Nolasco, será concentrada nos laços entre as mães e as filhas e nos seus papéis na família e na comunidade refletindo “uma escrevivência”, um processo específico literário e criativo da autora.

VIVÊNCIAS FEMININAS NO ENTRE-LUGAR: UM ESTUDO DO ROMANCE "SAMBA DREAMERS" DE KATHLEEN DE AZEVEDO

CAROLINE FERNANDES-CAETANO - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/ UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, BRASIL

A presente comunicação aborda as identidades femininas deslocadas em *Samba Dreamers* de Kathleen de Azevedo (2006), considerado o primeiro romance brasileiro-americano publicado nos Estados Unidos em língua inglesa. O estudo tem como base as teorias sobre literatura e mobilidade encontradas nos trabalhos de William Luis (1997), Bharati Mukherjee (1999), Salman Rushdie (1999) e Eva Hoffman (1999), bem como teorias sobre antropologia e imigração encontradas na obra de Bernadete Beserra (2007). Para melhor entender a singularidade da literatura brasileiro-americana, contexto no qual o romance analisado se encontra, este estudo se fundamenta nas teorias de Antonio Tosta (2004, 2007, 2013). A investigação destaca duas personagens femininas - Carmen Socorro, figura que representa a primeira geração de imigrantes brasileiras nos Estados Unidos, e sua filha Rosea Socorro-Katz, representante da segunda geração nascida e criada no país norte-americano. A discussão busca analisar como os papéis vivenciados por elas, como por exemplo o papel de mulher, imigrante, brasileira, latina, filha de imigrante, deslocam estas personagens para um entre-lugar no qual elas poderão construir suas respectivas identidades. O objetivo deste estudo, além de trazer luz à emergente literatura brasileiro-americana, é salientar o espaço criado e habitado por personagens como estas e destacar as vivências da primeira e segunda geração de imigrantes brasileiras nos Estados Unidos.

CLARICE LISPECTOR E JOSÉ LUÍS MORA FUENTES: CORRESPONDÊNCIAS

THIAGO CAVALCANTE JERONIMO - UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL

Submeto à apreciação do comitê do III Congresso ABRE – Associação de Brasilianistas na Europa – uma proposta de comunicação acerca de produções de Clarice Lispector (1920-1977). Essa proposta, corpus do meu projeto de pós-doutoramento a ser realizado na Universidade de Aveiro, Portugal, sob supervisão do professor Paulo Pereira, partindo de posicionamentos críticos acerca da trilogia *Todos os contos* (2016), *Todas as crônicas* (2018) e *Todas as cartas* (2020), de Clarice Lispector, recupera para análise quatro correspondências da ficcionista que foram direcionadas ao escritor José Luís Mora Fuentes (1951-2009).

PARA ALÉM DA GERAÇÃO MIMÉOGRAFO, AS MULHERES POETAS E EDITORAS DOS ANOS 70

PRISCILA NOGUEIRA BRANCO - UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Quando pensamos a poesia brasileira produzida nos anos 70 no Brasil, a “geração mimeógrafo”, também conhecida como “geração marginal”, é o nome que nos vem à mente. São dois os principais livros que marcaram a história da época e que mantiveram o conhecimento das gerações futuras sobre os acontecimentos poéticos de

peso durante os anos de chumbo: a antologia de Heloísa Buarque de Hollanda, lançada em 1976, 26 poetas hoje, que, apesar de criticada negativamente naqueles anos, institucionalizou muitos poetas ali publicados e transformou alguns em cânone anos depois; e o livro do pesquisador Carlos Alberto Messeder Pereira, Retrato de época – poesia marginal, lançado no início dos anos 80, a partir de suas observações enquanto vivente daquele tempo e de uma caracterização dos grupos que formaram essa nomeada geração, como “Frenesi”, “Nuvem cigana”, “Vida de artista” e “Folha de rosto”.

C2 PAINEL

AS DOENÇAS, AS EPIDEMIAS E AS SOCIEDADES: A RESPOSTA DA HISTÓRIA (SÉCULOS XVI-XX)

A DOENÇA, O MEDO E O ESTIGMA NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

ALEXANDRA ESTEVES - UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA/UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL

Com o presente trabalho pretendemos mostrar como, na segunda metade do século XX, a doença continuou a ser motivo de estigmatização e de discriminação de grupos sociais minoritários. Nesse sentido, e dando particular relevo à realidade portuguesa, propomo-nos realizar um estudo centrado no HIV/SIDA, enfermidade que, durante muito tempo, foi usada como fator de marginalização e até como pretexto para a perseguição de minorias, às quais era associada. À semelhança do que sucedeu noutros países, também em Portugal, onde o primeiro caso foi registado em 1983, a população reagiu com medo e desconfiança em relação à doença e aos infetados, sentimentos para os quais terão contribuído a novidade e a falta de informação sobre a enfermidade, bem como as representações que sobre ela se construíram. Para a concretização do nosso estudo, tencionamos recorrer, nomeadamente, a relatórios produzidos pela Direção-Geral da Saúde, às publicações médicas e às notícias divulgadas pela imprensa portuguesa nos anos 80 do século passado.

MATERIALIDADES DAS PRÁTICAS DE VIDA DOS EMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL (SÉCULO XVIII)

MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO - UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL

Sinais do enriquecimento alcançado, o património dos emigrantes portugueses no Brasil do século XVIII é demonstrativo da capacidade financeira que possuíam, mas igualmente do conforto de que se rodeavam. Simultaneamente, as materialidades estudadas apontam para formas de vida, níveis de riqueza e quotidianos marcados por uma vida ligada à lavoura, mas simultaneamente em alguns casos também ao comércio. Como a historiografia tem vindo a demonstrar, a maioria dos portugueses emigrantes na colónia sul-americana não conseguiu este nível de riqueza, bem pelo contrário, os que regressavam ou lá permaneceram ricos foram uma percentagem muito limitada. Analisamos, por conseguinte, uma fatia pequena dos que partiram. As fontes que permitiram este estudo são os livros de atas, os livros de títulos e os testamentos existentes nos arquivos das Misericórdias.

EVIDÊNCIAS DE CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE SABERES FARMACOLÓGICOS E MÉDICO-CIRÚRGICOS EM UM MANUSCRITO ANÔNIMO (AMÉRICA PLATINA, SÉCULO XVIII)

ELJANE CRISTINA DECKMANN FLECK - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS, BRASIL

Nesta comunicação, apresentamos a análise dos capítulos que compõem o Libro de Cirugia, de 1725, um manuscrito de medicina e farmácia ainda inédito e anónimo, identificando e discutindo as evidências da apropriação de autores clássicos e contemporâneos pelo autor-compiler, bem como os registros feitos sobre as práticas curativas nativas. Seus capítulos apontam para a existência de uma rede de circulação de conhecimentos de medicina, cirurgia e botânica entre a América Platina e a Europa, fomentada, em grande medida, pela Companhia de Jesus, sendo que muitos de seus membros produziram receituários, tratados de medicina e cirurgia e manuais de botânica médica. A divulgação e a análise deste manuscrito contribuem, portanto, para a reconstituição da cultura científica vigente na América platina do Setecentos, principalmente, no que concerne à circulação de saberes e de práticas medicinais que eram empregados nas reduções jesuíticas da Província Jesuítica do Paraguai e em outras regiões do Império colonial espanhol no Novo Mundo.

LUZ DA MEDICINA E ENFERMIDADES FEMININAS: FRANCISCO MORATO ROMA E A PRÁTICA DE CURAR EM PORTUGAL NA ÉPOCA MODERNA

MARIA DE FATIMA MARQUES DIAS ANTUNES DOS REIS - FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL

Francisco Morato Roma, autor da Luz da Medicina, publicada em 1664, com várias edições, sendo a última conhecida de 1753, médico real e do Santo Ofício, apresenta nesta obra um “tratado único” destinado às “doenças

particulares” das mulheres. Descobrimo o potencial histórico deste género de composições, procura-se compreender as conceções do corpo e as doenças femininas, assim como as terapêuticas propostas, no quadro da ciência e moral do tempo. A análise realizada contribui para entender a relação entre saber médico e discurso religioso no caso das enfermidades das mulheres, partindo de um texto que circulou e se prolongou no tempo, sendo rececionado na América portuguesa. Atentando na problematização histórica do parto observa-se o cruzamento do saber empírico das parteiras e do conhecimento médico especializado na representação do corpo feminino na época moderna.

DAS RUAS PARA A ENFERMARIA: HOSPITAIS, IDENTIDADE E RITUALIZAÇÃO DO CORPO DOENTE NO PORTO E LISBOA DURANTE A IDADE MODERNA

LUIS GONCALVES FERREIRA - UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL

Durante o período moderno, vestir uma roupa definida por instrumento normativo era comum em pessoas com determinados privilégios ou certos enquadramentos institucionais. Doentes de hospitais, mulheres que habitavam recolhimentos, meninos e meninas residentes em orfanatos, estudantes, membros do clero regular e secular eram alguns dos grupos que vestiam, de forma definitiva ou passageira, um traje normalizado. As instituições de assistência e as fundações monástico-conventuais apresentavam outras semelhanças desde a arquitetura dos edifícios e áreas comuns até às práticas comunitárias do quotidiano.

A historiografia tem demonstrado a importância da roupa enquanto mecanismo de ritualização e demarcação dos grupos sociais durante o Antigo Regime. Numa sociedade maioritariamente analfabeta e fortemente hierarquizada segundo um sistema e privilégios, os símbolos adquiriam uma importância estrutural à comunicação e percepção das relações de poder. O vestido funcionava como um elemento segregador dos corpos sociais, mas também consignava mensagens de agregação em redor de signos identitários comuns entre pessoas do mesmo grupo. Apesar das fricções internas criadas pela moda e o desejo de competição, os trajes impostos por uma regra funcionavam como um mecanismo de regulação dos códigos semióticos emanados pelos corpos vestidos. Assim, procurava-se disciplinar as diferenças de aparência que atribuíam individualidade a um “corpus” considerado unitário. Tomar um “hábito” era, por isso, um ritual de passagem de uma identidade anterior para um novo “estado”, com costumes, normas, sociabilidades e relações de poder distintas dos anteriores.

Durante o processo de entrada no hospital, os doentes eram despidos das roupas do quotidiano e os seus corpos eram normalizados por um traje. Apesar de regularmente separados entre alas masculinas e femininas, homens e mulheres faziam parte de um mesmo “corpus” identitário (doentes) e usavam as mesmas tipologias de indumentária. Através da comparação das roupas descritas nos registos de entrada de doentes e o vestuário estatuído pelos regimentos do Hospital D. Lopo de Almeida (Porto) e Hospital Real de Todos os Santos (Lisboa), este trabalho pretende debater o corpo vestido destes indivíduos e problematizar a dimensão simbólica, ritual e funcional da aparência dos doentes enquanto permaneciam dentro daquelas instituições.

SABER MÉDICO E DOENÇAS NA CASA DOS EXPOSTOS DO RIO DE JANEIRO (1902-1918)

GISELE SANGIARD - FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, BRASIL

Este trabalho tem por objetivo estudar a questão da mortalidade infantil na Casa dos Expostos da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Para tal, se baseará nos registos dos livros de entrada de crianças e, sobretudo, no livro de óbitos. A análise destes dados permitirá conhecer melhor o cotidiano da instituição, as doenças que mais afligiam os internos e a influência do saber médico; bem como o impacto das epidemias – notadamente a da gripe espanhola de 1918.

C3 PAINEL

IMAGENS E VISUALIDADES NO BRASIL (SÉCULOS XVIII-XX)

As pesquisas que compõem este painel enfocam os sentidos das imagens em diferentes suportes, materialidades, iconografias, debates estéticos, funções e usos sociais. Estes estudos remetem a campos de saber distintos que se entrecruzam: da história da arte à história natural, passando pela museologia; da azulejaria ao papel, passando pelas grandes telas a óleo. Em conjunto, as pesquisas indicam os sentidos das imagens e a constituição de sua visualidade, enquanto a compreensão social partilhada das imagens que é historicamente constituída. Esta articulação entre imagens e visualidades trazem à baila o debate acerca das operações de memória e esquecimento aí enredadas e certos protocolos de escrita de uma história transnacional das imagens.

CARIDADE CRISTÃ E REPRESENTAÇÃO: AS OBRAS DE MISERICÓRDIA NA ARTE DOS SÉCULOS XVIII E XIX EM PORTUGAL E NO BRASIL

TANIA C. TRIBE - SOAS - UNIVERSIDADE DE LONDON

A primeira confraria da Misericórdia foi fundada em 15 de agosto de 1498 sob a proteção de Dona Leonor, viúva do rei Dom João II, e de seu irmão, o Rei Dom Manuel I, durante um período de expansão das navegações, em que um grande fluxo de pessoas chegando a cidades portuárias como Lisboa levava a um aumento dos moradores de rua, favorecendo as enfermidades, e a um grande número de viúvas, órfãos e presos devido a batalhas e

naufrágios. Inspirada por instituições medievais semelhantes, como na Toscana, Dona Leonor instituiu uma Irmandade de Invocação à Nossa Senhora da Misericórdia, a ser regida por “homens de boa fama e sã consciência e honesta vida”, que assumia o compromisso de apoiar os mais desfavorecidos por meio das 14 obras de Misericórdia, sete espirituais e sete materiais. Ainda no século XVI, no Brasil, a necessidade de internação de pacientes pobres, sem família nem moradia, levou à criação das Santas Casas da Misericórdia na colônia, onde elas mantiveram os princípios e práticas adotados em Lisboa: em Olinda, em torno de 1539; Santos, em 1543; Bahia, em 1549; Rio de Janeiro, também em meados do século XVI. Em que pese o objetivo caritativo, porém, as Misericórdias mantiveram, nos dois lados do Atlântico, características de instituição de elite, exigindo processos de “limpeza de sangue” afim de promoverem apenas a inclusão de cristãos e a erradicação de judeus, e a “purificação espiritual” do território português. O surgimento das Santas Casas no Brasil refletiu a política de ocupação de terras da Coroa portuguesa, com a intervenção direta de fidalgos da pequena nobreza e, mais tarde dos Vice-Reis, e lançou as bases da “hierarquia da caridade” que iria se perpetuar no Brasil do século XIX. A criação de um discurso iconográfico capaz de comunicar a ideologia cristã vigente enquanto, ao mesmo tempo, criava espaços estéticos de grande beleza e mantinha os privilégios da elite governante, contribuiu para o processo de manutenção da ordem social vigente. Entre os temas visuais mais importantes associados às instituições de caridade destacou-se a iconografia da Senhora da Misericórdia, ou Mater Omnium, representada com o manto aberto e suspenso por anjos, e abrigando representantes de todas as classes sociais, desde papas e reis até burgueses e mendigos, iconografia que se multiplicou na arte portuguesa a partir de 1500 (aparecendo em retábulos, bandeiras de Misericórdia, baixos-relevos, iluminuras, azulejos), e também nas possessões ultramarinas, desde a Índia e Marrocos até a costa africana e o Brasil. As representações das 14 Obras de misericórdia tornaram-se também extremamente importantes, sendo pintadas em monumentais conjuntos de azulejos encomendados em Lisboa para a decoração de Misericórdias como a de Arraiolos ou a de Viana do Castelo. O presente artigo debate o conteúdo discursivo dessas representações da caridade no final do século XVIII e início do XIX e sua recepção na colônia brasileira. Examina também o contexto social em que elas foram usadas, considerando em particular as ambiguidades e contradições presentes no uso de uma iconografia de amor cristão em situações sociais que eram essencialmente discriminatórias, como a das Misericórdias, e mesmo escravocratas, como a das Ordens Terceiras de São Francisco no Brasil colonial. O texto considera também o significado das obras de misericórdia quando encomendadas para propriedades particulares, como nas fazendas coloniais. Em particular, na capela da Fazenda Boa Esperança, propriedade do Barão de Paraopeba, em Belo Vale, Minas Gerais, cujas paredes e teto Mestre Ataíde (1762-1830), importante artista do barroco mineiro, cobriu com as Obras de Misericórdia.

ALEGORIAS DE UM NEOCLASSICISMO BRASILEIRO

FELIPE NEY - EHESS. PARIS & EBA-UFRJ

A Academia Imperial de Belas Artes, 1826, no Rio de Janeiro, modelada, física e institucionalmente pelo modelo de arte neoclássica francesa, soterrou o ambiente cultural barroco brasileiro, que ainda se estendia pelo século XIX. Porém, é possível identificar, especialmente no arquiteto Grand Jean de Montigny, uma certa liberdade quanto aos padrões da Academia, e que nos indica que tanto o corpo social e técnico da produção arquitetônica preexistente não apenas influenciou, e sim determinou um neoclassicismo híbrido no Brasil, sob cujas aparências áureas pulsava o drama barroco brasileiro.

A IMAGEM COMO EXPERIMENTO E ALTERIDADE: EM TORNO DE HERCULE FLORENCE

IARA LIS SCHIAVINATTO - UNICAMP

As balizas da história natural atravessavam a cultura visual das décadas de 1800 e 1820 na corte do Rio de Janeiro, inclusive com uma plataforma institucional referida no estabelecimento do Jardim Botânico e do Museu Real. Entre tais balizas, se destacam a importância crescente do desenho, o apreço pela coleção como resultado último de uma expedição naturalista e a impressão dos textos resultantes das pesquisas em história natural – sendo a edição da Flora Fluminensis de frei José Mariano da Conceição Veloso, entre 1825 e 1831, um ponto alto deste processo.

O desenho surgia como uma proposta pedagógica de uma linguagem visual na formação letrada de parte dos filhos das elites do Rio de Janeiro, tal qual propunha o Compendio Científico para a Mocidade Brasileira destinado ao uso das Escolas dos Dois Sexos ornado de nove estampas acomodadas às Artes, e Ciências, publicado em 1827 nesta corte. No entanto, cabe apontar que esta linguagem visual aparece em outras instâncias sociais. A prancha Mercado de Escravos de Johan Moritz Rugendas reúne uma série de ações de uma cena cotidiana do comércio de escravizados recém desembarcados de África no Valongo, no porto do Rio de Janeiro. À esquerda, um negro, sobrevivente da situação de tráfico, desenha na parede deste mercado e se vê mais desenhos já feitos nesta imensa superfície. Tal prancha aquarelada e depois gravada de Rugendas se atrelou à sua obra feita, em função da contratação pelo barão e viajante experimentado Georg Heinrich Langsdorff, como primeiro desenhista desta caravana de estudos pelo Brasil, realizada entre 1825 e 1829. E não deixa de se inserir em sua obra imagética aliada à campanha abolicionista transatlântica.

Considerando estas balizas desta iconosfera marcada pelos trânsitos culturais, gostaria de apresentar dois argumentos sobre a produção imagética do franco-monegasco Hercule Florence (1804-1875). Ele dedicou boa parte de sua vida a uma experiência intensa e diversificada sobre a produção e circulação das imagens. Ele

se radicou no Brasil a partir de 1824. Foi um dos desenhistas da expedição do barão Langsdorff, junto com Rugendas e Aimé Taunay, que percorreu diferentes biomas do país. Hercule Florence é reconhecido pelo seu apurado senso de observação na elaboração da documentação visual desta expedição e organizou a coleção do material desta caravana remetida à Academia de Ciências de São Petersburgo.

Indico alguns aspectos que ele conferiu ao tratamento dos subalternos, considerando sua documentação referente à expedição, em contraponto a uma retratística realizada, sobretudo entre as décadas de 1820 e 1840, na região hoje de Campinas. Aqui, exploro a importância do local (in locu) nos processos de fatura da imagem, inclusive tecnicamente reproduzida, e o lugar do outro nestas formas de representação.

“INDEPENDÊNCIA OU MORTE”, DE PEDRO AMÉRICO: DIÁLOGOS COM A ARTE EUROPEIA

MICHELLI SCAPOL MONTEIRO - USP

A tela “Independência ou Morte”, realizada por Pedro Américo de Figueiredo e Mello entre 1886 e 1888, e pertencente ao acervo do Museu Paulista da USP, é uma das obras de maior destaque desse conhecido pintor e a sua representação compõe o imaginário sobre a independência do Brasil. A obra foi pintada em Florença, na Itália, por um artista que mantinha um rico diálogo com a História da Arte, e recorria a referências formais de outros artistas para solucionar questões estéticas nas suas pinturas. Considera-se, assim, que “Independência ou morte” pode ser tomada como um elo entre os contextos europeus então considerados civilizados e referenciais para a produção artística brasileira. Diversos autores apontaram os nexos existentes entre tal pintura e “Friedland, 1807”, obra de Ernest Meissonier, que pertence ao acervo do Metropolitan Museum of Art de Nova York. A comunicação pretende demonstrar que o repertório de Pedro Américo era ainda maior e, para isso, evidenciará as aproximações com a produção de pinturas históricas, especialmente italianas e francesas, que potencialmente serviram de referência visual do pintor brasileiro para compor a sua obra, aprofundando assim o conhecimento das relações de pintor com a produção europeia que lhe era contemporânea. O trabalho é resultado de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento, financiada pela FAPESP, que tem o propósito de reconstituir as condições de produção e circulação de “Independência ou Morte”, de modo a qualificar o tratamento de acervos no âmbito das atividades do ciclo curatorial.

BANDEIRANTES EM AZUL E BRANCO: REPRESENTAÇÕES DE SERTANISTAS PAULISTAS EM PAINÉIS AZULEJARES NO SÉCULO XX

PAULO CÉSAR GARCEZ MARINS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO / MUSEU PAULISTA

O processo de consagração das figurações dos bandeirantes paulistas na cultura visual brasileira do século XX teve percursos variados. Embora fossem muito rígidas as convenções iconográficas estabelecidas pelas pinturas e esculturas encomendadas para o Museu Paulista desde 1903 - que estabeleceram e enrijeceram características raciais, de indumentária e de pose corpórea - muitos outros suportes foram utilizados para a veiculação de imagens dessa personagem. Essa disseminação alcançou tanto expressões características do século XX, como cartazes, publicações ilustradas e objetos industrializados de decoração, quanto formas tradicionais de expressão visual, como os painéis azulejares figurativos. Esse tipo de painéis, de uso recorrente em claustros conventuais e em naves, capelas mores e sacristias de igrejas ornados com conjuntos provenientes de Portugal durante o século XVIII, foram retomados no Brasil a partir da década de 1910 por estímulo do movimento neocolonial. Este trabalho, que integra uma pesquisa mais ampla financiada pela FAPESP sobre a produção e difusão de imagens representando bandeirantes, se concentra no exame de painéis localizados na cidade de Itu (situados no Museu Republicano e na antiga Prefeitura Municipal), de modo a compreender o perfil dessas figurações em cenas de episódios históricos, apropriação peculiar aos painéis azulejares em relação às pinturas e esculturas, quase sempre veiculadoras apenas do personagem em retrato individualizado.

C4 PAINEL

VOZES NEGRAS NA LITERATURA E NO CANTO (II)

O painel propõe um espaço em que a interação entre diferentes pesquisas sobre as literaturas de autoria negra, tanto em seus registros próximos das manifestações populares, do canto e da cantiga, como naqueles usualmente enquadrados na chamada alta literatura, possa fazer vir à tona a força conjunta dessas expressões ao longo da história do Brasil. Rompendo com as dicotomias erudito/popular e alto/baixo, a proposta é procurar as mesclas e/ou os pontos de aproximação – e, eventualmente, de distanciamento – entre registros dispersos em diferentes campos da produção artística e literária e que se processaram, por vezes, de forma individual – mas que podem ser vistos em outra chave se colocados em uma perspectiva afro-diaspórica, que procure uma visão integrada de seus aspectos estéticos, sociais, políticos e cosmológicos.

A PESQUISA AFRO-BRASIL NA REVISTA DO CREPAL ; LANÇAMENTO DO N°21 DA REVISTA (2021) SOBRE MICHEL LABAN AS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ILDA MENDES DOS SANTOS – CREPAL E AGNÈS LEVÉCOT – CREPAL

As duas falas integram uma mesma apresentação : Ilda Mendes dos Santos fará uma síntese da matéria africana desenvolvida na revista do Crepal ; Agnès Levécot apresentará o último número da revista do CREPAL, homenageando a obra de africanista de Michel Laban (lançamento 2021), e de sua contribuição para a compreensão das literaturas negras de língua portuguesa no mundo todo.

MÚSICA TRADICIONAL E LITERATURA DA HUÍLA.

ANA MARIA MARTINHO GALE, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Propomo-nos apresentar o grupo de música tradicional Ovakai Vokoneve, da Huíla, Angola, constituído por 22 mulheres que celebram os rituais de passagem e as cerimónias ligadas aos ciclos de fertilidade. Iremos explorar possibilidades associativas entre estes cantos e textos literários orais recolhidos na região por diversos escritores e etnógrafos e por eles traduzidos e fixados.

CORPO-TEXTO E (EN)CANTO

TIGANÁ SANTANA – INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS E MILTON SANTOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Esta comunicação concentrar-se-á na ideia fundamental de que corporalidades negras, na afrodiáspora brasileira, sobretudo, em contexto de manifestações culturais coletivas, são textos (tecidos ou complexos de linguagem, expressão, invenção e memória) que, ao cantarem (o que não acontece de forma separada de dançar, estar em cena, escrever/inscrever etc.), são, a um só tempo, registro do que pode chegar ao imemorial e acontecimento inaugural que pode legar ressonâncias.

CAROLINA MARIA DE JESUS, POETA E CACIONEIRA POPULAR

RAFFAELLA FERNANDEZ – PÓS-DOCTORA EM ESTUDOS CULTURAIS (PACC/ UFRJ). DOCTORA EM TEORIA E HISTÓRIA DA LITERATURA (IEL/UNICAMP) COM ESTÁGIO DE DOUTORADO NO INSTITUTE DE TEXTES ET MANUSCRITS MODERNES (ITEM/ CNRS) NA ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE DE PARIS.

Tendo em vista cosmogêneses negro-brasileiras na autoria da diferença celebrada em canções e poemas de Carolina Maria de Jesus (191?- 1977), discorrerei sobre os aspectos cancionários em sua obra como expressão de uma coletividade negra diaspórica. Assim como, sobre o debate racial no contexto latino-americano como parte de uma ancestralidade que se(in)scribe como resistência e emancipação atemporal desde Abya-Yala.

C5 PAINEL

DESMANCHES E DISSOLUÇÕES: PERCURSOS BRASILEIROS

O painel recupera processos de desmanche, reordenamentos e rearranjos de políticas, instituições, práticas em diferentes setores da sociedade e Estado no Brasil, abordando habitação, ciência e tecnologia, dimensões jurídicas e perda de direitos que conformam a excepcionalidade brasileira. Espera-se que a partir de contribuições nessas diferentes áreas seja possível apreender linhas transversais que explicitem os sentidos desses desmanches e rearranjos tornando explícitos ações que atingem atores, instituições, processos. Essas linhas transversais permitem recuperar um sentido comum que desfaz conquistas, põe por terra legalidades, instiga novos modos de gerir ilegalismos, na busca de um ordenamento sociais que desconstrua práticas, dinâmicas, processos constituídos no que se pode reconhecer com parte da literatura sobre o Brasil como “a era das invenções”.

O DESMANCHE DAS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO NO BRASIL

CIBELESALIBA RIZEK – BRASIL

Busca-se recuperar o labirinto cujo fio pode ser identificado como um processo de desmanche das políticas anteriores de habitação social e sua substituição pela Nova Lei de Regularização Fundiária de 2017, incorporada ao Programa Casa Verde e Amarela pelo atual governo. Importa ressaltar que faz parte desse desmanche a dissolução do Ministério das Cidades, criado no Primeiro Governo de Luis Inácio Lula da Silva, assim como a dissolução e/ou encolhimento e inviabilização das obras em andamento por ocasião do impedimento da Presidente Dilma Rousseff. Cabe ainda buscar compreender os sentidos desse desmanche de uma política habitacional, assim como os meandros pelos quais se procura deslegitimar os movimentos de moradia – movimentos esses que tiveram importância no embate e nas manifestações contra o Golpe de 2016 e contra as medidas implementadas na área das políticas sociais pelos governos Temer e Bolsonaro. Tal desmonte se desdobra em um conjunto de outras medidas que dizem respeito à utilização das políticas sociais, inclusive aquelas instituídas pelos governos petistas e lulistas (o que se estende à titularização da propriedade de imóveis e às políticas de transferência de renda e auxílios emergenciais) como garantia para um processo crescente de endividamento e de criação de nichos do que se poderia reconhecer como “financeirização” da pobreza, acoplada ao uso crescente de cartões de crédito e formas digitais de pagamento, seus fluxos e formas de circulação. Trata-se ainda de mencionar que uma espécie de avesso das políticas de habitação social que tiveram seu ápice no significativo número de despejos

que ocorreram durante a pandemia de SARS-COV 2 nas grandes cidades brasileiras, o que se desdobrou em significativo movimento de resistência intitulado Despejo Zero, a ser contemplado pela comunicação a ser apresentada.

A DEMOCRACIA INFRAQUECIDA DO BRASIL DE BOLSONARO E A JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO COMO ANTÍDOTO

BOTTONI SIMONA - ISAG, ITÁLIA

Com a presidência de Jair Bolsonaro, a democracia no Brasil está em risco também devido ao fracasso na implementação da justiça de transição (a identificação e punição de membros das Forças Armadas que cometeram crimes e que violaram os direitos humanos de opositores do regime militar que durou cerca de vinte anos no século XX) e ao projeto autoritário do presidente. O texto propõe uma análise desse contexto.

OS DESAFIOS PARA OS ANTIRACISTAS NO BRASIL DE BOLSONARO

DAVID TREECE - KING'S COLLEGE LONDON, REINO UNIDO

A análise da virada neo-racista recente mostra que, embora sintomáticas do projeto retrógrado do bolsonarismo, mudanças de discurso e política oficial expõem uma continuidade subjacente na racialização classista da sociedade que, ao priorizar a ação afirmativa, a pauta antirracista falhou em abordar.

NOVA RAZÃO FINANCEIRA NA PROMOÇÃO PÚBLICA DE HABITAÇÃO? UMA ANÁLISE DA AGÊNCIA CASA PAULISTA.

OTA HUANA CARVALHO - ENTP/UMR 5600 EVS/UNIVERSITÉ DE LYON, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FRANÇA E BRASIL.

Em 2020, em meio a crise econômica e sanitária, o governador do Estado de São Paulo encaminhou um projeto de lei, posteriormente aprovado, para a extinção de algumas entidades descentralizadas, dentre elas a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano de São Paulo (CDHU). O anúncio do fim desse operador histórico da política habitacional consolida um desenvolvimento recente da promoção de habitação social que se estabeleceu com o programa federal Minha Casa Minha Vida. Trata-se do deslocamento da produção habitacional dos promotores públicos para os promotores privados. Do ponto de vista da política estadual, tal deslocamento significou uma focalização nas esferas do financiamento e da demanda social que tem resultado na proposição de novos instrumentos financeiros para o subsídio à demanda. É o que pode ser observado pelo estudo da criação da Agência Casa Paulista e do instrumento de PPP Habitacional em 2011. Decorrente do desmembramento do serviço de planejamento da CDHU, a agência tinha como objetivo a captura de investimentos privados e foi encarregada da gestão dos fundos envolvidos na contrapartida estadual ao programa MCMV. Foi nesse contexto que o organismo propôs o modelo de financiamento habitacional baseado no instrumento de PPP. Criou-se assim um sistema de garantias envolvendo o setor bancário na securitização da carteira de crédito habitacional da CDHU e de um patrimônio imobiliário estadual. Esse desenvolvimento dos operadores da política habitacional paulista nos permite propor uma reflexão sobre a financeirização das políticas públicas como uma nova razão financeira que vem sendo fabricada não externamente, mas no interior dos atores estatais. Baseando-se em entrevistas semi-dirigidas conduzidas com diferentes atores (23) e uma pesquisa documental (arquivos pessoais, publicações jurídicas e institucionais), a análise se inscreve numa tese de doutorado nas áreas de análise de políticas públicas e estudos urbanos.

O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA E A BIOPOLÍTICA: NOTAS SOBRE A SELEÇÃO TÉCNICA DOS BENEFICIÁRIOS, PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E O DEIXAR/FAZER MORRER NAS MARGENS DA CIDADE

THALLES VICHATO BRENDA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, BRASIL

Este artigo tem por objetivo discutir as relações contemporâneas entre a produção do espaço urbano, das sociabilidades urbanas e suas relações com a biopolítica (Foucault e Agamben) - via política habitacional. Para tanto, analisamos o funcionamento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), sua relação com a produção do espaço urbano e o público (produzido) atendido, especialmente os mais pobres (Faixa 1), por meio de análise documental e etnografia. O PMCMV foi criado em 2009, durante o Governo Lula (Partido dos Trabalhadores - PT), e entrou em declínio após o Golpe de 2016, que destituiu a presidenta Dilma Rousseff (PT). Presença marcante nas cidades brasileiras, o programa produziu cerca de 5,5 milhões de unidades habitacionais e hoje, no governo Bolsonaro (sem partido), encontra-se em rota de extinção. Analisando seu funcionamento, notamos uma triagem "técnica" que seleciona a população mais pobre, majoritariamente negra, e as conduz para os bairros localizado nas periferias urbanas (históricamente estigmatizadas), onde a terra é mais barata e o lucro é maior para as empreiteiras. Este modelo é consequência direta da privatização dos financiamentos públicos e da gestão privada do social. Como resultado, ao deslocar os beneficiários para tais áreas, o estigma os acompanha, produzindo, no imaginário social o sujeito periférico, preto, pobre e potencialmente violento e criminoso. A produção de tal identidade torna o sujeito indesejável, descartável, passível de intervenções estatais e policiais, do controle carcerário e execuções sumárias que não incomodam, ou até mesmo são desejadas, pelos moradores (brancos) da cidade consolidada. Observamos a produção da vida nua e o fazer morrer (Agamben). Nota-se as intersecções entre raça, classe e local de moradia neste processo. Concluindo, o PMCMV Faixa 1 colabora incisivamente para

a produção de bairros periféricos estigmatizados e, por consequência, da estigmatização e desumanização de seus moradores.

C6 PAINEL

ECONOMIA DO LIVRO: DIÁLOGOS POLÍTICOS E RELAÇÕES CULTURAIS NO BRASIL (II)

O livro se afirma, cada vez mais, como um objeto de pesquisa para os historiadores, sociólogos, beletristas e outros pesquisadores das ciências humanas e sociais. Os trabalhos das respectivas áreas se diversificam nas perspectivas econômica, política, e cultural, e essa realidade não poderia ser diferente para os estudos brasilianistas. A história do Brasil passa pela relação da sociedade com as mídias impressas. Estas, por seu turno, dinamizam desde atividades do comércio e da indústria, passando pelas redes educacionais e culturais que promovem o seu consumo, até chegarmos em instituições e organizações políticas nas quais o livro se torna um instrumento de ação. Em todas essas esferas os circuitos do impresso e, de modo particular, do livro estabelecem redes que conectam a realidade brasileira e seus sujeitos nacional e internacionalmente.

Consideramos para este painel a ideia de economia do livro, tal como a conceberam Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, em *O Aparecimento do Livro*, de 1958. O livro, a partir dessa abordagem, deve ser entendido como fermento que mobiliza relações humanas de produção e sociabilidade, podendo contribuir para o surgimento de processos de transformação social. No que diz respeito à tradição brasileira, e brasilianista, é preciso lembrar o estudo clássico de Laurence Hallewell, cuja análise se voltou preferencialmente para os profissionais do livro, com especial atenção para os editores.

Com a proposta do painel, pretendemos reunir pesquisadores que se dedicam a construir uma história do livro no Brasil. A este campo de estudos interessa agregar pesquisas de diferentes áreas em uma perspectiva de debate sobre o livro e seu papel em relação aos circuitos de produção e circulação livreira, trajetórias individuais e coletivas de intelectuais e profissionais do livro, circulação de ideias, conceitos e debates a partir de edições, bem como a relação do livro com trocas diplomáticas, movimentos sociais, bibliotecas e instituições.

POR UMA HISTÓRIA EDITORIAL DO MODERNISMO BRASILEIRO: UMA INTRODUÇÃO

NELSON SCHAPOCHNIK - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A aproximação do centenário da Semana de Arte Moderna, fato-fatal da história cultural brasileira, convida como toda efeméride, a pensar em alguns aspectos ainda não contemplados pela tradição celebrativa. Sua história e, por extensão, a do Modernismo foi objeto de muito estudos consagrados. Eles possibilitaram a revisão da falácia fundacional excessivamente e/ou equivocadamente paulista e indicaram a amplitude do modernismo para outras unidades da federação. Em grande medida, as pesquisas se concentraram na história dos textos e das artes plásticas, na sua reconstituição filológica-genética, nas convenções estéticas e na recepção crítica, notadamente ancorado no estudo das revistas e nos padrões de sociabilidade evidenciados por meio do estudo da correspondência. Esta comunicação tem por objetivo apresentar algumas linhas de força de uma pesquisa em andamento que se debruça sobre a história da edição dos livros modernistas, com ênfase na atuação da Casa Mayença, responsável entre outras, pela produção de livros de Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Paulo Prado.

A RECEPÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA NA FRANÇA ENTRE 1970 E 2000

MARIA TEIXEIRA - UNIVERSITÉ PARIS-SORBONNE

Entre anos de 1970 e 2000, houve um aumento significativo de traduções de obras literárias brasileiras na França. Pensamos que este fenômeno se deu graças a uma rede de circulação formada por diferentes atores. Para compreender estas relações, utilizamos uma metodologia de dimensão interdisciplinar no âmbito dos estudos de recepção. Analisamos de forma sistemática acervos privados, jornais e testemunhos. Nosso intuito é de identificar o lugar reservado à literatura brasileira no campo da literatura estrangeira na França. Deste modo, poderemos contribuir para a análise da situação da literatura brasileira no mapa mundial das literaturas.

A DIFUSÃO DO PENSAMENTO CATÓLICO FRANCÊS PELA LIVRARIA DUAS CIDADES ENTRE 1954 E 1969

HUGO QUINTA, UNIVERSIDADE UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Fundada em 1954 por Frei Benevenuto de Santa Cruz, a Livraria (e editora) Duas Cidades existiu até 2006 na cidade de São Paulo. Entre 1954 e 1969, o catálogo planejado pelo livreiro-editor dominicano conduziu publicações de obras renovadoras do pensamento cristão francês, tarefa que não era realizada por nenhum dos outros selos católicos existentes no Brasil. Levando em consideração esse contexto, a proposta desta comunicação visa apresentar a trajetória do religioso que fundou a livraria e editora e o programa editorial da casa nos quinze primeiros anos de sua existência, de modo a demonstrar como as publicações de autores católicos franceses renovaram a filosofia e teologia desse período, formando religiosos e leigos cristãos brasileiros.

TRADUZINDO O TERCEIRO MUNDO: AUTORES BRASILEIROS NO CATÁLOGO DE FRANÇOIS MASPERO

FELIPE CASTILHO, UNIVERSIDADE DE HAMBURGO E UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Ao lado da difusão de textos literários latino-americanos na Europa, bem como do cinema, os assim chamados booms da literatura e do cinema, os anos 1960 e 1970 viram um momento de grande circulação de textos políticos do subcontinente. Uma grande parte desses textos tinha relação com a difusão internacional da guerrilha latino-americana, atuando na constituição mesma de um imaginário em torno da figura do guerrilheiro latino-americano, por um lado, e da América Latina como um continente em revolução de outro. Em meio a esse contexto, diversos títulos de autores brasileiros chegaram às livrarias parisienses e alimentaram o debate em torno da revolução no Terceiro Mundo.

Na constituição desse cenário, a figura da editora de François Maspero desempenhou um importante papel. Tendo se constituído, a partir de sua fundação, em 1959, como um dos principais divulgadores das ideias da guerra de libertação da Argélia, ao lado das Éditions de Minuit, Maspero ficaria, mais tarde, ligado à imagem do maio de 1968. A editora, que possuía figuras como Louis Althusser no seu rol de autores e diretores de coleção, tornou-se a responsável pela tradução ao francês de diversos autores paradigmáticos do pensamento militante brasileiro, como Paulo Freire, Francisco Julião e Augusto Boal.

A apresentação buscará levantar alguns dados e explorar, ainda que de maneira seminal, as traduções de autores políticos brasileiros no “contexto de catálogo” da editora Maspero, apontando para as possibilidades de análise de livros militantes no campo da História do Livro, da Edição e da Leitura, majoritariamente voltada à investigação das edições de literatura, bem como defendendo o uso dos livros não apenas como objeto, mas como fonte documental para os estudos históricos.

TRADUÇÕES CULTURAIS DA COLEÇÃO CULTURA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: OS CASOS DE RAYMOND WILLIAMS E JACQUES LAMBERT

MARIA RITA TOLEDO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

O objetivo da exposição é analisar e descrever o regime de tradução de diferentes autores editados na Coleção Cultura, Sociedade e Educação (CCSE), dirigida por Anísio Teixeira (1968-1971), entre eles, Raymond Williams e Jacques Lambert. O regime de tradução instaurado na CCSE, de um lado, ocorreu durante o processo de reorganização das regras do “bem traduzir”, instauradas pela profissionalização dos tradutores (entre as décadas de 1940 e 60), e, por outro, estabeleceu uma política editorial, cujo cerne era o de ressignificar o conjunto de autores e títulos selecionados pelo seu diretor para estabelecer uma ordem discursiva de resistência ao “terrorismo cultural” que o regime civil-militar havia instalado no Brasil. Para tanto, toma como fonte os documentos do acervo da Companhia Editora Nacional, os livros da própria coleção e a correspondência entre Anísio Teixeira com a Nacional e com outros intelectuais.

C7 PAINEL

NOVAS QUESTÕES DE SEGURANÇA E DEFESA NO BRASIL

O objetivo do painel é contribuir para o debate sobre novas questões de em segurança internacional e em defesa. Se tem que pensar quais são as instituições, as políticas e as leis que reforçam a segurança nacional no Brasil. Questões de segurança nacional se tornam mais complicadas quando se trata dos limites oceânicos, onde cresce a atividade econômica, transportes, cabos submarinos de internet e a presença de potências emergentes como a China, bem como a proposta da Comunidade Atlântica por membros da OTAN. A crescente importância do mar, implica um papel de maior destaque para a Marinha e a reativação de acordos como a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS). Por outro lado, a porosidade das fronteiras produz fluxos migratórios difíceis de administrar e que produzem dificuldades diplomáticas, como o caso dos Venezuelanos, além de outros quase invisíveis, como dos países andinos e cubanos. A imigração de angolanos, haitianos e senegaleses também se tornou uma realidade. As fronteiras também constituem um espaço de delitos transnacionais, como tráfico de drogas, armas, pessoas, animais, contrabando e evasão de divisas para paraísos fiscais, bem como de redes criminais. Isso também acontece no espaço aéreo, em um quadro de perda de capacidade estatal e de refluxo da integração sul-americana, tornando a segurança internacional e a defesa elementos problemáticos, ao qual a questão ambiental (particularmente a Amazônia) adquirem dimensões preocupantes neste âmbito.

MARIANNE L. WIESEBRON, UNIVERSIDADE DE LEIDEN, 1ª PRESIDENTE DA ABRE: MODERADORA

O BRASIL E A SEGURANÇA MARÍTIMA NO GOLFO DA GUINÉ

CHARLES PACHECO PIÑON, DOUTORANDO EM ESTUDOS MARÍTIMOS (E8N/PPGEM)

O entorno estratégico brasileiro consiste na área geográfica de interesse prioritário para o país e abrange a área do Golfo da Guiné, a qual tem sido objeto de atenção por parte da comunidade internacional, em razão do seu potencial para a produção de petróleo e gás e devido ao recrudescimento dos casos de pirataria. Tal fato tem atraído a atenção das potências marítimas para essa porção do Atlântico Sul, principalmente em virtude do impacto que a pirataria tem no livre trânsito de cargas e de pessoas por mar. O presente estudo tem por objetivo analisar as possibilidades de cooperação do Brasil no que diz respeito ao enfrentamento da pirataria no Golfo da Guiné,

sobretudo nos campos da formação de capacidades, da realização de operações navais combinadas e da operação de centros de compartilhamento de informações para a manutenção de uma consciência situacional marítima apurada, todos elementos essenciais à promoção da segurança nos espaços marítimos. Tendo como eixo central de pesquisa a moldura normativa conhecida como “Arquitetura de Yaoundé”, o estudo pretende abordar como a comunidade internacional tem reagido à degradação da segurança marítima naquela região, quais as implicações que a pirataria no Golfo da Guiné tem sobre os interesses brasileiros e como o Brasil pode contribuir para o enfrentamento do problema.

A CRESCENTE PRESENÇA CHINESA E RUSSA NO ATLÂNTICO SUL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

PAULO VISENTINI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

O artigo busca apresentar os desafios e oportunidades que China e Rússia encontrarão ao projetarem sua política externa para a Costa Ocidental africana, e conseqüentemente, ao espaço sul-atlântico. A porção sul do Atlântico é um espaço com grande potencial de crescimento econômico em razão, principalmente, dos recursos naturais estratégicos ali encontrados – alguns recém-descobertos e de sua posição geopolítica. Somado a essa redescoberta do Atlântico Sul, em termos globais o mundo passa por um período de crescentes transformações tanto em terra quanto no mar, marcado pela ascensão de novos atores – aprofundando a tendência da multipolaridade – e de novos desafios no Sistema Internacional. Na região, a presença das potências tradicionais (França, EUA e Reino Unido) passa a ser fortalecida e também repensada em termos de operacionalização da estratégia a fim de responder adequadamente a esses novos desafios. China e Rússia, por sua vez, têm buscado construir relações com a África de maneira diferente à medida que aumentam sua influência no continente, assim como na América do Sul. Por irônico que pareça, são estes países que defendem a livre navegação na região, que faz parte do entorno estratégico do Brasil.

AS AÇÕES DA MARINHA DO BRASIL CONTRA O TRÁFICO DE DROGAS COM DESTINO À EUROPA

PLÍNIO SANTOS, DOUTORANDO UNIVERSIDADE DE LEIDEN

A interceptação e a apreensão de um veleiro usado para o transporte de cocaína com destino à Europa, em fevereiro de 2021, demonstra o empenho da Marinha do Brasil na execução de ações de prevenção e repressão contra delitos transfronteiriços. Como as organizações criminosas transportam a droga entre os países produtores (Colômbia, Peru e Bolívia) e o mercado consumidor no ultramar, a logística criminosa depende da navegação no Rio Amazonas e do uso de portos, marinas e embarcações ao longo da costa brasileira. Portanto, o policiamento das águas jurisdicionais brasileiras é fundamental no esforço de combate ao tráfico internacional de drogas, compromisso assumido pelo País por meio de diversos tratados. Nesse sentido, em razão da sua capacidade singular de permanência, vigilância e imposição da lei no mar e nas águas interiores, a Marinha do Brasil tem papel fundamental no esforço de cooperação com instituições nacionais e estrangeiras no combate a este crime e no enfraquecimento de organizações criminosas de atuação transnacional. Este estudo pretende elencar os fundamentos jurídicos e políticos desta atribuição da Marinha do Brasil e demonstrar a importância destas ações para a cooperação em segurança entre Brasil e Europa.

UM NOVO ESPAÇO SOCIAL A SUSTENTABILIDADE COMO UM FATOR DE SEGURANÇA NA AMAZÔNIA AZUL

VICTOR BARROS CORREIA, DOUTORANDO UNIVERSIDADE DE LEIDEN

Atualmente vários países têm submetido às Nações Unidas pleitos para o alargamento das suas plataformas continentais. Gerando assim uma corrida global por um território submerso. O Brasil, tem sucedido em alargar a seu espaço oceânico, ganhando soberania sobre uma vasta área virgem em exploração de recursos naturais. Ao mesmo tempo, o mundo pensa em como iniciar um desenvolvimento econômico sem passar pela exploração de hidrocarbonetos. Nesta comunicação abordaremos como a sociedade pode ser um elemento chave de transformação oceânica. E sobretudo tentaremos compreender como a marinha de guerra pode adaptar-se e trazer à tona uma luta que já não implica intimidação do inimigo por armas, mas por exemplo na ajuda ao desenvolvimento.

C8 BRASA

MID-TWENTIETH CENTURY URBAN BRAZIL: SOCIAL AND CULTURAL FORMATIONS

THE CROW AND THE BLACK ANGEL: VARGUISMO AND RACE IN 1950S RIO DE JANEIRO

LUCAS KOUTSOUKOS-CHALHOUB - UNIVERSIDADE DE MICHIGAN, ESTADOS UNIDOS

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO NA TERRA DO SAMBA? BATALHAS CULTURAIS NO BRASIL, 1910-1960

ADALBERTO PARANHOS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA(UFU)/CNPQ/FAPEMIG

POLÍTICA E CULTURA NA DÉCADA DE 1960: BRASIL E PORTUGAL NA CONTRACORRENTE TEATRAL

KÁTIA RODRIGUES PARANHOS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA(UFU)/CNPQ/FAPEMIG

INDIGENEIDADE TRANSCONTINENTAL EM MEADOS DO SÉCULO 20: O BRASIL DE RONDON E O INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO

TRACY DEVINE GUZMÁN - UNIVERSIDADE DE MIAMI

DEUSCHTUM E LATINITÀ: O IMPACTO DA POLÍTICA CULTURAL TEUTO-ITALIANA NO CAMPO ARTÍSTICO DA ERA VARGAS

LISZT VIANNA NETO - UFMG, BRASIL

A aproximação entre a política cultural alemã e italiana no Rio de Janeiro durante a Era Vargas se baseou em interesses e estratégias comuns ao estabelecer sua presença nas Américas. Contudo, apesar de ambos os países possuírem o mesmo adversário — a influência dos países aliados no Brasil — certos aspectos de suas relações envolviam a cooperação em uma atmosfera de precaução e discricção.

No período entreguerras se operam mudanças significativas na imigração de ambas nacionalidades para o Brasil: cresce a imigração para centros urbanos visando o retorno à Itália após um enriquecimento rápido no Brasil, o migrante tende a ser mais alfabetizado e a se instalar sob melhores condições de vida. Quantos aos aspectos culturais, no entanto, ambas imigrações, distam muito. Contraposta à germanidade (Deuschtum), a latinidade (latinità) italiana era considerada um fator facilitador dos esforços de integração, assim como o catolicismo romano.

SEXTA-FEIRA 24. 9. 2021 14:00-16:15 (CEST) A

A1 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

NEGRITUDE

ASSIMILAÇÃO E RESISTÊNCIA EM UM DEFEITO DE COR

RENATO AMADO - BROWN UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

Este estudo discute como Kehinde, protagonista do romance Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, se equipa para superar sua condição de subalternizada. Baseamos teoricamente nosso estudo sobretudo em Gramsci e em membros do Subaltern Study Group, como Spivak. A partir desta base teórica examinaremos como Kehinde navega no universo em que foi inserida.

Kehinde foi levada como escrava da África para o Brasil com apenas sete anos de idade. Seu sistema de valores, portanto, foi construído principalmente sob a égide do regime escravocrata. Contudo, durante o romance, em meio a avanços e recuos, ela vai desnaturalizando o senso comum à medida que se liga mais profundamente à cultura e religiosidade africanas, posto que o desenvolvimento da consciência individual passa pela consciência de grupo, segundo Spivak. Isto a permite desenvolver agência, que é exercida via empreendedorismo e rebelião — esta, quando se alia à Revolta dos Malês. Derrotada a insurgência, Kehinde segue dedicando-se à atividade empresarial. Faz fortuna, chega ao topo da pirâmide social quando se muda para a África e passa a fornecer armamentos para um caçador de escravos. Se no Brasil aproximou-se de suas raízes e desenvolveu uma identidade africana, o que a deu instrumentos para ter agência, na África identifica-se como brasileira, pertencente à elite formada pelos retornados, e passa a ser chamada de sinhá. Neste artigo, pretendemos demonstrar que a

protagonista oscila entre resistência e assimilação, e que as identidades assumidas por ela em cada momento cumprem um papel fundamental neste processo.

CASAMENTO E ESCRAVIDÃO NO ROMANCE SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR

ROBERT HOWES - KING'S COLLEGE LONDON, REINO UNIDO

O romance Senhora (1875), de José de Alencar é geralmente tido como uma crítica dos casamentos de conveniência, veiculada por meio da inversão dos papéis de gênero. Nos anos recentes, contudo, vários estudiosos analisaram o discurso da escravidão que permeia o romance mas sem chegar a um consenso sobre como interpretar este discurso. A avaliação fica difícil por causa da divergência, frequentemente notada na obra de Alencar, entre a defesa da escravidão enquanto instituição que ele fez como político conservador e o tratamento relativamente mais humano dos personagens escravos apresentados nas obras literárias dele.

O trabalho proposto fará uma resenha do debate e sugerirá algumas interpretações possíveis do romance, relacionando os temas de casamento e escravidão. Estas sugestões levarão em conta as outras obras do autor, tanto jurídicos quanto de ficção, além do contexto histórico geral, destacando os debates da época sobre o casamento civil e a luta abolicionista.

O LEGADO TRAUMÁTICO DA ESCRAVIDÃO EM TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

JOYCE FERNANDES - BROWN UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

A escravidão no Brasil e suas implicações sociais após a abolição deixaram profundos traumas transgeracionais na população afro-brasileira. No romance Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, alguns desses traumas são apresentados através das narrativas pessoais das irmãs Bibiana e Belonísia, culminando com o desfecho narrado pela “encantada” Santa Rita Pescadeira. O presente artigo pretende examinar as estratégias narrativas empregadas na obra para tratar dos traumas coletivos, tal como a subordinação imposta aos trabalhadores livres em terras de propriedade privada, destituindo-lhes do direito à terra e à propriedade, de liberdade para construir casas permanentes, privando-lhes de direitos básicos como cidadãos e mantendo-os em uma condição de vida muito próxima do sistema escravocrata. Mais especificamente, o objetivo é analisar de que forma o trauma cultural é retratado no romance, a partir da definição de Alexander (2011) e Eyerman (2011; 2019). Parte-se do pressuposto que através de referências à história e à tradição de um povo, o romance enfatiza esforços para a manutenção de tradições e identidade cultural, como definida Hall (1996, 2006), desse grupo de famílias marginalizadas socialmente e culturalmente. O romance expõe a realidade social de um grande número de afrodescendentes em comunidades rurais, ainda ignorada por muitos brasileiros. A análise aqui proposta oferece uma continuidade na discussão sobre o legado da escravidão no país e constitui uma tentativa de expandir a reflexão sobre traumas gerados por ela, a partir da permeabilidade entre ficção e realidade que o romance possibilita.

DO MESMO BARRO VIEMOS: A TERRA E A ANCESTRALIDADE EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

RAFAEL GUIMARÃES - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL, BRASIL

Mais do que representatividade, o destaque que a autoria negra tem recebido no Brasil implica na discussão de temas incontornáveis, como o racismo estrutural, os efeitos socioeconômicos e culturais da escravidão, o silenciamento do povo negro no processo de elaboração da ideia de nação e de literatura nacional, dentre outros. Em tal contexto, o vertiginoso sucesso de Torto arado contribui para esse debate, em especial quando a narrativa é lida a partir do jogo intertextual que instaura com a tradição da literatura afro-brasileira. Tendo em mente essas questões, me proponho a analisar as obras Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Torto arado, de Itamar Vieira Junior, visando compreender as conexões que a simbologia da terra e a ideia de ancestralidade estabelecem entre si na construção da identidade das protagonistas dos romances. Assim, buscarei verificar como a articulação entre esses dois elementos é redimensionada na escrita de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior. Sendo mais específico, a pergunta que tentarei responder refere-se a quais são as semelhanças e as diferenças que se pode observar na forma como a escritora mineira e o autor baiano se apropriam da ideia de terra e barro para metaforizar a relação das personagens negras com a sua tradição e sua identidade. Para tanto, colocarei as duas obras em diálogo, para identificar e analisar as aproximações e os distanciamentos existentes entre ambas, sendo, nessa leitura, fundamental a discussão das ideias de Achile Mbembe (2017), Angela Davis (2019), Djamilia Ribeiro (2017), Frantz Fanon (2008), Grada Kilomba (2010), Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2019), acerca das questões da negritude, bem como das reflexões de Carl Gustav Jung (2008), Gaston Bachelard (1990, 1991), Gilbert Durand (2012), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008) e Pierre Brunel (1997), sobre os sentidos atribuídos ao elemento terra na cultura e no imaginário coletivo.

BLOGATIVISMO E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE NEGRA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 2010: (RE) EXISTIR A PARTIR DE IMAGENS E DISCURSOS – ESTÉTICA, IDENTIDADE NEGRA

Na presente proposta de comunicação realizar-se-á uma análise sobre o papel significativo da moda/estética negra para construção de identidades, principalmente, em blogs pertencentes às pessoas simpatizantes ou inseridas nas lutas do movimento negro brasileiro. Para tal, sabendo que “a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito” (CHARAUDEAU, 2015, p.13), teremos como corpora publicações de representantes do movimento negro brasileiro e/ou simpatizantes da causa veiculados em blogs, a saber; blogs de moda e beleza representados por (i) Cacheia!, (ii) Modices, (v) O último black power) e blogs relacionados a movimentos sociais (vi) Blogueiras Negras e (vii) Geledés. A escolha pelo ambiente virtual como base para a análise justifica-se pela ascensão desse meio como uma das principais ferramentas de manifestação política e social da pós-modernidade, a exemplo da Primavera Árabe (2010/2011), do movimento Occupy Wall Street (2011) nos Estados Unidos e no Brasil as jornadas de junho (2013) mobilizações de grande impacto social iniciadas no ciberespaço. Outrossim, acreditamos que a internet, e em especial a sua popularização, possibilitou que várias vozes, antes silenciadas, pudessem manifestar-se e figurar como protagonistas sociais de forma mais emancipada. Nesse contexto, deparamo-nos com um espaço propício para o confronto de ideias, discursos, construção e a desconstrução de identidades.

A2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

LITERATURA MODERNA_2

ALEGORIA E MODERNIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS

FABIANO SANTOS - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), BRASIL

Estas considerações visam discutir aspectos da modernidade de Augusto dos Anjos (1884-1914) inscritos, em particular, na composição alegórica de seus poemas. Pode-se dizer que, embora desenvolvida na senda de orientações estéticas legadas pela literatura finissecular à poesia brasileira do início do século XX, a saber o simbolismo e o parnasianismo, a lírica de Augusto dos Anjos toca seus limites. Em sua lírica, o transcendentalismo simbolista desdobra-se como cosmovisão niilista na qual a consciência poética divisa a distância de um ideal fantasmagórico enquanto soçobra no sorvedouro da matéria e da história. Já o esteticismo parnasiano, em Augusto dos Anjos, deforma-se numa forma de virtuosismo expressional cujas estranhas evoluções incorpora o anti-poético ao denunciar a insuficiência da linguagem beletrista diante da tarefa de tradução da experiência histórica da crise. Com efeito, a modernidade em Augusto dos Anjos é flagrante sobretudo em sua tentativa de, a partir da infração consciente do decoro literário do tempo, desenvolver um código poético próprio. Tal código, por ser sensível à violenta dinâmica histórica do país, manifesta-se como estética de choque e articula a fragmentação e a alegoria com componentes de um desesperado por plasmar, já em seu nascedouro, o contraditório e traumático processo de constituição da modernidade brasileira. Assim, pretende-se discutir o modo como as imagens reiteradas pela lírica de Augusto dos Anjos, tais como ruínas, doenças, cadáveres expostos, dispõe-se como fragmentos passíveis de recomposição como alegoria de uma totalidade que se crê esfacelada, resultando tal sistema de imagens num mosaico patético que pretende representar o Brasil. É desse mosaico que emerge a consciência crítica da história que chancela a modernidade de Augusto dos Anjos.

UMA INVENÇÃO POBRÍSSIMA: PROJETO E ESCRITURA EM LIMA BARRETO

GIOVANI TRIDAPALLI KURZ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, BRASIL

Propõe-se aqui um olhar aos manuscritos de Lima Barreto de modo a apresentar seu projeto de escritura. Retomando especialmente o romance Clara dos Anjos, incluindo seus vários estágios intermediários e rastros criativos, sistematiza-se um modo de se ler a ficção do autor carioca. Em cotejo constante com seus principais leitores — Sérgio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira, Francisco de Assis Barbosa, Silviano Santiago, Antonio Candido, Osman Lins, Antonio Arnoni Prado, Lília M. Schwarcz e Carmem Negreiros —, organizam-se os caminhos de criação empreendidos por Lima. Busca-se dissolver algumas das ideias que cercam sua ficção — o “testemunho”, a “revolta”, a “confissão” — por meio de uma leitura atenta dos mecanismos literários mobilizados pelo escritor. Abordam-se para tanto três aspectos fundamentais da literatura de Lima Barreto e seus entornos: primeiro, a construção de sua ficção — temáticas recorrentes, o desenvolvimento de personagens, a ambientação e os horizontes linguísticos —; em seguida, uma síntese das principais percepções da crítica em torno de seus romances — as referências biográficas, as representações do Rio de Janeiro no começo do século XX, a percepção dos mecanismos linguísticos —; e, por fim, novas abordagens — as leituras identitárias, a crítica genética, as retomadas historiográficas de seus romances.

LA LETTERATURA BRASILIANA REGIONALISTA DEL NORDEST DEGLI ANNI TRENTA TRADOTTA IN ITALIANO: TRADUZIONE DI UN TESTO O DI UN'IMMAGINE? ALCUNI ESEMPLI.

I romanzi tradotti compiono un viaggio, che li porta dalle proprie lingue e culture ad altri mondi linguistici e culturali, che li accolgono. I protagonisti di questo delicato percorso che si chiama traduzione sono diversi e numerosi sono gli elementi che possono determinare il modo in cui questa letteratura altrina viene presentata, nell'ambito di una vera e propria mediazione culturale. Il momento in cui vengono accolti e preparati a essere presentati a un universo culturale altro è cruciale: il modo in cui il romanzo tradotto viene presentato avrà una ricaduta significativa sulla fortuna che l'opera avrà nel nuovo panorama linguistico, letterario, in un'unica parola culturale.

L'idea di base è quella del libro considerato come un archivio in continuo divenire, che si apre anche attraverso i suoi paratesti più o meno manifesti, ma comunque sempre importanti e in alcuni casi determinanti ai fini della costruzione dell'immagine che di questa letteratura è stata delineata nel panorama culturale italiano. Mi concentro in particolare su diverse fonti che hanno permesso di riflettere su quelli che Genette definisce epitesto e peritesto. Il presente contributo fa riferimento alla mia Tesi di Dottorato "Per una traduzione di immagini. Il Nordest degli anni Trenta in Italia. Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego: il libro-archivio", per cui faccio riferimento alle fonti indagate in occasione di tale ricerca: archivi storici online dei quotidiani L'Unità e La Stampa, carteggi tra autori, traduttori, editori e articoli di altre testate rinvenuti presso Fondi che conservano documenti significativi relativi ai mediatori culturali che hanno svolto ruoli significativi nel complesso processo della traduzione. Dedico inoltre particolare attenzione a paratesti quali la copertina, con tutti gli elementi che essa ospita (titolo, nome dell'autore, casa editrice, collana, elementi figurativi), introduzioni, note, postfazioni, illustrazioni. La proposta fatta al pubblico lettore italiano risente inevitabilmente anche del contesto di arrivo, del momento storico, politico, culturale. È stato quindi interessante seguire le traduzioni nel loro divenire, osservarne la "sopravvivenza" di cui parla Benjamin nel corso degli anni e gli eventuali cambiamenti sopravvenuti sempre con l'intento di problematizzare, non soltanto di descrivere; in questo senso è stato importante considerare il punto di vista di Lefevere in merito alla manipolazione, che può entrare a far parte del processo della traduzione.

Tutti i protagonisti di questo difficile "compito" hanno un ruolo significativo, dal traduttore all'editore, al critico letterario, al copertinista, un autentico microcosmo nel quale si instaura un dialogo fondamentale per quanto riguarda l'immagine che della letteratura tradotta oggetto di questo contributo è stata offerta in Italia. Intendo riflettere sulle diverse modalità di approccio, da una ricerca di vicinanza e affinità che permettano un confortante riconoscimento dell'altro a un sottolinearne invece la lontananza, l'esotismo, nella speranza di scatenare l'immaginario e creare aspettative.

Il mio contributo si propone quindi di riflettere su tutto quello che ruota attorno alla traduzione del testo, sui paratesti che contribuiscono a comporre il libro tradotto e l'immagine che di quell'opera si offre al pubblico di arrivo, a partire da alcuni romanzi degli anni Trenta del Nordest brasiliano.

Nello specifico fornirò esempi di romanzi di Jorge Amado tradotti in Italia.

A CRIANÇA E A MORTE: O IMAGINÁRIO COMO RESISTÊNCIA EM A CHAVE DO TAMANHO, DE MONTEIRO LOBATO

MATHEUS TAYLOR BORGES - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, BRASIL

Pensar a criança, atualmente, é uma tarefa que, em geral, remete a um campo semântico que inclui palavras como: brinquedo, brincar, proteção, ingenuidade, entre outras. Ainda que nem todas as crianças brasileiras possam desfrutar de boas condições de vida, a imagem mental formada a partir do ideal de infância feliz prevalece no imaginário coletivo. Mas nem sempre foi assim. As relações político-sociais se modificam ao longo do tempo, bem como o conceito de família, que se constitui enquanto um núcleo relacional sob o qual a contemporaneidade tenta ainda lançar luz, especialmente a respeito de sua função e constituição, as quais também sofreram alterações no decorrer dos séculos. Ao analisar a função da família na sociedade Medieval, Philippe Ariès, em A história social da criança e da família (1981), demonstra que seu papel nem sempre remetia ao significado afetivo, atribuído a ela atualmente, mas uma função protetiva, na qual cada um de seus partícipes cumpria com sua função objetivando a sobrevivência do grupo denominado família.

A3 PAINEL

REGIÃO AMAZÔNICA: RETRATOS DE MULHERES EM LUTA, ONTEM E HOJE

Esta mesa redonda está dedicada a algumas intelectuais, artistas, mulheres atuando no universo político dos povos indígenas ou populações tradicionais do Brasil. A um momento de sua história em que o país está atravessado por um discurso antifeminista virulento, e que o contexto atual sanitário acaba prejudicando com mais força o Norte, daremos a palavra a mulheres da Amazônia: personagens históricas ou ficcionais, heroínas míticas ou parentes exemplares, lideranças indígenas, pescadoras ou professoras, guerreiras ou militantes. A partir de romances, biografias ou testemunhos, evocaremos umas figuras de resistentes que comprovam o fato que a mulher, sempre participou da vida política e da luta para o respeito e a dignidade. As resistências destas intelectuais indígenas estarão no centro desta reflexão graças a exemplos encontrados na história ou na atualidade brasileiras.

A mesa redonda realizada em 2019 por um grupo interdisciplinar continua sendo mais e mais atual já que o engajamento e o papel político das mulheres vão aumentando em situação de crise para as suas comunidades. De facto, as consequências desastrosas da situação política e da pandemia incentivam as mulheres, particularmente as mulheres indígenas, a assumir novas responsabilidades nas esferas privada e pública.

INSURGÊNCIAS DE MULHERES NA AMAZÔNIA E PRÁTICAS DECOLONIAIS PARA PENSAR O AMANHÃ

EDNA CASTRO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

Inúmeras mudanças epistemológicas no campo das ciências sociais são forjadas no seio dos movimentos sociais. Nesse campo, observamos inúmeros processos de insurgência de mulheres na Amazônia, no passado e na atualidade. Eles têm aberto possibilidades de se pensar novas possibilidades de se estar no mundo, viver com o outro, na busca de compreensão do mundo social fora dos esquemas conceituais consagrados pela ciência social ocidental. Os levantes, ou insurgências, são momentos especiais, de profunda emoção e determinação, e também de criação de novas práticas políticas, de acionamento de saberes, da memória, e de processos anteriores formadores de identidades de coletivos. Os processos de insurgência representam espaços de reinvenção da prática política, de conceitos e de imagens, do exercício obstinado as vezes pela descontração de discursos, de narrativas e de imaginários coloniais, racistas e homofóbicos produzidos em profusão nas sociedades contemporâneas.

ARTISTAS-COMUNICADORAS INDÍGENAS NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL NO BRASIL: PROTAGONISMO DAS MULHERES INDÍGENAS NA ACADEMIA, NAS NOVAS MÍDIAS E NA CURADORIA DE ARTE

LÚCIA SÁ & JAMILLE PINHEIRO DIAS, UNIVERSIDADE DE MANCHESTER, REINO UNIDO

A utilização de uma variedade de suportes e linguagens artísticas, aliados às novas mídias, às tecnologias da informação e comunicação e à curadoria de exposições de arte, tem caracterizado a expressão estética e política de criadoras e criadores indígenas na cultura contemporânea no Brasil. O objetivo desta comunicação é analisar contribuições de mulheres indígenas que vêm dando forma a essa geração atual, somando forças para constituir o que Naine Terena identifica como "'quarto momento' na história da arte indígena", intensificado a partir do início do século XXI e marcado por estratégias de representação especificamente mobilizadas por indígenas. Para uma discussão da atuação de algumas das protagonistas deste cenário contemporâneo, traremos contribuições de Naine, Daiara Tukano e Sandra Benites - mulheres indígenas que combinam a defesa dos direitos dos povos originários à pesquisa acadêmica, a projetos desenvolvidos em instituições de arte e à atuação em novas mídias.

CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES SATERÉ-MAWÉ À INSERÇÃO DO SEU POVO NA CONTEMPORANEIDADE AMAZÔNIDA

ALBA LUCY FIGUEROA, ABA, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, BRASIL

Do quadro composto por sete figuras femininas Sateré-Mawé, das quatro últimas gerações adultas, destaca um retrato de uma sociedade indígena que vem enfrentando com progressivo equilíbrio fortes mudanças. Fazem parte do quadro: 1) D. Elpídia, esposa de um grande líder numa das aldeias mais antigas, ao interior do alto rio Andirá; 2) D. Mariquinha, cujas performances no relato das antigas tradições conquistou-lhe espaço garantido na memória do seu povo e em todas as pesquisas antropológicas realizadas na sua terra nos últimos 40 anos; 3) Zenaide, que com a sua magra e fiel matilha, sobreviveu à orfandade por parte da mãe e ao abandono por parte do pai, tornando-se invejável caçadora e pajé reconhecida, duas qualidades geralmente reservadas aos homens. 4) Zenilda, que saiu da aldeia e foi para a capital, Manaus, se envolveu no movimento indígena, fundou uma associação de mulheres que perdura após seu desaparecimento, conseguindo financiamento de projetos com países estrangeiros e inserindo no mercado uma produção artística-artesanal de sucesso, 5) Inara, com graduação e mestrado em Antropologia Social pela UFAM e experiência docente, em três universidades, com foco na Saúde Coletiva Indígena, especificamente na segurança alimentar e nutricional. De pai sateré e mãe descendente de imigrantes japoneses na Amazônia, ela defende uma postura diferenciada e inovadora dos indígenas no mundo acadêmico. Para efeito de pano de fundo indispensável consideraremos 7) O perfil geral das mulheres de quem ninguém fala.

QUANDO A “PAZ” NÃO-INDÍGENA É REINVENTADA PELA MEDIAÇÃO DE UMA GUERREIRA DO POVO YNÁ ÀS MARGENS DO ARAGUAIA

JUCIENE RICARTE APOLINÁRIO - UFCG, BRASIL - PESQUISADORA DO CHAM, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

Mergulhamos nas descrições documentais sobre uma líder indígena Karajá que desbravou as fronteiras culturais étnicas e de gênero e se tornou uma “língua” (intérprete), ou seja, a principal mediadora dos não-indígenas luso-portugueses no período setecentista na antiga capitania de Goiás. Estamos falando da líder Karajá Xuanam-piá. É sabido que o povo Karajá, culturalmente, estabelece uma divisão social entre os gêneros definindo socialmente os papéis dos homens e das mulheres previstos nos seus mitos fundantes. Para espanto dos guerreiros Karajá lá estava a sua parenta Xuanam-piá tomando um lugar de destaque em um evento político de acordo de paz entre indígenas e não-indígenas em que, normalmente, só caberia aos homens do seu povo. Para a presente pesquisa mergulhamos nas literaturas de viagens e fontes documentais manuscritas para construir uma narrativa histórica do papel político assumido por uma liderança indígena no feminino.

NA LITERATURA E NA ALDEIA, NO MITO E NO PLANALTO: FIGURAS DE MULHERES INDÍGENAS E GUERREIRAS

BRIGITTE THIÉRION - UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE/CREPAL, FRANÇA E PASCALE DE ROBERT, INSTITUT DE RECHERCHE POUR LE DÉVELOPPEMENT, UMR PALOC IRD/MNHN, FRANÇA

O romance Guerra no coração do Cerrado (2006) retrata a figura da índia Damiana da Cunha, neta de um dos caciques caiapós que se singularizou pela sua atuação política e de mediadora. Nele, Maria José Silveira aborda a questão das lutas de resistência indígenas no final do século XVIII no estado de Goiás. Esta reconstituição, entre ficção e história, não apenas torna visível o genocídio sofrido pelos povos indígenas através da história, como evidencia o fato que este processo ainda continua, com as ameaças de hoje. Esta evocação literária servirá de ponto de partida para discutir o papel relevante de outras mulheres indígenas dos povos Jê, sejam elas personagens míticas, figuras da história local ou lideranças se ilustrando na atualidade. Nos relatos orais e escritos, revelam-se indispensáveis mediadoras entre mundos, valorizadas como guerreiras, lutando para fazer valer a beleza e a força ou defender os direitos dos povos indígenas.

A4 PAINEL

OS FEMINISMOS DESCOLONIAIS NO BRASIL: CAPTURAS, RESISTÊNCIAS, ALIANÇAS

Neste painel discutiremos sobre as práticas teóricas e ativistas que constituem os feminismos descoloniais no Brasil, a partir de 3 eixos: Captura / Resistência / Alianças.

As perspectivas teóricas descoloniais são caracterizadas pela crítica à fabricação de uma ontologia baseada na separação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, alimentada pela identificação da razão ocidental com a mais alta forma de pensamento. A afirmação de uma suposta neutralidade e de uma universalidade da atividade científica, fabricada na modernidade tardia e difundida como um ideal de produção dos conhecimentos nas universidades, baseia-se em uma violência colonial e neocolonial que se expressa também no epistemicídio das cosmologias e conhecimentos não hegemônicos e/ou eurocêntricos. A cultura ocidentalocêntrica, com sua forte influência oral e visual, apaga, invisibiliza e inscreve no esquecimento outras modalidades de relacionamento com o Outro.

Articulando militância política e produção intelectual, várias pensadoras feministas descoloniais participaram da constituição de epistemologias alternativas a fim de (1) tecer outras formas de interações sociais baseadas, por um lado, no entrelaçamento de memórias, experiências e narrativas, que não estão registradas nos arquivos oficiais da história e do Estado, e, por outro lado, em cartografias afetivas fundadas na reciprocidade e na não-competição; (2) descolonizar as crenças ligadas a nossos corpos e devolver-lhes seu poder, favorecendo a emergência de novas narrativas e novas subjetividades; (3) reorientar a natureza disciplinar da produção científica em favor de uma interdisciplinaridade ou anti-disciplinaridade forte.

Os trabalhos apresentados neste painel se propõem a contribuir para uma renovação político-ética-epistemológica no interior da produção de saberes, a propor metodologias teóricas e procedimentos artísticos e pensar a descolonização do imaginário.

GENEALOGIA, DESCOLONIZAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE DIFERENTES METODOLOGIAS PARA PENSAR A TAL FAMÍLIA TRADICIONAL BRASILEIRA

BRUNA MARTINS COELHO - UNIVERSITÉ DE PARIS 8, ASSOCIADA AO CENTRO MARC BLOCH, FRANÇA / ALEMANHA

Gostaria de discutir algumas questões metodológicas surgidas ao longo da elaboração de minha pesquisa de doutorado, intitulada "Fábrica da família tradicional brasileira: a medicina entre Deus e o Diabo na terra do Sol". Situado nas fronteiras entre antropologia, história e filosofia, investigo como o racismo operou na fundação de uma norma hegemônica de organização familiar no momento de construção da Primeira República.

Para tanto, mobilizei alguns campos epistemológicos e metodológicos distintos. Por um lado, me servi da abordagem genealógica desenvolvida por Michel Foucault, a qual lhe permitiu problematizar a existência de um dispositivo de sexualidade moderno essencialmente racista, e da maneira como o saber-poder médico participou em sua fabricação. Por outro lado, recorri a teorias elaboradas por contemporâneos que desdobram ou apontam criticamente os limites desta matriz analítica tanto no campo da filosofia, como no da história social da medicina e da escravidão. Comentarei as ferramentas conceituais filosóficas extraídas das leituras dos trabalhos de Elsa Dorlin (2005), Paul Preciado (2008) e Achille Mbembe (2015); e farei um breve panorama sobre a maneira como Foucault foi lido nos anos 70/80 pela historiografia da medicina brasileira, e os limites que têm sido apontados à utilização de tal perspectiva nos trabalhos mais recentes. Em seguida, restituirei as linhas gerais dos comentários feitos por Mbembe e pela historiadora Marisa Fuentes (2016) sobre a maneira como os arquivos do Estado são investidos e constituídos por múltiplas formas de violência, o que nos leva a problematizar o tipo de documentação analisada e a própria função social dos trabalhos de memória, recorrendo também aos trabalhos da historiadora Beatriz Nascimento (1981). Por fim, gostaria de refletir sobre a potência e os limites analíticos do conceito de colonialidade do gênero desenvolvidas pela filósofa argentina Maria Lugones (2008) e pela antropóloga Rita Segato (2012).

PRESERVAÇÃO DE UMA EPISTEMOLOGIA SENSORIAL: DESCOLONIZANDO O OLHAR

CAROLINE IZIDORO MARIM - UFPE/BRASIL

Com o objetivo de construir um olhar decolonial torna-se imprescindível rever as raízes do pensamento ocidental fundadas no privilégio dado ao sentido visual em detrimento dos outros sentidos, como o tato, o olfato e a audição. O ponto questionável é a centralidade e a persistência da visão na construção das categorias estéticas ocidentais que são limitantes ao serem exportadas ou transferidas para outras culturas que valorizam outros sentidos na apreensão da realidade. Essa questão emerge porque em algumas culturas como a africana, ameríndia e andina, entre outras, o sentido visual não é privilegiado, enquanto, a oralidade, o toque, a convivência relacional e a valorização das trocas harmoniosas com a natureza são os pontos geradores e produtores de todo o conhecimento.

Nesta fala, a fim de pensar tais questões, retorno ao artigo da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmi “Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects” (1997), que me permite mostrar a influência teórica fortemente ocidentocêntrica (Europa e Estados Unidos) na construção de categorias estéticas presente nos Estudos Africanos. Diante da crítica da importação de conceitos e categorias ocidentais para os estudos africanos, como por exemplo, o uso do termo cosmovisão que capta o privilégio ocidental do visual, o uso do termo cosmopercepção permite descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos, como a cultura iorubá, cujo foco se dá em diferentes sentidos na apreensão da realidade, no qual a oralidade e a audição são fundamentais. Assim, partindo da revisão epistêmica proposta por Oyèrónké, a proposta deste painel é discutir o quão problemático é adotarmos a visualidade como parâmetro epistemológico e principalmente estético no Brasil, sendo que nossa ancestralidade africana e ameríndia valorizam outros sentidos, principalmente a oralidade e a corporeidade, e também a convivência.

A CONSTITUINTE DESLOCADA: LÉLIA GONZALEZ, UMA TEÓRICA CRÍTICA DA CIDADANIA BRANCA

DANDARA JESUINE SOUZA DO ESPIRITO SANTO - EHSS. PARIS, FRANÇA

No âmbito do pensamento social brasileiro, os aportes intelectuais de pensadoras negras e negros ocuparam e continuam a ocupar uma posição controversa: quando não renegados a um lugar de esquecimento generalizado, são enquadrados como intervenções militantes, compondo o referencial teórico-discursivo dos movimentos sociais, porém permanecendo restritos a espaços do ativismo.

Nesta apresentação visamos questionar as fronteiras epistêmicas que legitimam o apagamento das contribuições destas intelectuais negras e negros. Nós nos debruçaremos sobre as contribuições de Lélia Gonzalez (1935-1994), antropóloga, filósofa, feminista e fundadora do Movimento Negro Unificado Brasileiro, fazendo valer a sua radical proposta de interpretação do Brasil: a de “retirar os sujeitos negros das margens e posicioná-los no centro da nação, elaborando [...] uma visão alternativa do país, que é negro, ainda que se projete como branco” (2018). Sem nos limitarmos às suas produções textuais, levaremos em conta, em um primeiro momento desta apresentação, os seus pronunciamentos públicos no âmbito da Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988) e, de maneira geral, durante eventos organizados por ativistas negros na década de 1980. Tomando como base o conjunto da sua produção intelectual, focaremos em sua crítica feminista da “Democracia Racial”, com o objetivo principal de ler Lélia Gonzalez enquanto uma teórica crítica da cidadania branca no Brasil.

No momento final desta apresentação, pretendo mostrar como as intervenções críticas de Lélia Gonzalez refundaram o imaginário racialmente e generizadamente instituído da cidadania no Brasil, oferecendo a seus habitantes uma nova maneira de pensar e de sonhar a cidadania no país. Para tanto, analiso como a atuação política desta autora provocou uma ruptura em tal imaginário racial, retornando às reflexões de Angélica Bernal (2017) sobre as políticas constitucionais de atores “não autorizados” e ao quadro conceitual e analítico sobre “a instituição imaginária da sociedade” forjado por Cornelius Castoriadis (1975).

A RECUSA EM “FORNECER AS CHAVES DE COMPREENSÃO”: SENTIPENSANDO MODOS DE PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO COM BEATRIZ NASCIMENTO

LÉA TOSOLD - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Nesta apresentação, destaco algumas das potenciais implicações político-ético-epistemológicas da noção de quilombo como continuum histórico — tal qual proposta pela historiadora, ativista e poeta Maria Beatriz Nascimento — a fim de sentipensar modos de produção e transmissão de conhecimento em nossas práticas teóricas e ativistas. Por um lado, a partir da ideia de paz quilombola — a de que o quilombo “talvez na ‘paz’ ameaçasse muito mais o regime escravocrata do que na guerra” — abre-se margem para sentipensarmos quilombos como sistemas diferenciais de existência cole(a)tiva não meramente reativos ou exclusivamente referenciados à norma hegemônica (neo)colonial vigente. Nesse sentido, sentipensar modos de produção e transmissão de conhecimentos e práticas de (r)existência não hegemônicos pressupõe a abertura ativa de um lugar de escuta (para além de um lugar de fala). Por outro lado, as considerações de Nascimento sobre os modos de produção de conhecimento acadêmico — especialmente após seu afastamento da universidade a fim de dedicar-se quase que exclusivamente à poesia, ao cinema e à literatura — não apenas sugerem uma profunda relação entre forma e conteúdo (em que o que se diz encontra-se intimamente imbricado com o modo como se diz/faz), mas também abrem a possibilidade de sentipensar modos de produção e transmissão de conhecimento e práticas cole(a)tivas

de (r)existência que se “neguem a fornecer as chaves de compreensão”. Nesse sentido, encontramos com Nascimento, tanto uma recusa patente à continuidade de modos extrativistas de apropriação do conhecimento produzido por subjetividades dissidentes — semelhante ao que Jota Mombaça designa como *cognitive plantation* —, quanto uma demanda por modos de atuação mais “soturnos, noturnos” que, em consonância com a noção de opacidade proposta por Édouard Glissant, busque “aventuras de vida mais volátil, leves e misteriosas, como alguns animais”.

A DESCOLONIZAÇÃO DA VÊNUS CAÔZEIRA

RAÍSA INOCÊNCIO FERREIRA LIMA - UNIVERSIDADE DE TOULOUSE JEAN JAURÈS, FRANÇA

A “descolonização da Vênus Caôzeira” faz parte de minha pesquisa sobre as capturas feitas na imagem próprias a um imaginário colonial que formaram o mito da mulher brasileira associada à sensualidade e a própria definição do feminino nesta sociedade. Nesta exposição, pretendo investigar o papel da imaginação colonial na constituição de um mito da mulher brasileira, a partir de dispositivos interdisciplinares artísticos (políticos e estéticos), para questionar quais são as capturas de imagem do feminino que contribuíram à fabricação deste mito. Nascidas em meio a um combate entre dois tipos de narrativas, de um lado, a hiperssexualização da mulher, do outro, as representações sobre e a emancipação feminina, elas estão presentes em obras de arte contemporâneas tomando leitmotifs como a sexualidade e o empoderamento. Partindo do cânone da beleza chamado Afrodite / Vênus (e seus mitos), reconhecido ao longo da história do pensamento ocidental dominante, analiso a recepção desta tradição no imaginário colonial, a transposição da estética psicológica moderna para a criação de categorias de raça, classe e gênero, a maneira como isso serviu à definição de comportamentos e padrões de beleza submissos ao status quo patriarcal, e à criação de uma hierarquia existencial segundo a beleza, a sedução, a fertilidade e a maternidade.

Para pensar estas questões forjei o conceito de “Vênus Caozeira” e, retorno àquele criados por Maria Lugones - a colonialidade do gênero (LUGONES, 2008) -, à idéia da filosofia como meio de defesa forjada por Elsa Dorlin (DORLIN, 2015) e a da descolonização como cura da ferida colonial, concebida por Grada Kilomba (KILOMBA, 2010). Isso me permitirá mostrar como a descolonização é uma metodologia que problematiza a constituição do sujeito e seu lugar no mundo, a partir de como uma tomada de consciência do processo histórico de colonização e escravidão, visibilizando os efeitos do racismo estrutural.

A5 PAINEL

UM ESTADO INTERMITENTE? MODOS DE GOVERNO, INCERTEZAS, EXPECTATIVAS

Vários ensaios, inclusive nas ciências sociais, denunciam rotineiramente a « ausência » ou a « fraqueza » do Estado no Brasil, enquanto outros lamentam sua interferência excessiva. Tais descrições, essencializando o Estado, não permitem porem capturar de modo adequado as formas específicas de atuação estatal no Brasil, marcadas por várias formas de descontinuidade, especialmente temporais. Esse painel almeja explorar um quadro alternativo, analisando a partir da noção de « Estado intermitente » a variedade das formas de atuação do Estado », e as incertezas e expectativas geradas por essa forma de governo. Esse termo ajuda a analisar as produções e as percepções, carregadas de avaliações morais, de descontinuidades e inconstância em situações onde “o Estado” aparece como uma potencialidade, cuja atualização aparece como uma fonte de esperança ou ameaça, mas que tem efeitos na vida cotidiana. O painel pretende questionar o rendimento heurístico dessa noção, a partir de pesquisas etnográficas e históricas.

DEBATEDOR: BENOÎT DE L'ESTOILE, CNRS, ECOLE NORMALE SUPÉRIEURE, CMH, FRANÇA

FUTURO SUSPENSOS? CONSTRUINDO PROJETOS DE VIDA EM TEMPOS DE CRISE : O CASO DE UNIVERSITÁRIO(A)S DA BAIXADA FLUMINENSE

ELIS DE AQUINO, FREIE UNIVERSITÄT BERLIN, ALEMANHA

Os importantes investimentos no setor da educação entre 2003 a 2015 contribuíram para que mais pessoas negras e indígenas, de origem pobre e moradoras de periferias e regiões menos centrais do Brasil acessassem a universidade, até então exclusiva às elites nacionais. O crescimento econômico do país e a redução das desigualdades no mesmo período, fertilizaram o terreno onde nasceram aspirações de mobilidade social. No entanto, atingido por múltiplas crises, que se agravam desde a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, e se acentuam com a pandemia, o Brasil vive um momento de muitas incertezas (Gomes, 2020). Os seguidos cortes e desmantelamentos de políticas públicas ameaçam as possibilidades de um futuro com mais equidade social. Partindo deste cenário, investigo em que medida as intermitências das políticas, resultado das mudanças de governos e suas agendas, impactam os projetos de vida de jovens universitários da Baixada Fluminense, região considerada periférica no Rio de Janeiro, onde conduzo minha pesquisa doutoral. Com base em entrevistas aprofundadas realizadas com doze graduando(a)s, analiso de que maneira as esperanças construídas em uma conjuntura até então mais favorável, se atualizam em um contexto desfavorável. Mais especificamente, investigo

se suas expectativas se arrefecem, ou se o acesso à educação e à informação propicia a emergência de antecipações para lidar com os desafios atuais.

ENTRE O ESTADO E O QUILOMBO: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL MEDIADOR DAS LOUCEIRAS DE ITAMATATUIA

KATERINA CHATZIKIDI - UNIVERSIDADE DE TÜBINGEN, ALEMANHA

A cerâmica em Itamatatuiá, um quilombo no noroeste do Maranhão, é uma prática de longa data. É apenas nas últimas décadas, no entanto, que ela vem sendo identificada como a marca privilegiada de patrimônio cultural e de identidade coletiva. Através da cerâmica, as louceiras comunicam noções de vida e história coletivas a pessoas e entidades fora da comunidade, sendo, ao mesmo tempo, os principais atores políticos e representantes de seu quilombo nas relações da comunidade com o Estado.

É principalmente através da atuação político-cultural destas mulheres que o Estado é “trazido” ao quilombo, predominantemente na forma de projetos comunitários. A articulação cultural e política das louceiras transforma um Estado ausente e abstrato em uma presença tangível dentro da comunidade, ao mesmo tempo em que negocia incertezas e expectativas tanto entre os moradores quanto entre os representantes dos diferentes movimentos sociais nos quais participam. Tais negociações, muitas vezes interrompidas, moldam uma percepção positiva e esperançosa de Estado que, frequentemente, se opõe a imagem de Estado ameaçador, que retira direitos e garantias coletivos, sustentada por relações de suspeita e desconfiança bem difundidas no município.

Discutindo a constituição gradual desta dinâmica de representação e articulação coletiva, o ensaio explora o papel das ceramistas de Itamatatuiá como mediadoras entre Estado e comunidade. Ao fazer isso, ele explora as formas pelas quais a gestão do patrimônio cultural torna-se um veículo de visibilidade e de negociação política direta com o Estado, bem como as formas pelas quais o Estado torna-se visível no quilombo.

O ESPÍRITO DE DEUS, UM ESPECTRO DO ESTADO? REFORMA AGRÁRIA, PENTECOSTALISMO E HANTOLOGIA DA CASA NA ZONA DA MATA PERNAMBUCANA

DAVID SIMBSLER - EHESS. PARIS, CMH, FRANÇA

Essa proposta, baseando-se numa etnografia de acampamentos de sem-terra na zona da mata pernambucana durante a crise política que sofreu o Brasil entre 2016 e 2018, busca interrogar a afinidade eletiva entre a « espera do Estado » e o profetismo pentecostal, nesses territórios historicamente marcados pelo poder das usinas de açúcar. Apesar do antagonismo ideológico entre movimentos e igrejas, as práticas e conceitualizações da luta como tempo de espera entre meus interlocutores apontam para um modo « hantológico » (Derrida) de governar os pobres pela temporalidade, através de mediadores assegurando ou ameaçando a posse da terra, entre a incerteza dos direitos e o esperar por Deus, colocando o velho eixo da casa de morada no centro das disputas e conflitos.

CAMPONESES E IGREJA CATÓLICA CONTRA O ESTADO? UM CONTEXTO DE CONFLITO DE TERRA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

EDIMILSON RODRIGUES DE SOUZA, PPGAS-UNICAMP, BRASIL

Nesta comunicação pretendo analisar as estratégias e expectativas de famílias de posseiros apoiados por setores progressistas da Igreja Católica contra agropecuaristas e empresas de extração de madeira num contexto de regularização de assentamentos agroextrativistas, em Anapu, oeste do Pará. Esta área marcada por intensos fluxos migratórios e conflitos pela posse e permanência na terra desde a década de 1970 foi atendida em 2002 com a implantação de assentamentos de reforma agrária por agentes do Estado brasileiro em terras devolutas. No entanto, a permanência destas famílias nas áreas regularizadas pelo INCRA enfrenta desde então ameaças e pressões de grandes fazendeiros que com o apoio de governos locais e instrumentalizadas através da atuação de milícias particulares contra posseiros, agroextrativistas e agentes da Comissão Pastoral da Terra. Neste cenário acentua-se o clima de violência generalizada, que conjuga ameaças e assassinatos por encomenda, queima de moradias, roçados e espaços coletivos, criminalização e encarceramento de lideranças populares, baseados em acusações sem provas e instrumentalizados por oligarquias locais, que contam com a omissão ou anuência de setores do próprio Estado.

GOVERNAR AS DROGAS À DISTÂNCIA E POR INTERMITÊNCIA: “FISCALIZAÇÃO SURPRESA” E REGULAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

MARIANA BROGLIA DE MOURA, EHESS. PARIS, CMH, FRANÇA

O processo de centralização do Estado na década de 30 é também marcado pela integração do Brasil em uma política internacional de fiscalização de entorpecentes que o vincula a uma série de obrigações internacionais. Dentre elas é exigido a criação de uma instância governamental capaz de produzir e coletar dados estatísticos sobre os fluxos das drogas em todo o território nacional, de exercer uma fiscalização rigorosa das práticas dos profissionais autorizados a comercializar e a prescrever drogas (como farmacêuticos e médicos) e de reprimir toda circulação das drogas por meios não autorizados. O objetivo dessa apresentação é questionar instrumentos de

governo que permitem uma ação à distância do Estado sobre uma série de práticas cotidianas médicas e farmacêuticas distantes da capital federal e de uma ação direta dos fiscais. Essa comunicação pretende questionar os efeitos de Estado que estão em jogo no processo de centralização das políticas de drogas do início do século 20 a partir dos arquivos da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes (1936-1976).

A6 PAINEL

DINÂMICAS MIGRATÓRIAS CONTEMPORÂNEAS ENTRE BRASIL E EUROPA: PROCESSOS IDENTITÁRIOS, INCLUSÃO E RECONHECIMENTO

Desde no final do século XX, observa-se um crescimento importante da imigração brasileira para o exterior, sendo a Europa, depois dos Estados Unidos, o principal destino deste grupo de expatriados. Os sujeitos migrantes que compõem este fluxo são muito diversificados, em relação a gênero, etnia e classe social, com distintos projetos migratórios. Em alguns casos, especialmente naqueles relacionados a Portugal e à Itália, temos situações diferentes: no que tange ao primeiro, experiências transnacionais que envolvem um fluxo bidirecional, cuja sentido do movimento é alterado de acordo com o momento histórico, no segundo, encontram-se também sujeitos identificados como italo-brasileiros, descendentes, com ou sem cidadania reconhecida, de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil entre finais do século XIX e início do XX. Neste contexto, a proposta do presente painel é analisar a mobilidade transnacional contemporânea – tendo como eixos o Brasil e a Europa, trabalhando especificamente com os casos de Alemanha, Itália e Portugal – e o impacto individual e coletivo deste fenômeno. Dessa forma, busca-se compreender as dinâmicas identitárias que envolvem o movimento migratório contemporâneo e as experiências de inclusão/exclusão a ele relacionadas, assim como o reconhecimento social e da parte do Estado nas sociedades de recepção. Portanto, entende-se discutir problemas acerca da educação enquanto locus de realização do projeto migratório, facilitador da construção de redes e espaço de interação transnacional, o conflito entre os projetos de vida e as mudanças na burocracia estatal, as transformações nas relações familiares e de gênero nas dinâmicas de mobilidade, bem como o impacto da pandemia de Covid19 em uma (i) mobilidade.

EDUCAÇÃO E MOBILIDADE ENTRE O BRASIL E A ALEMANHA

JAVIER A. CARNICER - UNIVERSIDADE DE HAMBURGO, ALEMANHA

O papel da educação em relação à mobilidade e migração transnacional é com frequência considerado de maneira muito diferente dependendo do contexto social. Para as classes média e alta, a mobilidade internacional é vista como uma estratégia educacional. Para os migrantes de camadas sociais mais baixas, sua mobilidade internacional é percebida como uma fonte de desvantagem educacional. No que se refere às classes médias, a migração (ou mobilidade) tem sido raramente estudada como uma estratégia educacional. Nestes contextos, sabemos bem pouco sobre a influência de aspirações e estratégias educacionais na migração, bem como sobre seu impacto em espaços sociais transnacionais. Este trabalho aborda a migração, ou a mobilidade, entre o Brasil e a Alemanha como uma estratégia educacional que pode ser encontrada em diferentes circunstâncias sociais. Baseado em uma pesquisa etnográfica e multissituada, o estudo analisa e compara trajetórias transnacionais em contextos sociais diversos. Considera-se a forma como as aspirações educacionais surgem e são realizadas, assim como as estruturas e redes que as tornam possíveis, tanto pelo suporte social quanto por meio de normas, valores, ideias e conhecimentos compartilhados. Isto permite refletir como as práticas sociais no campo da educação contribuem para a formação e consolidação de espaços sociais transnacionais. Nesse sentido, com base no estudo da educação e da mobilidade entre o Brasil e a Alemanha, este trabalho tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma leitura que tenha como foco uma perspectiva transnacional na educação.

DINÂMICAS DO ESPAÇO SOCIAL TRANSNACIONAL BIDIRECIONAL LUSO-BRASILEIRO: CONSOLIDAÇÃO OU DECLÍNIO?

JORGE DA SILVA MACAISTA MALHEIROS - UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL

A formação e existência do espaço social transnacional bidirecional luso-brasileiro (ESTB-LB) sustenta-se, nas perspectivas do transnacionalismo e dos sistemas migratórios, designadamente o que têm sido a designado como sistema migratório lusófono. A teoria do transnacionalismo migrante tem-se consolidado desde há 30 anos e está associada ao desenvolvimento e intensificação de formas de participação em processos económicos, políticos, cívicos e culturais, tanto no local de origem, como no de destino, variando os domínios, níveis e modos de envolvimento. Já a ideia de sistema migratório lusófono, que se inspira na formulação dos sistemas migratórios avançada por investigadores como Hania Zlotnik, baseia-se na existência de movimentos migratórios que ligam países lusófonos enquadrados num sistema de relações mais amplo, que tem um ponto de partida colonial, mas que na contemporaneidade se estabelecem num quadro pós-colonial, conforme avançado, por exemplo, por Maria Ioannis Baganha. O Espaço social transnacional luso-brasileiro emerge como um elemento central deste sistema migratório, assumindo características bidirecionais uma vez que os fluxos se desenvolvem nos dois sentidos, oscilando ao longo do tempo. Um quadro histórico e institucional específico molda o ESTB-LB que é sustentado por práticas económicas (trabalho, investimento), relações familiares e ligações sociais diversas, que vão dos estudos à política. Com recurso a dados sobre fluxos migratórios e características sociográficas dos migrantes e

suas famílias combinados com informação qualitativa coletada em entrevistas com casais luso-brasileiros posicionados neste espaço social transnacional pretende-se analisar os projetos de vida e as práticas de vai-e-vem simbólico e efetivo, considerando estímulos e bloqueios. Estes últimos serão equacionados a dois níveis, cruzando as dificuldades específicas das famílias com os contextos de crise macro (econômica, política, sanitária) de forma a perceber o seu impacto no desenvolvimento e consolidação (ou potencial declínio) do ESTB-LB.

ENTRE CRISES: TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NAS MIGRAÇÕES DE ÍTALO-BRASILEIROS PARA RECONHECIMENTO DE CIDADANIA

LUIS FERNANDO BENEDEZI - UNIVERSIDADE CA' FOSCARI VENEZA, ITÁLIA

O grande crescimento da presença de ítalo-brasileiros na Península Itálica, assim como a busca pelo reconhecimento da cidadania italiana *iure sanguinis*, é um fenômeno que remonta ao final do século XX. No período entre 2009 e 2014, observou-se uma redução de fluxo e muitas eram as falas de imigrantes que indicavam um projeto de retorno ao Brasil. Com a crise econômica e institucional que o Brasil tem vivido desde 2014, piorada com o advento do governo Bolsonaro, em 2019, pode-se identificar uma retomada em grande escala das partidas. Neste contexto, e com o grande tempo de espera na rede consular italiana (no Brasil) para a tramitação dos processos de reconhecimento de cidadania (aproximadamente 10 anos, variando de acordo com o consulado), é sempre maior o número de brasileiros que escolhe encaminhar um processo administrativo na Itália, com residências temporárias em solo italiano, com o consequente nascimento de uma rede de agências especializadas neste tipo de procedimento burocrático. Tal fenômeno colaborou para um aumento nos casos de corrupção nas administrações municipais, responsáveis pelos processos, e, ao mesmo tempo, como consequência, motivou a elaboração de uma interpretação mais restritiva do conceito de “residência”, condição fundamental para o encaminhamento do processo de cidadania. O objetivo do presente trabalho, que se insere em um contexto maior de pesquisa sobre os ítalo-brasileiros na Itália, é pensar sobre o impacto das transformações no fluxo migratório, durante a segunda década do século XXI, nas políticas públicas italianas com relação aos ítalo-brasileiros e, também, quanto esta nova situação produziu mudanças em seus projetos migratórios.

OS PROJETOS MIGRATÓRIOS DE BRASILEIRAS/OS NA ALEMANHA NO SÉCULO XXI: FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS, GÊNERO E EDUCAÇÃO

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL

A migração de brasileiros para o exterior tem colocado questões significativas para compreendermos a reconstrução das identidades em diferentes contextos, neste caso, pretendo analisar a intensificação do fluxo de brasileiras para a Alemanha, na segunda década do século XXI. Este trabalho é uma continuidade das pesquisas que venho desenvolvendo sobre brasileiros no exterior, com ênfase nas relações familiares e de gênero. No contexto das mobilidades contemporâneas, a constituição de redes transnacionais tem impactado na configuração das relações familiares, contribuindo para rearranjos familiares e ampliação desses laços com famílias convivendo entre dois ou mais lugares, configurando famílias transnacionais. Pretendo analisar como o projeto migratório se mantém ao longo do seu percurso e seus desdobramentos na geração dos filhos. Neste sentido buscaremos identificar como se articulam os projetos migratórios rumo à Alemanha, procurando identificar como esse país emerge como local de destino na emigração de brasileiros, principalmente para as mulheres, e quais projetos migratórios norteiam essas migrações. Serão apresentados dados iniciais do trabalho de campo realizado de forma virtual, em função da pandemia COVID-19. Foram realizadas entrevistas com mulheres que tem filhos na escola, na Alemanha, e com mulheres e homens que estão estudando na Alemanha para compreender seus projetos migratórios. A partir do contato com as mulheres, buscaremos reconstruir a trajetória de migração familiar e identificaremos as trajetórias educacionais. Pretende-se com essa pesquisa compreender as trajetórias de famílias migrantes rumo à Alemanha aspecto ainda pouco estudado da migração de brasileiros, evidenciando as transformações nas relações familiares de gênero e seus projetos migratórios familiares nos processos de inserção na sociedade alemã.

MOBILIDADE, COTIDIANO E PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DOS ÍTALO-BRASILEIROS NA ITÁLIA E EUROPA

MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, BRASIL

Esta proposta tem por objetivo refletir acerca da vida cotidiana de ítalo-brasileiros na Itália e Europa durante a pandemia de 2020/2021. Por meio de pesquisa virtual, fazendo uso de questionários online, interação por aplicativos e acompanhamento nas redes sociais, pode-se melhor compreender como os ítalo-brasileiros vivenciaram as diferentes fases de restrições nas interações sociais e nas mobilidades. Nesse contexto, questões de classe, gênero e geração se apresentaram de forma particularizada, em especial no acesso ao mercado de trabalho, serviços de saúde e qualidade de vida. A pesquisa etnográfica desenvolvida com ítalo-brasileiros na Itália desde 2012, no ano de 2020 teve que ser efetivada por canais interativos virtuais. Por meio de questionários via Google docs, via whatsapp e acompanhamento de trajetórias particulares pelo Instagram e Facebook, pode-se

efetivar uma “observação participante” em alguns contextos cotidianos dos ítalo-brasileiros. Ao todo foram respondidos 74 questionários via Google Docs, 3 entrevistas por whatsapp e o acompanhamento de cerca de duas centenas de perfis no Facebook e Instagram. Por ítalo-brasileiros, compreendem-se os descendentes de italianos nascidos no Brasil e que possuem a cidadania italiana reconhecida. Ou seja, tem documentação italiana, passaporte e estão juridicamente amparados como cidadãos italianos. Como a pandemia trouxe o impacto da imobilidade, via regramentos de interações sociais, viagens, passeios e outras atividades, a falta ou o excesso de relações sociais familiares também foi algo que se mostrou presente nas enquetes. Passar pela pandemia, num contexto diferenciado daquele de sua família de origem brasileira, foi algo também muito impactante para esses indivíduos. Dessa forma, observar as relações entre mobilidade, imobilidade e as dinâmicas cotidianas dos ítalo-brasileiros na Itália e Europa durante a pandemia nos auxilia a compreender também os percalços dos itinerários de saúde em contextos de tensão.

A7 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

TRADUÇÃO, ANTROPOLOGIA E FOTOGRAFIA: “O DESENHO ARAWETÉ” EM ARAWETÉ: OS DEUSES CANIBAIS (1986) DE VIVEIROS DE CASTRO

GABRIEL SALVI PHILIPSON - FREIE UNIVERSITÄT BERLIN / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

A intenção desta comunicação é analisar o “desenho Araweté [...] do autor com máquina fotográfica e sapatos” na orelha da tese de doutorado de Viveiros de Castro (1986), *Araweté: os deuses canibais*, para pensar sua relação entre a antropologia como tradução controladamente equívoca proposta por Viveiros de Castro (2015; 2018), na medida em que ecoa a relação do antropólogo com o fotógrafo homônimo.

A persistência, a “presença esquiiva, furtiva”, mas “decisiva” das fotografias ao longo da trajetória intelectual de Viveiros de Castro leva Eduardo Sterzi (2017: 16-7) a pensar uma relação de fuga dupla de Viveiros de Castro: este faz antropologia como uma fuga do Brasil maior, objeto por excelência das ciências sociais, seu tema maior, para o Brasil menor; e fotografa como uma fuga da antropologia, do autor maior que a consistência de seu trabalho antropológico o tornou, para uma antropologia de “territórios desconhecidos”, de “espaços de selvageria poética em que o antropólogo aceita pôr em risco sua própria autoridade ‘científica’”. Sterzi (2017: 17-8) fala em traições, nesse caso, das teses maiores do perspectivismo, que dão a ver, afinal, o “intervalo”, o diapasão, “entre o fotógrafo e o fotografado, a distância entre um e outro, mas também a quebra dessa distância por meio da simpatia”. Nesta comunicação trata-se, entretanto, de pensar as fotografias de Viveiros de Castro como índices ou vestígios, imagens-utupê ou fotografias selvagens de uma caixa preta em devir de chocalho. Submetidas à mesma lógica do espectro-espírito, veem na medida em que dão a ver, sua objetificação é a de um sujeito que vê sujeitos na medida em que estes a veem. A hipótese de análise está em sugerir o desenho Araweté como a contraparte perspectivística espectral da atividade fotográfica-teórica de Viveiros de Castro. Com isso, as fotografias de Viveiros de Castro não dão a ver o Outro de si, mas o eu do Outro de si. Em outras palavras, dão a ver não apenas que “é o outro que é um eu” (ZULAR 2019: 60), mas que o outro que o eu é é, afinal, na condição de outro, também um eu, mas outro em relação ao eu do qual o outro é eu. Dá a ver sua “diferença” (ZULAR 2019: 60), o macabro processo de devir e se indiferenciar, a predação de si, ou melhor, o espectro de si, seu devir tigre ou jaguar. Como Joaci, de Onde a onça bebe água, de Verônica Stigger (2015), ao acordar de seu macabro sonho vê refletida na água do rio sua imagem-onça, as fotografias de Viveiros de Castro devolvem uma imagem de si na qual talvez ele não reconheça poder não se reconhecer.

O “INVENTOR NO EXÍLIO” E O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO: HERCULE FLORENCE

ANTONIO HERCULANO LOPES - FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, BRASIL

Saindo aos 18 anos da modesta Mônaco, decidido a conquistar o mundo, qual “novo Robinson”, Hercule Florence (1804-1879) desembarcou em 1824 no Rio de Janeiro e passaria os restantes de seus dias no país que então se constituía. Depois de participar como desenhista da importante expedição Langsdorff, radicou-se em São Carlos de Campinas, onde, entre dois casamentos, teve 20 filhos e se dedicou a atividades diversas para prover à numerosa prole. Mas seu sonho (e frustração) foi ser reconhecido como artista e inventor – entre outras coisas, por suas experiências pioneiras com a fotografia. Da volumosa produção escrita que nos legou sobre sua própria vida e investigação, assim como da considerável produção pictórica, emerge a imagem de um espírito dividido entre suas ambições de grandeza e ideais iluministas, de um lado, e os necessários pés no chão impostos pela família e pela vida numa sociedade escravocrata e periférica num mundo em acelerada transformação.

O TRACOMA FOI TRAZIDO NO SÉCULO XVIII POR CIGANOS DEPORTADOS PARA O BRASIL?

MARTIN FOTTA - ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA REPÚBLICA CHECA, REPÚBLICA TCHECA

Tracoma, também chamada de conjuntivite granulomatosa, é uma doença inflamatória ocular que, em casos graves, pode levar à cegueira. A doença está relacionada com baixas condições e precariedade de saneamento

básico. No final do século XIX, tornou-se um grave problema de saúde pública no Nordeste, particularmente no Ceará.

Publicações médicas brasileiras afirmam que o tracoma foi trazido ao região por Ciganos (Romanis). Normalmente ainda hoje quase todas oferecem um comentário passageiro que sempre sublinha que 1) o tracoma não é autóctono pra o Brasil, e 2) foi trazido pelo os Ciganos deportados pra o Brasil entre 1718 e 1750 que se estabeleceram nas Províncias do Ceará e Maranhão, constituindo-se então os primeiro “focos” de tracoma no país. O mais famoso foi o “foco do Cariri” (no sul do Ceará).

O objetivo da minha apresentação, é, primeiramente, reconstruir como esta verdade científica se estabeleceu. Eu vou reconstruir as origens desta afirmação traçando suas primeiras formulações para o trabalho dos oftalmologistas do início do século XX. Em segundo lugar, eu vou explorar a lógica racializante subjacente a esta afirmação. Vou mostrar que as preocupações contemporâneas -- com o impacto que a imigração de pessoas de origem "errada" e a miscigenação racial poderiam ter sobre o futuro da nação, bem como as associações feitas entre higiene e raça -- informam a conexão entre os Ciganos e a doença.

A HISTÓRIA AMERÍNDIA PRÉ-COLONIAL CONTADA PELAS TÉCNICAS DE PRODUÇÃO. ESTUDO DE CASO DOS ABRIGOS DO COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DA CIDADE DE PEDRA (MATO GROSSO – BRASIL)

JULIANA DE RESENDE MACHADO - LABORATOIRE PRÉHISTOIRE ET TECHNOLOGIE (UMR7055), BRASIL

Um mosaico cultural ! É a assertiva generalizada para o Holoceno recente da região centro-oeste de Brasil. As pesquisas arqueológicas efetuadas nos últimos seis decênios revelaram inúmeras culturas. Uma história ameríndia pré-colonial e colonial que se esconde nos sítios uni ou multicomponenciais, ou seja, sítios que conservam um ou vários tipos de cerâmicas. Essa mistura pode significar distintas situações socioculturais estabelecidas entre diferentes grupos – reocupação de um espaço, troca de objetos, coabitação?

COLÔNIAS AGRÍCOLAS NA AMAZÔNIA NO FINAL DO SÉC. XIX: QUESTÃO FUNDIÁRIA E MIGRAÇÃO NA ZONA BRAGANTINA

ANA LUISA SANTOS ROCHA - UFPA/PARIS 1, BRASIL

Os estudos sobre as relações sociais, econômicas, jurídicas e ambientais na Amazônia, especialmente quando se pensa nesses fatores aliados ao modelo de ocupação que vem sendo empregado desde a década de 1970, elencam a região como a última fronteira de expansão do país. Essas análises enxergam a região a partir das suas problemáticas enquanto fronteira marcada pelo confronto entre as demandas e interesses contraditórios de diversos atores. Entretanto, o olhar sobre a fronteira amazônica não se resume apenas ao contexto histórico das últimas décadas do séc. XX, pois o auge da produção gomífera também representou um claro contexto de avanço de fronteira articulada à expansão da economia industrial internacional. Esse ápice econômico vivenciado no período de 1870 a 1910, ocasionou profundas reformulações que já naquele momento evidenciaram a problemática da fronteira: inserção da produção extrativa da borracha no mercado internacional, conflitos com povos indígenas e comunidades locais, ações de fomento à infraestrutura com a construção de estradas, ferrovias, telégrafos e aumento das companhias de navegação, novas legislações regulando o direito de propriedade e o acesso à terra, incentivo à migração de mão-de-obra nacional e estrangeira, com booms populacionais nas cidades de Belém e Manaus.

A8 PAINEL

LASAR SEGALL - NOVAS PERSPECTIVAS (II)

Buscando continuar e aprofundar o trabalho realizado no último Congresso da ABRE, em 2019, esse painel volta a reunir cinco especialistas que pretendem discutir temas relacionados à História da Arte, versando especialmente sobre o caso do modernismo brasileiro. Iluminando aspectos específicos da trajetória do artista Lasar Segall, as comunicações tratarão de esmiuçar as relações entre arte e sociedade, a formação e o desenvolvimento do campo artístico no Brasil, as discussões teóricas no terreno da estética, da crítica e da história da arte e as interlocuções transatlânticas entre Europa e América do Sul.

LASAR SEGALL'S TRANSATLANTIC MIGRATIONS TO PARIS...AND BACK: BETWEEN TRANSFER, ACCULTURATION AND INNOVATION

MELANIE VIETMEIER - HISTORIADORA DA ARTE E CURADORA INDEPENDENTE, FRANÇA

The life and work of the “artistic wanderer” Lasar Segall (1889–1957) inscribes itself in the context of global migrations of artists and intellectuals that form transatlantic networks and exemplify artistic exchange processes. Having emigrated to Brazil in 1923 the plastic artist Segall returns to Europe for another four-year period and installs himself – like numerous artists from Brazil or Latin America in Paris (1928–1932). Segall's stay in the French capital is characterized by intra-European travels and encounters as well as decisive artistic experimentations in different media which reflect his migration experiences. His artistic work, his exhibitions and reception as well as his networks of that period will be placed in the larger context of migration, exile and transnational encounters between the transatlantic Avant-Gardes in the first half of the 20th century.

ART IN BRASILIAN EXHILE: INNER IMAGES BY LASAR SEGALL

GÉRALDINE MEYER - UNIVERSIDADE DE ZURIQUE, SUÍÇA

Lasar Segall (1889–1957), a Jewish artist who led a nomadic, unstable life in widely divergent cultural contexts, continuously expressed himself through what he liked to call his "inner images". The term refers to ideas, visions and memories which are marked by personal perceptions and thoughts. As Stephanie D'Alessandro and others already observed, Segall exhibited an ability to move easily between various locations and integrate himself into new cultures, which can be seen in his work through the appropriation of styles, languages and the culturally influenced pictorial contents. His theoretical writing, however, testifies to an intellectual continuity which runs through his work in spite of Segall's many artistic shifts in direction: in his notes and essays, he formulates his basic artistic concept of producing "inner images" through introspection, unsurprisingly relates to art and personal identity and, in a less orthodox side path of modernist thinking, theorizes about the nature of "Jewish art." As I will show in my paper, it is against this background that Segall, somewhat paradoxically, attempts to find continuity and a spiritual home in placelessness. I aim to highlight the importance of the notion of writing in-between-the-worlds, a concept formulated by Ottmar Ette, for Segall's artistic production.

SEGALL ACESSÍVEL - ANEXANDO REFERÊNCIAS

PIERINA CAMARGO - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS-IBRAM/MUSEU LASAR SEGALL, BRASIL

Desde meados de 2019 o Museu Lasar Segall vem trabalhando em conjunto com a Universidade Federal de Goiás (UFG), juntando esforços para a realização do Projeto Tainacan. Trata-se de uma plataforma digital dedicada à documentação e inventário de acervos de museus, bibliotecas, arquivos e demais instituições envolvidas com a gestão do patrimônio cultural. Um dos objetivos do Projeto Tainacan é a integração das bases de dados das instituições brasileiras, criando uma rede nacional de acervos digitais. No Museu Lasar Segall o trabalho iniciou-se com a migração das informações referentes às obras de arte produzidas por Lasar Segall, presentes na base de dados então em uso, denominada Katalogos, para o sistema Tainacan. A presente comunicação visa reunir reflexões sobre esse processo de migração e seus efeitos correlatos. A transição criou oportunidade para uma revisão extensa das informações reunidas no contato com as obras. Iniciado em 1985, o trabalho de catalogação da produção artística de Lasar Segall consolidou um significativo conjunto de dados que agora passa por reavaliação e refinamento. Novas relações entre as obras vêm sendo estabelecidas: esboços e desenhos revelam-se estudos para obras mais complexas, como gravuras e pinturas. Essas novas constelações de obras descobertas no trabalho de revisão permitem um aprimoramento na datação dos trabalhos, o que leva a uma compreensão mais apurada da trajetória profissional do artista. Observa-se também a oportunidade para o estabelecimento de relações entre o acervo de obras e os documentos e fotografias reunidos em outras coleções do Museu Lasar Segall.

ENTRE ARTE E POLÍTICA: A PRESENÇA DO UNIVERSAL EM LASAR SEGALL

ALLAN ANDRÉ LOURENÇO - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

Embora a obra de Lasar Segall (1889-1957) seja regularmente qualificada pela sua literatura como universal, existem poucos trabalhos dedicados a compreender essa qualidade a partir das experiências do artista com seu contexto histórico mediador. Por isso, foi realizado um estudo sobre a relação do conceito de universal com algumas das formações culturais que mais impactaram o artista. Este trabalho se ocupa em analisar como a ideia de universal apareceu na perspectiva do judaísmo, primitivismo, expressionismo e neoclassicismo, investigando a relação do artista com esses fenômenos de ordem religiosa, estética e política. Para tanto, foi realizada uma investigação bibliográfica e documental sobre a vida e a obra do artista, compreendendo um período que se inicia em 1917, estendendo-se até o final da década de 1930. O universal apareceu como um recurso de resistência, para que Segall se posicionasse diante do avanço de políticas autoritárias marcadas pelo antissemitismo e nacionalismo, afirmando seus valores éticos como artista e judeu. O estudo entendeu, portanto, que o conceito de universal serviu como um mediador para que o artista lidasse com uma complexa relação entre arte e política crucial para o seu tempo.

LASAR SEGALL E A CRÍTICA: ARTE, HISTÓRIA, POLÍTICA

DANIEL RINCON CAIRES - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS-IBRAM/MUSEU LASAR SEGALL, BRASIL

Ao longo de sua carreira o artista Lasar Segall (1889-1957) viu acumular-se ao redor de sua obra uma vasta quantidade de textos críticos, registrados em diversos países e idiomas, atravessando a primeira metade do século XX. Nominalmente dedicados à apreciação, explicação e julgamento das propostas estéticas, os textos críticos extrapolam essa função e estabelecem diálogos com as circunstâncias históricas e políticas, buscando, em última instância, exercer influência nas disputas e tensões que se desenrolam na sociedade circundante. Observando o caso específico de Lasar Segall, procura-se deslindar as questões históricas, sociais e políticas incrustadas nos textos, exercício que acaba por conduzir a uma reflexão sobre as possibilidades historiográficas oferecidas por essa singular modalidade de fontes representada pelos diversos tipos de discursos sobre a arte.

SEXTA-FEIRA 24. 9. 2021 16:30-18:45 (CEST) B

B2 SESSÃO DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

CINEMA

O CINEMA BRASILEIRO RECENTE COMO FERRAMENTA DO DEBATE POLÍTICO

EDUARDO PASCHOAL - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Este estudo tem por objetivo compreender a circulação dos filmes recentes do cinema brasileiro (de 2010 a 2019) como ferramenta do debate político, tanto no Brasil quanto na França. Busca analisar os elementos contextuais extra-fílmicos, que contribuem para as interpretações das obras, especialmente as que já abordavam, como temática, traços do político e do social, seja no espaço privado, próximo a uma política das intimidades, seja ao tematizar a política institucional. A pesquisa considera que as alterações econômicas, sociais e culturais pelas quais o Brasil passou nos últimos anos influenciaram também a maneira como os filmes são produzidos e recebidos no período.

Parte-se, para isso, das políticas públicas de incentivo ao audiovisual, conduzidas especialmente de 2003 a 2016, que aumentaram o número de produções, descentralizaram e ampliaram os polos e agentes produtores e criaram mais espaços para a exibição e a circulação das obras, incluindo sua internacionalização, com a participação em festivais no mundo todo e parcerias de coprodução. Em termos conjunturais, as alterações políticas institucionais também são importante fator de mudanças sociais no país: desde as manifestações de rua de 2013, e suas continuidades nos anos seguintes, o tecido social e o espaço público passaram por instabilidades institucionais, com a polarização da discussão política.

A partir da difusão e da deliberação das obras, que se estabelece no Brasil e fora dele (sobretudo na França, por meio de críticas, festivais e circuitos de legitimação), procura-se analisar de que maneira o cinema brasileiro recente atuou como território de disputa e de reflexão crítica sobre as dimensões do político e do social. Esta reflexão apresenta alguns resultados preliminares de um estágio de doutorado (sanduíche) junto ao Institut de recherche sur le cinéma et l'audiovisuel, na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (2019/2020).

IMAGENS DE UMA MONARQUIA TROPICAL: PERFORMANCES DE GÊNERO DE DOM PEDRO I E DONA LEOPOLDINA EM “O QUINTO DOS INFERNOS”

JARLENE REIS - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO/ UERJ, BRASIL

O objetivo do trabalho é compreender de que forma se representam, na minissérie “O Quinto dos Infernos”, performances de gênero dos personagens Dona Leopoldina de Habsburgo e Dom Pedro I. A comédia exibida originalmente pela Rede Globo em 2002 (e reprisada em outras ocasiões pelo Canal Viva), retrata o período que vai desde a chegada da família real portuguesa no Brasil, em 1808, até a abdicação do Trono por Dom Pedro I e seu retorno a Portugal. Dom Pedro I e sua primeira esposa, Dona Leopoldina, são interpretados por Marcos Pasquim e Érika Evantini, respectivamente. Construídos a partir de indicativos de gênero que reproduzem a dicotomia feminino/ masculino, os personagens que representam o casal demonstram práticas e significados sociais dos papéis de gênero, em uma produção que, sob o argumento da liberdade ficcional, mescla elementos historiográficos a aspectos contemporâneos à sua realização. Em “O Quinto dos Infernos”, as representações dos dois primeiros monarcas do Brasil permitem refletir sobre o modo como valores ligados a uma cultura colonialista e patriarcal se reproduzem em obras audiovisuais de inspiração histórica, contribuindo para a produção de sentidos sobre os papéis de gênero na sociedade brasileira, além de perpetuar imaginários sobre o país. Leituras sobre gênero e cultura das mídias fundamentam a discussão, que articula referenciais da História e das Ciências Sociais. Metodologicamente, técnicas de análise fílmica e análise de conteúdo foram utilizadas no estudo da caracterização e do desenvolvimento dos dois personagens na produção. Observou-se que a construção dos personagens de Pedro e Leopoldina na minissérie se deu de acordo com estereótipos ligados às categorias socialmente construídas do que seria um príncipe, uma princesa, um homem ou uma mulher. Dessa forma o casal encarna, midiaticamente, um conjunto de características, comportamentos e interações que reforçam o sistema dicotômico homem/ mulher, cerne da dominação patriarcal.

“THE LIFE THEY DREAMT OF HERE WAS NOT AFFORDABLE:” INSTABILIDADE RESIDENCIAL NO DOCUMENTÁRIO GRANDMA HAS A VIDEO CAMERA (2007), DE TANIA CYPRIANO

LEILA VIEIRA - THE OHIO STATE UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

Neste trabalho analiso a instabilidade residencial e as constantes mudanças pelas quais a família Lalau-Cypriano passa no documentário *Grandma has a video camera* (2007), de Tania Cypriano. A maioria das imagens do filme foram gravadas com o objetivo de preservar memórias e documentar as experiências da família, até que Cypriano decide transformar estas imagens em um documentário e usar a história de sua família para discutir a imigração brasileira para os Estados Unidos de uma maneira mais abrangente a partir de comentários e narração em voice over. O documentário, baseado majoritariamente em gravações amadoras da família feitas pela avó, Dona Elda Rosa de Jesus, segue a vida desta família de classe média durante duas décadas (a partir dos anos 1980), documentando em vídeo suas impressões sobre a sociedade estadunidense, suas viagens e celebrações, sua rotina diária, e as diversas casas e apartamentos em que vivem. Nestas imagens, chama a atenção o caráter transnacional entre o Brasil e os Estados Unidos desta família, e a consequente dificuldade em estabelecer um lar e sentimento de permanência devido a tantas mudanças de endereço. Eu argumento que a busca por permanência e estabilidade é refletida nas tentativas de constituir um lar, e que ansiedades relacionadas à classe, migração e pertencimento são projetadas na busca por uma lar permanente. Na minha análise deste filme, considero tópicos de mobilidade e migração a partir do proposto por Gillespie (2017) e o conceito de "mobilidade repetitiva," assim como discussões de Fowler e Lipscomb (2010) sobre a importância da passagem do tempo na construção de um lar.

UM PAÍS À DERIVA: REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA COMÉDIA CONTEMPORÂNEA DE GRANDE PÚBLICO

SHEILA SCHWARZMAN - UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, BRASIL

Ao narrar a história de um homem que, durante anos, perde a memória e só a recupera uma vez por ano, no Natal, a comédia *Tudo Bem no Natal que Vem*, de 2020, fala de um Brasil à deriva, onde as pessoas agem às cegas e só tomam consciência da destruição que provocaram com surpresa e estupor.

B3 PAINEL

AS MULHERES E OS MODERNISMOS NO BRASIL

Às vésperas do centenário da semana de 22, marco do início do modernismo no Brasil, propõe-se revisitar não apenas os primórdios desse movimento, mas também as gerações subsequentes, como o concretismo e neoconcretismo, dando enfoque às mulheres. Abordaremos a obra e/ou a trajetória de artistas e críticas de arte que contribuíram para uma nova sensibilidade da cultura no país, modernas e modernistas a seu modo. Entre elas, lembra-se de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Pagu, Maria Eugênia Franco, Gilda de Mello e Souza, Elsie Houston, Mira Schendel, Lygia Clark, Lygia Pape, Ceileida Tostes, Clarice Lispector, entre tantas outras. Essa nova maneira de sentir e expressar o mundo se disseminou nacionalmente para as artes visuais, cinema, literatura, assim como para a crítica. Tudo isso também se reverbera até os dias atuais em contribuições teóricas da sociologia, antropologia, filosofia e história arte. No Brasil e no exterior, os feitos particulares das modernistas são também, até hoje, retomados por movimentos culturais e sociais feministas, como forma de memória e de reivindicação por participação e liderança no âmbito artístico, político ou acadêmico. Sendo assim, essa mesa propõe explorar como as vidas e as obras dessas mulheres precursoras repercutiram e continuam a ecoar no campo da arte, da crítica ou da teoria.

GILDA DE MELLO E SOUZA E OLHAR MODERNISTA PARA A “ESTÉTICA POBRE”

JULIANA SIQUEIRA FRANCO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

Gilda de Mello e Souza foi ensaísta, crítica de arte e também a primeira professora de Estética do curso de Filosofia da Universidade de São Paulo. Formando-se em um período de transição entre as vanguardas e a especialização profissional, deixou importante legado para a reflexão sobre artes no Brasil. O presente estudo busca compreender o trabalho intelectual da autora vinculado ao diálogo crítico com as vanguardas e teorias de arte europeias, assim como ao modernismo brasileiro. Nota-se a presença marcante de traços modernistas em seu pensamento não apenas por seu aberto interesse pela obra de Mário de Andrade, mas também por levar em consideração os ensinamentos dos Mestres franceses que lecionaram no Brasil e influenciaram gerações: Jean Maugüé, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide. Daremos principal atenção à troca intelectual de Gilda de Mello e Souza com esse último mestre, o qual orientou sua tese de doutorado em “sociologia estética” (“O Espírito das Roupas”, 1950). Com ele, a autora aprendeu a direcionar um estudo empírico vinculado ao teórico, tomando a arte e artistas como seus principais objetos. Assim, seu vínculo com o modernismo pode ser considerado a partir do elogio direcionado a Bastide no texto “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses” (“Exercícios de Leitura”, 1972), no qual aborda as principais temáticas investigadas por esse autor a partir de sua “estética pobre”: o interesse pelo barroco e pelas manifestações religiosas afro-brasileiras, os quais são associados ao primitivismo e ao pensamento místico. Esses traços evidenciam que as reflexões de seu professor buscavam investigar os pormenores significativos, o que também marcou profundamente o pensamento estético de Gilda de Mello e Souza. Seus escritos entrelaçam esses aspectos de forma singular, conformando sutileza do ponto de vista de uma crítica apaixonada.

MIRA SCHENDEL: UMA POÉTICA DO DESLOCAMENTO

TAISA PALHARES, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, BRASIL

Artista incensada em determinados círculos intelectuais e artísticos no Brasil, pode-se dizer que a totalidade da obra de Mira Schendel (1919, Zurique, Suíça - 1988, São Paulo, Brasil) permanece desconhecida do público europeu. Schendel emigra para a América do Sul em 1949, fugindo da pobreza imposta ao continente europeu no pós-guerra. Em Porto Alegre inicia sua produção artística e nos anos 1950, estabelecida na cidade de São Paulo, insere-se no meio artístico local num momento de grandes mudanças culturais, econômicas e políticas. No entanto, pode-se dizer que a singularidade de sua produção sempre a manteve à margem dos movimentos e correntes dominantes da arte brasileira. De certa maneira, sua obra parece manter um vínculo subterrâneo com o país que foi determinante em sua formação, a Itália. Entretanto, sem nunca querer voltar a viver na Europa, Schendel parece ter cultivado a posição de "deslocamento" que afinal é determinante para o sentido de sua poética. Nossa apresentação pretende explorar como esse "deslocar-se" entre diversas culturas, línguas e países, manifesta-se como um elemento fundamental na produção da artista. Iremos recorrer a uma breve apresentação panorâmica de seu trabalho desde os anos 1950, com especial atenção ao seu desenvolvimento na década de 1960.

LYGIA PAPE E CELEIDA TOSTES: PEDAGOGIAS RADICAIS NA NEO-VANGUARDA BRASILEIRA

CRISTIANA TEJO, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

A relação entre arte e pedagogia é um dos pontos-cegos da História da Arte, apesar da formação dos artistas ser um fator importante na concretização de linguagens e uma das formas de renovação e de perpetuação de códigos estéticos. Possivelmente isso deve-se ao fato da historiografia da arte focar-se nas obras e não em outros vestígios materiais e imateriais da produção artística, marginalizando toda uma extensa área de experimentação. Esta apresentação busca lançar luzes sobre as pedagogias engendradas por artistas mulheres no Brasil, tanto no âmbito formal como no informal e como estas experiências muitas vezes não podem ser dissociadas de suas práticas artísticas. A comunicação divide-se em duas partes: a primeira recai sobre o contexto do ensino de arte no Brasil entre os anos 1950 e 1970 e participação feminina na formação artística experimental; a segunda evidencia as trajetórias de Lygia Pape e Celeida Tostes e o entrelaçamento de suas pedagogias com suas obras. No período abordado, Pape lecionou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na Faculdade de Arquitetura Santa Úrsula e no Parque Lage. Sua formação universitária não se deu no curso de belas artes, mas na Filosofia, tendo sua educação nas artes se dado em cursos com Fayga Ostrower, Ivan Serpa e numa ampla rede de sociabilidade. Alguns de seus trabalhos são indissociáveis de suas experimentações em exercícios de sala de aula. Já Celeida Tostes, com sólida formação em gravura, muda de rumo ao aprender cerâmica com a indígena navajo Maria Martínez, nos Estados Unidos. A inserção de Tostes na educação deu-se tanto na rede pública de ensino para crianças e adolescentes quanto no Parque Lage, desenvolvendo um trabalho pioneiro na formação em cerâmica contemporânea. Ambas as artistas representam exemplarmente o transbordamento entre arte e educação.

MARIA EUGÊNIA FRANCO E OS ENSAIOS SOBRE A II BIENAL DE SÃO PAULO

TALITA TRIZOLI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Existe certo consenso de que a chamada "era de ouro da crítica de arte" ocorreu entre as décadas de 1950/60, logo após uma retomada econômica parcial do pós-guerra, em concomitância à projetos expansionistas culturais apoiados pelos protocolos da Guerra Fria, onde a figura do crítico de arte não era apenas mediadora da experiência estética, mas também dos projetos artísticos imperialistas. Dessa época, na cena brasileira, alguns nomes ganham destaque, como Pedrosa, Gullar, Morais, Milliet e Schenberg, para citar apenas alguns, todos envolvidos em alguma medida com projetos estético-políticos de intenso impacto no contexto local. Nesse circuito restrito da crítica de arte nacional, chama a atenção a baixa participação de agentes culturais mulheres no exercício de debruçamento crítico sobre o fenômeno artístico em sua natureza variada, sendo que o setor em que essa disparidade é das mais gritantes é justamente nas artes ditas visuais – as poucas integrantes dessa categoria dividem sua atuação crítica com outras atividades no setor, como o ensino, a gestão cultural, e o que hoje entendemos como curadoria. Partindo justamente dessa perspectiva de exceção de gênero, se faz pertinente comentar a produção crítica de Maria Eugênia Franco, escritora, gestora, crítica e curadora paulista, mais conhecida por seu trabalho organizacional na Seção de Artes da Biblioteca Mario de Andrade em São Paulo e criadora do IDART, mas que possuiu pontual plataforma discursiva em jornais, não vinculada às colunas femininas. Em seus doze artigos publicados em 1954 pelo jornal paulista "Última Hora" a respeito da II Bienal, é possível verificar neles o diálogo de Franco com seus pares intelectuais, suas escolhas estéticas e políticas na gestão artística, mas acima de tudo, sua posição pragmático-educativa da função social da arte, aliada à uma perspectiva crítica das possibilidades e limitações institucionais.

ELSIE HOUSTON FRENTE À EXPRESSIVIDADE DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.

JACQUES LEENHARDT, ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES, FRANÇA

A cantora Elsie Houston, com formação clássica, se encontrou no cruzamento da tradição musical clássica e da nova sensibilidade para as expressões populares e étnicas. Interprete de Heitor Villa-Lobos e proxima de Mario Pedrosa e dos surrealistas, ela coleta, transcreve e publica canções populares brasileiras. Intérprete das mesmas, ela mede a distância entre a performance e as transcrições escritas. É neste cruzamento de duas tradições musicais e duas modalidades semióticas que ela dará uma contribuição original, que minha apresentação tentará destacar e problematizar.

B4 PAINEL

REPRESENTAÇÕES DO AUTORITARISMO NA NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Um dos temas recorrentes da ficção ocidental do último meio século tem sido a crítica das arbitrariedades de regimes autoritários que, na segunda metade do século XX, assolaram não apenas a América Latina, mas também tiveram presença significativa em vários países do Velho Continente. Este painel reúne trabalhos que analisam romances de autores brasileiros contemporâneos que, em tempos diferentes e por meio de diversas estratégias e formas de expressão, abordaram a violência de contextos ditatoriais, sobretudo do regime militar brasileiro.

Primeiro serão discutidas narrativas publicadas durante os anos de chumbo, cuja produção artística foi chamada por Renato Franco de “a cultura da derrota” (1998). Trata-se de textos que, devido à forte censura, adotaram procedimentos indiretos de denúncia – perspectivas distópicas, abordagens alegóricas ou atitudes experimentais que visam a desconstrução radical da tradicional forma romanesca. A seguir, serão abordadas obras produzidas já no contexto de redemocratização e que apresentam a revivência de experiências traumáticas de repressão e exílio, definido por Edward Said como “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal” (2003). Finalmente, serão analisadas narrativas publicadas na última década, nas quais se revisita o já distante período ditatorial através da memória de testemunhas diretas ou indiretas e da focalização dos familiares de desaparecidos políticos.

O objetivo principal do painel é debater as variadas estratégias discursivas que os textos escolhidos adotam para denunciar a realidade violenta de regimes ditatoriais. Simultaneamente, espera-se oferecer uma visão geral das transformações temáticas e formais que ocorreram, nos últimos cinquenta anos, na narrativa brasileira que se debruçou sobre o regime militar. Por fim, pretende-se chamar atenção para a importância desta vertente da literatura que, concebida por Eurídice Figueiredo como um “arquivo da ditadura” (2017), representa um instrumento de resistência ao esquecimento e às tendências autoritárias, cada vez mais presentes no atual cenário político brasileiro.

DITADURA, VIOLÊNCIA E TORTURA EM BAR DOM JUAN (1971) E OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS (1973)

VANIA PINHEIRO CHAVES - CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS (CLEPUL), FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (FLUL), PORTUGAL

Tomando como ponto de partida o fragmento de W. H. Auden – «Quando o processo histórico se interrompe... quando a necessidade se associa ao horror» – que serve de epígrafe a Bar D. Juan (1971), de Antônio Callado, e outro de Alexandre O’Neil – «E cada um por seu caminho / havemos de chegar / quase todos / a ratos» – com idêntica função em Os homens de pés redondos (1973), de Antônio Torres, esta comunicação visa demonstrar que esses dois romances constroem retratos realisticamente cruéis de três regimes ditatoriais: no primeiro, a ditadura instaurada no Brasil com o golpe militar de 1964 e a ditadura boliviana dos anos 60; no segundo, a ditadura liderada por Antônio de Oliveira Salazar em Portugal, bem mais antiga e ainda vigente na mesma década. A comunicação revela como o escritor fluminense e o baiano ficcionalizaram a realidade ou os acontecimentos históricos e de que procedimentos se valeram para a transformação da História em Literatura. Renovando de forma diversa a literatura engajada brasileira, os dois se destacam (e se arriscaram) por suas criações ficcionais pioneiras na denúncia do status quo, ou mais precisamente, de governos caracterizados por exacerbado autoritarismo, pela imposição da censura e pela repressão violenta da oposição.

NARRADORES-TRAPEIROS, ANARQUIVAMENTO E FRAGMENTAÇÃO EM ROMANCES DE BENEDICTO MONTEIRO

ABILIO PACHÉCO DE SOUZA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ, BRASIL

Os romances de Benedicto Monteiro, Verde Vagomundo (1972), O minossauro (1975) e A terceira margem (1983) escritos e publicados sob o contexto da Ditadura Militar Brasileira empregam em suas composições a técnica da montagem e da fragmentação, técnica comum a outros romances da década de 1970 (FRANCO, 1998), e aparecem-nos em sua feição desconforme como fractais desconjuntados e como árvores semoventes (PACHECO, 2020). Mobilizando materiais discursivos diversos coletados na sociedade e inserindo-os no romance, o narrador promove uma desordem na lógica do arquivo ocidental, cartesiano, iluminista, age como um catador de lixo, como o trapeiro baudelairiano, para nos colocar frente a um anti-arquivo. Ele coleta e apresenta ao leitor uma coleção

aparentemente aleatória de transcrições de rádio, notícias de jornais, notícias de revistas, letras de canção, poemas, relatórios técnicos, depoimentos e outros materiais discursivos. Nesta comunicação, analisamos o narrador-trapeiro e o anarquivamento, a anarquia do arquivo que abala o edifício da razão ocidental, na medida em que são coletadas das ruínas os resíduos da sociedade para reconstruir um discurso de modo crítico (conforme SELIGMANN-SILVA, 2014). O anarquivamento, como gesto de desordem e fragmentação, realizado pelos narradores, aparece como um princípio estético e correspondente à percepção do choque pelo sujeito frente ao aparelhamento do estado e à vertigem provocada ante o aparato violento, tecnocrático. Afinal, no contexto em que os romances foram escritos, a medida do bem e do mal e a subjugação da autonomia do sujeito está sob o domínio de um Estado cuja política é pautada na violência e no controle (TODOROV, 2000). A fragmentação e o anarquivamento como formas de dispor a narrativa correspondem ao modo de percepção de si, dos outros e do mundo por este narrador, também desinteiçado, em um contexto e por causa de um contexto violento, adverso, degradante.

A ESCRITA DO TRAUMA EM TROPICAL SOL DA LIBERDADE, DE ANA MARIA MACHADO, E PEDAÇO DE SANTO, DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

ZUZANA BURIANOVÁ - FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE PALACKÝ EM OLOMOUC, REPÚBLICA TCHECA

A comunicação tem por objetivo analisar a representação de vivências traumáticas em duas narrativas que, tematizando o período da ditadura militar brasileira, foram publicadas já no período de redemocratização: *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, e *Pedaço de santo* (1997), de Godofredo de Oliveira Neto. Caracterizados por Eurídice Figueiredo como “romances sobre exílio e retorno ao país natal” (2017), os dois romances se debruçam sobre as experiências de exilados brasileiros em Paris e o seu regresso à pátria, valendo-se, porém, de personagens e perspectivas narrativas bastante diferentes. Em *Tropical sol da liberdade*, a problemática do desterro por motivos políticos é explorada através das memórias da protagonista, que pretende escrever uma peça de teatro, inspirada na sua dolorosa experiência do exílio. Recorrendo às cartas e anotações desse período, ela evoca não apenas as próprias vivências, mas também as de vários compatriotas e outros latinoamericanos que se exilaram, durante os regimes ditatoriais, na Europa. Em *Pedaço de santo*, a primeira parte do enredo desenvolve-se no meio da comunidade parisiense de militantes brasileiros e de outras nacionalidades. Na descrição do seu ambiente politizado e boêmio, irrompem lembranças de eventos traumáticos vivenciados no Brasil pelos dois protagonistas que, envolvendo a violência cometida tanto pela repressão quanto pelas organizações armadas, antecipam o desenlace trágico do livro. Nos dois romances, o processo de rememorar os traumas do passado causa rupturas no fluxo da linguagem narrativa, criando vazios, silêncios ou recordações repetitivas de cenas violentas. A análise das obras vai apoiar-se em estudos teóricos sobre vivências traumáticas (Freud, Seligmann-Silva, Viñar) e sobre o exílio (Said, Agamben).

O MEDO QUE VEM DO PASSADO. UMA LEITURA DE ANTES DO PASSADO DE LINIANE HAAG BRUM

GRACIELA FOGLIA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, BRASIL

Neste trabalho analiso *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia* (2012), de Liniane Haag Brum, relato da busca da autora por vestígios da vida de Cilon Cunha Brum, seu tio e padrinho, militante do PC do B desde os anos 1960 até seu desaparecimento na selva, nos anos 1970. O Estado brasileiro não tem se caracterizado por buscar a verdade, e muito menos justiça em relação aos crimes cometidos durante a ditadura cívico-militar (1964-1985). A “Lei dos Desaparecidos”, de 1995, conforme os familiares das vítimas, citados por Glenda Mezarobba, é insuficiente, entre outros motivos, porque desobriga o Estado a identificar e responsabilizar aqueles que estiveram diretamente envolvidos nos crimes e porque são os próprios familiares quem têm que procurar as provas. Dessa forma, Liniane e Cilon, por diferentes motivos, são vítimas da violência do Estado, o que justifica a leitura de *Antes do passado* à luz das reflexões sobre literatura de testemunho. Mezarobba também afirma que a luta pelos direitos das vítimas e as obrigações do Estado “praticamente não conseguiu sensibilizar mais ninguém além do diretamente nela envolvidos”. Nesse sentido — o da insensibilidade em relação à violência daqueles anos —, o relato está feito, como todo testemunho, de fragmentos e silêncios, mas também está fortemente marcado por medos e desconfianças entre testemunhas que conviveram com Cilon e a narradora-protagonista; até um certo ponto, nem a própria narradora parece se interessar pela história de sofrimento daqueles que conviveram com seu tio. A hipótese deste trabalho é que o texto de Haag Brum, impregnado dessa realidade, poderia ser lido como um “romance de formação”: uma narradora protagonista que procura respostas sobre um familiar, para quem as histórias das testemunhas não interessam quando o foco não é ele, que finalmente se transforma, não só ela, mas também a sua escrita.

CLAUDIA LAGE: O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLÁUDIA LAGE: MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA NO BRASIL

ANA MARIA LISBOA DE MELLO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

O romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage, recupera período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), através do itinerário de um filho que busca resgatar a história da sua mãe desaparecida. Nessa busca, ele precisa preencher lacunas de fatos silenciados sobre a sua mãe, associar acontecimentos históricos à trajetória dela e à de outras mulheres que participaram dos movimentos de resistência, sofreram torturas físicas e psicológicas,

perderam o convívio com filhos, alguns nascidos na prisão, e desapareceram. O processo narrativo é construído com múltiplas vozes que rememoram as perseguições, as formas de tortura, os desaparecimentos de corpos no mar, em cemitérios clandestinos, bem todo o esquema de repressão a qualquer movimento de reivindicação de retorno à liberdade e à democracia.

B5 PAINEL

DISSEMINAÇÃO DA CULTURA CIENTÍFICA E PRÁTICAS CIENTÍFICAS ENTRE BRASIL E EUROPA NOS SÉCULOS XIX E XX

O painel tem como objetivo principal refletir e discutir a disseminação da cultura científica no Brasil, entre os séculos XIX e XX, a partir da circulação de saberes e das práticas culturais que se envolvem a ação de diferentes agentes neste processo. Pretende-se dar enfoque à recente historiografia das ciências e da cultura impressa que têm focado a circulação dos conhecimentos e do conhecimento em trânsito (Secord, 2004), observando produções literárias, educacionais e culturais, tais como relatos de viagem, livros infantis, peças de teatro, ilustrações, revistas de variedade para a análise e nesta perspectiva procuraremos abordar esses agentes como mediadores culturais (Sirinelli, 2003), que buscaram propagar um ideário científico para públicos diversos.

Pretendemos explorar as possibilidades teóricas e metodológicas dessas abordagens, ao tomarmos a produção e a circulação de textos de diferentes agentes do século XIX ao século XX. O espaço atlântico mostra-se rico para esse intuito, devido à circulação muitas vezes comum de textos para imprensa, livros e ilustrações que, se produzidos em lugares distintos e traduzidos, retificavam, eles mesmos, uma ideia coesa e universal da ciência, ao mesmo tempo em que reforçavam um projeto de cultura científica nos seus espaços nacionais particulares.

Objetivo:

O objetivo do painel é discutir as diferentes características, modelos e instâncias da comunicação das ciências através de práticas culturais, refletindo sobre as noções de público envolvidas na apropriação social do conhecimento entre Brasil e Europa. Procuraremos também debater a relação dessas iniciativas de mediação cultural da ciência com outros movimentos culturais e socioeconômicos, e sua interação - reações, envolvimento, disputas e repercussões - com a sociedade em geral ou grupos sociais específicos.

A VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICA E OS LIVROS SOBRE CIÊNCIA PARA O PÚBLICO INFANTIL NO SÉCULO XIX ENTRE FRANÇA E BRASIL

KAORI KODAMA - VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL: CASA DE OSWALDO CRUZ/FIOCRUZ, BRASIL

A apresentação pretende abordar as iniciativas dos vulgarizadores das ciências na formação de um público infanto-juvenil durante a segunda metade do século XIX. Conhecido como a era de ouro dos vulgarizadores, esse período é marcado pela expressiva produção de livros que passavam a defender a necessidade de se aprender através das coisas (dos objetos), na exploração da imagem como veículo do aprendizado científico e também por um ethos particular, calcado nos princípios da ciência positiva. Os vulgarizadores, entretanto, mantiveram uma inserção múltipla e ambivalente frente ao público, que poderia ir desde os “curiosos” adultos aos jovens e crianças.

Num contexto de transferências culturais entre França e Brasil, no sentido que vem sendo explorado desde os estudos de Michel Espagne, procurar-se-á explorar de que maneira foram repercutidos diferentes valores ligados ao conhecimento científico, inculcados em algumas obras produzidas ou traduzidas para o português: as As grandes invenções antigas e modernas, de Louis Figuier; a História natural para meninos e meninas, de Pedro Luís Napoleão Chernoviz; e Chiquinho, de Augustine Fouillé. A partir dessas obras, buscaremos demonstrar como diferentes significados do ensino das ciências, ligados a “economias morais” e atitudes distintas frente à natureza, foram mobilizados e repercutidos nos diferentes contextos de institucionalização das ciências.

Opta-se por abordar o conjunto dos livros destinados às crianças, sem tratar especificamente das separações entre livros escolares e livros de recreio, uma vez que os livros que abordavam as ciências mantiveram-se com o mesmo intuito de educar, desde a tradição que se pode apontar como sendo a dos philosophes do século XVIII. O que se pode identificar é a coexistência de diferentes modelos morais presentes nesses livros sobre ciência ao longo dos séculos XIX e XX.

CIÊNCIAS SOCIAIS E CULTURA. PRÁTICAS DE VULGARIZAÇÃO NA IMPRENSA JUVENIL BRASILEIRA

ANDRÉA BORGES LEÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, BRASIL

Esta comunicação apresenta as práticas de vulgarização das ciências sociais na imprensa juvenil brasileira, em consonância com a consolidação do campo da sociologia da cultura no país. Considerando a variedade temática e formas de uso desse gênero do impresso, seleciona números da revista Ciência Hoje das Crianças a fim de compor uma amostra de sessões com artigos sobre arte, educação e cultura. Com isso, situa a produção nacional para a juventude na sociologia da circulação internacional das ideias e dos bens simbólicos. O número de estreia de CHC foi publicado como suplemento de divulgação científica para o público infantil da revista Ciência Hoje, no final de 1986, com o selo editorial da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Isto representou uma tomada de posição política a favor da massificação da educação na sociedade brasileira. O projeto da revista

foi inspirado no Corriere dei Piccoli, do jornal italiano Corriere della Sera, que o físico Ennio Candotti, um de seus idealizadores, lia na infância. Em 2003, CHC passa a ser publicada pelo Instituto Ciência Hoje e desde 2017 é distribuída por assinaturas impressas e on-line. Do formato impresso migra para linguagem audiovisual da televisão, circulando de uma margem a outra da produção simbólica em múltipla extensão de práticas pré-institucionais de difusão do conhecimento. É assim que, inspirada na revista, a TV Cultura cria a série Pequenos cientistas e a editora Companhia das Letrinhas publica dois livros com vinte e oito artigos dos colaboradores. A hipótese é a de que as práticas de vulgarização nos artigos da CHC transmitem projetos de difusão de uma sociologia nacional da cultura como área de conhecimento autônoma em relação às demais áreas do conhecimento.

EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NO BRASIL E AS PRÁTICAS DE COLETAR SABERES (SÉCULO XIX)

KAREN MACKNOW LISBOA - LAI- FREIE UNIVERSITÄT, ALEMANHA

Em minha comunicação pretendo analisar a prática das viagens científicas de naturalistas da primeira metade do século XIX examinando os casos das expedições pelo Brasil de Spix e Martius, Wied-Neuwied e Langsdorff, compreendidos numa perspectiva conectada entre diferentes espaços culturais e históricos marcados pelo (neo)colonialismo. É de notório conhecimento que a viagem em si é uma das etapas - a mais crucial - para a aquisição material (objetos zoológicos e/ou artefatos indígenas) e de saberes, que serão posteriormente trabalhados/transformados pelos naturalistas em múltiplas pesquisas e publicações. Os saberes adquiridos ao longo da viagem são transmitidos por vários tipos de mediadores/agentes - de sujeitos e instituições a suportes textuais. Baseado nos relatos de viagem e outros documentos, pretende-se investigar a complexidade das relações entre esses agentes e os naturalistas com o objetivo de compreender o contexto social, científico e cultural em que os saberes são apreendidos, transferidos e transformados.

UMA COLEÇÃO NOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: A VULGARIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS NOS FASCÍCULOS DA BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS (LISBOA-RIO DE JANEIRO, 1881-1915)

JOSIANE SILVA DE ALCÂNTARA - HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE (FIOCRUZ/COC), BRASIL; INVESTIGADORA VISITANTE NO INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

No contexto do século XIX, dentre as questões tratadas como elementos relevantes para refletir as transformações na cultura impressa, a historiografia aponta a intensificação dos debates sobre o acesso à educação como fundamental para entender a atuação de editores na formação de novos grupos leitores, tais como mulheres, crianças e operários. A diversificação das tipologias de impressos, muito propiciada pelo barateamento dos processos tipográficos, criou espaços fecundos à circulação de saberes, em especial aqueles de cunho técnico-científico, orientados à instrução e lazer 'útil' do povo. Nesse panorama, as chamadas 'bibliotecas' adentraram os catálogos livreiros como projetos que reuniriam saberes considerados indispensáveis, especialmente aos estratos menos abastados. Essas coleções estiveram presentes nos circuitos livreiros de Portugal e Brasil e são objetos interessantes para investigarmos as tensões e convergências de projetos políticos compartilhados entre ambas as nações. É o caso da "Bibliotheca do Povo e das Escolas" (BPE), coleção de livros editada por David Augusto Corazzi, entre 1881 e 1915, dentro do Programa de Instrução para Portugueses e Brasileiros, com objetivo de oferecer manuais de vulgarização científica de cunho prático, para aplicação ao mundo do trabalho. Nosso objetivo nesta comunicação é analisar a vida social dessa coleção, em especial as suas elaborações sobre a noção de 'ciência útil', concepção central dentro do projeto. Tem-se em vista que a BPE buscou se apresentar como um repertório ideal e um manual oficial, com base em uma cultura enciclopédica que identificava nas ciências uma ação formadora e moralizadora dos estratos populares, alinhando-se ao ideário de civilização e progresso do momento. Dentro do seu projeto, as ciências aplicadas são privilegiadas em detrimento das ditas ciências abstratas, na medida em que seu propósito era que a leitura dos volumes não tornasse os seus leitores 'doutos', e sim aptos - mais precisamente, 'úteis' -- às demandas do mundo moderno.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A NATUREZA BRASILEIRA EM PERIÓDICOS FRANCESES E BRASILEIROS (1829-1852)

JOSÉ ROBERTO SILVESTRE SAJOL - UNIVERSITÉ PARIS 1 PANTHÉON-SORBONNE, FRANÇA

Desde a chegada dos europeus ao continente americano, diversas representações sobre seus territórios, que assumiam as mais variadas formas, circularam pelos dois lados do Atlântico, informando e aguçando a curiosidade do velho continente. Frequentemente, estas representações tendiam a enfatizar a exuberância e a qualidade edênica da sua natureza, bem como as diferenças culturais entre seus povos. No caso das relações Brasil-França, a imprensa constituiu um terreno fértil para a reflexão acerca dessas representações, na medida em que homens de letras de ambos os países experimentavam, ainda que em escala de abrangência distintas, um grande entusiasmo editorial. Ao mesmo tempo em que Paris se constituía como a grande capital da civilização, o período posterior à emancipação política do Brasil em relação a Portugal foi marcado por um esforço sistemático de definição dos contornos da identidade nacional e da vocação da ciência numa sociedade que se constituía enquanto Estado administrativamente autônomo. O objetivo desta intervenção, portanto, é discutir as diferentes

representações que circularam sobre o Brasil em periódicos da imprensa francesa e da imprensa brasileira em meados do século XIX, a partir das ambiguidades e das tensões que emergem em função das hierarquias simbólicas e ambientais através das quais a fisionomia das paisagens brasileiras foi frequentemente descrita pelos savants europeus. Por um lado, as visões edênicas sobre a jovem nação revelam uma oscilação entre a possibilidade de relativizações dos padrões civilizatórios europeus decorrentes desses encontros com a alteridade, e a narrativa teleológica do aperfeiçoamento civilizacional. Por outro, verifica-se entre alguns membros da elite intelectual e letrada do Império um esforço sistemático de matizar essas visões negativas, ainda que em condições assimétricas, com o objetivo de integrar o Brasil ao grande concerto das nações civilizadas, valorizando suas especificidades e suas contribuições em potencial para o avanço da marcha do espírito humano.

B6 PAINEL

SHAPING SECURITY AND DEFENCE STRATEGIES IN BRAZIL

The goal of this panel is to analyse national defence and security strategy formation in Brazil, especially the 2020 Brazilian National Defence documents review, through multidisciplinary lenses. We aim to contribute to the study of both domestic and international dimensions of strategy formation.

NATIONAL STRATEGY OF DEFENCE, NATIONAL POLICY OF DEFENCE AND DEFENCE WHITE PAPER – WHAT ARE THEY AND WHAT ARE THEY FOR?

VINICIUS MARIANO DE CARVALHO

From 2005 on, and in some way already late in comparison to other countries, Brazil started to discuss and publish its National Policy of Defence, the National Strategy of Defence and its Defence White Paper. These documents considered basilary for the management of a country defence apparatus, both looking at the current status of the defence, as well as planning for the future, should be revised each 5 years. This paper analyses the process of elaboration and revisions of these documents in the context of Brazil, looking at them diachronically in order to assess how they have been constructing and their relevance for assessing the capacities and weakness of defence in Brazil.

CHANGING STRATEGY? THE BRAZILIAN ARMY MILITARY DOCTRINAL CHANGE AND DEFENCE STRATEGIES

RAPHAEL LIMA

Military doctrine is a central component of military organisations. Conceptualised as a set of institutionalised beliefs about what works in war, doctrine is an important tool of command, change, and education within armed forces. Military organisational culture, civilian intervention, disputes between military service branches, and changes in the threat environment are a few explanatory hypotheses raised by the literature. Few studies, however, have focused on major doctrinal change in the 20th century Latin America, and most specifically, in Brazil. The case of contemporary Brazil matters to this literature because the country has undergone a democratic transition and civilians have been having difficulties to provide effective guidelines for the military, whilst pushing the military to deal with internal security missions. Studies on the Brazilian military organisations have been mainly focused on empirical analyses of the deficits of civil-military relations or the issues of internal military deployment in public safety. This article aims to address this gap shifting the analytical lenses from civil-military relations to doctrinal change. The main goal of this text is to understand the role of Brazilian strategic documents—namely the National Defence Strategy (NDS) and the National Defence Policy (NDP)—in doctrinal change within the Brazilian Army. How much Brazilian strategic documents spur doctrinal change? If not strategy, what other factors explain doctrinal change in the Brazilian Army? These are the main research questions guiding this article.

NUCLEAR BRAZIL: DISCOURSE, THREATS, AND THE POLITICS OF STATUS

ORION NODA

This article examines the current standing of Brazil's nuclear ambitions and endeavours. Based on a historical overview of Brazil's nuclear programme and the country's latest official defence (and nuclear) doctrine, this article focuses on the underlying reasons for Brazil's nuclear aspirations, embodied by the PROSUB nuclear-propelled submarine programme. Discourse and documental analysis paired with a panoramic analysis of the current security landscape will aid in evaluating the security justifications for the PROSUB programme and, consequently, unearthing the underlying reasons for Brazil's nuclear desire.

INTERNAL AFFAIRS: THE BRAZILIAN MILITARY'S ROLE IN REDUCING VIOLENCE

DAVID KENYON

The National Strategy of Defence and National Strategy is policy document which demonstrates how Brazil promotes both peace and security on the global stage whilst also being important for the national defence sector. Surprisingly the document makes next to no reference with regards to how the Brazilian military acts within its

national borders. Indeed, with over 100,000 homicide victims in the past two years (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020), Brazil is one of the most violent countries in the world, seemingly lacking in both 'peace' and 'security'. This article will examine how the Brazilian military interacts with state governments in helping to reduce levels of violence. One example which will be examined in the article is the military intervention in Rio de Janeiro from February 2018 to December 2018.

SAVING THE AMAZON FROM ITSELF – CITIZENSHIP, HUMANITARIANISM AND THE INCORPORATION OF DANGEROUS OTHERS UNDER THE BOLSONARO GOVERNMENT

CHRISTOFFER GULDBERG

In the current article I will explore the concepts of citizenship and development as they are performed in the National Defence Policy, and the Bolsonaro government's development plan for the Amazon, the Barão do Rio Branco plan, which would see the construction of bridges and dams with a view to populate "sparsely populated areas" seen by the military as a threat to sovereignty. I will seek to understand this performance by drawing on the history of citizenship and development in Brazil, particularly against indigenous and Afro-Brazilian populations. Doing this I will show how the current approach to the Amazon and its populations performs indigenous and Maroon populations as simultaneously good and bad others, who are, on one hand in need of rescue and development, while simultaneously being a threat to the development, security and territorial integrity of Brazil, including due to their perceived vulnerability to foreign "PSYOPS". This will allow me to show how citizenship is both a composite and disputed concept, and how the conceptions of good and bad others are closely linked in performances of citizenship, security and development. This is crucial in understanding the humanitarian discourses of the Brazilian defence policy and its relation to the extreme-right ideology of the Bolsonaro government.

IS THIS A NEW "REVITALISATION" OF THE ZOPACAS?

MAÍSA EDWARDS

This article will explore the current narrative surrounding the Zone of Peace and Cooperation of the South Atlantic (ZOPACAS). Established largely due to Brazilian efforts in 1986, the significance of this zone of peace has changed and evolved in the last thirty plus years. The ZOPACAS' most recent Ministerial Meeting took place in Montevideo in 2013 and, since then, interest in revitalising the ZOPACAS has been marginal. However, this attitude, particularly on the part of Brazil, seems about to change. In the last year the ZOPACAS has begun to be featured more prominently in Brazil's discussions of its defence agenda and its perspective on South Atlantic security. Are we seeing, therefore, a new "revitalisation" of the ZOPACAS?

THE BRAZILIAN DEFENCE APPROACH TOWARDS WEST AFRICA: WHAT DOES CHANGE IN THE STRATEGIC ENVIRONMENT?

FRANÇASCA MERCURIO

Since 2012, West Africa's political and economic weakness and the increasing underwater wealth have transformed the Gulf of Guinea region and the South Atlantic into a geo-strategic political, economic, trade and energy space. This has favoured the emergence of violent threats and international tensions for access, control and management over the area and its resources, so becoming a major security concern not just in the region, but worldwide. The article analyses the recently updated National Defence Policy and National Defence Strategy of Brazil, especially regarding its engagement in what is considered a strategic area, covering the South Atlantic region and mainly the countries of the West African coast. It aims to compare the new strategy of Brazil towards the West African coastal states with the previous ones, and to highlight both positive and negative outcomes of the country's engagement in the defence sector. Given the recent systemic transformation that is witnessing a major relevance of the African continent among both traditional and emerging powers and the significant role played by the natural resources and the growing maritime insecurities affecting the South Atlantic Ocean, it seems evident that a new strategy in the defense sector of Brazil cannot leave the African continent behind, although the discourse offered in the national defence documents seems to define different national interests.

THE IMAGINARY OF ANTARCTICA IN THE BRAZILIAN MILITARY

IGNACIO J. CARDONE

The paper analyses the representations about Antarctica in the Brazilian armed forces from a historical perspective. Drawing from the humanities studies in imaginaries, this research uses discourse analysis to identify the representations and story that underlined the Brazilian military approach to Antarctica and its evolution over time. Based on official documents, both public and declassified, the study observed that, in a first moment, Antarctica was seen as a potential military platform or as a source of strategic natural resources. While the 1959 Antarctic Treaty with its commitment to peaceful use of the continent downgraded the possibility of its military use, the Military still linked Antarctica with the Brazilian mainland through economic and environmental links. At last, after the 1990

Protocol of Environmental Protection to the Antarctic Treaty evaporated any immediate prospect of Antarctic mining, the imaginary of Antarctica turned to that of a wilderness and science reserve, despite the image of a potential source of natural resources never disappeared. Today, the image of Antarctica within the military is characterized by that dichotomy between the interest on the future use of its natural resources and its actual use as a wilderness reserve dedicated to science. Through our analysis, it can be possible to identify the predominance of a maritime image of Antarctica within the armed forces; the establishment of a relationship based on strategic interests, first military and afterwards economic; and the later incorporation of environmental links in a tense relation with economic interest in future economic natural resources activities. As a conclusion it is possible to state that the predominance of the Navy within Brazilian Antarctic activities have imprinted a singular image of Antarctica; that no exploratory interest have been manifest in the Brazilian military, but instead a view in which direct interests were expressed, either by economic potential or environmental links; and that, despite no specific identity or imaginary have been strategically imprinted within Brazil, territorial positions developed in early 1950 have had a relevant effect afterwards.

TWO SIDES OF THE SAME COIN? COMPARING BRAZIL'S DEFENCE AND DIPLOMATIC DISCOURSES

FELIPE ESTRE

According to Raymond Aron (1962), defence and diplomacy are two sides of the same coin, two instruments to promote the national interest. But if shared objectives and values between diplomats and the military can amplify Brazil's international influence, a mismatch can cause not only international embarrassment but also generate internal instability. To investigate the degree of narrative convergence between those two institutions, the article contrasts Brazilian current diplomatic discourse with the new set of strategic documents – the National Defence Strategy, the National Defence Policy, and the Defence White Paper. Official diplomatic speeches and the strategic documents will be subjected to discourse analysis so to identify what are their discursive underpinnings, and what is the world view on which both the Ministry of Defence and of Foreign Affairs base their claims. The findings will then be compared so to identify convergences and divergences. Finally, I will discuss how the narratives designed by both Ministries can impact Brazil's international projection.

B7 PAINEL

(IN) DISCIPLINAR AS CIÊNCIAS SOCIAIS: OLHARES CRUZADOS ENTRE SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E OUTROS CAMPOS DO CONHECIMENTO

O objetivo desse Painel é promover reflexões, análises e contribuições acerca da relação e intersecção entre a produção dos conhecimentos antropológicos e sociológicos e os elaborados em outras áreas do saber científico. A partir de experiências etnográficas e empíricas, buscaremos contribuir para uma melhor entendimento sobre os limites, tensões e conexões existentes entre as áreas do Cinema, História, Filosofia, Arte, Direito, dentre outros com a Sociologia e Antropologia desenvolvidas pelos participantes do Painel. Com isso, pretendemos contribuir para confecção de artifícios analíticos e metodológicos mais bem apropriados para o trabalho (in) disciplinar requerido pelo ofício do cientista social. Nossa proposta, ainda, privilegia o exercício comparativo entre perspectivas e tradições acadêmicas distintas, como a francesa e a brasileira, por exemplo, beneficiando-se de um trabalho internacional em rede propiciado pelo INCT-Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (InEAC) e um programa Capes Print do qual fazemos parte.

FABIO REIS MOTA - NUFEP E INCT-INEAC - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Pretendo desenvolver, inspirando em uma longa tradição antropológica e sociológica, uma reflexão sobre as formas pelas quais podemos nos apropriar da filosofia política para a condensação do conhecimento sobre os fenômenos sociais com os quais nos confrontamos. No lugar de uma Antropologia Filosófica, proponho uma Antropologia da Filosofia e do pensamento filosófico para melhor esmiuçar considerações sobre o que venho desenvolvendo no domínio antropológico, em especial sobre as temáticas do reconhecimento e do que denomino "regime da cisma". Orientando-me por minhas pesquisas etnográficas, explorarei as tensões, implicações e desafios para este trabalho in-disciplinar.

ALAIN BATTEGAY - CENTRE MAX WEBER-CNRS FRANÇA

A emergência de novos temas de investigação veio perturbar a antiga divisão entre a história, cuja escrita, baseada em fontes escritas e arquivos, seria da ordem da busca da verdade, e as memórias, que, carregadas de subjetividade, constituiriam um objeto para a antropologia ou sociologia das narrativas do passado. Entre estas disciplinas acadêmicas, história e sociologia ou antropologia, surgem surgir novas ligações e configurações. Por um lado, a história da memória, bem como a história da história, mostram que as narrativas históricas podem ser constituídas como objetos, tanto quanto as narrativas memoriais, e que os seus caminhos, as suas transformações, a sua relevância para o tempo ou para o presente podem ser descritos e questionados. Por outro lado, as abordagens antropológicas ou sociológicas às memórias individuais e coletivas mostram como as narrativas

literárias, os testemunhos públicos e as plataformas documentais digitais transformam a escrita da história e do presente: longe de serem reduzidas a fontes orais, estas memórias que se tornam públicas podem contribuir e abrir perspectivas para campos de investigação histórica relacionados com horizontes renovados de expectativa.

MARC BREVIGLIERI - HAUTE ÉCOLE DE TRAVAIL SOCIAL DE GENÈVE

Com base numa colaboração entre um artista sonoro, um realizador de vídeo e um sócio-antropólogo, um filme artístico aborda uma produção abundante de gestos para recolha de ervas selvagens num bosque de palmeiras no sul de Marrocos. Veremos como uma colaboração transdisciplinar centrada na realização de um objeto cinematográfico nos permite descobrir as formas complexas de relações com o mundo vegetal que certas mulheres da aldeia mantêm. O trabalho transdisciplinar permite-nos reunir reflexões sobre o gesto técnico, a proliferação de cânticos rituais, o ambiente vivo do bosque de palmeiras e as suas transformações.

FELIPE BERCA VEIGA - UFF E LEMETRO, BRASIL

Desde o início do século 20, a vida noturna carioca viu alterar seu prestígio e frequência, oscilando do fascínio à decadência, do amor ao desprezo e vice-versa, demandando estratégias constantes dos empresários da noite e dos mercados musical, teatral e cinematográfico, na luta pela sobrevivência e pela permanência em cartaz. A partir de uma pesquisa etnográfica sobre as últimas gafieiras cariocas, salões tradicionais reconhecidos como "templos da dança de saalão", o drama social em torno da continuidade e do fechamento dessas casas reacendem vindicações do direito à permanência no lugar, mobilizando os "mundos da arte", e formas de apropriação da História em torno de dispositivos políticos no campo do património.

ROBERTO KANT DE LIMA - UVA E INCT-INEAC DA UFF

Pesquisas etnográficas realizadas no Brasil identificaram características do direito brasileiro que resultam em uma rejeição à legitimação do resultado de estudos empíricos. Isto ocorre porque o saber jurídico é essencialmente doutrinário – isto é, voltado para definir o que “deve ser” – e alicerçado na lógica do contraditório. Esta está fundada na divergência infinita e obrigatória entre as partes em litígio, especialmente na área criminal, somente interrompida por uma autoridade externa a elas. Difere, portanto, do “princípio do contraditório”, ou adversário, que estabelece o direito constitucional de opor-se o acusado a acusações judicial e administrativamente formuladas contra ele. Esta lógica do contraditório está presente tanto no âmbito judicial, como na construção doutrinária do dever ser jurídico. Assim, o saber jurídico brasileiro não produz nem estimula a discussão através da autoridade dos argumentos para convencimento das partes envolvidas, mas repousa em opiniões de autoridades – argumentos de autoridade – que visam apenas a persuasão das autoridades consagradas, pretendendo impor seu ponto de vista em função do status de quem o formula. Não há lugar, portanto, para a produção e validação de um conhecimento que vise compreender os significados das práticas jurídicas, judiciais e policiais, fundado no consenso provisório sobre fatos, como é da natureza da produção do conhecimento científico nas ciências sociais. Esse obstáculo epistemológico impede uma profícua discussão acadêmica entre o direito e as ciências sociais capaz de levar o saber jurídico a compreender como o direito é aplicado e quais os seus efeitos práticos na sociedade, visando a atualização de seus processos de administração de conflitos às necessidades da sociedade brasileira contemporânea.

B8 BRASA

ESTUDOS HISTÓRICOS LGBTQIA+ SOBRE OS ANOS 60, 70 E 80

EDUARDO TOLEDO: RECUPERANDO AS BIOGRAFIAS DE ATIVISTAS NOS PRIMEIROS ANOS DO MOVIMENTO LGBTQIA+

JAMES N GREEN - BROWN UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

“AN ASTONISHING WEDDING”: GENDER AND SEXUALITY IN TWENTIETH-CENTURY BRAZIL

AUGUSTA SILVEIRA - BROWN UNIVERSITY, ESTADOS UNIDOS

A TRAJETÓRIA DE ZEZINHO: OUTRAS FORMAS DE PENSAR AS VIVÊNCIAS PESSOAIS E POLÍTICAS NÃO HETERONORMATIVAS NO BRASIL DA REDEMOCRATIZAÇÃO

BENITO BISSO SCHMIDT - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

TELEDRAMATURGIA, CONSUMO E (HOMO)SEXUALIDADE. O CASO DE DANCIN' DAYS (1977)

PAULA HALPERIN - PURCHASE COLLEGE, STATE UNIVERSIDADE DE NEW YORK

OLHARES NOVOS E DIVERSOS PARA A DITADURA BRASILEIRA: UM BALANÇO DOS ESTUDOS RECENTES

RENAN H. QUINALHA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

SEXTA-FEIRA 24. 9. 2021 19:00-21:15 (CEST) C

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

VILÉM FLUSSER: EM LOUVOR DO DIÁLOGO

EVA BATLIČKOVÁ

Eva Batličková (1976), Universidade Masaryk de Brno, República Tcheca

Professora e pesquisadora do Instituto de Línguas e Literaturas Românicas, Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras, Universidade de Masaryk, em Brno. Desde 2015, coeditora da revista eletrônica Flusser Studies. Em 2004 recebeu uma bolsa de estudos na Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Possui doutorado da Universidade de São Paulo (USP, 2014-2019). Publicou monografias *A época brasileira de Vilém Flusser* (2010) e *Saul de Vilém Flusser: diálogo e subversão* (2019). Leciona sobre história e literatura brasileiras, literatura na Amazônia com o foco na situação pós-colonial, história de Portugal, seminários linguísticos e de tradução. Sua pesquisa acadêmica é voltada à obra de Vilém Flusser, sobretudo a sua teoria da linguagem.

A comunicação propõe uma reflexão sobre aspectos políticos presentes no pensamento de Vilém Flusser. No seu foco será o conceito do diálogo que permeia não apenas sua obra, mas também sua experiência, como ele próprio a entende. Ela está estreitamente vinculada à atmosfera de Praga no período entreguerras, onde ele nasceu e cresceu, e que ele descreve como um ambiente multicultural e aberto. Vamos mostrar a importância da sua condição de emigrante judeu obrigado a deixar seu país devido à ocupação nazista e o peso da morte dos seus familiares mais próximos nos campos de extermínio. Apontaremos como através da escrita conseguiu transformar a tragédia pessoal num engajamento em prol do desmascaramento dos mecanismos de opressão e de manipulação inerentes à nossa cultura, assim como na busca de alternativas aos discursos imperativos. Por fim, demonstraremos como seu engajamento social era nítido já no decorrer da sua atuação no Brasil que se tornou seu lar durante mais de trinta anos e lhe proporcionou um ambiente generoso para sua ascensão intelectual.

COMITÊ EXECUTIVO DA ABRE 2019-2021

Presidente:

MÔNICA RAISA SCHPUN

EHESS, PARIS

Vice-presidente:

ŠÁRKA GRAUOVÁ

UNIVERSIDADE CAROLINA DE PRAGA

Secretária:

MARIANA SIMONI

UNIVERSIDADE LIVRE DE BERLIM

Tesoureira:

ANDREZA ARUSKA DE SOUZA SANTOS

UNIVERSIDADE DE OXFORD

Diretora executiva para comunicação:

SÓNIA FERREIRA

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, CRIA/UNIVERSIDADE PARIS DIDEROT, URMIS

Diretor executivo para atividades orgânicas da associação:

EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE DE ZURIQUE

Representante de doutorandos:

ANNELISE ERISMANN

UNIVERSIDADE DE LAUSANNE

COMITÊ CIENTÍFICO DO CONGRESSO ABRE III

YANA ANDREEVA

UNIVERSIDADE SVETI KLIMENT OHRIDSKI, SÓFIA

PÁL FERENC

UNIVERSIDADE EÖTVÖS LORÁND, BUDAPESTE

ANNA KALEWSKA

UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA

ISTVÁN RÁKÓCZI

UNIVERSIDADE EÖTVÖS LORÁND, BUDAPESTE

JERZY BRZozowski

UNIVERSIDADE JAGELLÓNICA DE CRACÓVIA

COMISSÃO ORGANIZADORA

EVA BATLIČKOVÁ

UNIVERSIDADE DE MASARYK, BRNO

MONIKA BŘEŇIŠINOVÁ

UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA

KATEŘINA BŘEZINOVÁ

UNIVERSIDADE METROPOLITANA, PRAGA

ZUZANA BURIANOVÁ

UNIVERSIDADE PALACKÝ, OLOMOUC

SELMO RIBEIRO FIGUEIREDO JR.

UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA

ŠÁRKA GRAUOVÁ

UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA

GILDA SEARA MACHADO

INSTITUTO CAMÕES, UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA

MARIANA MAIA SIMONI

FREIE UNIVERSITÄT, BERLIN

MICHAELA SKÁLA FORET

UNIVERSIDADE CAROLINA, UNIVERSIDADE PALACKÝ, PRAGA/OLOMOUC

PETRA SVOBODOVÁ

KAROLINA VÁLOVÁ

UNIVERSIDADE CAROLINA, PRAGA



FILOZOFICKÁ FAKULTA
Univerzita Karlova



Společnost
českých
portugalistů | Sociedade
Checa de Língua
Portuguesa

